Repositório Institucional da UFPI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

[ ]Tese [X]Dissertação [ ]Monografia [ ]TCC Artigo [ ]Livro

[ ]Capítulo de Livro [ ]Material Cartográfico ou Visual [ ]Música

[ ]Obra de Arte [ ]Partitura [ ]Peça de Teatro [ ]Relatório de pesquisa

[ ]Comunicação e Conferência [ ]Artigo de periódico [ ]Publicação seriada

[ ]Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: _____

Programa de pós-graduação: Em História do Brasil

Outro: _____

Autor(a): RÔNERY DANILO MONTE SOARES

E-mail: ronerydanilo@hotmail.com

Orientador (a) Pedro Vilarinho Castelo Branco

Instituição: UFPI

Membro da banca: Terezinha de Jesus Mesquita Queiroz

Instituição: UFPI

Membro da banca: Maria Luzia Fernandes Costa

Instituição: UESPI

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

RÔNERY DANILO MONTE SOARES

DE CENTRO À FEDERAÇÃO: DA CHEGADA DAS IDEIAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA RELIGIÃO ESPÍRITA NO PIAUÍ (1870- 1950)

TERESINA – PI
2022

RÔNERY DANILO MONTE SOARES

DE CENTRO À FEDERAÇÃO: DA CHEGADA DAS IDEIAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA RELIGIÃO ESPÍRITA NO PIAUÍ (1870- 1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.º Dr.º Pedro Vilarinho Castelo Branco.

TERESINA – PI
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

S676d Soares, Rônery Danilo Monte.
De Centro à Federalização : da chegada das ideias à institucionalização da religião Espírita no Piauí (1870-1950) / Rônery Danilo Monte Soares. -- 2022.
183 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2022.
"Orientador: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco".

1. História - Piauí. 2. História do espiritismo. 3. Espíritas. I. Castelo Branco, Pedro Vilarinho. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

RÔNERY DANILO MONTE SOARES

DE CENTRO À FEDERAÇÃO: DA CHEGADA DAS IDEIAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA RELIGIÃO ESPÍRITA NO PIAUÍ (1870- 1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.º Dr.º Pedro Vilarinho Castelo Branco.

Avaliado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (UFPI)
Orientador

_____

Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (UFPI)
Examinadora interna

_____

Mara Ligia Fernandes Costa (UESPI)
Examinadora externo

_____

Prof.ª Dr.ª Elizangela Cardoso Barbosa (UFPI)
Suplente

TERESINA – PI
2022

“Não sei, tentarei descobrir”
J.R.R. Tolkien

AGRADECIMENTOS

Heráclito de Éfeso, filósofo grego, dizia que nunca se pode banhar duas vezes no mesmo rio, pois, dizia ele, as águas sempre serão outras e, portanto, sempre será outro o rio. Dessa forma, ao escrever essas palavras em setembro de 2022, eu não sou mais a mesma pessoa que, em dezembro de 2019, passou no teste seletivo para este mestrado, bem como o mundo não é mais o mesmo.

Os historiadores falam que o tempo histórico está acelerando e que aceleração vivemos nos últimos três anos! Em níveis globais, enfrentamos uma pandemia mundial, desenvolvemos uma vacina em tempo recorde e vimos como diversos países e seus governantes lidaram com a doença, que ceifou milhares de vidas ao longo da sua existência. Não a superamos ainda, mas, de fato, estamos bem melhores.

Em níveis nacionais, vimos quão cruéis podem ser nossos governantes e como as decisões democráticas, quando tomadas com ódio, rancor e raiva, podem nos causar mais prejuízos que benefícios, fato que deve servir de aviso para os futuros leitores deste texto.

Quando falo no nível pessoal, esses três últimos anos foram de intensas transformações. Em meio ao mestrado, assumi dois concursos para professor de História extremamente concorridos e de processos seletivos difíceis, respectivamente nas cidades de Teresina-PI e Timon-MA, ambos para os anos finais do Ensino Fundamental. Esses cargos foram essenciais para subsistência e desenvolvimento pessoal, uma vez que me uni e formei, junto com Flor e nossos filhos, um lar e deste lar surgiu o Tony(pet).

Feita essa pequena contextualização temporal, quero começar agradecendo àquele que, em primeiro lugar, possibilitou-me a vida: Deus, figura máxima sem o qual não poderia estar aqui. Em segundo lugar, aos espíritos amigos que durante todo o processo de escrita estiveram ao meu lado incentivando e me permitindo continuar a jornada que tanto era pessoal/profissional quanto espiritual.

Agradecer também àqueles que sempre foram meus maiores incentivadores, meus guias e exemplos maiores de trabalho, determinação, foco e segurança: meus pais, José Raimundo Soares e Josenilda Monte Soares, dois grandes espíritos que um dia escolheram a mim e aos meus irmãos e irmãs neste plano da vida e ensinaram o valor do trabalho, da honestidade e do estudo a fim de vivermos em paz com o mundo e com nós mesmos.

Agradecer aos meus filhos. Théo, um menino que no início desse processo tinha apenas 3 anos e hoje está mais alegre, feliz e inteligente do que nunca com 6 anos de idade, bem como à Maria Alice, minha princesa, que a mim já chegou com quase 12 anos e que conquistou meu coração com sua sinceridade, inteligência, meiguice e amor nos pequenos gestos do dia a dia. À minha filha, que hoje tem 15 anos, eu digo: sempre vou ser seu pai! E ao pequeno grande Tony, *poodle* que nos chegou em momento importante e que foi meu grande companheiro de escrita, sempre ao meu lado.

Agradecer à minha companheira de todas as horas Maria Luiza Pereira Flor, a mulher que um dia, antes do início do processo seletivo do mestrado, chegou a mim, dizendo-me verdades duras, mas necessárias sobre a necessidade da dedicação, do estudo e da entrega aos meus deveres em busca do melhor para mim e para o Théo, o que também se tornou o melhor para nós quatro.

A ela, meu muito obrigado, pela companhia, pela força e pela certeza de que seremos sempre companheiros e amigos em todas as horas. Pelo simples fato de dizer: "termine logo, precisamos de uma vida juntos", incentivando-me diariamente, orgulhando-se frequentemente das minhas conquistas e nos momentos mais difíceis me levantando. Não foram anos fáceis, mas ela fez parte de tudo, desde a concepção. Obrigado pelas escutas, pelos diálogos, pelas leituras e puxões de orelha quanto ao português e à repetição de palavras. Obrigado por ser a minha melhor amiga, obrigado por ser minha companheira em todos os momentos. Eu te amo!

Quero agradecer às amigas de todas as horas, que sempre quando alguma dúvida surgia, algum questionamento ou quando apenas precisava desabafar sobre as dificuldades da pesquisa, elas estavam sempre lá, Yasminn Escórcio, Thaise Araújo e Yasmin Coelho, amigas desde a graduação em História e que a vida nos manteve juntos até os dias atuais.

À minha companheira de orientação, Izadora Rodrigues, que diariamente, por meios virtuais, estávamos juntos, trocando ideias, sentimentos bons e ruins, sempre nos apoiando e lendo o trabalho um do outro como forma de incentivo, sempre na certeza de que não estávamos sozinhos.

Aos amigos que ao longo desses três anos estavam sempre próximos dialogando, auxiliando e pensando juntos: Ana Karoline e Livia, incentivadoras deste trabalho. Os materiais e conversas com elas foram essenciais para a finalização dos capítulos dois e três; à Nara Viviany, amiga de graduação e mestrado que sempre esteve próxima como incentivadora deste que escreve; aos amigos da turma de História, Arte e Cultura, os

diálogos desenvolvidos durante a disciplina foram essenciais para a finalização do trabalho.

Quando cito esta disciplina em especial não posso deixar de falar sobre a Professora Elizangela Cardoso, minha primeira professora de graduação, leitora voraz e incentivadora constante de seus alunos, que nos acompanhou na referida disciplina, bem como fez parte da banca que qualificou este trabalho. Suas contribuições foram atendidas e sua leitura foi extremamente importante para dar corpo ao escrito, obrigado.

Também não posso deixar de falar da professora Teresinha Queiroz, orientadora de graduação, incentivadora deste projeto de mestrado e membro da banca de qualificação e defesa deste trabalho. Seus escritos, seus diálogos e suas contribuições estão presentes em cada página deste escrito, meu muito obrigado.

Ao meu orientador, Pedro Vilarinho, respeitável professor que escolheu guiar-me nesta empreitada em busca de tecer as tramas da história religiosa do Estado do Piauí, confesso que em muitos momentos não entendia suas análises e críticas, mas, ao longo da finalização deste trabalho, elas foram essenciais para o fechamento desta história, muito obrigado.

Voltando-me aos familiares, não posso deixar de agradecer ao incentivo muitas vezes velado em palavras, mas sempre explícito em sentimentos e atitudes. Aos meus irmãos: Rômulo Diego, Hellen Rianne e Luana Caroline, que sempre que podiam estar ao meu lado questionavam-se, interessavam-se e me incentivavam a continuar este processo. Muitas vezes auxiliavam-me ao ficar com o Théo para os inúmeros compromissos e necessidades diárias. Neste caso, minha mãe foi também essencial.

Agradecer também ao meu irmão Rubéns David (*in memoriam*) que lá do plano espiritual está neste momento orgulhoso das minhas conquistas e rezando todos os dias por mim e por todos que aqui estão. Meu irmão, jamais te esquecerei.

São muitos os familiares e amigos que aqui não estão nominados, mas que a todo momento estiveram me incentivando e lutando ao meu lado para que este trabalho viesse à luz. Sem nominá-los com medo de esquecer alguém, agradeço aos colegas de trabalho nas escolas que durante esse tempo eu trabalhei.

Ao Colégio Teresina, meu primeiro emprego em escola particular na pessoa do meu ex-coordenador Darlleson Geovani e ao colega Bruno Santiago; ao Professor Elielson Santana, amigo, companheiro de trabalho e de ideais educacionais, os tempos que trabalhamos juntos foram essenciais para a construção do meu ser. Ao Colégio

Mérito D’Martonne, minha antiga escola e que também por dois anos me recebeu como professor até minha própria saída.

Às prefeituras de Timon e Teresina, que por meio de concurso público me receberam em seus quadros e que auxiliaram para construção deste trabalho me dando meios materiais de continuar estudando e trabalhando, bem como aos colégios em que nelas atuo e atuei, respectivamente. Ao Colégio Militar Tiradentes V, família que faço parte hoje e que alegra minhas tardes com amizades, conversas e aulas incríveis. Às gestoras Raione Maria, Jaciara Mendes e Andreia Abreu, muito obrigado por sempre entenderem as necessidades da pesquisa e tentarem adequá-las ao trabalho na escola. E aos colegas de trabalho Iúna, Thais, Helena, Elder, Mayron, Stela, Vinícios, Kelly, Jéssica, Vilma e Cyntia que esperam ansiosamente pelo churrasco pós-defesa.

À Escola Municipal de Teresina Júlio Lopes, na pessoa da gestora Suzanna Paz e à Escola Municipal Jornalista João Emilio Falcão, minha atual casa escolar nas pessoas das Diretoras Maria do Socorro e Marta, e da pedagoga Silvana Virgínia, por sempre me entenderem e incentivarem.

A todos aqueles que resolverem pesquisar sobre o espiritismo que encontrem neste trabalho repositório importante de fontes e entendimentos.

Aqueles que por ventura eu não tenha lembrado e que colaboraram com este trabalho direta ou indiretamente, não hesitem em seus pensamentos de fazerem parte desta História, a vocês meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho pretende estudar os processos que envolvem a formação e conformação da religião espírita no Brasil e no Piauí entre os anos de 1870 a 1950. Nesse intuito, observamos a formação e as estratégias que o conhecimento espírita utilizou em seus percursos desde a sua formação na Europa e a chegada dela no Brasil. Examinando os embates enfrentados e requeridos pelos grupos espíritas para sua consolidação, tais embates foram essenciais para o espiritismo se colocar no mercado religioso/científico brasileiro lutando com médicos e religiosos pelo seu lugar de fala, lugar esse que se consolida com determinadas escolhas estratégicas de inserção social e discursiva. Em olhar mais detalhado observamos a chegada, consolidação e nacionalização do espiritismo no Piauí, utilizando-nos de jornais de época, documentos de centros espíritas e sempre apoiando-se na historiografia consolidada da temática espírita, tais como Adriana Gomes, Emerson Giumbelli, Marcos Moreira Marques, Sandra Jaqueline Stoll, Bruno Cortês Scherer e Ângela Aparecida Silva de Almeida. Observamos a experiência piauiense e a inserimos no contexto nacional de consolidação do espiritismo ao longo do século XX, através de memorialistas/historiadores como Higino Cunha e Leopoldo Machado, bem como traçou-se por meio de jornais piauienses, maranhenses e cearenses os caminhos percorridos e debatidos por este ideal.

Palavras-chave: História. História do espiritismo. Espíritas. Piauí.

ABSTRACT

The present work intends to study the processes that involve the formation and conformation of the Spiritist religion in Brazil and in Piauí between the years 1870 to 1950. To this aim, we observe the formation and strategies that the Spiritist knowledge used in its paths since its formation in Europe, and its arrival in Brazil. Examining the spiritist groups, the confrontations and the necessary efforts to its consolidation of the Spiritism's place itself in the Brazilian religious/scientific market, fighting with doctors and for their place of speech, a place that is consolidated with the strategic choices of social insertion and discursive. In a more detailed look, we observe the arrival, consolidation and nationalization of spiritism in Piauí, using periodicals, documents from spiritist centers and always relying on the consolidated historiography of the spiritist theme, such as Adriana Gomes, Emerson Giumbelli, Marcos Moreira Marques, Sandra Jaqueline Stoll, Bruno Cortês Scherer and Ângela Aparecida Silva de Almeida. We observed the experience of Piauí and inserted it in the national context of consolidation of spiritism throughout the 20th century, through memorialists/historians such as Higino Cunha and Leopoldo Machado, as well as the paths covered and discussed through newspapers from Piauí, Maranhão and Ceará for this ideal.

Keywords: History. History of Spiritualism. Spiritualists. Piauí.

LISTA DE SIGLAS

CFN.....Conselho Federativo Nacional
CEP..... Centro Espírita Piauiense
CE..... Centro Espírita
FEB .....Federação Espírita Brasileira
FEPI..... Federação Espírita do Piauí
FEP..... Federação Espírita Piauiense

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Redução fotográfica de aquarela feita em retrato ao “auto-de-fé de Barcelona” 41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 UMA INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO: DOS PRINCÍPIOS E CONCEITOS 21
2.1 As mesas girantes e sua ligação com o espiritismo 24
2.2 Os princípios doutrinários 29
2.3 A repercussão do espiritismo: da França ao Brasil. 39
2.3.1 O Auto-de-fé de Barcelona 39
2.3.2 As viagens espíritas 43
2.4 Nas distantes terras do Brasil, floresce o espiritismo 46
3 O ESPIRITISMO FRENTE AOS SEUS INIMIGOS: OS EMBATES ESPÍRITAS NO BRASIL E NO PIAUÍ 54
3.1 Das proibições estatais ao espiritismo: o Código Penal de 1890 55
3.1.1 O Código Penal e sua história: a construção do espiritismo como crime 55
3.1.2 A condenação espírita no Código Penal: os artigos condenatórios 62
3.2 Práticas espíritas condenadas pelos médicos e os embates dessa relação 67
3.2.1 “A loucura espírita”: espiritismo e Psiquiatria 73
3.3 Em busca do seu lugar, os embates religiosos entre o espiritismo e o catolicismo 79
3.3.1 Acusações católicas ao espiritismo 87
4 “A LOUCURA ESPÍRITA” CHEGOU NO PIAUÍ: DOS COMEÇOS À FEDERALIZAÇÃO. 97
4.1 Os caminhos se cruzam: a chegada do espiritismo na região do Piauí 98
4.1.1 O Piauí integrando-se ao diálogo religioso nacional: contextos nacionais e locais 98
4.1.2 Protestantes 101
4.1.3 Espíritas 104
4.2 O Piauí integrando o todo: a consolidação dos centros espíritas entre 1900 e 1940 108
4.2.1 A *belle époque* invade o Piauí 110
4.2.2 Os centros espíritas : primeiros momentos 111
4.2.3 Os centros espíritas: momento da consolidação 119
4.3 Formas de inserção social dos espíritas 128
4.3.1 “Fora da caridade não há salvação”: a filantropia espírita 129
4.3.2 Receituário mediúnico e curas 135
4.3.3 Divulgação dos discursos espíritas 139
4.4 O processo federativo nacional e a chegada deste ao Nordeste e ao Piauí (1940-1950) 149
4.4.1 Pacto Federativo Nacional 150
4.4.2 *A caravana da fraternidade* e a fundação das Federações Regionais na esteira do Pacto Áureo 160

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 169
REFERÊNCIAS 171

1 INTRODUÇÃO

> - Conte até cinco
> E cinco batidas se seguiam
> - Conte até dez [...]
> - Se você for um espírito sofredor manifeste-se com três batidas
> Toc, Toc Toc.[1]

O ano era 1848, na pequena vila de Hydesville no estado de New York nos Estados Unidos da América. Desde este evento, os mortos se levantaram e as teorias espiritualistas ganharam forma, fôlego e força nos EUA e posteriormente na Europa.

Na Europa, esses eventos ficariam conhecidos como o movimento das mesas girantes,[2] uma das novas modas dos *saloons* franceses. Assim, tal novidade vai ganhar uma nova perspectiva e formatação com o auxílio de Hippolyte Léon Denizzard Rivail, professor pedagogo, escritor de diversos livros, discípulo de Pestalozzi, que levou a sério as novas modas europeias e desenvolveu um estudo sistemático sobre o que viria a ser a Doutrina dos Espíritos, ou espiritismo, assumindo para isso o pseudônimo de Allan Kardec.

O espiritismo se consolida com a produção de uma escrita mediúnica, ou seja, através da comunicação com os mortos e pela sistematização do trabalho de Kardec, como uma doutrina, com três perspectivas: a filosofia, a moral e a ciência, o chamado tripé do espiritismo.

Da França, essa doutrina adentra ao Brasil, ainda nos tempos de Kardec, por meio do pioneiro do espiritismo no Brasil: Olímpio Teles de Menezes, na Bahia, com o seu Grupo Familiar do espiritismo fundado em 1865. Teles de Meneses é o primeiro a traduzir a introdução e posteriormente o livro completo de Kardec, *O livro dos espíritos*.[3] Como professor e jornalista fundou também o primeiro jornal espírita brasileiro, *O Eco d'Além Túmulo*.[4]

Anos mais tarde um novo grupo espírita nasce, desta vez, no Rio de Janeiro, então capital do Império e centro cultural do país. Vinda através de membros da comunidade francesa na cidade, diversos intelectuais, nobres, pensadores e profissionais liberais

---

[1] SOUTO MAIOR, Marcelo. *Kardec*: a biografia. Rio de janeiro: Record, 2013. p. 88.
[2] WANTUIL, Zeus. *As mesas girantes e o espiritismo*. 3. ed. Brasília: FEB, 1994.
[3] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*: filosofia espiritualista/recebidos e coordenados por Allan Kardec. Brasília: FEB, 2013a.
[4] DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo:* advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

começaram a ler e a compartilhar as leituras de *O livro dos espíritos* e outros escritos de Kardec[5] no intuito de propagar e divulgar esse novo conhecimento nas terras brasileiras.

Fundou-se aí uma série de núcleos de estudo e prática da doutrina espírita no Brasil, em que alguns nomes se destacaram: Luiz Carlos Sayão, Adolfo Bezerra de Menezes,[6] Francisco de Bittencourt Sampaio, Otaviano Hudson, Francisco de Menezes Dias da Cruz, Joaquim Carlos Travassos, Pinheiro Guedes e Francisco Raimundo Ewerton Quadros.[7] Nesta lista temos médicos, políticos, militares e diversos outros sujeitos que ao seu tempo proporcionaram um desenvolvimento do espiritismo e suas diversas vertentes, sendo estes os primeiros a enfrentar as resistências sociais e religiosas do catolicismo além de tal conhecimento ter sido formatado como contravenção penal pelo código de 1890.[8]

No fim do século XIX, em vista da proibição penal ao seu culto, inicia-se um processo de institucionalização buscando fortalecer os movimentos de resistência e também propagação religiosa. Nesse contexto surgem algumas entidades que tentam se legitimar como representantes do espiritismo no Brasil, a mais conhecida é a FEB – Federação Espírita Brasileira. No início do século seguinte, ocorre o crescimento do movimento espírita de forma dispersa e regionalizada. Entretanto, a autoridade nacional da FEB não é aceita e nem reconhecida por todas as entidades espíritas, gerando conflitos e debates sobre a legitimidade da instituição frente à religião.[9]

Contudo, por conta do enfrentamento aos chamados "inimigos do espiritismo" como o revivescimento das ideias conservadoras, religiosas (católicas)[10] e militarização da sociedade

---

[5] Sobre os livros Escritos por Kardec podemos listar: *O livro dos espíritos* (1856) *Instrução prática sobre as manifestações espíritas* (1859), *O que é o espiritismo* (1859), *Cartas sobre o espiritismo* (1860), *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e evocadores* (1861), *O espiritismo na sua expressão mais simples* (1862), *Viagem espírita* (1862), *Resposta à mensagem dos espíritas Lioneses por ocasião do ano novo* (1862), *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas ou Primeira Iniciação* (1864), *Imitação do Evangelho segundo o espiritismo* (1864), *Coleção de composições inéditas* (1865), *O céu e o inferno ou a justiça divina* (1865), *Coleção de preces espíritas* (1867), *A Gênese. Os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868).

[6] MARQUES, Marcos Moreira. *A cura do corpo, da cidade e da alma*: medicina, política e espiritismo em Adolfo Bezerra de Menezes. Salvador: Saga, 2019.

[7] Sobres personagens espíritas, ver: MACHADO, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.

[8] Sobre o Código Penal de 1890 e o espiritismo ver: DAMAZIO, 1994.; DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado:* a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.; GIUMBELLI, Emerson. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, jul. 2003.

[9] SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo*: história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005. p. 145.

[10] WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX:* a reforma de D. Antônio de Melo: 1851-1861. São Paulo: Ática, 1987.

e instituições brasileiras durante os anos 30,[11] ocorre a necessidade de fortalecimento, institucionalização e organização do movimento espírita. Para os sensores do período, a formatação da instituição espírita em torno de um órgão único serviu de estratégia para manter o movimento de acordo com as ordens gerais da década. A entidade espírita FEB se utilizou delas para, dessa forma, unificar o movimento espírita nacional em torno de si.[12]

No Piauí, o espiritismo já é noticiado desde a década de 1880, como a "loucura espírita",[13] tomando forma e se desenhando como religião. Dessa maneira, começa a povoar as mentes de alguns intelectuais, profissionais liberais e membros do exército. Adentra ao estado através da cidade de Parnaíba, importante porto comercial local e regional e desenvolve-se na capital e no interior, seguindo assim uma formatação muito comum à época: a descentralização de ações, práticas e entendimentos. É, pois, intenção desse trabalho desenvolver um escrito sobre os começos, chegadas, práticas e praticantes do espiritismo no Piauí, bem como sobre os processos de suas institucionalizações no estado.

Para tanto, justifica-se o interesse e desenvolvimento no tema baseado nas experiências pessoais do autor, que por muitos anos professou e estudou o espiritismo. Entender suas origens, raízes e começos é de suma importância para se entender a fé que hoje se propaga como uma das mais crescentes do país.

Para além das justificativas pessoais, faz-se necessário este estudo como forma de preencher as lacunas dos estudos históricos sobre as religiões não católicas no estado do Piauí e na historiografia espírita nas "periferias" do país. Ademais, notou-se um vácuo histórico sobre a temática à medida que nos aprofundávamos no tema das religiões no Piauí, bem como se nota um vácuo da historiografia espírita nas regiões afastadas do eixo Rio-São Paulo, locais que têm essa temática bem mais resolvida e desenvolvida.

No desenrolar da pesquisa nos utilizamos de algumas chaves teóricas de análise e interpretação históricas, bem como do desenvolvimento conceitual em torno da historiografia da temática espírita brasileira.

A principal chave teórica apropriada neste trabalho será a de Michel de Certeau, quanto ao desenvolvimento de práticas diárias e repetitivas, quase que ritualísticas para caracterizar e desenvolver uma institucionalidade coerente para aquele grupo. Para tanto nos

---

[11] OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. "Livres", porém, perseguidos: o cotidiano das relações entre espíritas e a polícia na cidade do Rio de Janeiro (1930-1950). 2010. 126 f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
[12] SILVA, 2005.
[13]NOTICIÁRIO defesa prévia. *A Época*. Teresina, ano 2, n. 42, p. 4, 18 jan. 1879.

apropriaremos das leituras de *A escrita da História*,[14] *A Cultura no plural*[15] e a *Invenção do cotidiano*,[16] escritos pelos quais Certeau desenvolve sua ideia de cultura e como elas tomam caráter institucionalizante.

Na busca por me perguntar o que é o espiritismo e como ele se formou, fiz o mesmo caminho que o nosso teórico fez ao se perguntar sobre "o que fabrica um historiador quando faz história",[17] peguei a me perguntar: "o que faz do espírita um espírita?", e percorrendo os mesmos passos de Certeau, questionei-me sobre a prática espírita, sobre sua história e a história da sua institucionalidade, entendendo ao fim que o espiritismo buscou-se institucionalizar para, assim como a história, outras ciências e afins, tivesse ele seu lugar de fala. Tal lugar de fala é bem notório em um caso em particular.

Recentemente o médium João de Deus foi preso acusado de diversos crimes, entre eles abusos sexuais, desvios de dinheiro e outros crimes e uma das primeiras instituições que foram chamadas a prestar esclarecimentos foi a FEB, que de pronto afastou-se, bem como afastou a doutrina espírita de possíveis ligações com o famoso médium envolvido em escândalos.

Mas afinal de contas, o que leva a FEB a ter o poder de se distanciar de práticas mediúnicas espiritualistas que não se encaixam no espiritismo? A resposta para isso está na legitimidade que a instituição ganhou ao longo do século XX para poder se referir e falar por toda uma série de centros, organizações e praticantes de um pensamento que se tornou religião no Brasil.

Dessa forma, através dos eventos descritos acima, podemos entender a importância da legitimação das instituições e é nossa intenção, no presente trabalho, colocar em xeque esse processo de legitimação, com o intuito de descrevê-lo, entender como ele se deu, em especial no estado do Piauí e na sua região, fazendo sempre possível e necessário as pontes com a historiografia nacional, questionando-a e/ou corroborando com ela. Para além das referências teóricas estudadas e utilizadas neste trabalho, também utilizamos o conceito de *espiritismo à brasileira* de Sandra Jacqueline Stoll.[18]

A autora trabalha com as diferenças entre o espiritismo na França e no Brasil. Ela apropria-se de leituras da Antropologia, como Clifford Geertz e outros para entender o

---

[14] CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
[15] CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.
[16] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
[17] CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 64.
[18] STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira.* São Paulo: Editora Orion, 2003.

processo de adaptação e sobrevivência da doutrina espírita em outro país, com uma matriz religiosa e cultural distinta. Dessa forma, Geertz, segundo Stoll sugere que:

> As diferenças no modo de se praticar uma mesma religião decorrem de uma tensão que é inerente ao processo de universalização das religiões. Esse processo, segundo Geertz, envolve sempre dois movimentos antagônicos, ambivalentes: de um lado, para difundir-se um sistema universal de crença e ritual este precisa se adaptar a realidades locais: de outro, luta pela manutenção de suas diretrizes específicas, isto é, pela preservação de seus princípios, o que garante a sua identidade como religião. [19]

Assim:

> Como o islamismo na Indonésia, o espiritismo é uma religião importada, que se difunde no país confrontando-se com a cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do *ethos* nacional. Sua difusão, como postulam certos autores, foi em parte favorecida pelo fato de as práticas mediúnicas já estarem socialmente disseminadas, de longa data, no âmbito das religiões de tradição afro. No entanto, em contraposição as estas o espiritismo define sua identidade elegendo sinais diacríticos elementos do universo católico [...] O espiritismo brasileiro assume um 'matiz perceptivelmente católico' na medida em que incorpora à sua prática um dos calores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade.[20]

Ou seja, se por um lado as práticas mediúnicas são aceitas por conta da aproximação delas com as religiões africanas, por outro, o espiritismo toma feições muito parecidas com a religião católica ocidental. Dessa forma, o entendimento de Stoll passou a ser conhecido como "espiritismo à brasileira", defendendo que a religião que aqui se desenvolve não é nem uma distorção e nem uma "preferência religiosa", mas sim, uma doutrina única, que ganha feições e características próprias para se adaptar à cultura local. E será esse o conceito que nos apropriaremos, na perspectiva de que não estamos dialogando com o espiritismo que no século XIX se desenvolve na França, mas sim com uma nova conjugação de uma nova prática e matriz religiosa que herda a teoria francesa do espiritismo e agremia para si todo um *ethos* cultural católico e africano, tornando-se uma religião legitimamente brasileira.

Portanto, nossos objetivos se mostram muito claros neste trabalho à medida que pretendemos analisar o processo de institucionalização do espiritismo no Piauí, tendo por ponto de chegada a fundação da Federação Espírita Piauiense – FEPI, a partir da perspectiva de seus personagens, seus mecanismos de convencimento, suas relações com os demais sujeitos envolvidos na dinâmica religiosa da cidade e do estado e sua intelecção com o processo de unificação e promoção de um ideal espírita nacional.

---

[19] STOLL, 2003, p. 60.
[20] STOLL, 2003, p. 61.

Sendo elementos a serem analisados: os personagens atuantes nos papéis de liderança espírita no estado do Piauí, os praticantes comuns e os propagadores do espiritismo no estado, pretendemos analisar as práticas destes adeptos e as formas de cooptação para o espiritismo. Além disso, buscaremos analisar os embates espíritas com outras instituições, como o Estado, as religiões mais estabelecidas e os intelectuais e cientistas médicos que questionavam o espiritismo, todos em busca de seu lugar de fala.

Para o adequado desenvolvimento desta pesquisa, iniciamos o levantamento, leitura e registro da bibliografia já produzida sobre o tema, o que possibilita o mapeamento do campo e um diálogo com diferentes chaves interpretativas e experiências históricas.

O manejo das fontes se deu mediante o entendimento de que tais documentos não são verdades absolutas em si, mas "peças" de um quebra-cabeças a ser interpretado e desvendado pelo historiador, que os entende como relatos, testemunhas e interpretações do objeto em análise. Por isso, exige-se do historiador o desenvolvimento de metodologias adequadas e flexíveis a cada tipo.

O manuseio das fontes periódicas são, em geral, jornais, folhetos, revistas e almanaques produzidos no Piauí e no Brasil entre 1870 e 1950. Precisamos ter a consciência de que eram produzidos e divulgados com uma intencionalidade, pois, segundo Tania Regina de Luca, agregavam "pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretendem difundir a partir da palavra impressa".[21] Compete-nos identificar como se relacionam com a pesquisa, bem como a sua capacidade de responder ao que lhes for inquirida, na perspectiva da história do problema.

Para além dos materiais impressos, trabalhamos ainda com documentos escritos de dois tipos. Os primeiros são os institucionais e oficiais, como atas de fundação, regimentos normativos e administrativos de entidades religiosas, em especial do Centro Espírita Piauiense, posteriormente Federação Espírita Piauiense e também do Centro Espírita Perseverança no Bem. Neste tipo de fonte buscou-se o processo de institucionalização, bem como de normatização dos ideais espíritas. O segundo tipo são fontes de arquivos particulares, tanto de instituições já existentes como também de pessoas físicas que fizeram o papel de guardiões destas memórias. É importante no trabalho com este tipo de fonte ter em mente a intencionalidade dos arquivos, pois, como qualquer ação humana, a ação de arquivar também é uma ação recheada de intencionalidades, ou seja, ir em busca não só do que aparentemente

[21] LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 140.

existe nos conjuntos pesquisados, mas também questionar-se quanto às ausências documentais.[22]

O recorte temporal de 1870 a 1950 pode se mostrar longo e problemático em comparação com outras temáticas. Contudo, devido ao caráter fragmentário do espiritismo, ele justifica-se da necessidade de se visualizar todo o longo processo de institucionalização, formação de práticas e embates, todas temáticas desenvolvidas por este trabalho. O recorte espacial se dará desde a França, perpassando pelo Brasil e chegando ao Piauí, em diálogo com o contexto regional e nacional do espiritismo. Pretendemos, dessa forma, dar conta da nossa temática.

Sendo assim, nosso trabalho se divide em três capítulos bem delimitados em suas pretensões e que, em conjunto, dão conta da temática pretendida. O primeiro é referente aos aspectos iniciais da doutrina espírita, sua história, princípios doutrinários, fatos marcantes bem como o processo de divulgação da doutrina pelo mundo e pelo Brasil. O segundo capítulo se dará em torno do embate empreendido contra o espiritismo e o seu estabelecimento. Neste capítulo dialogaremos com o cenário nacional e local na medida que eles nos auxiliem na resolução das questões propostas. Dessa forma, analisaremos o espiritismo frente ao Código Penal de 1890 e suas repercussões. Além disso, observaremos nosso objeto indo de encontro ao embate com as instituições de saberes médicos, as intelectualidades e os questionadores do caráter científico do espiritismo. Na última parte, por fim, entenderemos os embates religiosos do espiritismo frente as religiões estabelecidas e em estabelecimento no Brasil e no Piauí.

O terceiro capítulo refere-se aos começos e chegadas do espiritismo no Piauí. Neste capítulo estudaremos sobre os centros espíritas piauienses e seus personagens, bem como as estratégias de divulgação do espiritismo e como era a recepção desse discurso na sociedade piauiense, quais eram as estratégias de estabelecimento dos espíritas no Piauí e, por fim, encerraremos nossa caminhada observando as institucionalizações, isto é, todo o processo histórico que levou à fundação da federação espírita nacional e local.

[22] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

2 UMA INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO: DOS PRINCÍPIOS E CONCEITOS

O objetivo desse capítulo é percorrer os caminhos da ideia espiritualista que dará origem à Doutrina dos Espíritos codificada por Allan Kardec, que tem, no *Livro dos espíritos,*[23] sua primeira obra, mas não sua primeira aparição. A intenção é atravessar nosso olhar pelos acontecimentos históricos, nos dizeres de Michel de Certeau, "nos movendo com relação à maneira pela qual elas foram vividas e pensadas pelos contemporâneos ou por nossos predecessores na historiografia".[24] Ou seja, utilizaremos aqui textos escritos à época, bem como a historiografia que se segue e analisa os fatos e eventos ocorridos.

Para isso, é necessário ilustrar de forma clara e armar o leitor de todos os conceitos e acontecimentos que são necessários saber para entender o desenvolvimento dessa doutrina de maneira clara e objetiva. Buscamos, dessa maneira, apresentar ao leitor um panorama geral do espiritismo e seus conceitos.

Ideias e ideais espiritualistas existem no mundo há muito tempo, ou se preferirem, chamamos de religiões:

> De fato, não parece ter havido uma época em que os seres humanos não acreditassem na existência de um mundo sobrenatural além deste. E perguntar-se sobre o que acontecia com as pessoas depois que elas morriam talvez tenha sido o que a originou.[25]

São diversas as ideias religiosas, como observamos na antiguidade, em que o ser humano já acreditava em deuses ou entidades divinas, projetando-os primeiramente nos elementos da própria natureza: o sol, a lua e as constelações. A própria natureza já se tornou deus, conceituado por nós como o Panteísmo.[26]

Posteriormente, os seres humanos projetaram nesses deuses as suas imagens e semelhanças, ligando-os a si mesmos, inclusive dotados de qualidades e defeitos. Pode-se notar, pelo panteão grego personificado nas figuras de homens e mulheres, que tais deuses

---

[23] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*: filosofia espiritualista/recebidos e coordenados por Allan Kardec. Brasília: FEB, 2013a.
[24] CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
[25] HOLLOWAY, Richard. *Uma breve história da religião.* Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 10.
[26] Doutrina filosófica caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o universo, concebidos como realidades conexas ou como uma única realidade integrada. Segundo o dicionário online de Português: "Ideologia filosófica de que Deus e todo o universo são uma única e mesma coisa e que Deus não existe como um espírito separado. Cf.: DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Panteísmo.* Disponível em: <https://www.dicio.com.br/panteismo/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

encarnam as forças da natureza e principalmente do sentimento humano. Zeus, o deus supremo de todos os deuses, rei dos céus e dos trovões; Poseidon, a encarnação das marés, ora bravas, ora calmas; Afrodite, a deusa do amor, ou ainda Hera, a deusa da mulher e do casamento; Apolo, a personificação do sol e da beleza e sua irmã gêmea, Artêmis, a deusa da Lua, da caça e das donzelas, entre outros.

Desviando-se para a cultura ocidental monoteísta[27] e partindo principalmente do Oriente Médio na forma do monoteísmo judaico que origina o monoteísmo ético, esse modelo chega aos dias atuais. Como exemplos, tem-se a religião desses mesmos judeus e, logo em seguida, o desenvolvimento do cristianismo e por último do islamismo.

O que todas essas crenças têm em comum é a ideia de que existe algo depois da morte física, algo para se preocupar depois do fim da vida terrena. Todos aqueles que as praticavam se importavam com o "pós vida". Assim, todas essas doutrinas, religiões, mitos e crenças que acreditavam e acreditam na sobrevivência de algo após a morte do corpo físico, segundo a conceituação Espírita, dar-se o nome de "espiritualistas". Essa ideia é reforçada pela descrição de Allan Kardec na introdução de *O Livro dos Espíritos*: "Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais que a matéria, é espiritualista".[28]

Podemos notar que todo aquele que acredita haver um "pós vida", ou algo que sobreviva à morte física é, portanto, espiritualista. Dessa forma, podemos entender que as religiões como o catolicismo, o islamismo, budismo e alguns protestantismos, dentre todos os outros tipos de credos que afirmem sobrevivência de uma alma, centelha, ou qualquer denominação que se dê ao ideal de alma é espiritualista.

Essa sobrevivência da alma após a morte pode acontecer das mais diversas formas. Podemos destacar o conhecido inferno católico, o purgatório ou o céu onde residem os santos, anjos e aqueles dignos de entrar no reino de Deus, entre outros terrenos afamados como paraísos ou terras de sofrimento eterno, para cada culto.

Dito isto, necessário se faz a diferenciação do termo espiritualista para o termo espírita, ou espiritista. Estes últimos cunhados especialmente para a doutrina espírita e novamente recorremos a Allan Kardec para essa definição, que afirma:

---

[27]As culturas orientais são das mais diversas e seria um esforço extremo tentar descrevê-las aqui e mesmo assim não faríamos jus à grandiosidade e ao seu imenso alcance. Por isso, trataremos apenas das religiões e culturas ocidentais, que formaram a nossa sociedade atual e influenciaram em grande medida nosso objeto de análise.

[28]KARDEC, 2013a, p. 13.

> Diremos, pois, que a doutrina espírita ou espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.[29]

Assim, poderemos adentrar mais a fundo ao tema, tratando primeiramente de sua história, que não somente nos retoma ao século XIX, mas que vem sendo trilhada desde a antiguidade sob o caráter espiritualista, ou seja, o caráter mais geral de todas as civilizações.

O espiritismo surgiu como doutrina no século XIX na França pós-revolucionária, mais precisamente durante o segundo Império Francês que tinha como líder Napoleão III, sobrinho de Napoleão, que, após ser o primeiro presidente eleito da 2º República francesa, deu um golpe de Estado e subiu ao trono instituindo um governo Imperial que durou de 1852 a 1870,[30] tentando, assim, dar continuidade ao império pensado por Bonaparte.

No tempo em que o mundo dito civilizado, ou seja, a Europa e partes das Américas já saíam do colonialismo para suas emancipações políticas, culturais e estando em plena efervescência científica, diversos campos do conhecimento lutavam para se consolidarem. Muitos desses campos, no entanto, ainda eram tidos como místicos ou não provados pelo método científico cartesiano, que era a forma de se definir e encontrar as respostas procuradas à época dentro da ideia das ciências naturais.

Podemos dar como exemplo a alquimia, que passo a passo transformar-se-ia na conhecida química dos nossos tempos. Newton, há menos de dois séculos, balançara o mundo com a descoberta da força gravitacional, um dos princípios que iria reger a física pelos séculos seguintes. Esse mesmo século, o XIX, foi também marcado pela descoberta do magnetismo e da eletricidade por Thomas Edison; do eletromagnetismo por Michael Faraday; da máquina a vapor de Robert Fulton,[31]que transformou a ideia de produção econômica e de tantos outros conhecimentos que iriam modificar a forma dos homens se relacionarem com o mundo e com a materialidade ou imaterialidade das coisas existentes sobre a Terra.

Eric Hobsbawm iria definir esse século como o mais longo dos séculos, iniciando-se em 1789, ano da Revolução Francesa e apenas terminando com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918. Também é o século das ciências, do desenvolvimento e surgimento de vários conhecimentos, com destaque para o Positivismo, o Evolucionismo, o Marxismo, todos que tiveram a pesada marca do iluminismo:

> A imagem do mundo projetada por esta cultura científica não contemplava a possibilidade de qualquer realidade fora do domínio ‘material’ que não

[29]KARDEC, 2013a, p. 13.
[30] HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*: 1875-1914. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.
[31] HOBSBAWM, Eric J. *Era das Revoluções*: 1789-1848. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

> pudesse ser explicada através de experimentos laboratoriais, de verificações racionais de suas causas e do controle de suas variáveis, sobretudo por meio de cálculos e de comprovações das leitas que regem os fenômenos naturais, físicos, biológicos e até mesmo sociais.[32]

O sentimento humano era de ter conseguido vencer de uma vez por todas a famigerada "idade das trevas" e ter encontrado no conhecimento científico o futuro e o progresso, ideais de uma doutrina que ficou conhecida na posteridade como positivismo, ideia-ação defendida principalmente por Auguste Comte,[33] filósofo e pensador do século XIX.

Em meio a essa ebulição de conhecimentos promissores, alguns fatos começaram a intrigar os homens das ciências. Esses acontecimentos foram entendidos como sobrenaturais, pois não se conhecia sua origem e, na época, para que descobrissem as novas ciências ou os novos saberes de consolidadas ciências, era necessário, muitas vezes, adentrar ao campo do místico e do misterioso, como nos conta Robert Darnton em seu livro *O lado oculto da Revolução:* Mesmer e o final do Iluminismo na França:

> A progressiva separação entre ciência e teologia no século XVIII não libertou a ciência da ficção, visto que os cientistas tinham de invocar a imaginação para entender, e muitas vezes *ver*, os dados revelados pelos seus microscópios, telescópios, garrafas de Leyden, buscas de fósseis e dissecações. (grifo do autor)[34]

Esses mesmos cientistas naturais se utilizaram de seus conhecimentos e imaginação para buscar entender e resolver as novas questões que surgiam. Um desses surpreendentes fatos foi denominado de o "fenômeno das mesas girantes e falantes". Mas o que viria a ser essas mesas que giravam e posteriormente começaram a falar?

2.1 As mesas girantes e sua ligação com o espiritismo

Denominados e determinados como um dos atos deflagradores do espiritismo no mundo, as mesas girantes foram assim denominadas por um processo de eventos que dominaram os *saloons* europeus no fim da primeira metade do século XIX na Europa, vindos

---

[32] ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal o que é espiritismo?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010. p. 35.

[33] Auguste Comte (1789-1857): estudou na Escola Politécnica de Paris e foi admitido como professor em 1814, sendo expulso dois anos depois, acusado de conduta subversiva. Publicou *Sistema de política positiva* em 1824, primeiro passo para a elaboração de sua filosofia. Outros títulos de sua autoria são *Curso de filosofia positiva* (em seis tomos) e *Catecismo positivista.* Cf.: COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

[34]DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução*: Mesmer e o Iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 21.

dos EUA e dos fenômenos de Hydesville.[35] Tal febre europeia, que consistia em um processo de mesas que de forma inexplicada à época e na presença de certas pessoas, produziam fenômenos de movimentação circular ou desordenada, como mostra a fala de Kardec:

> O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de mesas girantes ou dança das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América, ou, melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade, se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva.[36]

Dessa forma, os estranhos fenômenos foram dominando a curiosidade geral dos sábios, céticos, curiosos e de todo tipo de pensadores, detratores e letrados da época, buscando entendê-los.

Um pesquisador em especial foi a fundo para tentar entender o que acontecia nessas reuniões, as verdades e as inverdades dessas divertidas e intrigantes mesas que giravam e que voavam pelos ares, como ele relata:

> O movimento, no entanto, nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derribado, levado numa direção qualquer e, contrariamente todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão.[37]

Hippolyte Léon Denizzard Rivail[38] não foi o primeiro, mas com toda certeza foi o que mais se debruçou sobre o tema. "Um iluminista-tardio"[39] já com 50 anos de idade quando presenciou pela primeira vez na casa de sua amiga, Sra. De Plainemaison, as mesas girarem e rodarem e até mesmo, através de um sistema de batidas já estabelecidas, as mesas falarem.

Em rápida apresentação biográfica, podemos dizer que o menino Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lyon no ano de 1804, filho de Jean-Baptiste Antoine Rivail e de Jeanne Louise Duhamel, tendo nascido e crescido no seio de uma família tradicionalmente constituída de advogados e magistrados. Seu pai, ao tempo do seu nascimento, exercia a função de Juiz na cidade de Lyon. Sua mãe, a Sra. Duhamel, sempre foi descrita pelos

---

[35]WEISBERG, Bárbara. *Falando com os mortos*: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
[36]KARDEC, 2013a, p. 17
[37]KARDEC, 2013a, p. 17.
[38]Aqui é a primeira vez que cito o nome verdadeiro do codificador da doutrina que não o utilizou por não querer confundir seu trabalho na pesquisa dos fenômenos das Mesas Girantes, e posteriormente com a doutrina dos espíritos, com os livros didáticos e pedagógicos que tinha escrito enquanto pedagogo e afamado professor Francês.
[39] ARRIBAS, 2010, p. 35.

biógrafos de Kardec como sendo uma "mulher de rara beleza, muito prendada, elegante e afável".[40]

Após sua primeira infância conjuntamente com os estudos primários cursados junto à família na cidade de Lyon, aos dez anos de idade, o seu pai, o senhor Jean Rivail, "satisfeito com as aptidões intelectuais que o filho demonstrava",[41] resolve enviá-lo para estudar no Instituto Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça, a escola modelo do século XIX.[42]

> O estabelecimento de Pestalozzi recebia alunos de todas as partes da Europa e administrava uma educação liberal fundada na confiança e no desenvolvimento individual e gradual de cada aluno, abandonando deste modo qualquer tipo de punição física ou moral.[43]

Rapidamente, o jovem dominou os idiomas alemão, inglês e holandês. Além disso, praticava o que Pestalozzi chamava de "L'école mutuelle", em outras palavras, o ensino compartilhado, em que alunos mais velhos ensinam os mais novos. Não demorou muito para o aprendiz seguir os passos do mestre e, saindo de Yverdon, Rivail volta à França para fundar sua própria escola, inspirada nos valores de Pestalozzi.

Voltando-nos para o encontro, décadas depois, na casa da Sra. De Plainemaison em que Rivail, anos mais tarde, em textos biográficos e que foram publicados postumamente relata sua primeira experiência com as manifestações:

> Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta.[44]

Quanto aos assuntos tratados, Rivail explana que: "Eram geralmente frívolos os assuntos tratados. Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério".[45] Demonstrando, assim, que tais encontros não passavam à época de divertimento: "Eram bastante numerosas essas reuniões; além dos frequentadores habituais, admitiam-se todos os que solicitavam permissão para assistir a elas".[46] Não tendo também nenhuma restrição de

---

[40] COELHO, Abílio Costa. *Allan Kardec*: o pai do espiritismo. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1982. p. 9.
[41] COELHO, 1982, p. 10.
[42]Sobre a pedagogia de Pestalozzi, ver: INCONTRI, Dora. *Pedagogia espírita*: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2006.
[43] ARRIBAS, 2010, p. 36.
[44] KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Brasília: FEB, 2019. p. 227
[45] KARDEC, 2019, p. 227.
[46] KARDEC, 2019, p. 227.

público, contudo, Rivail entende que foi nesse tipo de reunião que começou a entrever a possibilidade de estudos sérios:

> Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão.[47]

Tal escrita é feita em retrospecto, pois o texto é datado de dezembro de 1855, enquanto os primeiros encontros de Rivail foram em maio do mesmo ano, demonstrando que o auxílio da memória lhe foi necessário para a escrita, bem como já tinham sido entendidos os primeiros rudimentos do que viria a ser o espiritismo. Mas em sua escrita em si justifica tal atitude frente à sua própria história:

> Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida.[48]

Rivail continua em seu texto a encontrar as razões, ou justificativas, para o empreendimento que se seguiria pelo resto de sua vida, "a solução que eu procurara em toda a minha vida". Posteriormente, com o pseudônimo de Kardec,[49] Rivail em *O livro dos espíritos*, obra acabada e que inaugura para o público as teorias espíritas, descreve as primeiras manifestações:

> As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo desse modo — sim ou não —, conforme fora convencionado, a uma pergunta feita. Até aí nada de convincente havia para os céticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas.[50]

Como se pode ler, esse *tatibitate* das mesas não era prático para comunicações mais longas, bem como as respostas diretas de *sim* e *não*, não faziam crer os céticos de que por trás

---

[47] KARDEC, 2019, p. 228.
[48] KARDEC, 2019, p. 228.
[49] Rivail adota o nome de Kardec, como pseudônimo para sua obra espírita, para separar sua obra como professor das obras no empreendimento espírita. Esse é o motivo alegado por ele. Contudo, ao longo dos séculos XVIII e XIX era comum o uso de tal ferramenta como forma de não denunciar a participação ou para evitar retaliações pessoais.
[50] KARDEC, 2013a, p. 20.

daquele movimento havia algo de inteligente. Dessa forma, o próprio ser a se comunicar indicou outra forma:

> Tal meio de correspondência era, porém, demorado e incômodo. O Espírito (e isto constitui nova circunstância digna de nota) indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. Colocada em cima de uma folha de papel, a cesta é posta em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia etc., e com tanta rapidez quanta se se escrevesse com a mão.[51]

Kardec ainda esclarece que tal instrução foi dada "simultaneamente na América, na França e em diversos outros países"[52] o que viria a ser parte do método desenvolvido para análise dos ensinamentos do espiritismo. Entendendo posteriormente que "o objeto a que se adapta o lápis, não passando de mero instrumento, completamente indiferentes são a natureza e a forma que se tenha".[53] Assim, compreende-se que a cesta ou prancheta a que estava acoplada o lápis é indiferente à manifestação ali apresentada. Contudo, observou-se que o lápis só se movimentava mediante a presença e "influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de médiuns, isto é – meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens".[54]

O termo médium e suas definições foram tratados pelo compilador da doutrina espírita no seu segundo livro referente à temática: *O livro dos médiuns,*[55] no qual Kardec define que:

> Todo aquele que sente, num grau qualquer a influência dos Espíritos é por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeito físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a*

[51] KARDEC, 2013a, p. 20.
[52] KARDEC, 2013a, p. 20.
[53] KARDEC, 2013a, p. 21.
[54] KARDEC, 2013a, p. 21.
[55]KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*: espiritismo experimental. Brasília: FEB, 2013b.

> *dos sonâmbulos; a dos curadores; a dos pneumatóforos; a dos escreventes ou psicógrafos.* (grifos do autor)[56]

Com o passar das experimentações mediúnicas, como relata o autor em *O livro dos espíritos*, "reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase febril",[57] estava dada aí a formatação que iria desenvolver posteriormente o processo de compilação e estudos espíritas e o que virou a prática mais comum do espiritismo, da França ao Brasil.

Assim, temos os primeiros contatos daquele que adotaria o pseudônimo de Kardec e que inauguraria a filosofia/religião que conhecemos hoje como espiritismo. A seguir, discorreremos sobre seus principais conceitos e princípios que serão necessários no processo de desenvolvimento dos próximos capítulos deste escrito.

2.2 Os princípios doutrinários

Entendido os começos e inícios da comunicação com os espíritos, H. L. D. Rivail passa a estudar a fundo as movimentações das mesas girantes, entendendo que, por trás delas, havia uma força inteligente a guiar as respostas por ali passadas.

> Se os fenômenos, com que nos estamos ocupando, houvessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Assim, entretanto, não sucedeu: estava-lhes reservado colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma força mecânica cega; que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto, esse caminho conduziu a um campo totalmente novo de observações. De sobre muitos mistérios se erguia o véu. Haverá, com efeito, no caso, uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Encontra-se acima da Humanidade? Eis outras questões que decorrem da anterior. [...] A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou Gênio, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito.[58]

---

[56]KARDEC, 2013b, p. 171. A descrição de cada tipo de mediunidade é dada por Kardec no decorrer deste capítulo, denominado Dos médiuns. Não cabe a esse trabalho explicitá-los por completo, mas sugiro a leitura para maior entendimento da mediunidade e dos médiuns que irão ser citados nesse trabalho.

[57] KARDEC, 2013b, p. 21.

[58] KARDEC, 2013a, p. 19-20.

Kardec entende, durante o exame aos movimentos das mesas girantes, que existe uma força inteligente por trás do processo de movimentação, concluindo que cabe o estudo sério e científico destas descobertas. Após os processos de comunicação, houve o estabelecimento de um método de trabalho.

> Como meio de elaboração, o espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; o espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis.[59]

Não estabeleceu, dessa forma, nenhuma teoria preconcebida ou hipótese a ser testada, mas deduziu suas conclusões baseadas na observação dos eventos, no uso da lógica, do raciocínio e do caráter geral e múltiplo das comunicações.

> Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.[60]

Assim, ele buscou inverter a lógica de pensamento da época, que colocavam as coisas do Espírito para o metafisico, o mistério. Dessa maneira, Kardec apresenta a ideia de relacioná-lo à ciência, concebendo assim enquanto um procedimento racional de observação e conclusão.[61]

Denotando para o espiritismo o caráter de ciência das leis espirituais em complementação com as Ciências, apresentado de maneira genérica como as ciências das leis materiais, em que uma complementaria a outra:

> Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o espiritismo tivesse vindo antes das

---

[59] KARDEC, Allan. *A Gênese:* os milagres se as predições segundo o espiritismo. Brasília: FEB, 2013e. p. 22.
[60] KARDEC, 2013e, p. 22-23.
[61] ARRIBAS, 2010, p. 31.

> descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.[62]

Dessa maneira, justifica-se a chegada do espiritismo posteriormente ao século das luzes e durante o *boom* das ciências durante o século XIX,[63] pondo o espiritismo como uma continuidade do caráter "evolucionista" e "progressivo" que imperava na mentalidade do século XIX.

Kardec impõe ao espiritismo também uma estrutura de construção da informação que reveste o espiritismo de "ares modernos", como entende Stoll: "O formato é o da entrevista, real ou fictícia, com interlocutores diversos: os 'espíritos', um padre, um jornalista, um leitor etc.",[64] não sendo apenas esse o único formato:

> Há algumas de caráter discursivo, nos quais, porém, se preserva a dialogicidade: mitos da Antiguidade, as ideias bíblicas e as teorias cientificas figuram como interlocutores privilegiados. Espelhando-se, portanto, nos modelos da prática científica, as doutrinas em questão construíram os seus argumentos por meio do confronto de interpretações.[65]

Voltando aos princípios doutrinários defendidos pelo espiritismo, tem-se alguns pontos que devem ser tratados nesse processo de entendimento. O primeiro deles é quanto à existência e o caráter de Deus; em segundo, a existência e sobrevivência do Espírito; em terceiro, a comunicabilidade dos espíritos e, em quarto, a pluralidade das existências. Trataremos a seguir desses pontos, dando condições ao leitor para seguir a leitura do trabalho.

O primeiro dos princípios a ser tratado é quanto à existência de Deus. Segundo Kardec, na introdução de *O livros dos espíritos*: "Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente bom e justo".[66] Tal princípio serve de guia ao próximo: "Criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais".[67] Esses princípios guiam a visão espírita sobre Deus, sendo ele a "inteligência suprema, causa de todas as coisas".[68] Portanto, pode-se concluir que a visão de Deus apresentada pelo espiritismo é até aqui bem próxima da noção já apresentada na sociedade ocidental.

---

[62] KARDEC, 2013e, p. 23.
[63] HOBSBAWM, 2014a.
[64] STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira.* São Paulo: Editora Orion, 2003. p. 35.
[65] STOLL, 2003, p. 35.
[66] KARDEC, 2013a, p. 23.
[67] KARDEC, 2013a, p. 23.
[68] KARDEC, 2013a, p. 25. Observação pertinente: a introdução de *O livro dos espíritos* serve como introdução aos principais entendimentos, debates e embates do espiritismo durante seu processo de desenvolvimento. Contudo, o corpo principal do livro é constituído de perguntas feitas por Kardec aos espíritos, seguido das respostas e posteriormente de comentários do autor, sendo a pergunta inicial "O que é Deus?" e tendo como resposta a parte transcrita na citação. Portanto, daqui em diante, toda vez

Kardec segue em questionamento aos espíritos com a pergunta de onde se pode encontrar provas da existência de Deus, a qual se seguiu a resposta: “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”,[69] além de buscar em pergunta seguinte:

> 5. Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?
> ‘A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio — não há efeito sem causa’.[70]

A pergunta se torna pertinente na medida em que até aquele momento, meados do século XIX, não se havia nenhum conhecimento sobre sociedades que não possuíssem ideias de seres superiores. Pode-se entender daí que a existência de Deus é algo inquestionável dentro da lógica Espírita e, portanto, um dogma.

Uma pergunta derivada e conectada é sobre a crença espírita na figura de Jesus, figura histórica, bem como elemento central das principais doutrinas religiosas do ocidente[71]. Kardec coloca na introdução e nos princípios espíritas o seguinte entendimento:

> a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.[72]

A partir disso, podemos retirar o seguinte entendimento: Kardec aproxima o espiritismo, doutrina/filosofia que apresenta, como ligada ao cristianismo, acreditando nos mesmos valores um dia pregados por Jesus.

Ao longo dos dois mil anos de existência desse cristianismo, diversas doutrinas que se apegavam à imagem do cristo divergiram quanto ao seu caráter, isto é, se Jesus era Deus, parte da divindade, filho de Deus, entre outras ideias metafisicas quanto ao caráter divino ou não da figura de Jesus.

Dentro da doutrina espírita há o entendimento de que Jesus seria então “guia e modelo da humanidade”. Desse modo, “Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? Jesus”.[73] Assim, depreende-se que Jesus seria guia e

---

que, nas citações diretas houver a resposta proposta pelos espíritos às perguntas de Kardec, elas estarão entre aspas.

[69] KARDEC, 2013a, p. 56.
[70] KARDEC, 2013a, p. 56.
[71] Religião Católica, Ortodoxa e os protestantismos. Todos derivam do pensamento cristão.
[72] KARDEC, 2013a, p. 26-27.
[73] KARDEC, 2013a, p. 297.

modelo, ou seja, não pode ser ele Deus, e sim apenas um *espírito puro*,[74] o qual finalizamos o pensamento com a seguinte citação de *A Gênese*:

> Como homem, tinha a organização dos seres carnais; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito [...].[75]

Dessa forma, é demonstrado que o espiritismo vê Jesus como "emissário divino" ou, nas palavras de Kardec, um "messias divino",[76] não sendo parte da divindade, mas sendo, pois, mensageiro de sua obra e, com isso, coloca o espiritismo dentro do quadro das religiões cristãs e, em específico, das que dividem o caráter humano do caráter divino de Jesus.

O segundo princípio a ser tratado é, pois, o da existência e sobrevivência da alma. Contudo, é necessário, antes, analisar o conceito de alma, que segundo Kardec é uma palavra usada para se referir a várias ideias, sendo a primeira:

> Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica. Não tem existência própria e se aniquila com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, diz-se de um instrumento rachado, que nenhum som mais emite: não tem alma. De conformidade com essa opinião, a alma seria efeito e não causa.[77]

Já para outros:

> Alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma certa porção. Segundo esses, não haveria em todo o Universo senão uma só alma a distribuir centelhas pelos diversos seres inteligentes durante a vida destes, voltando cada centelha, mortos os seres, à fonte comum, a se confundir com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, donde saíram.[78]

Por fim, há o conceito de que "a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte".[79] Entre todos os conceitos analisados e vistos, entende-se que para uma mesma palavra tem-se diversas ideias. O certo seria cada palavra representar uma ideia, contudo, os limites da linguagem conhecida não permitem.

---

[74] Segundo *O livro dos espíritos*, as características dos espíritos puros são: "Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos espíritos das outras ordens. [...] Os espíritos que a compõe percorreram todos os degraus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeito à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus". KARDEC, 2013a, p. 106.
[75] KARDEC, 2013e, p. 274.
[76] KARDEC, 2013e, p. 274.
[77] KARDEC, 2013a, p. 14.
[78] KARDEC, 2013a, p. 14.
[79] KARDEC, 2013a, p. 14.

O espiritismo define, por fim, o seu conceito de alma, sendo ele: “chamamos ALMA ao ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo”.[80] É importante definir tal conceito, pois dentro da lógica do conhecimento espírita, todo ser possui em si uma alma, ou seja, um princípio que sobrevive à morte e pode ter então diversos níveis de desenvolvimento e sensibilidade.

> Um fato há que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.[81]

Como um conhecimento que se entende científico e fruto do século XIX e do cientificismo que lhe é próprio, o espiritismo tende a graduar em escalas bem definidas as diferenciações entre as ideias de alma:

> Poder-se-ia, assim, dizer, e talvez fosse o melhor, a alma vital — indicando o princípio da vida material; a alma intelectual — o princípio da inteligência, e a alma espírita — o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas questão muito importante quando se trata de nos fazermos entendidos. De conformidade com essa maneira de falar, a alma vital seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a alma intelectual pertenceria aos animais e aos homens; e a alma espírita somente ao homem.[82]

Estado acima dos demais entes vivos da terra, os seres humanos seriam dotados de uma alma em específico, uma “alma moral” dotada de sentimentos, moralidade, entre outras características reservadas apenas aos humanos.

Dando continuidade ao conceito da sobrevivência da alma, ou espírito, Kardec trata, na segunda parte de *O livro dos espíritos*, sobre “mundo espiritual ou dos espíritos”, sendo este:

> O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo;
> O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.[83]

Sendo este um dos princípios básicos da doutrina, leva-nos a lembrar de um ideal filosófico, o ideal de Platão, sobre o mundo das ideias e o mundo sensível. Tal filósofo é, de

[80] KARDEC, 2013a, p. 15.
[81] KARDEC, 2013a, p. 15.
[82] KARDEC, 2013a, p. 16.
[83] KARDEC, 2013a, p. 23.

fato, um dos pensadores requisitados dentro do espiritismo como um dos antecedentes deste, juntamente com seu mestre Sócrates:

> Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus do seu tempo, visto que sempre os houve em todas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão.[84]

Assim, Kardec que, já alinhado com o cristianismo, alinha-se mais uma vez com o pensamento ocidental e suas bases, neste caso o da filosofia socrática. Dando continuidade ao mundo dos espíritos e ao conceito de espírito temos:

> 76. Que definição se pode dar dos Espíritos?
> ‘Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material’.[85]

Entende-se *espírito*, portanto, como uma individualidade de um ser extracorpóreo, que tem em si virtudes, defeitos e que dentro da ótica espírita deve progredir no seu aprimoramento, ou ainda, nada mais do que as próprias almas desprovidas da matéria:

> 7. Os Espíritos não são, como supõem muitas pessoas, uma classe à parte na Criação, porém as almas, despidas do seu invólucro corporal, daqueles que viveram na Terra ou em outros mundos.[86]

E o mundo destes como sendo o mundo primitivo:

> 84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?
> ‘Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas’.
> 85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?
> ‘O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo’.
> 86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?
> ‘Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem’.[87]

---

[84] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo:* com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Brasília: FEB, 2013c. p. 32.
[85] KARDEC, 2013a, p. 86.
[86]KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. 56. ed. Brasília: FEB, 2013f. p. 125. O referido livro foi escrito por Kardec como um pequeno manual para diálogo e conversão dos que querem conhecer o espiritismo, expondo principais pontos e argumentos da doutrina, em parte encenando diálogos entre os espíritas e aqueles que o embatem.
[87] KARDEC, 2013a, p. 87.

Ainda dentro das explanações sobre os espíritos e a sobrevivência da alma, convém entender a encarnação, ou os objetivos desta para a doutrina:

> 132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?
> ‘Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta’.[88]

Servindo a encarnação dos espíritos para processo de aprimoramento e depuração, os seres extracorpóreos adentram ao processo reencarnatório para melhorar-se e alcançar a evolução depurando o espírito. Como esse fato não ocorre apenas em uma existência, conceito complementar a este é o da pluralidade das existências:

> 166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?
> ‘Sofrendo a prova de uma nova existência’.
> a) Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?
> ‘Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal’.
> b) A alma passa então por muitas existências corporais?
> ‘Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles’.
> c) Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?
> ‘Evidentemente’.
> 167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?
> ‘Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde há justiça?’.[89]

Dessa forma, segundo o espiritismo, haveria o melhoramento das sociedades e a aplicação da justiça divina[90] com os espíritos encarnando e reencarnando. A morte não passaria, portanto, de uma passagem, um processo natural de entrada e saída do mundo dos espíritos e do mundo material sendo, segundo o livro dos espíritos, até mesmo um momento de felicidade a ser experimentado por aquele que morre:

> 154. É dolorosa a separação da alma e do corpo?

---

[88] KARDEC, 2013a, p. 106.
[89] KARDEC, 2013a, p. 123.
[90] KARDEC, Allan. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. 61. ed. Brasília: FEB, 2013d.

> ‘Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio’.[91]
> *Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo*.[92]

Ou ainda, em *O que é o espiritismo*, Kardec afirma:

> 12. A morte é apenas a destruição do envoltório corporal, que a alma abandona, como o faz a borboleta com a crisálida, conservando, porém, seu corpo fluídico ou perispírito. 13. A morte do corpo desembaraça o Espírito do laço que o prendia à Terra e o fazia sofrer; e uma vez libertado desse fardo, não lhe resta mais que o seu corpo etéreo, que lhe permite percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento.[93]

A ideia de morte aparece aqui como uma passagem, uma libertação para o espírito e uma travessia para o mundo – segundo o espiritismo – verdadeiro, o mundo dos espíritos. A comunicabilidade com esse mundo é algo de extrema importância dentro da religião espírita, pois, sem isso, nenhum conhecimento existiria nesse sentido, sendo ela uma das bases de formulação da doutrina.

> 22. Sendo admitidas a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, o espiritismo reduz-se a uma só questão principal: Serão possíveis as comunicações entre as almas e os viventes?
> ‘Essa possibilidade foi demonstrada pela experiência, e uma vez estabelecido o fato das relações entre os mundos visível e invisível, bem como conhecidos a natureza, o princípio e o modo dessas relações, abriu-se um novo campo à observação e encontrou-se a chave de grande número de problemas’.[94]

A ideia da comunicabilidade com os espíritos não é necessariamente nova. Diversas denominações religiosas desde os tempos passados propagam essa ideia até como forma de ganhar legitimidade religiosa, política e social dentro do nosso escopo de análise, o da sociedade ocidental. A comunicação com os “espíritos” está presente desde o antigo testamento, sendo até mesmo proibida por Moisés e essa proibição é continuada com o cristianismo e, em específico, com o catolicismo. Dessa forma, indaga Kardec, se é proibida é porque ela existe. Admitida tal premissa, percebe-se que contradiz a própria ideia da perfeição divina, segundo o espiritismo:

---

[91] KARDEC, 2013a, p. 117.
[92] Comentários do autor do livro. Esta é a primeira vez que insiro nas citações os comentários de Kardec a respostas dadas pelos espíritos a alguma pergunta sua. Tais comentários são recorrentes na obra.
[93] KARDEC, 2013f, p. 126.
[94]KARDEC, 2013f, p. 128-129

> [...] Temos a dos que não veem, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais a que elas dão lugar, mais do que a intervenção de uma potência diabólica, novo Proteu que revestiria todas as formas, para melhor nos enganar [...].
> Efetivamente, como acreditar que Deus só ao Espírito do mal permita que se manifeste, para perder-nos, sem nos dar por contrapeso os conselhos dos bons Espíritos? Se Ele não o pode fazer, não é onipotente; se pode e não o faz, desmente a sua bondade. Ambas as suposições seriam blasfemas. Note-se que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações. Ora, se elas se dão, não pode deixar de ser com a permissão de Deus. Como, então, se há de acreditar, sem impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.[95]

Dessa forma, dentro do espiritismo fica evidenciado o caráter natural das comunicações. Assim, essas "relações entre os mundos visível e invisível podem ser ocultas ou patentes, espontâneas ou provocadas",[96] podendo acontecer por meio de influência psíquica, mental, bem como através de evocações:

> — Os espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação;
> — Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes seja permitido fazer-nos;

Essas evocações foram utilizadas durante todo o processo de elaboração da doutrina espírita como forma de intercambio e aprendizado. Dois livros em especial trazem o tema das evocações em evidência: *O livro dos médiuns*[97] e o livro *O céu e o inferno*,[98] em que o primeiro se destina a "indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista";[99] e o segundo reúne "todos os elementos próprios para esclarecer o homem sobre o seu destino".[100]

---

[95] KARDEC, 2013a, p. 34-35.
[96] KARDEC, 2013f, p. 129.
[97] KARDEC, 2013b.
[98] KARDEC, Allan. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. 15. ed. São Paulo: LAKE, 2017.
[99] KARDEC, 2013b, p. 11.
[100] KARDEC, 2017, p. 11. A versão do livro utilizada nesta citação destoa das demais versões e traduções do material original de Kardec. Por algum motivo, o trecho do qual foi retirada a citação, uma introdução de *O céu e o inferno*, não se encontra nas versões traduzidas por Guilon Ribeiro e propagandeadas pela Federação Espírita Brasileira. Tal introdução foi traduzida do original francês por Herculano Pires e editada pela IDE.

Os temas abordados pelo espiritismo na França do século XIX traziam algo de novo e ao mesmo tempo já conhecido dos franceses. Esses temas, como a comunicação com os espíritos e a vida após a morte, despertavam em larga medida curiosidade:

> A possibilidade de contato com o mundo dos mortos, por exemplo, não era um tema novo no imaginário europeu. Até então, contudo, a esse tema se associavam práticas mágicas, de feitiçaria, que teriam atravessado séculos de cristianização, como um substrato cultural próprio das classes populares.[101]

Dessa forma, podemos entender que a repercussão do espiritismo na França já se baseava em uma matriz cultural local. Assim, compreende-se que o relativo sucesso na cooptação de fiéis não se deu apenas por princípios doutrinários, mas também por uma história local que propicia uma ajuda para tal fim. Para além, houve um intenso trabalho de divulgação da doutrina por toda a França e pela Europa, trabalho esse que deixou rastros e momentos importantes para a doutrina a serem trabalhados e entendidos. Esses serão os temas trabalhados no próximo tópico deste capítulo.

2.3 A repercussão do espiritismo: da França ao Brasil.

2.3.1 O Auto-de-fé de Barcelona

Poucos anos após a publicação de *O livro dos espíritos,* os livros espíritas já tinham conquistado diversos países europeus. A revista *La Revue Spirite,*[102] principal meio de comunicação espírita com o público, "já tinha assinantes em todos os continentes".[103] Kardec relata que as coleções de 1858, 1859 e 1860 foram reimpressas por duas vezes[104] com base nesse e em outros dados. "Marion Aubreé e Francois Laplantine afirmaram que Allan Kardec se tornara um *best-seller* da França do segundo império",[105] principalmente entre as classes médias e operárias, mas nenhum desses eventos e fatos foram tão marcantes para a divulgação do espiritismo quanto o acontecimento que ficou conhecido como o auto-de-fé de Barcelona.

Em outubro de 1861, Maurice Lachântre, conhecido livreiro de Barcelona, encomenda com Allan Kardec vários exemplares de *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns* e *La Revue*

[101] STOLL, 2003, p. 25
[102] Revista espírita Fundada por Kardec em que se publicava as principais descobertas da doutrina durante o século XIX.
[103] STOLL, 2003, p. 24.
[104] Esses dados constam em Wantuil e Thiesen em biografia escrita em 3 volumes sobre a vida de Kardec. Cf.: STOLL, 2003, p. 24.
[105] STOLL, 2003, p. 24.

Spirite, entre outros escritos. Obedecendo todos os trâmites legais, ao chegar à alfandega de Barcelona, as autoridades submeteram a encomenda ao bispo, como competia às leis da época:

> Sob alegação de que estas obras eram contrárias à fé católica, razão pela qual o governo não deveria permitir sua entrada no país, o bispo recomendou ao Santo Ofício o confisco da remessa e a queima, em praça pública, dos 300 volumes sobre o espiritismo.[106]

Então, em decisão oficial é decretada a queima das brochuras:

> Neste dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no local onde são executados os criminosos condenados ao derradeiro suplício e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o espiritismo, a saber: *O livro dos espíritos*, por Allan Kardec, etc.[107]

Dentro da genealogia da doutrina espírita, o ato que se desenrola neste dia ficou marcado como o "auto-de-fé de Barcelona". Diversos jornais na Espanha noticiaram o ocorrido, já na França, contudo, pouco se falou do fato. Kardec, em texto escrito à época, classifica como "digno da Idade Média"[108] e, apesar de ter recorrido em diversas instâncias, esses volumes não voltaram às mãos do autor.

Em texto escrito meses após o ocorrido, o autor relata que o acontecido teria feito mais bem do que mal à doutrina, uma vez que, pela sua repercussão naquele país, houve maior interesse na procura dos livros espíritas. Kardec relata ainda que recebeu um quadro feito por artista que presenciou o momento, bem como parte das cinzas da fogueira em uma urna. Abaixo vemos o quadro transformado em fotografia e divulgado na *La Revue Spirite*:

---

[106] STOLL, 2003, p. 23.
[107] ATA DE EXECUÇÃO da ordem de queima dos livros espíritas em Barcelona, 1861. In: KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Brasília: FEB, 2019. p. 256.
[108] KARDEC, 2019, p. 367.



Figura 1: Redução fotográfica de aquarela feita em retrato ao “auto-de-fé de Barcelona”. Fonte: ATA DE EXECUÇÃO da ordem de queima dos livros espíritas em Barcelona, 1861. In: KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Brasília: FEB, 2019. p. 256.

A imagem reproduzida e a urna com os restos da fogueira de Barcelona denotam duas intenções claras, a de proporcionar uma repercussão maior do ato dentro do público leitor do jornal espírita, bem como proporcionar uma revolta contra tal ato. As duas atitudes têm, em última instância, a intenção de, respectivamente: causar curiosidade naquele que não conhece o espiritismo e, por conta do ato, passa a ter o interesse em conhecer, bem como fidelizar o espírita já convertido ao espiritismo do “crime” pelo qual aquela ideia tenha passado. Dos dois modos existe um processo claro de divulgação do espiritismo, como demonstra Kardec em *La Revue Spirite* de novembro de 1861:

> Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo na Espanha vai ouvir falar do espiritismo e quererá saber o que é ele; é tudo quanto desejamos. Podem queimar-se livros, mas não se queimam ideias; as chamas das fogueiras as superexcitam, em vez de abafar. Aliás, as ideias estão no ar, e não há

> Pireneus bastante altos para as deter. Quando uma ideia é grande e generosa encontra milhares de pulmões prestes a aspirá-la.[109]

Ou como relata a comunicação publicada na mesma edição da revista de autoria de Um Espírito:[110]

> Fazia-se mister alguma coisa que chocasse com violência certos Espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se com essa grande Doutrina, que há de regenerar o mundo. Nada, para isto, se faz inutilmente na Terra e nós que inspiramos o auto de fé em Barcelona, bem sabíamos que, procedendo assim, forçávamos um grande passo para frente.[111]

Entende-se que o próprio acontecimento teve como origem a "vontade dos espíritos" como forma de acabar com o silêncio que se fazia naquele país sobre o espiritismo:

> Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, se consumou tendo por fim chamar a atenção dos jornalistas que se mantinham indiferentes diante da agitação profunda que abalava as cidades e os centros espíritas [...]. De bom ou mau grado, hoje falam dele; uns, comprovando o histórico do fato de Barcelona; outros, desmentindo-o, ensejaram uma polêmica que dará volta ao mundo, de grande proveito para o espiritismo. Essa a razão por que a retaguarda da Inquisição fez hoje o seu último auto de fé. É que assim o quisemos.[112]

A polêmica gerada pelo fato teve início no fato em si, mas, segundo a ideia espírita, a mesma tem origem e direcionamentos espirituais, como a publicação dessa mensagem na maior revista espírita daquele momento demonstra. Também com a publicação póstuma dos escritos de Kardec resguardados para si em vida como em um diário, os espíritas e o espiritismo garantem ao público leitor e fiel uma validade e conformidade dos fatos ocorridos naquele auto-de-fé frente aos conhecimentos espíritas, demonstrando que nada lhes sai do controle, o que vem a ser mais uma estratégia de convencimento e fidelização de fiéis feita pelos espíritas e perpetuada no Brasil.

Já a urna guardada por Kardec pode ter tido a intenção de criar um patrimônio material para o conhecimento espírita, como demonstra texto da própria *La Revue Spirite:* "Uma parte das cinzas nos foi enviada. Ali se encontra um fragmento de O Livro dos Espíritos,

---

[109] KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, ano 4, 1861. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2012a. p. 468-469.

[110] Referência usada pelo espírito comunicante a um texto psicografado que tinha como destinatário o próprio Kardec. Em *Obras póstumas*, o tradutor em nota apresenta este autor como sendo São Domingos, tendo como referência a *Revista Espírita* de 1861, fato comprovado quando conferimos a fonte citada.

[111] KARDEC, 2019, p. 257.; KARDEC, 2012a, p. 470.

[112] KARDEC, 2019, p. 257.; KARDEC, 2012a, p. 470.

consumido pela metade. Nós os conservamos preciosamente, como autêntico testemunho desse ato de insensatez".[113]

A fala está colocada no campo da possibilidade devido ao fim pelo que toma o objeto. Segundo nos conta o tradutor, retirando a informação de Zeus Wantuil no artigo em comemoração aos 100 anos da fogueira dos livros espíritas, os nazistas, durante a ocupação francesa da Segunda Guerra Mundial, destruíram o objeto.[114] Dessa forma, não podemos, para além do campo da possibilidade, garantir que a destinação final tivesse alcançado seu objetivo, como de fato alcançou a repercussão jornalística e a pintura da fogueira.

2.3.2 As viagens espíritas

O subtítulo "as viagens espíritas" da seção deste capítulo se faz homônimo ao livro *As viagens espíritas de 1862* republicado em 2012,[115] ano que completaria 150 anos de tal evento, pela FEB – Federação Espírita Brasileira. Esse livro faz um compilado de discursos e artigos publicados originalmente na *La Revue Spirite* em que Kardec relata as suas viagens pela França e arredores, divulgando o espiritismo, não só em 1862, mas antes disto, em 1860 e 1861, e após, em 1864 e 1867, sendo a viagem de 1862 a que mais se estendeu, passando por 24 cidades francesas, assim como, em 1864, parte do roteiro de viagens foi internacional, estendendo-se até a Bélgica.

Aqui analisaremos tais discursos e roteiros de viagens como forma de perceber e entender a divulgação do espiritismo nos tempos de Kardec e como as viagens contribuíram para essa divulgação.

Cronologicamente, a primeira viagem que Kardec fez para divulgar o espiritismo ocorreu em 1860, quatro anos após a publicação de *O livro dos espíritos*. Perpassando por três cidades francesas, damos destaque à cidade de Lyon, importante centro urbano francês do século XIX, terra natal de Kardec, que já se contam centenas de adeptos:

> A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos. Eu bem sabia que Lyon os contava em grande número, mas estava longe de suspeitar que fosse tão considerável, pois são contados às centenas e logo, espero, não

[113] KARDEC, 2012a, p. 468.
[114] Zêus Wantuil, no artigo Centenário de um auto de fé, em *Reformador* de 1961, informa que a urna foi destruída pelos nazistas na Segunda Grande Guerra. Cf.: KARDEC, 2019, p. 258.
[115] Publicado originalmente na década de 70 do século XX, pela editora O Clarim, com tradução de Wallace Leal Rodrigues. E na edição republicada pela FEB com tradução de Evandro Noleto Bezerra. A edição ainda foi complementada com outros artigos sobre as diversas viagens de Kardec. Cf.: KARDEC, Allan. *Viagens espíritas em 1862 e outras viagens de Kardec*. Brasília: FEB, 2006.

> se poderá mais contá-los. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que é ainda melhor. Por toda parte só encontrei espíritas sinceros, que compreendem a Doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista.[116]

Destacamos essa localidade também porque durante as viagens de divulgação do espiritismo, Lyon é a mais visitada por três viagens seguidas, o que faz dela à época como uma segunda capital do espiritismo na França, como demonstra a fala o doutrinador em 1862:

> Quando de nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, ali havia, no máximo, algumas centenas de adeptos; no ano seguinte já existiam cinco a seis mil, tornando-se impossível saber o seu número agora. Pode-se, no entanto, e sem nenhum exagero, avaliá-los entre vinte e cinco e trinta mil.[117]

Contudo, o codificador admite que tal marcha de divulgação e adesão ao espiritismo não é uniforme. Se por um lado existem locais onde tais ideias adentram com mais facilidade, outras, no entanto, não conseguem o mesmo resultado, tomando como conclusão o seguinte trecho a ser debatido:

> Por toda parte a ideia espírita começa nas classes esclarecidas ou de mediana cultura. Em nenhum lugar principiou pelas classes inferiores e ignorantes. Da classe média ela se estende às mais elevadas e às mais baixas categorias da escala social. Hoje, em muitas cidades, as reuniões se compõem quase exclusivamente de membros dos tribunais, da magistratura e do funcionalismo; a aristocracia também fornece o seu contingente de adeptos, embora, até o presente, se tenha contentado em mostrar-se simpática à causa, pouco se reunindo, pelo menos na França. As reuniões desse gênero são vistas de preferência na Espanha, na Rússia, na Áustria e na Polônia, onde o espiritismo conta ilustres representantes, oriundos das classes sociais mais elevadas.[118]

Kardec toma como natural, ou como algo próprio da dinâmica espírita que primeiro as classes esclarecidas se convençam do espiritismo, porque tais classes seriam de alguma forma o baluarte dos conhecimentos. Repare-se que as classes esclarecidas se distinguem da aristocracia, deixando claro a diferença entre elites intelectuais e elites econômicas e sociais.

Sendo também direto ao dizer que as classes inferiores e ignorantes, entenda-se, sem estudos, e nem economicamente abastadas, nunca se "principiou os estudos espíritas", ou seja, nunca foram os iniciantes do espiritismo em lugar algum. Mas dá destaque especial às classes médias, que seriam esclarecidas no sentido de serem intelectualmente aptas aos estudos espíritas e dela se estende às mais altas e mais baixas camadas sociais.

Se as classes sociais são importantes para entender onde existe penetração das ideias espíritas, o próprio Kardec admite que em alguns locais essa entrada é mais dificultosa "em

---

[116] KARDEC, 2006, p. 49.
[117] KARDEC, 2006, p. 9.
[118] KARDEC, 2006, p. 9-10.

virtude de causas locais, ligadas ao caráter de seus habitantes e, sobretudo, à natureza de suas ocupações".[119] Dando destaque às profissões predominantes das localidades, em suma, se Kardec busca explicações em seus próprios discursos para o porquê o espiritismo ter sucesso em alguns locais e em outros não, não consegue achar respostas plausíveis ou cientificamente prováveis, contudo, continua a divulgar o espiritismo, em especial através das respostas aos seus acusadores.

O século XIX é marcado dentro da história da imprensa e dos meios de comunicação pelo uso de jornais que, com as revoluções tecnológicas e o avançar do letramento das populações europeias, tornou-se o instrumento público de comunicação e debate. Mesmo quando não se sabia ler, esses debates eram reverberados em *sallons* e praças, o que proporcionava a circulação de ideias, conceitos e conhecimentos.

Adentrando a essa lógica, Kardec fazia questão de fomentar o debate e responder aos "inimigos do espiritismo" como forma de propagandear as ideias espíritas. Em seus discursos faz diversas referências a essas acusações, assim como os responde e de certa maneira os agradece:

> Parece que tal crescimento lhes aumenta o furor, porque hoje mesmo recebi uma carta de Lyon, anunciando a remessa de um jornal dessa cidade, *La France littéraire* no qual a Doutrina em geral, e minhas obras em particular, são ridicularizadas de maneira tão infamante que me perguntam se devem responder pela imprensa ou pelos tribunais. Digo que devem responder pelo desprezo. Se a Doutrina não fizesse nenhum progresso, se minhas obras não tivessem vingado, ninguém se inquietaria e nada diriam. São os nossos sucessos que exasperam os inimigos. Deixemo-los, pois, que deem livre expansão à sua raiva impotente, pois essa raiva mostra como sentem próxima a sua derrota; não são tão tolos a ponto de lutarem por um aborto. Quanto mais ignóbeis forem os seus ataques, menos estes devem ser temidos, porque são desprezados pelas pessoas honestas e provam que aqueles não têm boas razões a opor, uma vez que só sabem dizer injúrias.[120]

Ao dizer para seus seguidores que desprezem os acusadores, ele mesmo responde aos que acusam o espiritismo, afirmando que se tem "inimigos" é porque o espiritismo está se expandido e crescendo. Em seguida, na passagem seguinte de seu discurso em Lyon no ano de 1862, conta que em uma determinada localidade o espiritismo era desconhecido, mas por ação de um sermão do padre combatendo a doutrina, que, mesmo assim, passa a ser conhecido: "A população, surpresa, quis saber do que se tratava; mandaram trazer livros e hoje, ali, os adeptos organizaram um Centro".[121]

---

[119] KARDEC, 2006, p. 9.
[120] KARDEC, 2006, p. 5.
[121] KARDEC, 2006, p. 9.

Dar voz e repercussão tanto escrita quanto discursada a esses casos garantem a Kardec a linha lógica da argumentação de que o espiritismo cresce à medida que tentam combatê-lo.

> Razão tinham os Espíritos quando nos disseram, alguns anos atrás, que os nossos próprios adversários, sem o quererem, serviriam à nossa causa. Está provado, em toda parte, que a propagação do espiritismo tem ocorrido em razão dos ataques. Ora, para que uma ideia se vulgarize dessa maneira é preciso que agrade e que a julguem mais racional do que outras que lhe são opostas.[122]

E de que novamente, nada sai do controle e conhecimento dos espíritos, sendo eles a comandar as atitudes e repercussões espíritas pelo mundo, construindo uma ideia de controle por parte do "mundo espiritual" daqueles que estão aqui no "mundo material".[123]

Portanto, as viagens tinham funções claras na lógica de divulgação do espiritismo, pois eram feitas para responder aos "inimigos do espiritismo", fomentar o debate espírita naquelas localidades, bem como reunir e propagandear a doutrina com a chegada do codificador do espiritismo, título garantido à Kardec desde o lançamento de *O livro dos espíritos*. Também tinham como finalidade tentar entender como o espiritismo penetrava e espalhava-se pela França e pelo mundo. Dessa forma, Kardec tinha como "medir" e entender os caminhos percorridos por ele e pela doutrina, neste momento duas coisas que não podiam se entender separadamente.

A seguir, iremos entender como a doutrina espírita começa a se relacionar com o Brasil, suas ideias em terras brasileiras, assim como as conexões com a França e com Kardec.

2.4 Nas distantes terras do Brasil, floresce o espiritismo

Durante todo o século XX, o espiritismo teve um crescimento exponencial no Brasil. Figuras como Bezerra de Menezes no Rio de Janeiro, Chico Xavier em Minas Gerais e Divaldo Franco na Bahia alavancaram esse crescimento. No entanto, não foram os primeiros, pois, antes deles, uma série de pessoas das mais diversas origens auxiliaram o conhecimento espírita a desembarcar e florescer no Brasil.

A primeira figura, ainda nos tempos de Kardec, a realizar essa tarefa foi Olímpio Telles de Menezes na Bahia, que tem oficialmente sua eclosão no ano de 1865 em Salvador.

---

[122] KARDEC, 2006, p. 9.

[123] Mundo espiritual e mundo material são os dois lados opostos da vida, o mundo material seria a materialidade da encarnação, enquanto o mundo espiritual seria a verdadeira vida, a vida dos espíritos. Kardec dedica duas das quatro partes do *O livro dos espíritos* para entender o funcionamento desses mundos.

A fundação da agremiação espírita, o Grupo Familiar do espiritismo, liderada por Telles de Menezes, mantinha contatos com Casimir Leitaud no Rio de Janeiro, imigrante francês radicado na capital do Império e com vários espíritas franceses.[124]

De família católica, Telles de Menezes era filho de militar de carreira, mas não seguiu os passos do pai, pois dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Além disso, foi professor de instruções primárias e latim na capital baiana e publicou livros de gramática em língua portuguesa, estabelecendo assim diversos contatos com educadores baianos e de outras províncias brasileiras.

Telles caminha como um intelectual novecentista, dedica-se ao magistério, à escrita de jornais, à propagação da educação e aos romances, publicando novelas em folhetins nos jornais em que trabalhou como redator em *A Época Literária*:

> Nele, publicou, mesmo sem muita experiência, e antes de se tornar espírita, a novela *Os dois rivais*, em formato de folhetim e num estilo ultrarromântico, uma das primeiras manifestações de ficção na Bahia.[125]

Contudo, sua carreira como romancista não tem seguimento e alguns anos depois de estar à frente do jornal *A Época Literária* deixou de ser publicado. Porém, Telles caminha junto aos intelectuais baianos, como Dr. Agrário de Souza Menezes, fundador do Conservatório Dramático da Bahia, grupo que Telles fez parte, junto de figuras como "Rui Barbosa, Júlio César Leal, Filgueiras Sobrinho, Amaral Tavares, Pinto Paca, Álvares da Silva, Belarmino Barreto, Guedes Cabral, Cunha vale Rodrigues da Costa e Paulinho Gil".[126]

Já inserido no mundo das artes e da intelectualidade, Telles de Menezes mantinha contatos diretos com brasileiros, franceses radicados no Brasil e com os próprios franceses tidos além-mar como representantes da intelectualidade e da vanguarda das ciências e dos conhecimentos da França.

Partem desde os tempos da Revolução Francesa os ideais que irão nortear os intelectuais brasileiros e Telles é um deles. Dessa forma, os contatos com as ideias espíritas, desde seus princípios, não tardaram a chegar ao Brasil. Primeiro, nas ideias socialistas de Mesmer e seu mesmerismo, que viria a ser conhecido como magnetismo animal e, posteriormente, nos ideais da homeopatia, que tanto sucesso e prestígio teriam com os futuros espíritas. Ainda nas ideias socialistas de Robert Furrier, não tardou a Telles ter contato com as ideais espíritas de Kardec.

---

[124] MACHADO, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996. apud ARRIBAS, 2010, p. 57.
[125] SALLES, David. *Primeiras manifestações da ficção na Bahia*. São Paulo: Cultrix 1979. apud ARRIBAS, 2010, p. 58.
[126] ARRIBAS, 2010, p. 61.

Em 1865, Telles de Menezes corresponde-se até mesmo com o próprio Kardec e com outros espíritas franceses. É através desses contatos e trocas culturais entre França e Brasil que Telles dá início aos grupos de leitura das obras espíritas ainda em francês e, logo em 1865, resolve traduzir as obras de Kardec. Ele traduz, então, *O espiritismo*: introdução ao estudo da doutrina espírita, com a seleção de trechos da décima terceira edição francesa de *O livro dos espíritos*, uma tradução de um apêndice de outro autor francês e um prefácio intitulado "lede", de autoria do próprio Telles, contendo sua alegria por publicar tais escritos.[127]

Nas palavras de Machado em *Os intelectuais e o espiritismo*: "a primeira consequência do trabalho de Luís Olímpio era muito clara: o público, que ignorava o francês, ganhava acesso àquela explosiva filosofia".[128] O autor da obra era espírita convicto e historiador memorialístico, daí a exaltação do espiritismo em sua escrita trazer à tona uma verdade. Apesar de boa parte dos intelectuais brasileiros serem fluentes em francês, principal referência cultural da época, a expansão das ideias por eles compartilhadas teriam que vir com a tradução das obras e escritos espíritas para o português.

Em menos de quatro anos Telles já tinha um movimento, mesmo que incipiente, mas que foi capaz de desenvolver e pôr em circulação um jornal espírita no Brasil, o primeiro, denominado *O Eco d'Além-Túmulo*. O título faz referência às comunicações espíritas e ao "levantar dos mortos" que anunciava a doutrina espírita ao mundo. O escrito liderado por Telles contava com publicação bimestral, circulando em outras partes do país e no exterior, como por exemplo, em Paris,[129] sendo anunciado até mesmo na *Revue Spirite* no ano de 1869: "ficamos sabendo, nestes últimos dias, que um jornal em língua portuguesa está prestes a ser editado na Bahia (Brasil)".[130]

---

[127] ARRIBAS, 2010, p. 62.; MACHADO, 1996, p. 88. As duas fontes divergem quanto ao nome do livro e o ano em que Telles de Menezes teria publicado. Machado chama o opúsculo de *Filosofia espírita* que foi publicado em 1866, enquanto Arribas chama de *O espiritismo*: introdução ao estudo da doutrina espírita, que teria sido publicado em 1865. Machado não faz referência à tradução de mais nenhuma parte da publicação para além de trechos de *O livro dos espíritos*, enquanto Arribas menciona os trechos citados no corpo do texto. Não cabe a este pesquisador dizer quem está certo, pois entendemos que Arribas, por ter mais fontes disponíveis em sua escrita, possa ter conferido diversos autores, enquanto Machado tem a vantagem de estar mais distante do nosso tempo e próximo do tempo relatado, contudo, o faz de maneira pioneira, podendo ter cometido equívocos comuns à pesquisa. Seguimos a indicação de Arribas por ser mais completa na descrição do objeto de análise, mas fica a divergência apresentada ao leitor.

[128] MACHADO, 1996, p. 90.

[129] ARRIBAS, 2010, p. 63-64.

[130] KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, ano 12, 1869. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2012b. p. 362.

Em discurso transcrito no número inicial da revista, Telles de Menezes declara o que vem a ser uma das maiores estratégias de sobrevivência e disseminação da doutrina espírita desde sua criação, a divulgação pela imprensa:

> A nós que nos achamos hoje reunidos, constituindo, naturalmente, O Grêmio dos Estudos Espiríticos na Bahia, e a quem certa vocação do Alto cometeu o empenho desta árdua missão, árdua e até espinhosa, sim, mas irradiante de bem fundadas esperanças, incumbe, pelos meios que de mister é serem empregados, propagar essa crença regeneradora e cristã, fazendo-a chegar, indistintamente, a todos os homens, e o meio material que a Providência sabiamente nos oferece para levar, rapidamente, a palavra da verdade à inteligência e ao coração de todos os homens, é a – impressa.[131]

Demonstra-se assim que Telles está alinhado aos ideais e estratégias desenvolvidas pelos espíritas franceses e já apresentadas neste capítulo. No mesmo ano, ele é anunciado pela revista espírita como um jornal brasileiro sobre espiritismo, com seus valores, assinaturas e endereço:

> *O Eco de Além-Túmulo*, monitor do espiritismo no Brasil, publicado mensalmente na Bahia, em língua portuguesa, em cadernos de 60 páginas in-octavo, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia.
> Condições de assinatura por ano:
> Bahia ..... 9.000 réis
> Províncias brasileiras ..... 11.000 réis
> Estrangeiro ..... 12.000 réis
> Bahia – Largo do Desterro, 2.[132]

As manifestações da doutrina espírita no Brasil chamaram a atenção da Igreja Católica ainda em 1867 quando, na Bahia, publica-se uma pastoral contra o espiritismo pelo arcebispo da província D. Manuel Joaquim da Silveira, sendo a primeira reação oficial em terras brasileiras. A pastoral foi publicada tão logo teve contato com as traduções dos trechos de obras de Allan Kardec feitas por Telles de Menezes. Ela afirmou:[133]

> Nós julgamos conveniente dirigir-vos esta Carta Pastoral, para prevenir-vos contra os principais erros que contém esse pequeno livro, e contra as superstições, que segundo as doutrinas nele contidas se estão praticando, como se nos tem informado, e do que já não é possível duvidar.[134]

A reação provocada pela Igreja Católica teve efeito contrário, já que, a essa altura, nem mesmo com os trabalhos de Telles ninguém se dizia espírita, pois, como já dito, o caráter filosófico, científico e religioso do espiritismo era difuso. Coube aos "adversários" nomeá-la como opção religiosa. Sobre o tema, Arribas complementa: "No entanto, é necessário aclarar

---

[131] ECO D' ALÉM-TÚMULO. Salvador, set. 1869 apud ARRIBAS, 2010, p. 65.
[132] KARDEC, 2012b, p. 362.
[133] ARRIBAS, 2010, p. 68.
[134] SILVEIRA, D. Manuel Joaquim apud MACHADO,1996, p. 84.

que nesse primeiro confronto não houve a intenção, em nenhum momento, por parte dos espíritas, de negar a sua religião católica e contra ela investir pesados esforços",[135] pelo contrário, Telles reivindicava sua condição de católico e a condição do espiritismo de restaurador da Igreja Católica.[136]

Esse pensamento de Telles vai lhe render, em 1869, além das citações em algumas edições da *Revue Spirite* de Paris, também uma espécie de repreenda:

> A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, do modo pelo qual os espíritos nos revelaram a sua existência, pareceram-nos bastante satisfatórias. Outras passagens, referindo-se mais especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas.
> Para nós, o espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam.[137]

O editor da revista, Pierre-Gaetan Leymarie – que assumiu a direção e edição da revista devido ao falecimento de Allan Kardec, em março daquele mesmo ano – apresenta-nos essa crítica quanto ao caráter dúbio da ideia de Telles de tentar unir as tradições católicas com a filosofia espírita, o que pode ter sido o nascimento do que Stoll vai chamar de "espiritismo à brasileira": "O espiritismo brasileiro assume um 'matiz perceptivelmente católico' na medida em que incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade".[138]

A autora refere-se diretamente à história subsequente do espiritismo em terras brasileiras, principalmente através das análises da vida e obra de Bezerra de Menezes e Chico Xavier, espíritas quase "santificados" dentro da lógica espírita brasileira. Contudo, as raízes dessa mistura religiosa estão ainda em Telles, quando ele não entende o espiritismo como algo em separado de sua lógica religiosa enraizado no catolicismo praticado no Brasil.

Voltando-nos aos debates por meios escritos, Telles publica uma resposta à pastoral do bispo de 1867. Essa fala coloca Telles no jogo de embates já entendidos como estratégia principal de divulgação do espiritismo, que se inicia na França e é transportado para o Brasil. Esse escrito teve duas edições publicadas, contudo, não houve mais respostas da parte do bispo, apenas de Manuel Silva Pereira, major do exército que responde Telles em nome do "catolicismo e de seu *status* e papel na sociedade brasileira".[139]

---

[135] ARRIBAS, 2010, p. 69.
[136] ARRIBAS, 2010, p. 70.
[137] KARDEC, 2012b, p. 475.
[138] STOLL, 2003, p. 61.
[139] ARRIBAS, 2010, p. 80.

> Porque entendi que o sábio e virtuoso prelado não deve vir a imprensa para medir forças em teologia e religião com V.S. [...] Porque se um leigo em tais matérias é permitido articular com profissional de elevação e reconhecido mérito, muito mais será o outro leigo, se bem que muito somemos a V.S a todos os respeitosos.[140]

Ao apontar essa ideia, Manuel Silva tenta se igualar a Telles no debate religioso para preservar o bispo e a igreja, diminuindo a importância que primeiro foi dada a Telles de dialogar diretamente com um emérito representante da religião Católica. Estratégia válida, contudo, tardia, pois o bispo Manuel Joaquim já tinha colocado Telles como um igual em matéria de debate religioso e inserido o espiritismo neste cenário, o brasileiro.

Anos mais tarde, após as polêmicas com os católicos, Telles e seus companheiros pedem, em 1871, através de um documento ao governo da Bahia, uma autorização para funcionamento de um Sociedade Espírita Brasileira, pedido negado por Dom Manuel Joaquim, sob a justificativa de que a Constituição do Império não permitiria culto público – era permitido culto doméstico – de outra religião senão a católica, religião oficial do governo imperial. Sobre isso arribas conclui:

> Importa aqui não perder de vista que o arcebispo falava em Religião do Estado, logo mobilizando uma indistinção de esferas 'pré' liberdade religiosa. É um argumento religioso, mas não *puramente* religioso, peço fato mesmo de não haver ainda um campo religioso constituído.[141]

Dois anos após ter sido negado o pedido de Telles de uma sociedade "literária e beneficente", que foi entendida como religiosa pela Igreja, eles constituem novo pedido, agora enquanto "sociedade científica" e o nome de Associação Espirítica Brasileira, submetido à aprovação governamental e, desta vez, teve sua licença aprovada.

Dessa forma, entende-se que quem cria o espiritismo dentro dos embates e o coloca como agente religioso é primeiro a Igreja Católica. Incentivados pelo caráter misto da doutrina espírita e pelo apelo religioso da sociedade brasileira, o espiritismo inicia sua carreira em terras cabralinas marcado por estes embates e questionamentos.

Arribas entende que "as suas várias formas de aceitação provocaram a formação de diversos grupos, uns interessados mais nos estudos filosóficos, outros nos científicos e outros ainda mais nos princípios morais",[142] entenda-se morais como religiosos, enquanto Stoll vai compreender que "o espiritismo define sua identidade, elegendo como sinais diacríticos elementos do universo católico".[143]

---

[140] PEREIRA, Manoel da Silva apud ARRIBAS, 2010, p. 80.
[141] ARRIBAS, 2010, p. 81.
[142] ARRIBAS, 2010, p. 95.
[143] STOLL, 2003, p. 61.

Sobre o caráter múltiplo do espiritismo, além do exemplo baiano, temos a posteriori, nos anos finais do império, na capital imperial, o crescimento de diversas entidades espíritas das mais diversas caraterísticas e o embate intestino sobre qual seria a predominante.

Sylvia Damazio, em seu livro *Da elite ao povo*: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro,[144] trabalha com a pergunta de como o espiritismo vai se popularizar no Rio de Janeiro no fim do século XIX. Ademais, para além do que já foi trabalhado até agora, Damazio chama a atenção para duas coisas, a primeira é a disseminação dos grupos espíritas pela cidade do Rio de Janeiro através de dissenções entre os integrantes. O primeiro grupo espírita formado, o Grupo Confúcio, se dividiu em dois, gerando também a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, de orientação mística (entenda-se religiosa). O primeiro grupo desapareceu em 1879 e o segundo permaneceu.

Desse segundo grupo, outras dissenções aconteceram e formaram outros grupos: a Congregação Espírita Anjo Ismael, 1877; Grupo Espírita Caridade, 1878; e, dois anos depois, em 1880, fundou-se a Sociedade Espírita Fraternidade. Cada grupo tinha líderes específicos e inclinações distintas, algumas mais voltadas aos estudos científicos, liderados pelo professor Angeli Torterolli, outras mais religiosas ou místicas, como as lideradas por Bittencout Sampaio.[145]

> No Brasil, as dissidências internas e a formação de novos grupos – o mais das vezes, com pouco ou nenhum conhecimento da doutrina – deixou o movimento extremamente vulnerável, justamente quando as autoridades eclesiásticas, observando a infiltração do espiritismo nos meios políticos e sociais radicalizava sua oposição.[146]

Em meio a esse processo de divisões e os primeiros embates com os editorialistas de *O Apóstolo*, escrito católico que dedica, durante a década de 1880, intensos artigos contra o espiritismo, formou-se então a tentativa, através de alguns grupos de espíritas liderados por Augusto Elias, então fundador do jornal *O Reformador*, e com apoio do Marechal Ewerton Quadros, a ideia de agremiar o movimento espírita entorno de uma entidade, o que viria a ser a FEB.

> o grupo reunido em torno do jornal, fundaria uma instituição denominada de Federação Espírita Brasileira (FEB). Seu primeiro presidente, Ewerton Quadros, realizara uma aproximação com as concepções do grupo dos religiosos mediante a leitura da obra roustainguista. Desde 1883 ele trabalhou na tradução dos quatro volumes para o português. Não obstante, a FEB possuiu em sua agenda de fundação a congregação dos grupos de

[144] DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo:* advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
[145] DAMAZIO, 1994, p. 105-106.
[146] DAMAZIO, 1994, p. 111.

> espiritistas cariocas. Objetivando-se, segundo Arribas, a demonstração da marca de 'neutralidade' da instituição, o grupo dos espíritas científicos liderados por Torterolli foi convidado a compor o espectro da nova entidade.[147]

O segundo ponto para o qual Damazio chama atenção destaca o uso das consultas mediúnicas e dos tratamentos homeopáticos para justificar o avanço espírita no Rio de Janeiro, que serão tratados mais à frente, mas que serviram para a aproximação do espiritismo das classes médias e baixas:

> Os médiuns Receitistas [...] não costumavam cobrar pelos serviços prestados, e aqueles que atendiam os doentes através do Serviço de Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira recomendavam à instituição os mais necessitados que recebiam gratuitamente os remédios homeopáticos prescritos.[148]

Não se trata aqui de colocar em jogo a funcionalidade, racionalidade ou realidade das curas apreendidas por tais consultas mediúnicas, mas sim de analisar que o acolhimento dessa população era feito por tais pessoas e a assistência social era dada pelos espíritas, aproximando-se, alguns, mas não todos, desses conhecimentos, contando também com as tradições culturais místicas brasileiras de curas através de curandeiros e rezadeiras do interior, através de "mesinhas e banhos de ervas, as rezadeiras faziam trabalhos para afastar o mal e abrir os caminhos e mais toda uma gama de feiticeiros",[149] como nos lembra Damazio citando João do Rio.

Neste capítulo introdutório trabalhamos as ideias espíritas, desde seu surgimento, conceitos e principais temáticas, às estratégias de divulgação e propagação das ideias espíritas, e como tais ideias foram transpostas ao Brasil e quais foram de certa forma criadas pelos brasileiros, mesmo de maneira distinta e como o espiritismo começa a ser apreendido no país. Essas formas de propagação e divulgação aparecerão mais à frente no escrito.

No capítulo seguinte, daremos continuidade aos embates espíritas no Brasil, em especial com os saberes jurídicos e médicos que ganharam as páginas dos jornais, dos gabinetes médicos e dos púlpitos católicos no período trabalhado.

---

[147]CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier*: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no médium mais famoso do Brasil (1931-1938). 2015. 301 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. p. 36-37.
[148] DAMAZIO, 1994, p. 93.
[149] DAMAZIO, 1994, p. 93.

3 O ESPIRITISMO FRENTE AOS SEUS INIMIGOS: OS EMBATES ESPÍRITAS NO BRASIL E NO PIAUÍ

No capítulo anterior, pudemos ver os movimentos que constituíram o espiritismo desde seu desenvolvimento na Europa. Entendemos seus conceitos e estratégias de propagação e a transferência desse movimento para o Brasil. Agora, entenderemos como esse espiritismo se apresentará e quais estratégias utilizará no Brasil para se desenvolver, e uma dessas estratégias serão os embates, diálogos e inserções que colocaram o espiritismo no campo de saberes a serem debatidos nesse contexto.

Para isso, devemos observar os conceitos de lugar e sua construção e como o espiritismo se defende dos ataques que recebe de outros sujeitos e suas instituições. Assim, analisaremos três embates distintos enfrentados pela doutrina, o primeiro é o espiritismo com o Estado, como essa instituição se fez frente as proibições estatais, representadas principalmente na figura do Código Penal de 1890, uma peça jurídica que começou a ser pensada na Monarquia e foi construída na República.

No segundo item do nosso capítulo, analisaremos os espíritas frente aos intelectuais e os médicos, cada qual falando do seu local social específico e contrapondo, não aceitando ou repudiando o espiritismo. Dessa forma, entenderemos a aceitação ou negação do discurso espírita nesses locais, mais uma vez contribuindo para formação dos campos em debate e discussão.

Neste capítulo pretendemos, ainda, demonstrar os embates entre espíritas e outras religiões, em especial o catolicismo e suas estruturas na sociedade brasileira. Neste item, temos a pretensão de colaborar para o debate de ideias e a confrontação de teorias religiosas de acordo com as seguintes questões: como elas se colocavam nos espaços do debate e dos discursos? O que era embatido? Quais ideias eram questionadas de ambos os lados? De modo a perceber a construção do espiritismo através desses discursos, colocando-se em um lugar social, colhendo para si um espaço de fala próprio e institucional.

3.1 Das proibições estatais ao espiritismo: o Código Penal de 1890

Por muitos anos, durante o Império brasileiro, Estado e Igreja mantinham relações próximas, pois a Igreja era subordinada ao imperador através do sistema do Padroado,[150] sendo ele a autoridade máxima da Igreja Católica dentro do Império. Apenas com autorização dele as bulas papais eram colocadas em exercício. Em contrapartida, o Estado brasileiro era a instituição que pagava aos padres e todo o corpo eclesiástico da Igreja no Império. Portanto, todos os funcionários da Igreja eram, em suma, agentes do Estado, estando as duas entidades conectadas até a mudança da orientação de Estado imperial para um Estado Republicano.

Com a proclamação desta, houve a total divisão entre essas duas instituições. Por conta disso, o Estado tornou-se laico, ou seja, não defendia ideologia religiosa alguma. Contudo, as pessoas não o eram e continuavam a ter suas crenças e ideologias, não havendo para elas a divisão entre o que era de caráter do Estado e o que era da Igreja. Portanto, continuavam a legislar e a defender ideologias religiosas, ou mesmo preconceituosas dentro das câmaras legislativas, como foi o caso da condenação da capoeira como atividade criminosa e do espiritismo como crime contra a boa-fé do cidadão.

As notícias que nos chegam das decisões estatais não vêm somente do Brasil. Em o *Diário do Maranhão* de 1874, em sessão dedicada às notícias regionais do subcontinente da América do Sul, podemos observar o seguinte parágrafo:

> À câmara dos deputados provinciais de Buenos Aires fora apresentada um projeto declarando incursa em crime de furto toda a pessoa que pretenda por meio de combinação de cartas, magnetismo, espiritismo e etc.., adivinhar sucessos futuros.[151]

Assim foi tratado o espiritismo em diversas regiões. Colocava-se tal conhecimento ao lado das cartomancias, curandeirismos e outros conhecimentos que não possuíam ao menos hipóteses científicas em testes, tal qual o primeiro o tinha. No Brasil, o espiritismo foi condenado como crime, inclusive sendo colocado no código penal, o primeiro da república datado de 1890. Para explicar como o espiritismo torna-se crime tipificado pela lei, iremos trabalhar as origens deste código para entender esse processo.

3.1.1 O Código Penal e sua história: a construção do espiritismo como crime

[150]SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Padroado e Regalismo no Brasil Independente. In: JORNADAS INTERESCUELAS, 14., 2013, Medonza. *Anais da XIV Jornadas Interescuelas*. Universidad Nacional de Cuyo, Mendonza, 2013. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-010/266.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.
[151]RIO DA PRATA. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 5, n. 309, p. 2, 14 ago. 1874.

O caminho pelo qual percorreu o espiritismo até se tornar crime, pelo Código de 1890, perpassa pela própria história jurídica da construção desse compêndio legal. O Código Penal aprovado no ano de 1890 é o que substitui o Código de Leis de 1830, que vigorou por todo o Império.

A organização desse código antecede a própria República, pois tem raízes na abolição da escravidão, já que seu antecessor fazia referências e menções à mesma e baseava-se em um conjunto de leis e punições para essa classe social, que deixa de existir com a lei áurea. Foi o deputado Joaquim Nabuco (1849-1910) quem interveio para que o Código de 1830 suprimisse as "menções aos escravos e as penalidades relacionadas à insubordinação à ordem social estabelecida",[152] entre outras regras relacionadas as relações de trabalho determinadas pela ordem escravocrata.

Aderindo ao discurso persuasivo de Nabuco, outros deputados alertaram para:

> A necessidade de incluir-se no código disposições avulsas contidas em várias leis que necessitavam de regulamentação mais incisivas por meio de medidas repressivas que estivessem integradas em código com o propósito de assegurar a ordem pública, afora o aprimoramento de prescrições já existentes.[153]

Assim, acordou-se pela completa obliteração do Código de 1830 e pela formulação de um novo estatuto de leis. Nesse ínterim entre os debates e discussões do Código Penal, seus elaboradores são surpreendidos com a proclamação da república, e agora a formatação do código penal também tinha que fazer referências aos pensamentos, ideais e estruturas da vida republicana.

Destarte, um primeiro anteprojeto de código penal veio à tona por meio do deputado João Vieira de Araújo,[154] professor da faculdade de Recife e juiz de direito especialista em Direito Penal. Esse anteprojeto tinha como proposta principal:

---

[152]GOMES, Adriana. *Um crime indígena ante as normas e o ordenamento jurídico brasileiro*: a criminalização do espiritismo e o saber jurídico na Nova Escola Penal de Francisco José Viveiros de Castro (1880-1900). 2017. 300 f. Tese (Doutorado em História Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. p. 139.

[153] GOMES, 2017, p. 139.

[154] João Vieira de Araújo foi professor da Faculdade de Direito do Recife, que se apropriou, inicialmente, de concepções de Cesare Lombroso (1835-1909) e, posteriormente, à vertente sociológica do positivismo, no qual Enrico Ferri (1856-1929) foi seu principal representante. O jurista também foi membro da Internationale Kriminalistische Vereinigung (União Internacional de Direito Penal) fundada por Franz Von Liszt (1851-1919), Adolphe Prins (1845-1919) e Gerhard Adolf Van Hamel (1845-1919), além de ser um dos atuantes integrantes da Escola Jurídica do Recife, de que foram os principais representantes Tobias Barreto (1839-1889) e Sílvio Romero (1851-1914). Entre as obras escritas por Vieira de Araújo, destacam-se: *Leis judiciárias anotadas*, *Ensaio de Direito Penal* (1877), *A luta pelo Direito* (1885), *Código Criminal brasileiro*: comentado e praticamente (1896-1897*), Direito Penal do Exército e Armada* (1898), *A revisão dos processos penais, segundo a*

> Furtar-se de criar leis que ‘se pudesse questionar na execução, com prejuízo da autoridade e eficácia da lei’, isto é, transformar em artigos do Código Penal situações que tornassem a ‘jurisprudência caótica’. O preterimento por determinados regulamentos dar-se-ia pela investida cautelar de obstar problemas nos tribunais, que por vezes se deparava com questões polêmicas por terem que laborar com medidas regulamentares insubsistentes, no qual em compatibilidade com normas anteriores ou posteriores acabariam revogadas, uma vez que sua aplicabilidade não conseguiria sobrepujar a suposta autonomia de uma lei existente.[155]

Em outras palavras, o jurista e deputado Araújo presava por leis que fossem ter uma durabilidade legal e uma interpretação clara e objetiva por diversos anos, e que fossem suprimidos os regulamentos que ele consideraria inócuos nas decisões legais e na aplicabilidade prática dos tribunais.

Em seu anteprojeto, Araújo não faz referências ao que viriam a ser os crimes espíritas do código aprovado em 1890, e por não fazer referências a esses e a diversas normas regulamentares já existentes, como é o caso do decreto nº 9.554 de 3 de fevereiro de 1886, que em seu capítulo IV dedica-se a desvelar as normas para o exercício da medicina, da farmácia, da obstetrícia e da arte dentária, entre outros, os pareceristas deram parecer desfavorável ao anteprojeto de Vieira de Araújo:

> Para os pareceristas o país necessitava de um Código Penal que fosse, com efeito, revisionista e não uma edição com atualizações que contemplassem somente a nova relação de trabalho do Brasil. Eles lucubravam que as demandas exigidas deveriam ser adequadas a uma legislação penal que salvaguardasse a ordem e, com isso, pudesse inserir a nação como uma ‘civilização adiantada’ que, para tanto, deveria ser ‘mais repressiva, mais previdente e mais aperfeiçoada’ e mesmo com a homenagem a ser realizada à lei de 13 de maio de 1888, o país necessitava de um Código Penal que respondesse as emergências sociais, mesmo que para tal fim não se mudasse a norma de imediato.[156]

Assim, foi determinado um novo elaborador do projeto de Código Penal, João Baptista Pereira,[157] antigo membro da comissão que deu parecer desfavorável ao projeto de Vieira de

---

doutrina, a jurisprudência e a legislação comparada (1900), *O Código Penal interpretado* (1901-1902), *Discursos, pareceres e projetos no Congresso Nacional Constituinte de 1890-1901 na Câmara dos Deputados nas Legislaturas de 1891-1893 e 1897-1910*. INSITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS. Disponível em: <http://www.iabnacional.org.br>. Acesso em: 3 set. 2014.

[155] GOMES, 2017, p. 141-142.

[156] GOMES, 2017, p. 143.

[157] João Baptista Pereira era natural de Campos, Rio de Janeiro, e doutorou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Ele atuou profissionalmente na área como advogado, lente de Direito Criminal e Militar do Curso Livre de Ciências Sociais e Jurídicas e ainda foi fundador e sócio efetivo do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Na política, Baptista Pereira exerceu o cargo de presidente de São Paulo em 1878, foi eleito deputado na primeira legislatura que se seguiu de 1878 a 1881, já tendo ocupado o cargo de deputado provincial em outros momentos, além disso, o jurisconsulto fez parte da Assembleia Geral na Legislatura em 1867. Em termos de produções bibliográficas colaborador da

Araújo. O novo caminho da construção do Código Penal por Baptista Pereira foi interrompido pela mudança de regime político do país, tendo suas atividades momentaneamente interrompidas. Entretanto, tão logo Campos Sales (1845-1913), à época ministro interino da Justiça no governo provisório de Deodoro, assumiu o cargo, renovou o convite a Baptista Pereira de continuar a elaboração do projeto, com a percepção de que "havia uma necessidade premente em se reformular e se revisionar a norma penal do país".[158]

Tendo em vista a permissão de Campos Sales, Baptista continuou e completou seu projeto de Código Penal, completando-o em 20 de setembro de 1890, quando o texto é apresentado ao governo a fim de ser revisado e rapidamente agilizado, porque em 29 de setembro iniciou-se sua apreciação. Com pouquíssimas modificações realizadas pelos membros da comissão, o projeto foi recepcionado e aprovado em 11 de outubro de 1890, alguns meses antes da nova Constituição, datada do dia 24 de fevereiro de 1891.[159] Essa diferença temporal, desentendimento conceitual do tipo de direito aplicado em ambos projetos e desarticulação entre as leis, vai gerar incongruências que veremos mais adiante.

No entanto, sobre a escolha do projeto de Baptista Pereira ao invés da ideia de Vieira de Araújo, Gomes conclui:

> Dessa forma, podemos avalizar que a escolha de Baptista Pereira para ser o autor do Código Penal da República nos revelou uma conveniente inalterabilidade da política do país com a mudança de regime, visto que a mesma pessoa que legislaria o novo código penal do Império deu prosseguimento ao seu trabalho na recente República. Revelando-nos as reduzidas mudanças, tanto em relação aos já mencionados procedimentos políticos, quanto no propósito de assegurar a ordem social estabelecida a fim de que os segmentos sociais mais favorecidos pudessem promover a manutenção de seus privilégios, sem ter o risco de declinarem em significativas modificações. Para tanto, as punibilidades às infrações e a inibição à criminalidade e ao que compreendiam como sendo crimes deveriam ser salvaguardados. Era imprescindível manter sob controle uma sociedade tensionada pela desigualdade e diversidade cultural que, em possíveis tentativas de 'ajustes', poderia proporcionar consequências imprevisíveis à organização social do país.[160]

Como resultado, temos a condenação do espiritismo como crime penal: avalizado pelo código de 1890. João Baptista Pereira, ainda em repercussão nos jornais, responde às acusações espíritas feitas no veículo de imprensa espírita *O Reformador*, que a condenação do

---

Revista Jurídica, que circulou no Rio de Janeiro. Publicou um artigo sobre concordatas e falências na *Revista do Instituto dos Advogados Brasileiros* em sua edição de setembro de 1876. E, na área do Direito Penal, publicou as *Notas Históricas*, divulgada na *Revista de Jurisprudência* texto que versava sobre a sua história com o Código Penal de 1890. Cf.: GOMES, 2017, p. 148.

[158] GOMES, 2017, p. 148.

[159] GOMES, 2017, p. 150.

[160] GOMES, 2017, p. 151.

espiritismo era errada. Pereira se defende nas páginas do *Jornal do Comércio*, dando sua interpretação de que tinha como objetivo coibir as práticas ilegais da medicina, acabando com o charlatanismo, "já que os espíritas adotavam práticas que se inseriam nessas condições, o espiritismo deveria ser enquadrado".[161] Mesmo admitindo que o mesmo possuía práticas que não adentravam à condenação da lei, "não discutimos espiritismo e menos censuramos aqueles que o abraçam: como ciência especulativa sem descerem as suas práticas experimentais [...] sabemos respeitar a liberdade de crenças, ainda as mais extravagantes".[162]

Mas devemos, neste processo de análise, perguntar-nos sempre sobre os conceitos. Por isso, recorremos a alguns dicionários para as definições sobre o que é crime. Segundo o Aurélio:[163] "crime é qualquer violação muito grave de ordem moral, religiosa ou civil, punida pelas leis. É todo o delito previsto e punido pela lei penal, é um delito repreensível, infração de um dever". Outro dicionário *online*, por sua vez, traz definição diferente, contudo semelhante: "Delito: qualquer violação grave da lei por ação ou por omissão, dolosa ou culpável; ação ilícita".[164] Já em dicionários jurídicos pesquisados por Gomes, pode-se entender crime como:

> No dicionário jurídico *Direito Net*, disponibilizado na *web*, o conceito de crime é 'todo fato típico, antijurídico e culpável. É toda ação ou omissão ilícita, para a qual a lei comina sanção de natureza penal'. Já em outro dicionário jurídico, *Jurisite*, o conceito de crime é uma 'infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, quer isoladamente, quer alternativa ou cumulativamente com a pena de multa'. Além desses significados, juridicamente o conceito de crime também pode ser compreendido como 'uma infração de regras sociais consideradas indispensáveis à existência da sociedade [...] qualquer ação ou omissão que venha causar dano, lesar ou expor a perigo um bem juridicamente protegido pela norma penal', ou ainda 'segundo conceito substancial, ofensa de bem jurídico tutelado pela lei penal, segundo o conceito analítico, fato típico, antijurídico e culpável'.[165]

No Código Penal de 1830, "crime" tem sua definição como sendo: "julgar-se-á como crime, ou delito, toda ação ou omissão voluntária contrária às leis penais". Já no Código Penal de 1890 o conceito de crime é definido como: "violação imputável e culposa da lei penal" que

---

[161]GOMES, Adriana. O espiritismo no Código Penal de 1890: as discussões de sua criminalização nos periódicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 9-27, 2 sem. 2013. p. 20.

[162]JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, dez. 1890 apud GOMES, 2013, p. 20.

[163] DICIONÁRIO AURÉLIO. *Crime*. Disponível em: http://dicionariodoaurelio.com/crime. Acesso em: 12 out. 2021.

[164]DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Crime.* Disponível em: https://www.dicio.com.br/crime/. Acesso em: 10 out. 2021.

[165] GOMES, 2017, p. 99.

é complementado de forma direta pelo artigo referente ao conceito de contravenção penal: "fato voluntário punível que consiste unicamente na violação, ou na falta de observância das disposições preventivas das leis e regulamentos".[166]

Dessa forma, indaga-se: como e por que o espiritismo foi enquadrado como crime no Código penal recém escrito?

Gomes, pesquisadora que se dedica a estudar o processo de gênese do código Penal brasileiro de 1890 e a perseguição aos espíritas no meio jurídico do país nesse período, compreende que:

> A criminalização de práxis espíritas foi diretamente relacionada ao discurso de proteção ao exercício legal da medicina, que era uma antiga reivindicação dos profissionais da saúde desde os anos finais da primeira metade do oitocentos. Os médicos brasileiros articulavam considerações sobre o certame do exercício ilegal da medicina e da farmácia por aqueles que sem a habilitação conferiam às atividades do ofício.[167]

Assim, seriam considerados inaptos a exercer o papel de profissional da medicina aqueles que não haviam obtido, por cursos acadêmicos, os conhecimentos técnicos e científicos para exercer a arte de curar, sendo, dessa forma, considerados "charlatães".

> Estes inabilitados eram intitulados de 'charlatães' independentemente dos meios que utilizavam para tentarem curar os enfermos. Eram considerados enaltecedores do 'maravilhoso' por agirem mediante supostas práticas ilusórias para que as pessoas se envolvessem em seus procedimentos e acreditassem que as suas enfermidades adquiririam a cura. Assim, afastava-as do acesso à cientificidade da área médica.[168]

Todavia, tais reinvindicações quanto a exclusividade da arte de curar datam de antes da chegada do espiritismo no Brasil. A Academia Imperial de Medicina, responsável pela formação de médicos e funcionava como órgão representante dos médicos no Brasil, já desde o Código de 1830, pleiteavam mudanças nos regimentos legais para a garantir aos médicos o monopólio legal da profissão no Brasil, pois:

> A improfícua competência da Lei de 3 de outubro de 1832, decretada pela Assembleia Geral Legislativa da Regência, que legislava sobre a organização das Academias de Medicina das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, no qual propugnava em seu artigo 13, que o exercício da arte de curar, deveria ter a disposição de operacionalidade somente aos habilitados com o título de médico. Sem a titulação exigida ninguém poderia ter o direito de 'curar, ter botica' no Império Brasileiro.[169]

---

[166] GOMES, 2017, p. 99.
[167] GOMES, 2017, p. 100.
[168] GOMES, 2017, p. 100.
[169] GOMES, 2017, p. 101.

Todavia, a lei abria precedentes para "médicos, os cirurgiões, os boticários e as parteiras, que praticassem o ofício dentro das exigências legais até a vigência da nova lei, pudessem continuar a exercer o ofício livremente sem a habilitação acadêmica".[170] Para além, não havia nenhum tipo de punição para a desobediência legal após a lei ter entrado em vigor.

Dessa forma, as reinvindicações se acirram com a chegada do espiritismo nesse campo. Em discurso reivindicando o direito da proteção de seu campo de trabalho, acusando o Estado imperial de ser fugidio desse direito, no dia 30 de junho de 1862, diante do imperador, Nicolau Joaquim Moreira, médico, proferiu que: "maravilhoso tem subjugado os espíritos acanhados e iludido muitas vezes elevadas inteligências",[171] diminuindo a cientificidade da medicina:

> E, em referência direta às práxis espíritas na arte de curar os enfermos, o médico [...] pronunciou em seu discurso que a 'doutrina do espiritismo' aniquilava completamente a racionalidade por ser uma especulação, cujo objetivo era a obtenção do lucro através da credulidade das pessoas, isto é, por meio de 'investigações quiméricas fora do alcance da natureza humana [...] que [as práxis espíritas] procura ponto de apoio em consideração de uma ordem sobrenatural ou na imaginação exaltada e tendo sempre [a intenção] de abusar da credulidade pública [...] por interesse pecuniário'.[172]

Portanto, podemos entender que a condenação do espiritismo no Código Penal de 1890 foi também uma forma de tentar enquadrar uma série de normativos jurídicos do período imperial, bem como atender a antigos pedidos das classes médicas e farmacêuticas que, dentro do cenário plural das artes de curar presentes no Brasil dos Oitocentos, nunca tiveram total controle sobre seus ofícios. Além disso, com a chegada do espiritismo, viu-se nele mais uma ameaça a essa tentativa de monopólio dos saberes das curas.

Discurso esse realizado em 1862 que, de algumas maneiras, antevê os caminhos ligados às artes de curar pelo qual o espiritismo irá tomar, caminhos esses trabalhados adiante na leitura e interpretação dos artigos do Código Penal que citam o espiritismo e os entraves causados por isso. Apoiando-se na bibliografia e nas fontes, seguiremos esta análise.

---

[170] GOMES, 2017, p. 101.
[171] GOMES, 2017, p. 104.
[172] GOMES, 2017, p. 104.

3.1.2 A condenação espírita no Código Penal: os artigos condenatórios

Os artigos de condenação ao espiritismo tornaram-se icônicos e serviram para a unificação do dispersado movimento espírita do Brasil. Foram eles os artigos 156, 157 e 158, discriminados a seguir:

> Art. 156 – Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou o magnetismo animal, sem estar habilitado segundo leis e regulamentos.
> Art.158 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimento de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: [...]
> Art. 158 – Ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício denominado de curandeirismo: [...].[173]

O primeiro artigo referenciado faz menção ao exercício ilegal da medicina ou qualquer um dos ramos especificados. Isso afetava o espiritismo com relação às consultas mediúnicas, item a ser analisado de forma detalhada mais à frente. Feitas por um médium, essas consultas eram realizadas sob a inspiração de espíritos de mortos. No entanto, apesar de muitos espíritos denominarem-se como antigos médicos enquanto vivos, era algo proibido que aqueles médiuns, muitos dos quais não tinham estudos para tal, prescrevessem medicações sem o devido estudo. O artigo faz reflexo a antigas exigências dos médicos do país para o respeito a sua exclusividade nas artes de curar.

O principal órgão da recém-fundada Federação Espírita Brasileira, que, apesar de se dizer brasileira, estava longe de agregar todo o insipiente e disperso movimento espírita. O órgão afetado por essa proibição foi o do Serviço de Assistência aos Necessitados. Esse núcleo de trabalhos ganhou fama pela quantidade de atendimentos feitos mensalmente, através de consultas mediúnicas, doação de remédios homeopáticos, roupas e gêneros alimentícios. Tais órgãos beneficentes privados supriam, em parte, a falta de assistência pública à saúde:

> [...] Sendo a Santa Casa de Misericórdia a principal instituição, em termos de serviços prestados. Mesmo assim, de modo geral, o atendimento ficava muito aquém das necessidades da população, que não tinha como pagar os serviços médicos particulares. Nesse caso, a saída era apelar para os receitistas e curandeiros. Os médiuns receitistas [...] não costumavam cobrar pelos serviços prestados, e aqueles que atendiam aos doentes através do

[173]BRASIL. *Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

> Serviço de Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira recomendavam a instituição aos mais necessitados, que recebiam gratuitamente os remédios homeopáticos prescritos. Daí o enorme fluxo de pessoas a procurá-los. Em 1905, só através da Federação Espírita Brasileira foram prescritas 146.586 receitas homeopáticas, das quais foram aviadas gratuitamente, na farmácia da própria Federação, que atendia aos Serviços de Assistência aos necessitados, 101.645 receitas.[174]

O artigo 156 afetava em muito a precária assistência pública aos que necessitavam de auxílios de toda a sorte, podendo ser apenas de uma consulta médica, remédios ou apenas roupas e alimentos.

Sendo questionado por entidades médicas, as curas e atendimentos mediúnicos, além de constituírem uma infração à lei, eram tratados em reuniões, congressos e requisições médicas aos políticos, que foram atendidas pelo Estado brasileiro no código de 1890.

Logo após a virada do século XIX para o XX e principalmente nas décadas de 20 e 30 deste último século, um novo argumento vai ser acionado para combater o espiritismo como prática curandeira: o de que o espiritismo "constituiria um fator de degeneração mental e a mediunidade ficaria associada à loucura".[175] Esse fator só vai se tornar desinteressante aos olhares médicos e psiquiátricos após os anos 50 do século XX, "mas a associação entre espiritismos, por um lado, e por outro, curandeirismo e problemas mentais nunca foi totalmente abolida",[176] levando ainda mais o espiritismo e suas práticas ao descrédito da população e dos órgãos públicos. Esse argumento da loucura espírita será tratado a diante.

O art. 157 era o mais direto e prejudicial ao espiritismo, pois o nominava diretamente, ao lado de magias e "seus sortilégios", "talismãs e cartomancias", ou seja, a prática do espiritismo era condenada na letra da lei. É de se notar que o "espiritismo" de que tratava a lei era um conceito usado de forma senão errônea e equivocada, ou ao menos genérica, pois a palavra era utilizada para denominar outros tantos tipos de práticas espiritualistas ou conhecimentos que tinham como fim ludibriar a terceiros.

Emerson Giumbelli, em artigo intitulado O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos[177] examina na bibliografia existente todas as variações conceituais para o termo:

---

[174] WANTUIL apud DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo:* advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 93.

[175] GIUMBELLI, Emerson. espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur César (Org.). *Orixás e Espíritos:* o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 283-304. p. 284. Sobre esse argumento, recomendo a leitura de: ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. *Uma fábrica de loucos*: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). Campinas: [S. n.], 2007.

[176] GIUMBELLI, 2006, p. 284.

[177]GIUMBELLI, Emerson. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, jul. 2003.

> Na literatura sobre os 'cultos afro-brasileiros', não é raro que encontremos a expressão 'baixo espiritismo'. Dois elementos são básicos para sua definição: o 'sincretismo' de formas culturais originalmente africanas com elementos advindos do 'espiritismo' e a existência de práticas curativas inspiradas na mediunidade.[178]

O estudioso cita a conceituação de diversos outros autores, como, por exemplo, a semelhança entre as "macumbas de procedência banto" e as "mesas dos consultórios de baixo espiritismo das camadas atrasadas da população carioca".[179] Um segundo pesquisador teve como temática de pesquisa o que se chama de "candomblés de caboclo", uma forma sincrética de procedência banto que teve contato com o "baixo espiritismo" e foi degenerando-se até o "charlatanismo",[180] procedendo a culpa da "degeneração" desse culto de origem africana ao espiritismo, que tornou ele uma espécie de charlatanismo e não uma nova forma sincrética de culto religioso.

Podemos perceber sincretismo entre os cultos africanos e afrodescendentes e as manifestações espíritas, além de uma mistura conceitual e terminológica que acabaram por prejudicar a percepção que se tinha do espiritismo. Um dos autores citados por Giumbelli descreve na sua pesquisa entre os terreiros de Recife na década de 1950 como uma "invasão" nos "candomblés de Caboclo" pelas práticas e as terminologias espíritas e a sua consequente "degradação", ou seja, a degradação das práticas originárias da África e que definiam os candomblés de Caboclo como tais, já que "até a medicina mágica é às vezes, praticada".[181]

Podemos entender que as manifestações culturais e religiosas se formaram e se misturaram em novas outras de modo a continuarem vivas. Um fruto dessa mistura cultural e religiosa é a umbanda, que unia inspirações e conceitos de cultos africanos, entre eles o candomblé, como também imagens e sincretismos religiosos com a Igreja Católica e conceitos e práticas espíritas, criando, dessa forma, uma religião legitimamente brasileira.[182]

Logo, podemos considerar que o termo espiritismo de que o art. 157 do Código Penal fala não apenas se refere à ciência e à prática espírita, advinda da Europa e que toma novas formas no Brasil, mas de um conceito formulado e apropriado por diversas entidades e cultos de diversas origens, muitas das quais africanas, que eram todas colocadas em um único local social e que eram expostas para serem julgadas e condenadas como objetos de fascinação e

---

[178]GIUMBELLI, 2003, p. 251.
[179] RAMOS apud GIUMBELLI, 2003, p. 251.
[180] CARNEIRO apud GIUMBELLI, 2003, p. 251.
[181] VALENTE apud GIUMBELLI, 2003, p. 251.
[182]LINHARES, Ronaldo Antônio.; TRINDADE, Diamantino Fernandes.; COSTA, Wagner Veneziani. *Iniciação à umbanda*. São Paulo: Madras, 2017.

subjugação da credulidade pública. Não passando, pois, de cultos e formas de se vivenciar o sagrado que aqueles povos foram criando e reinventando a partir de suas vivências.

E para finalizar este tópico, analisaremos o art. 158, que versa principalmente sobre o curandeirismo, "ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim o ofício denominado de curandeirismo".[183]

Outro local social estabelecido foi o conceito de curandeiro em que entravam os atendimentos espíritas. Os conhecimentos tradicionais; aquelas pessoas que conheciam as ervas e plantas medicinais para curar doenças, feridas e males de toda sorte; as rezadeiras, mulheres e homens que tanto se utilizavam dos conhecimentos da medicina natural quanto da fé nas orações a santos católicos para a cura dos males, todo esse tipo de conhecimento e atitude vão ser condenados, ou ao menos mal vistos pelos médicos.

Eram combatidos principalmente por órgãos e entidades médicas que acreditavam que essas práticas eram prejudiciais à saúde pública e à credulidade das pessoas, fazendo-se, assim, obstáculos para a verdadeira ciência médica. Entretanto, a medicina científica não atendia à toda população, bem como a mesma por vezes não acreditava na ciência médica, precária e ainda em formação, muito distante das realidades atuais.

Isso se explica pelo fato de os médicos, enquanto guardiões do conhecimento curativo, não existirem ainda. Havia, então, uma tentativa, um trabalho por parte desses profissionais na constituição de um campo de atuação. É o que nos mostra Menezes e Cardoso em artigo intitulado "A revista da associação piauiense de medicina e a atuação médica nas décadas de 1930 a 1940",[184] no qual as autoras debatem a questão da constituição de um campo de atuação médica nesse Estado por meio da formação e formatação de um campo de saber médico através de uma revista voltada para os médicos, aonde médicos locais, membros da associação, enviam artigos analisando os avanços da medicina, "trabalhos de clínica, de

[183]BRASIL. *Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

[184]MENESES, Lívia Suelen Sousa Moraes.; CARDOSO, Elizangela Barbosa. Revista da Associação Piauiense de Medicina e a atuação médica nas décadas de 1930 e 1940. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita.; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). *Páginas impressas*: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020. p. 401-432.

cirurgia e de saúde pública",[185] com a intenção de demonstrar que as trocas intelectuais são fatores importantes para o aperfeiçoamento.[186]

Essa proposta trouxe alguns debates para o estado do Piauí, como:

> Universo de reflexão dos médicos que atuavam no Piauí, à época: doenças, remédios e casos cirúrgicos, população, mortalidade, habitação e condições sanitárias, saúde materno-infantil e puericultura, a relação entre os médicos e a sociedade, os eventos médicos e a dinâmica associativa na área, os médicos e o processo de institucionalização da saúde pública, os serviços e as instituições médicas, os planos de intervenção no campo da saúde pública, bem como as novidades do saber médico que circulavam através de livros e de revista da área, resenhados no periódico.[187]

Dessa forma, os médicos articulavam-se em debates, discussões e na formatação de seu campo por meio do diálogo com os pares e por meio da apresentação à população em geral sobre o desenvolvimento dos conhecimentos médicos, fazendo ainda "críticas aos costumes da população, em nome da ciência médica".[188]

Como é o exemplo trazido por Menezes e Cardoso de um artigo da revista em que o médico Correia Lima defendia a criança como o protótipo do doente de laboratório e, segundo ele, o principal motivo para as internações infantis eram a ignorância dos pais, que "teimam em trazer os filhos ao pediatra, depois de submetidos ao curandeirismo doméstico e das farmácias".[189] Entendemos que a expressão 'curandeirismo' carrega em si uma série de sentidos, pois o médico pediatra refere-se aos cuidados domésticos e aos remédios caseiros, entendidos como de conhecimento popular e naquele momento de afirmação do campo médico, negavam a ciência proposta por esse profissional.

Entendemos que esse profissional não usava o termo curandeirismo como ao que se liga ao artigo condenatório da prática ilegal da medicina, mas sim como uma crítica à negativa da população em buscar auxílio médico preventivo, como nos explica Menezes e Cardoso:

> Isto porque o contexto de formação de um campo médico, no estado, era também caracterizado pela presença de outros saberes relativos às práticas curativas, que disputavam com os saberes médicos. Tratava-se de práticas sedimentadas em velhos costumes, atualizados, cotidianamente, sobretudo, por mulheres, parteiras, curandeiros, benzedeiros, vendedores de drogas, boticários e farmacêuticos.[190]

---

[185] EDITORIAL. *Revista da Associação Piauiense de Medicina*. Teresina, n. 1, p. 3-4, 1939 apud MENESES; CARDOSO, 2020.
[186] EDITORIAL. *Revista da Associação Piauiense de Medicina*. Teresina, n. 1, p. 3-4, 1939 apud MENESES; CARDOSO, 2020.
[187] MENESES; CARDOSO, 2020, p. 403.
[188] MENESES; CARDOSO, 2020, p. 407.
[189] MENESES; CARDOSO, 2020.
[190] MENESES; CARDOSO, 2020, p. 418.

Assim, corretos ou não aos olhos das entidades médicas e científicas, essas formas de cura estavam já consagradas por aquelas populações por meio da cultura popular, da existência dos curandeiros e das rezadeiras em cada pequena comunidade, ou mesmo nas grandes cidades, constituindo-se, dessa forma, um meio popular de se conseguir a melhora de seus males.

A fala das historiadoras nos permite conectar, tanto aos artigos do código penal expressos neste tópico, quanto às críticas médicas feitas àqueles que, de alguma forma impediam, atrasavam ou atrapalhavam a consolidação do campo médico, debate que aprofundaremos no tópico seguinte sobre os discursos médicos, intelectuais e científicos contra, em específico, o espiritismo.

3.2 Práticas espíritas condenadas pelos médicos e os embates dessa relação

O espiritismo baseou seu processo de inserção social em algumas práticas. Uma dessas práticas deve ser analisada aqui, pois reflete diretamente nos embates sociais, legais e discursivos enfrentados por eles no início do século XX. A fim de exemplificar e pautar nosso debate, vamos analisar a situação da cidade de Parnaíba no Piauí.

Voltando-nos a princípios do século XX, em que pudemos encontrar, nas *Atas do Centro Espírita Perseverança no Bem*, a seguinte citação de uma prática espírita bem comum à época e que foi determinante na divulgação do espiritismo, os receituários mediúnicos:

> Em seguida procedeu-se a uma ligeira sessão evocatória a fim de ouvir-se o Dr. Clemente a respeito dos vários doentes que pediam receitas. O espírito do médico comparecera à reunião e deu as receitas solicitadas.[191]

Segundo Damazio, a mediunidade receitista foi um dos principais fatores de aproximação entre as elites letradas que entendiam e compartilhavam das ideias espíritas com o povo. Para ela, as pessoas nem sequer cogitavam adentrar um centro espírita, mas viam nas consultas com médiuns receitistas uma oportunidade a um atendimento médico.[192] Giumbelli, antropólogo especialista no assunto, apresenta o que seria essa mediunidade receitista e seu agente, o médium receitista. “O ‘médium receitista’ era, então, o indivíduo que, inspirado

[191]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 jun. 1919. p. 40-41.
[192] DAMAZIO, 1994.

pelo ‘espírito’ de um médico já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento baseado em medicamentos”.[193]

Giumbelli ainda nos traz o histórico dessa prática, ligando-a aos “consultórios de sonambulismos” que teriam se proliferado pelo Rio de Janeiro nas décadas de 1850. “Geralmente do sexo feminino as ‘sonâmbulas’ acompanhadas de um ‘magnetizador’, se arrogavam ao poder de diagnosticar doenças e encontrar pessoas e objetos desaparecidos”.[194] Prática e termos esses já conhecidos do leitor, pois foram essas as bases do processo das religiões que vão se basear no Moderno Espiritualismo[195] e também tinham influências das ideias mesmeristas[196] sobre “fluídos” que teriam o poder de curar.[197]

A prática dos médiuns receitistas une-se a dos médiuns curadores, ou as duas misturam-se no início do século XX com o apoio da FEB – Federação Espírita Brasileira que, “em 1915[...] estende os serviços de seu ‘gabinete clínico’ com a presença de ‘médiuns curadores’ que lá se juntaram aos ‘médiuns receitistas’”,[198] legitimando uma prática que foi condenada pelo Código Penal e combatida pelos médicos de profissão.

> Para um receitista espírita, o tratamento e a cura dos doentes deviam-se aos espíritos; sua participação era a de mero instrumento movido pelo princípio da caridade cristã, não cabendo receber em troca qualquer pagamento ou retribuição.[199]

Era essa uma das formas de atendimento à população: os receitistas espíritas trabalhavam com medicamentos homeopáticos, ideia também nova e que movimentava as ciências da época, tanto sofrendo críticas por parte dos médicos alopatas[200] quanto por parte

---

[193] GIUMBELLI, 2006, p. 287.
[194] GIUMBELLI, 2006, p. 287.
[195] Apenas para lembrar ao leitor quanto ao contexto trabalhado no primeiro capítulo do escrito, os primeiros passos das manifestações que iriam culminar no espiritismo por nós estudado, os eventos de Hydesville, os caminhos traçados por Arthur Conan Doyle em a nova revelação e a História do espiritualismo. Sobre os temas citados ver: DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritualismo.* Brasília: FEB, 2013.; WEISBERG, Bárbara. *Falando com os mortos*: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
[196]DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução*: Mesmer e o Iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
[197] Como já demonstrado no capítulo anterior, essas ideias que nascem ainda no século XVIII e tomam forma em diversos países, inclusive na França pós revolucionária vão influenciar as ideias de Rivail Denizard, futuro Allan Kardec, e o espiritismo por ele compilado.
[198] GUIMBELLI, 2006, p. 287.
[199]DAMAZIO, 1994, p. 91.
[200]Alopatia: forjado pelo modelo da *homeopatia.* Sistema terapêutico que consiste em tratar as doenças por meios contrários a elas, procurando conhecer suas causas e combatê-las. Termo introduzido por Hahnemann (v. *homeopatia*) em cerca de 1850, com referência a qualquer outro método de cura que não o homeopático, e que, posteriormente, passou a abranger quaisquer outras práticas da medicina exercidas por médicos graduados em escolas não homeopáticas. Cf.: FERREIRA, Aurélio Buarque de

dos farmacêuticos. A medicina homeopática teve por fundador o médico Cristiano Frederico Samuel Hahnemann:

> Médico alemão que viveu de 1755 a 1843. Profissionalmente conceituado, Hahnemann insurgiu-se contra os postulados básicos e os métodos de terapia da medicina de seu tempo, em que os tratamentos à base de sangrias, ventosas e outras formas tópicas violentas, e a ingestão de medicações sintomáticas como os vomitivos, diuréticos, hipnóticos, etc. compunha uma prática, o mais das vezes, perigosa para o paciente.[201]

Baseava-se na suposição formulada por seu fundador de que o doente expressava seu estado de doença pelos sintomas mórbidos que apresentava e, para que houvesse a cura, a medicação indicada pelo médico deveria ser baseada nas propriedades medicinais de minerais, plantas e animais de forma a minimizar os sintomas e reestabelecer a saúde do organismo.

Para a medicina alopática, ou medicina convencional, o combate às doenças tinha que ser feito através do uso de medicamentos com propriedades opostas à do inimigo patológico. Na homeopatia, a cura do paciente advinha da "ingestão de uma substância em doses infinitesimais que provoca sintomas semelhantes aos apresentados pelo paciente",[202] ou seja, o paciente que apresentasse um tipo de sintoma, iria ingerir uma substância diluída diversas vezes que provocava o mesmo tipo de sintoma da doença, pela crença de que semelhante dissolve semelhante. Acreditava-se que haveria a cura nesse processo.

A homeopatia começou a ser utilizada pelos espíritas como forma de prática da caridade em atendimento médico homeopático aos necessitados, pois:

> Entende-se a opção pela homeopatia por parte dos espíritas, se atentamos para a semelhança existente entre os conceitos de Hahnemann e os de Kardec. Naturalmente, para os espíritas – assim como para os espiritualistas em geral –, o princípio espiritual apontado por Hahnemann é o espírito criado por Deus, transcendente e eterno. A força vital tem sua equivalência na noção de perispírito de Kardec, que é o de um organismo fluídico que relaciona o corpo e o espírito, passível de ser afetado por agentes imateriais, também fluídicos. Os conceitos de saúde e de doença igualmente são equivalentes.[203]

Damazio acredita que pela proximidade filosófico-conceitual existente entre os espíritas e a homeopatia levou estes a terem nela a sua forma preferencial de tratamento de saúde, constituindo entre os espíritas uma forma da prática de caridade.

Holanda. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 104.

[201]DAMAZIO, 1994, p. 82.

[202] DAMAZIO, 1994, p. 83.

[203] DAMAZIO, 1994, p. 86.

A mediunidade receitista teve grande aceitação e propagação nos meios espíritas no Brasil e grande parte dos nomes mais famosos do espiritismo brasileiro figurou como médiuns receitistas, tais como:

> Francisco de Menezes Dias da Cruz foi médico homeopata que, posteriormente, converteu-se ao espiritismo. Em épocas diferentes ele exerceu a presidência do Curso Hahnemaniano, do Instituto Hahnemanniano e da Federação Espírita Brasileira. Adolfo Bezerra de Menezes foi um médico alopata até se converter ao espiritismo quando, sob inspiração, passou a receitar remédios homeopáticos. Outros vultos importantes da história dos primórdios do espiritismo no Brasil, médicos formados, adotaram a forma homeopática de tratamento de saúde, como Joaquim Carlos Travassos e Pinheiro Guedes – o último defendera tese de doutoramento na área de cirurgia.[204]

Guiumbelli alega que as práticas de receituário mediúnico e atendimentos homeopáticos tinham como função certa forma de mimetismo com a medicina oficial, contrapondo-se os procedimentos que aqui denominaremos de "ritualísticas"[205] médicas, pois o paciente/atendido era recebido pelo "médium curador", "o médium diagnostica uma doença e receita um medicamento",[206] e como forma de reforçar esse mimetismo proposto, "geralmente a entidade incorporada no médium a quem se atribuía tanto o diagnóstico quanto a receita, teria vivido sua última encarnação como médico".[207]

É o caso de diversos espíritos como Dr. Clemente, espírito que atuava junto ao grupo de Parnaíba nas curas e receitas; de Dr. Bezerra de Menezes que, enquanto vivo, praticou a medicina e se tornou ícone do espiritismo e, após morto, é apropriado como médico espiritual pelos espíritas; de Dr. Francisco de Menezes dias da Cruz que, enquanto vivo, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas, falecido na década de 1870, também se torna "médico espiritual",[208] assim como outros nomes conhecidos e desconhecidos do público brasileiro. Esse mimetismo funciona como legitimação dessa prática frente ao grande público.

De fato, a mediunidade receitista aplicada pelo Centro Espírita Perseverança no Bem de Parnaíba não era algo exclusivo dela, pelo contrário, configurava como algo corriqueiro no meio espírita vigente no país. Aqui, o médico espiritual evocado pelos confrades da sociedade espírita era o Dr. Clemente, como comprova a seguinte passagem da ata de reuniões do centro:

---

[204] DAMAZIO, 1994, p. 87.
[205] Entendemos ritual de acordo com procedimentos padrões que seguem uma ordem estabelecida.
[206] GUIUMBELLI, 2006, p. 288.
[207] GUIUMBELLI, 2006, p. 288.
[208] GUIUMBELLI, 2006, p. 288.

> Comunicou-se por intermédio de Alarico Cunha o espírito do Dr. Clemente que deu receitas para os seguintes doentes: 1. Onofre Fernandes; 2. Balbina Oliveira; 3. José Cesário Máximo Barreto; 4. Justino Costa; e 5. B. Simão.[209]

Os atendimentos de médiuns receitistas eram oferecidos à população carente da cidade e também aos confrades que assim desejassem de ajuda das receitas mediúnicas homeopáticas. Em análise das atas do Centro Espírita, essa prática se perpetuou desde a fundação do centro até o início da década de 1920, não aparecendo mais nos registros do centro comunicações de Dr. Clemente, o que não garante que a prática tenha acabado.

Outro fato que comprova a ligação do espiritismo com as ideias curativas e homeopáticas foi a abertura, no mesmo centro, de um "um dispensário homeopático – Doutor Clemente – a cargo do irmão Chagas Melo",[210] que garante a ligação com a homeopatia e a valorização da figura espiritual de dr. Clemente, já que o dispensário, espécie de farmácia, levava seu nome.

Esse quadro de curandeiros, exercício ilegal da medicina e receituários mediúnicos, não estava restrito aos debates médicos do século XX. Pereira Vianna, médico brasileiro do período imperial, afirma ser a *ignorância e a ingenuidade* os fatores que mais levariam a existência desses grupos no país, e que tais pessoas não necessariamente seriam apenas iletradas ou do interior brasileiro, mas também "de gente *classificada* que buscava consultas com os curandeiros na capital da República!".[211] Longe de ser algo relativo à república e ao fim do século XIX, a prática de cura era realizada por pessoas não autorizadas ou formadas em cursos acadêmicos. Isso existia desde antes da independência, devido à escassez de médicos formados, como mostra Marcos Moreira Marques em trabalho sobre Adolfo Bezerra de Menezes:

> Cabia à fisicatura determinar quem podia e o que podia fazer cada um dos profissionais envolvidos com as artes de curar. Desta forma, podia-se vislumbrar a existência dos médicos, a quem competia atuar clinicamente e prescrever remédios, dos boticários, cuja função era manipular e vender os medicamentos e dos cirurgiões a quem cabia cuidar de moléstias externas. cabia à fisicatura determinar quem podia e o que podia fazer cada um dos profissionais envolvidos com as artes de curar. Desta forma, podia-se vislumbrar a existência dos médicos, a quem competia atuar clinicamente e prescrever remédios, dos boticários, cuja função era manipular e vender os medicamentos e dos cirurgiões a quem cabia cuidar de moléstias externas. No entanto, como herança daquilo que se constituiu como o conjunto de

[209]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 20 jun. 1919. p. 47.
[210]CUNHA, Higino. *História das religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. p. 153.
[211]PEREIRA NETO, André Faria. *Palavras, intenções e gestos*: os interesses profissionais da elite médica: Congresso nacional dos práticos (1922). Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002. p. 108.

> conhecimentos e práticas de cura na Colônia, e que apresentamos como a segunda razão para as dificuldades enfrentadas por aqueles que terminavam os cursos de medicina no Brasil, havia também os sangradores, que podiam sangrar e aplicar sanguessugas e ventosas, as parteiras, que ajudavam as mulheres a parir, os curandeiros, que podiam cuidar das doenças leves e aplicar remédios feitos com plantas medicinais nativas, ou ainda os licenciados a tratar moléstias específicas como a embriaguez ou a morfeia (lepra), e que se constituíam nos profissionais a quem a maioria da população recorria atendiam pessoas a quem os médicos não tinham conseguido curar.[212]

Destarte, podemos notar que desde o início do século XIX as artes de cura não estavam restritas aos médicos formados academicamente.[213] Estes, por vezes, não conseguiam garantir as curas desejadas dos pacientes, uma vez que tinham uma relação de desconfiança para com os médicos, enquanto com os curandeiros e suas variantes terminologicamente distintos tinham uma relação de confiança e entendimento dos problemas enfrentados por eles.[214]

Assim, tornou-se comum por diversos anos a prática do receituário mediúnico entre os espíritas, o que na tese de Damazio serviu de ligação entre as elites letradas, praticantes da doutrina recém chegada ao Brasil e as camadas pobres da população.

> A prática homeopática mediúnica, apesar de todas as pressões que iam dos sermões dominicais católicos contra o espiritismo até aos processos por exercício ilegal da medicina, intensificou-se [...] popularizava-se o tratamento homeopático receitado pelos médiuns. Ao menos no que se refere a classes populares – com pouca instrução para apreender o conteúdo 'científico' da revelação – a partir de 1900, a expansão do espiritismo no Rio de Janeiro deveu-se muito à pratica da homeopatia pelos médiuns, prática que iria intensificar-se nas décadas seguintes.[215]

Entende-se, dessa maneira, que o espiritismo se liga à ideia do curandeirismo, da homeopatia e das disputas simbólicas no campo da cura, fazendo oposição aos saberes médicos. Esse quadro vai mudar, pois outro argumento seria acionado, o da "loucura espírita".

Guiumbelli demonstra que as perseguições aos médiuns receitistas, prática considerada como exercício ilegal da medicina, como demonstrado pela análise do Código Penal de 1890, deram lugar a outras formas de condenação. Assim, o espiritismo deixa de ser questão de polícia e passa a ser questão de saúde mental:

> Nas décadas de 1920 e 1930, outro argumento vai ser acionado: o espiritismo constituiria um fator de degeneração mental e a mediunidade

---

[212] MARQUES, Marcos Moreira. *A cura do corpo, da cidade e da alma*: medicina, política e espiritismo em Adolfo Bezerra de Menezes. Salvador: Saga, 2019. p. 42-43.
[213] MARQUES, 2019.
[214]PEREIRA NETO, 2002, p. 113.
[215] DAMAZIO, 1994, p. 96.

> ficaria associada à loucura. Em nome disso, incluiu-se o espiritismo em campanhas de 'higiene mental' e atenção particular foi dada aos médiuns que circulavam por instituições psiquiátricas.[216]

Concluímos que os médicos, assim como os espíritas, buscavam legitimar suas práticas sociais e disputavam o mesmo espaço, o campo da cura e o imaginário popular sobre o poder curativo. A quem cabia esse lugar social? Era esse o debate, se aos médicos ou aos espíritas. Os primeiros utilizaram-se, então, dos meios legais para impor aos espíritas um obstáculo nessa legitimação, acionando posteriormente uma outra classe de médicos que também buscava se legitimar, os psiquiatras.

Dessa maneira, adentraremos a essa nova etapa da análise dos argumentos condenatórios ao espiritismo, percebendo os embates específicos travados entre a psiquiatria e o espiritismo.

3.2.1 "A loucura espírita": espiritismo e Psiquiatria

Os debates entre espíritas e psiquiatras datam do mesmo período que o debate médico, mas sua intensificação se dá nos anos 30 e 40 do século XX. Como demonstra em sua tese, *Uma fábrica de loucos*: espiritismo x psiquiatria no Brasil (1900-1950), Angélica Almeida vai tratar do tema e desses embates, construídos sobre a égide teórica das disputas por campos de atuação, Bourdieu, e das lutas por representação, Chartier, Almeida[217] apresenta o embate que marcou esse período.

Contudo, apesar de marcar e se acirrar nesse momento da história, a associação entre espiritismo e loucura data desde os tempos de sua fundação e tem tanto quanto as ideias espíritas se difundido desde então. A prova disso é a associação feita por um jornalista piauiense em 1879: "O espiritismo está muito em voga lá pela Parnaíba, onde vai produzindo lamentáveis loucuras".[218] Psiquiatras vão entrar no século XX nos embates com os espíritas por diversas razões, algumas das quais serão apresentadas de maneira resumida aqui, não sendo o tema principal deste escrito, mas sendo tópico importante para o entendimento da situação e das associações.

---

[216] GUIUMBELLI, 2006, p. 284.
[217] ALMEIDA, 2007.
[218] NOTICIÁRIO defesa prévia. *A Época*. Teresina, ano 2, n. 42, p. 4, 18 jan. 1879.

Introduzimos essa análise apresentando as semelhanças entre os grupos divergentes. Almeida nos lembra que espíritas e psiquiatras, além de diferenças, apresentavam também semelhanças em seus objetivos:

> De acordo com as pesquisas até agora realizadas sobre o tema, pode-se perceber que, no Brasil, a psiquiatria e o espiritismo do início do século XX compartilhavam alguns pontos em comum. Ambos eram representados basicamente por integrantes das classes médias e intelectualizadas; nesta mesma época, tanto a psiquiatria como o espiritismo estavam definindo as suas identidades na busca de inserção e reconhecimento dentro da sociedade brasileira. Os dois grupos almejavam um *status* científico e possuíam visões concorrentes sobre a mente e as doenças mentais.[219]

Esses dois grupos disputavam hegemonia quanto as questões da mente, expressas principalmente por meio da mediunidade. Os psiquiatras, por meio da sua colocação como legítimos representantes do saber médico no campo dos tratamentos para os males mentais, e os espíritas, disputavam lugar enquanto conhecimento religioso e científico. Almeida nos lembra que o próprio Kardec posiciona o espiritismo e sua principal publicação, a revista espírita, como "Jornal de Estudos Psicológicos", pois para os espíritas, "a mente humana seria uma manifestação do 'espírito' imortal ligado temporariamente a um corpo físico".[220] Portanto, os espíritas poderiam e teriam como ter domínio sobre ela.

Entretanto, apesar de se quererem científicos, espíritas e psiquiatras, na prática não possuíam tantos domínios práticos quanto ao campo almejado: "Nenhum dos dois, no campo específico da mediunidade (se fenômeno espiritual verdadeiro ou loucura), desenvolvia pesquisas originais nessa área".[221] A grande maioria das pesquisas advinha do exterior, dos Estados Unidos e da Europa.[222] Portanto, neste momento, os conhecimentos estavam em suma, sendo apresentados no âmbito das representações e dos discursos e, dessa forma, "buscavam sua inserção na sociedade brasileira e disputavam autoridade científica no campo da ciência, notadamente nos domínios da abordagem e terapêutica da loucura".[223] Entendendo que o resultado dessa disputa "conferiria ao grupo hegemônico a legítima autoridade para se pronunciar sobre a relação mente-corpo e sobre a etiologia das doenças mentais",[224] para isso os campos vão acionar diversos instrumentos teóricos e discursivos que corroborem com suas teses e estratégias, sobre os quais discorreremos a seguir.

---

[219] ALMEIDA, 2007, p. 42.
[220] ALMEIDA, 2007, p. 98
[221] ALMEIDA, 2007, p. 43.
[222] A autora aprofunda em sua tese os autores, médicos e teóricos que corroboraram, divergiram e trabalharam essas noções. Como não é o foco principal da dissertação, deixarei a cargo do leitor esse aprofundamento.
[223] ALMEIDA, 2007, p. 44.
[224] ALMEIDA, 2007, p. 44.

Como ponto de partida, lançamos mão das estratégias dos psiquiatras, as quais se organizavam em quatro. A primeira estratégia consistia em "tentar fornecer uma explicação material para os fenômenos mediúnicos, retirando qualquer possibilidade de uma influência extra material".[225] Dessa forma, as comunicações que os espíritas atribuíam aos espíritos não passariam de fraude ou o subconsciente do médium se manifestando. A segunda estratégia foi a associação entre as atividades mediúnicas e/ou a frequência em centros espíritas como fator de risco para o desenvolvimento de loucuras. A terceira estratégia, por sua vez, compreendia em "classificar o espiritismo como uma religião primitiva e mística, retirando-lhe qualquer pretensão científica e caracterizando suas atividades de cura como exercício ilegal da medicina".[226] Já a última estratégia foi a tentativa de aproximar o espiritismo do que "havia de pior na sociedade, os valores da cultura negra".[227] Todas essas estratégias foram acionadas em algum momento e, de alguma forma, com o intuito de afastar o espiritismo do campo pretendido.

Os espíritas, por sua vez, também vão utilizar estratégias discursivas para rivalizar com esse campo médico em específico. A primeira delas foi a tentativa de, segundo Almeida, "relativizar a autoridade científica da psiquiatria" apresentando os pontos em que o diagnóstico e o tratamento da loucura eram deficientes, mostrando "os benefícios da complementariedade entre as teorias médica e espírita".[228] Já a segunda seria a apresentação de argumentos que invalidariam "estatísticas médicas que definiam ser o espiritismo a terceira maior causa de loucura" através da contra argumentação dos benefícios do espiritismo para a saúde mental.

A caridade aparece como uma estratégia dos espíritas como forma de ser útil à sociedade. "Caritativamente, os espíritas mantinham hospitais, realizavam consultas, expediam e aviavam receitas gratuitas. Muitas vezes, atuavam em áreas deficitárias de atendimento público e médico".[229] E, por último, os espíritas buscavam se distanciar de outras religiões mediúnicas, em especial das religiões de matriz africana, a fim de escapar de críticas e preconceitos.

As estratégias foram analisadas pela autora no intuito de entender o decorrer do embate. Entretanto, alguns pontos chamam a atenção e que acrescentariam ao debate. Entre esses pontos estão os tipos clínicos ou diagnósticos médicos que os psiquiatras criaram para

[225] ALMEIDA, 2007, p. 109.
[226] ALMEIDA, 2007, p. 109
[227] ALMEIDA, 2007, p. 109.
[228] ALMEIDA, 2007, p. 109 e 110.
[229] ALMEIDA, 2007, p. 110.

os espíritas, são eles: a *espiritopatia, mediunopatia* e *delírio espírita episódico*.[230] Esse último, apresentado como o mais comum deles, foi defendido por Henrique Roxo, médico psiquiatra combatente da "loucura espírita":

> *Delírio espírita episódico* entendo uma doença mental que se caracteriza por um delírio que surge de repente em consequências de um choque emotivo, o qual se fundamenta em alucinação e é um pouco duradouro, tendo, no entanto, a capacidade de se repetir com relativa facilidade.[231]

Os tipos clínicos ganharam de Roxo ainda um tratamento medicamentoso como forma de combater o mal que assolava o paciente. Contudo, os médicos psiquiatras eram enfáticos em dizer que nem todos sofriam com as "loucuras espíritas". Só sofreriam desse mal os chamados "predispostos" e esse grupo seria então formado por "pessoas desequilibradas emocionalmente, com pouca adaptação social, baixo nível de escolaridade e tendências para o misticismo".[232] Então, para eles, três agrupamentos específicos predispostos seriam os alvos preferenciais: "as classes sociais economicamente inferiores, os negros e as mulheres".[233]

As questões raciais dominaram os debates médicos e sociais no início do século XX. Utilizando-se de um modelo de análise social que entende o indivíduo como resultado de atributos específicos de sua raça, a "suposta inferioridade racial dos negros" passou a predominar "no discurso científico da época, todos os seus hábitos passaram a ser um importante objeto de investigação".[234]

O Brasil passou a ser visto como um campo a céu aberto de análise e entendimento sobre as questões de raça, miscigenação e as influências do clima, costumes e hábitos, por serem vastos e diferentes com pessoas vivendo nas mais diferentes condições e, por conta disso, era preciso "adotar medidas científicas e racionais para ordenar a sociedade",[235] sendo a religião dos negros uma das questões a serem analisadas se eram causadoras de loucuras.

No discurso médico psiquiátrico, ocorreu a tentativa de homogeneizar diferentes religiões de caráter mediúnico como o espiritismo, umbanda e candomblé. Algo já debatido nesse texto, todos sob a denominação de "espiritismo", "as heterogeneidades dessas correntes religiosas em termos de origens, práticas e crenças distintas foram repetidamente ignoradas dentro de uma estratégia simplificadora".[236]

---

[230] ALMEIDA, 2007, p. 132.
[231] ROXO, Henrique apud ALMEIDA, 2007, p. 134.
[232] ALMEIDA, 2007, p. 136.
[233] ALMEIDA, 2007, p. 136.
[234] ALMEIDA, 2007, p. 136
[235] ALMEIDA, 2007, p. 137.
[236] ALMEIDA, 2007, p. 138

No sentido contrário, os espíritas se colocavam estrategicamente longe dessas denominações religiosas, apresentando-se, no Brasil, como "uma religião de elite, professadas por pessoas boas, brancas, dedicadas ao bem, com práticas mediúnicas controladas e socialmente aceitas".[237] Nessa marcha de distanciação das religiões mediúnicas, os espíritas, muitas vezes, se aproximavam dos discursos médicos "exaltando as suas características tidas como positivas e denegrindo/segregando as práticas diferentes, apoiando as atividades repressivas".[238] Assim, os adeptos do espiritismo assumiram uma postura discriminatória em relação às outras religiões mediúnicas que, de certa forma, se perpetua até os dias de hoje.

Isso era feito, já que tais movimentos médicos não faziam nenhum tipo de diferenciação quanto aos caracteres da mediunidade, os quais eram apresentados por cada grupo religioso, colocando-se todos em um único lugar social, isto é, o de serem fatores de risco para a loucura.

Além dos negros, outro grupo bastante entendido como predisposto às ideias espíritas foram as classes de indivíduos com baixo nível de instrução. O argumento mais acionado pelos psiquiatras "seria a falta de adaptação social desses indivíduos na sociedade".[239] Mesmo admitindo que o espiritismo não se restringia apenas a essas classes populares e que também eram praticados pelas classes médias e elites letradas, como já dito no texto, algumas teses apareceram no sentido de justificar a adesão dessas classes pela "influência deletéria que os empregados exerciam sobre os patrões".[240]

E, por último, o grupo das mulheres, o qual também foi considerado como predispostas ao espiritismo e ao desenvolvimento da "loucura espírita". Aqui, abriremos um pequeno parêntese textual para lembrar que os movimentos espiritualistas que datam dos anos de 1840 nos Estados Unidos tiveram como pontapé inicial a presença das irmãs Fox, bem como na Europa, nesse mesmo período, eram estudados os eventos sonambúlicos com uma presença massiva de mulheres. Kardec, em seu processo de elaboração do espiritismo, contou com uma presença constante de médiuns mulheres. Dessa forma, a lembrança desses eventos coloca as mulheres em local privilegiado na doutrina espírita.

Os médicos argumentaram que "como as mulheres eram consideradas mais debilitadas psicologicamente e por isso mais propensas às crises histéricas",[241] elas passaram a ser objeto de análise e observação como predispostas. Contudo, Almeida entende que a busca das

[237] ALMEIDA, 2007, p. 138
[238] ALMEIDA, 2007, p. 138.
[239] ALMEIDA, 2007, p.144.
[240] ALMEIDA, 2007, p.144.
[241] ALMEIDA, 2007, p.145.

mulheres pelo espiritismo se dá por outros fatores, entre eles a valorização feminina na doutrina, como exposta acima e também:

> Podemos levantar a hipótese de que essa valorização da mulher pode ter contribuído para a procura pelo espiritismo por esse grupo, especialmente no período em questão. Dentro do movimento espírita, elas obtinham *status* social, respeitabilidade, podiam falar em público e expor idéias revolucionárias que, às vezes, atribuíam aos "espíritos". Não estamos, com isto, excluindo a existência de outros fatores motivadores para as mulheres procurarem o espiritismo.[242]

As hipóteses médicas apresentadas podiam se basear nos entendimentos da época quanto a fragilidade das mulheres, sempre ligadas aos conceitos sentimentais e, por isso, mais propensas a aceitarem acreditar em "misticismos" e mentiras. Contudo, entende-se que as mulheres optaram ou aproximaram-se mais do espiritismo por desenvolver ali um papel se não igualitário, minimamente próximo disso para com os homens. Tentaremos aprofundar mais sobre o papel feminino ao analisarmos as fontes primárias sobre o Piauí e o espiritismo no próximo capítulo.

Os debates se seguiram, acirrando-se em fins dos anos 30 e início dos anos 40. Isso ocorreu, inclusive, com a participação governamental do Estado Novo na tentativa de regularização e normatização das ações Espíritas, oportunidade em que a Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, conseguiu, por fim, agregar, em torno de si, grande parte das representações Espíritas do país, tópico que ainda será detalhado e trabalhado.

Por fim, podemos concluir que, "quando o debate entre médicos e espíritas atingiu seu auge, o espiritismo no Brasil ainda se encontrava num complexo e conflituoso processo de encontrar sua própria identidade".[243] Processo esse, no entanto, que só vai arrefecer na década de 50, mesmo período em que a psiquiatria se desinteressou pelos estudos mediúnicos, como mostra Guiumbelli:

> Após os anos 50, o saber psiquiátrico se desinteressaria pela mediunidade e as instituições médicas tematizariam em outros termos a sua relação com a população; mas a associação entre espiritismo, por um lado, e, por outro, curandeirismo e problemas mentais nunca foi totalmente abolida.[244]

Almeida apresenta as razões para tal, com uma citação pouco extensa, mas que nos trará respostas rápidas:

> Alguns fatores colaboraram para isto: o primeiro, seria a opção do espiritismo de legitimar-se primordialmente dentro dos domínios do campo religioso brasileiro, deixando de lado muitas das suas pretensões científicas.

---

[242] ALMEIDA, 2007, p.74.
[243] ALMEIDA, 2007, p.143.
[244] GIUMBELLI, 2006, p. 284.

> O segundo seria a obtenção por parte da psiquiatria de uma maior consolidação no meio acadêmico, adquirindo maior respeitabilidade científica e social, bem como o desenvolvimento com sucesso de terapias medicamentosas. Por fim, a adoção de uma visão mais antropológica e culturalista no trato das questões religiosas por parte dos psiquiatras. A religião começou, gradativamente, a ser vista como um possível agente colaborador no processo de tratamento dos doentes.[245]

Os campos em disputa acabaram tomando caminhos diversos. O espiritismo, por razões ainda a serem analisadas, tomou o caminho da religião, resguardando-se no ideal de liberdade religiosa. A psiquiatria, por sua vez, conseguiu, através das descobertas dos primeiros medicamentos suficientemente eficazes e da inserção de disciplinas de psiquiatria nos currículos médicos, o domínio sobre o campo da mente, embora os espíritas e seus entendimentos ainda permeiem as mentalidades brasileiras.

Dando continuidade ao nosso processo de entendimento dos embates dos espíritas e aproveitando-nos dos escritos de Almeida, nosso tópico seguinte tratará das questões envolvendo espíritas e católicos, religião hegemônica no Brasil. Os católicos, vale ressaltar, serão peça necessária à formatação dos espíritas enquanto grupo social brasileiro:

> A Igreja Católica teria aproveitado o debate em torno da 'loucura espírita' para incorporar muitos desses argumentos ao seu discurso de combate ao espiritismo. Buscava legitimar suas ideias sobre os inconvenientes da nova doutrina através de pressupostos ditos científicos, conseguindo maior credibilidade.[246]

Assim, podemos compreender que os embates médicos com o espiritismo não cessaram, pois muitas questões posteriores vão pôr esses embates ainda à luz da imprensa. Médiuns como Zé Arigó, José de Deus e outros tantos "médicos espirituais" que eram, ou se diziam espiritualistas, vão movimentar a cena desses embates durante o século XX e XXI, mostrando que as práticas e os debates em torno dessa questão persistiram, não na mesma força e intensidade que nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, focaremos agora nos embates religiosos.

3.3 Em busca do seu lugar, os embates religiosos entre o espiritismo e o catolicismo

A Igreja Católica sempre defendeu seus dogmas e interpretações da Bíblia. Herdeira do mundo romano, adquiriu estrutura que um dia aquele império possuiu. Entre párocos,

[245] ALMEIDA, 2007, p. 204.
[246] ALMEIDA, 2007, p. 116.

bispos, arcebispos e papas, adquiriu magnânimo arcabouço e correlações políticas, sociais e religiosas importantes no mundo ocidental, mundo esse que ela foi um dos principais agentes formadores.

Pensando dessa maneira, a Igreja Católica Apostólica Romana foi e é uma das mais importantes religiões até os dias atuais. Ao tempo do surgimento do espiritismo, no século XIX, tal influência afetava de maneira direta a aceitação ou não de novas ideias e formas de pensar, representando quase sempre o lado conservador do pensamento social.[247]

É importante definir a importância e o peso histórico que possuía a Igreja Católica na sociedade piauiense, a começar da própria colonização do território piauiense, desbravada primeiro pelos jesuítas da missão Ibiapina,[248] sendo eles alguns dos fundadores da vila da Mocha, hoje Oeiras e primeira capital do estado.

A Igreja ocupava, na época, posição central nas relações pessoais e sociais dos piauienses. A exemplo, temos a fundação da atual capital do estado, Teresina. Em relatório escrito pelo governador Saraiva, idealizador da mudança, a Igreja do Amparo, matriz da cidade, foi um dos primeiros prédios da nova capital a ficarem prontos:

> Dentre todos os edifícios públicos de Teresina cabe a primazia à igreja do Amparo, cuja pedra fundamental foi lançada aos 25 de dezembro de 1850. Saraiva na sua fala de 3 de julho de 1851, diz que 'em dezembro retirou-se o mestre de obras para o Poti a fim de construir a nova Matriz, que por subscrição já se acha adiantada'. Em dezembro de 52 foi inaugurada a igreja e elevada à categoria de Matriz da cidade. Tinha pronta apenas a Capela-mor. [...] É um edifício cuja identificação hoje, decorridos cem anos, não oferece a menor dificuldade. A igreja do Amparo, com algumas modificações imprimidas no decorrer dos tempos, é hoje a mesma da pedra fundamental de 1850, no mesmo local da fundação.[249]

Tendo local central na fundação da nova capital, a igreja ganhou também centralidade na vida da população. Com o correr das décadas, tornou-se espaço de sociabilidade, de culto e de formação de opiniões. Era a oportunidade que as famílias tinham de congregar, local que as mulheres poderiam "flanar" suas modas metropolitanas e os homens discutirem a política e o sermão do padre. Como demonstra Áurea da Paz Pinheiro em tese de doutorado sobre

---

[247] Discorrendo sobre o conceito de conservadorismo, entendemos que o pensamento conservador ou a atitude conservadora está sempre atrelado à manutenção do que já está socialmente estabelecido, não havendo para o conservador a necessidade de mudança ou, ainda, sendo um ultraje mudar e modificar a forma como pensa e age socialmente.

[248] CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de. *História episcopal do Piauí.* Teresina: Edição da Academia Piauiense de Letras, 1980.

[249]CHAVES, Joaquim Raimundo Pereira. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 28.

Abdias Neves, um dos inúmeros personagens piauienses no alvorecer do século XX, literato e anticlerical que assim descreve o dia a dia da cidade de Teresina:

> Ao descrever o dia-a-dia da cidade de Teresina, o romancista destaca, entre outros fatos, o toque dos sinos das igrejas, a figura do acendedor de lampiões, com sua escadinha ao ombro, época em que a iluminação pública se limitava à Praça da Constituição. Abdias mostra a igreja matriz do Amparo e suas festas de grande concorrência de homens, mulheres, velhos e crianças, ocasião em que a cidade mostrava elegância e boa aparência, 'apurava-se na toilette', 'enfeitava-se'. A elite esbanjava a moda dos grandes centros do país, influenciada pela moda e costumes europeus. Usava-se '[...] sedas, veludo, perfumaria, ceroulas de linho, relógio [...]'.[250]
> O Templo católico sempre cheio e, ao término do culto religioso, os passeios no adro da Igreja, descontração e sociabilidades, encontros e namoros, passeios de braços dados entre as amigas, conversas inflamadas sobre política e sobre a vida alheia.[251]

Como podemos perceber, a Igreja Católica está no centro da vida social da população piauiense. Contudo, contra ela e as suas ideologias propiciaram o desenvolvimento, desde meados do XIX, do sentimento anticlerical dos livres pensadores, movimento que surge na Europa, influenciado pelos avanços científicos da época.

Esses avanços provocaram um recrudescimento nas pretensões de guia das mentes humanas que a Igreja Católica possuía. A completa negação e condenação por parte da instituição católica do que era posto como verdade científica a prejudicou, pois, tais verdades entram em choque, opondo-se como rivais a Igreja e a modernidade.

Dessa maneira, desencadearam desde então um movimento que assume:

> [...] Vulto e agitações nos primeiros anos do século corrente [o autor se refere ao século XX] com a campanha e as medidas do ministro Émili Combes contra as congregações religiosas; fecham-se milhares de escolas católicas, proíbe-se o ensino religioso nas escolas públicas, em continuação, aliás, da política do partido liberal pela supressão da Companhia de Jesus e a abundante legislação do ministro da instrução Jules Camille Ferry quanto ao ensino. Desdobra-se essa luta por todo o século e vem ao presente, com surtos nas diversas ocasiões, na Itália, na Espanha, Portugal, Bélgica, Áustria por inspiração liberal, maçônica ou socialista e, em certos aspectos atingindo protestantes e judeus [...].[252]

Ações como o fechamento de escolas católicas e a supressão do campo de atuação da Companhia de Jesus referem-se ao desenvolvimento das atitudes anticlericais. A primeira medida e mais importante a ser tomada seria a separação da Igreja e do Estado, ou seja, a

---

[250]PINHEIRO, Áurea da Paz. *O desmoronar das utopias*: Abdias Neves (1876-1928), anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX. 2003. 241 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 75.
[251] PINHEIRO, 2003, p. 78-79.
[252] AZEVEDO apud PINHEIRO, 2003, p. 47.

secularização das instituições públicas, o rompimento definitivo entre Igreja e Estado. Pinheiro escreve sobre tal ideia:

> Desse modo, para os livres-pensadores, era necessário que a sociedade civil se tornasse independente de qualquer influência da Igreja, tendo em vista que tal influência era considerada maléfica, perniciosa, daí divulgarem ideias de separação entre Igreja e Estado e serem hostis à ingerência do clero na vida privada ou nas atividades públicas.[253]

Dessa forma, podemos ter um panorama da situação desses dois ideais na época. Por um lado, o catolicismo tentando defender suas ideias e dogmas frente a um mundo em constante mudanças, e de outro as ideias científicas e de modernização do mundo defendendo sua secularização e a divisão dos poderes.

No Piauí, esses dois opostos estavam bem presentes e foram definidos por inúmeros autores, destacando-se Teresinha de Queiroz em *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo.[254] Aqui, há uma explanação pelas palavras de Pinheiro:

> No Piauí, as polêmicas anticlericais foram capitaneadas por bacharéis, políticos e literatos formados, basicamente, pela Faculdade de Direito do Recife. Esses intelectuais voltaram-se para a produção de temas religiosos, num momento em que as forças católicas organizaram-se em moldes do universalismo romano, ou seja, o ultramontanismo.[255]

O ultramontanismo foi o movimento de reforço aos valores católicos, em contradição ao mundo moderno, nos termos de Pinheiro:

> Apregoava uma adesão total e incondicional ao papa, dentro de uma igreja de caráter universal sob orientação da Santa Sé. A igreja ultramontana pretendeu um controle sobre o mundo moderno e procurou esse controle em vários segmentos da sociedade civil, seja censurando a imprensa anticlerical considerada ímpia, ou controlando as publicações e as leituras feitas pelos fiéis.[256]

Assim agia a Igreja Católica em tempos ultramontanos. Em caráter missionário, o clero católico tentava a todo custo restaurar as estruturas antigas e negar os avanços tecnológicos e científicos. Para isso, utilizava-se das mesmas armas que seus adversários: pensadores que pudessem desenvolver teses e combater na imprensa, em palestras abertas e nos altares das igrejas, as ideias anticlericais. Parte desses pensadores pertencia, de fato, ao clero. Eram padres e bispos ou apenas intelectuais ligados à causa católica:

---

[253] PINHEIRO, 2003, p. 47.
[254] QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República:* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.
[255] PINHEIRO, 2003, p. 48.
[256] PINHEIRO, 2003, p. 48.

> Frente a uma sociedade cada vez mais secularizada, a Igreja colocava-se em estado de missão, buscava o engajamento de intelectuais católicos, que fossem capazes de sistematizar a intervenção da instituição eclesiástica nas escolhas éticas, sociais e políticas dos homens comuns. Esses intelectuais deveriam mediar a relação entre a religião, que propunha a salvação num momento futuro, e a política, que propunha e reagia a sorte dos homens no tempo presente.[257]

O principal palco de disputa desses dois projetos sociais era a política, cada um encabeçado por um partido político. Eles alternavam-se nas disputas de poder entre situação e oposição. Os católicos agremiaram-se em torno do partido da União Popular e os anticlericais em torno do Partido Republicano. Assim, seus projetos sociais estavam postos para os interessados no debate e não apenas na forma de disputas ideológicas, mas, de forma concreta, ideias que poderiam alterar a vida cotidiana da população piauiense.

É de suma importância definir os conceitos de clericalismo e anticlericalismo. Esses termos são compreendidos como contemporâneos e complementares, congregam em si ideias que se opõem e complementam, pois são movidos por chaves de ideias que estão sempre presentes nas polêmicas que envolveram os dois grupos que a compuseram. "Nesses debates, foram alvos de críticas os votos perpétuos, o celibato, o batismo, o jesuitismo, o ultramontanismo e as ordens religiosas",[258] sendo o principal alvo desses debates de ideias contrárias o papel da religião na sociedade, que não foi negado, mas limitado.[259]

Isso quer dizer que os anticlericais, aqueles que se colocavam na condição de novos pensadores e adeptos da modernidade trazida pelo cientificismo, queriam transformar de todas as formas o mundo estabelecido e "comandado" pela Igreja Católica. Eles desejavam isso, não negando o papel ou a importância da religião para as sociedades,[260] mas questionando o papel que a instituição católica tinha na formação do mundo naquele momento, o que, no entender deles, era o de atrasar o desenvolvimento científico e o de ludibriar as populações em verdades que não eram comprovadas cientificamente.

Enquanto os clericais estavam agremiados em torno da instituição católica e do partido da União Popular, os anticlericais e livres-pensadores organizavam-se em torno da maçonaria, instituição de caráter iniciativo, envolta em muitos mistérios e segredos, mas que era local de debate de ideias e pensamentos divergentes. Essa instituição não defendia ideal religioso algum, pelo contrário, deixava que seus agremiados praticassem a liberdade de pensamento.

---

[257] PINHEIRO, 2003, p. 52.
[258] PINHEIRO, 2003, p. 50.
[259] PINHEIRO, 2003, p. 50.
[260] Eram eles defensores também dos ideais da revolução francesa, a mesma cooptou a criação de uma religião estatal.

Por ser liberal, possibilitou a aproximação de muitos pensadores e anticlericais, tornando-se, dessa forma, local de fala de muitos deles. Clodoaldo Freitas, outro livre pensador, contemporâneo de Abdias Neves e de Higino Cunha, assim define a Maçonaria:

> A maçonaria é, entre todas as instituições humanas, a mais elevada e de moral mais pura [...]. A sua caridade é toda altruística e humana e pratica o bem, não visando gozo celeste, porém porque entende que é obrigação socorrer os que sofrem. Não tem o céu, não tem o inferno: é toda deste mundo, cosmopolita, tolerante. O maçom não tem religião, quer dizer, pode professar livremente qualquer confissão religiosa: pode não professar religião alguma, contando que seja bom, caridoso e justo pela mesma razão, o maçom não tem política: pode seguir qualquer agremiação partidária, contanto que seja adepto da liberdade.
> A maçonaria sempre esteve ao lado dos oprimidos contra os opressores, do lado das vítimas, contra os algozes. A sua história é a história da liberdade contra as tiranias políticas e religiosas. Daí o ódio que lhe votam os jesuítas, os eternos inimigos da liberdade e da justiça.[261]

As palavras de Clodoaldo Freitas eram de um maçom para maçons, ou seja, estava ele falando para os seus em um jornal com esse propósito. Contudo, há de se notar que Clodoaldo Fretas exalta características maçônicas que, em teoria, muito se pareciam com os ideais cristãos. A maçonaria enquanto instituição nunca se pretendeu como a salvadora ou a adversária do catolicismo. Mas os seus membros sim, que viram nela um local de reunião e agremiação para combater suas disputas. Nas palavras de Clodoaldo Freitas, por ser "tolerante" é que a maçonaria, ou melhor, seus adeptos, tomaram partido na disputa entre o novo e a manutenção do estabelecido.

Teresinha Queiroz ressalta que nesse debate de ideias é muito importante que não se façam simplificações dualistas ou maniqueístas sobre a disputa, pois elas se encaixam no contexto de modificações mais profundas do Ocidente moderno, no qual esses dois projetos entravam em choque:

> [...] Simplificações dualistas e maniqueístas passíveis de superação, rico e complexo jogo espetacular, densidade formidável de força utópica, potência idealizadora e regeneradora inegável, reducionismos simplificadores e paródias ingênuas, ao mesmo tempo em que registram e demarcam a imagem da Maçonaria, fornecem o seu contorno privilegiado no imaginário moderno. É nesse enquadramento que se torna possível sua compreensão.[262]

Queiroz e Pinheiro ressaltam principalmente o caráter moderno que tinha a maçonaria, enquanto era a imagem do moderno dos bacharéis do novo século. A sua opositora, a Igreja

---

[261] FREITAS, Clodoaldo apud PINHEIRO, 2003, p. 88.
[262] QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Maçonaria e Sociedade. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História, Literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

Católica, estabelecida como adversária, era o lado conservador da disputa, que buscava se modernizar e mudar as formas de vivenciar os aspectos religiosos após a separação Igreja-Estado. Contudo, esse processo era um processo conservador, que buscava a preservação de dogmas, a preservação dos ideais católicos, principalmente o de obediência papal, que se apresentou principalmente através do movimento Ultramontano. Carlos Alberto de Carvalho Netto, ao analisar a inserção do espiritismo no Maranhão e seus embates, vai definir o ultramontanismo:

> Enquanto uma política de depuração da fé católica, disseminada, no século XIX, pelo papa Pio IX através da Bula Papal *Ineffabilis Deus*, em 1854, na qual se proclamava o dogma da Imaculada Conceição, que associava a autoridade papal ao movimento de Devoção Mariana. Em 1856, outro dogma fora proclamado, o Sagrado Coração de Jesus, em que se unia a figura divina do Cristo à uma essência humana. Mas o grande choque viria mesmo em 1864, com a promulgação da encíclica *Quanta Cura* e seu anexo *SyllabusErrorum*, o 'Sílabo dos Erros', em que a Igreja condenava a maioria das transformações do mundo moderno, do protestantismo ao pensamento liberal, incluindo a maçonaria e, também, o espiritismo.[263]

Dessa forma, entende-se o ultramontanismo como um movimento de reação aos modernismos e contestações que há muito a igreja sofria. Assim, "objetivo principal do ultramontanismo era reforçar o aspecto institucional da Igreja e higienizar as práticas Católicas de influências externas a seus dogmas, como a maçonaria e o espiritismo".[264]

Mas é importante definirmos o conceito e a ação da maçonaria, pois é ela um dos componentes inseparáveis da história das ideias desde o XIX até os dias atuais, segundo Eliane da Moura da Silva:

> A história da maçonaria, do anticlericalismo e do livre-pensamento é também a da cultura, da religião, da educação e do poder na sociedade contemporânea. Sistemas característicos de ideias e teorias, o anticlericalismo e o livre pensamento organizaram-se, em diferentes períodos, como movimentos específicos de feições particulares, sobretudo no final do século XIX e início do século XX, articulando-se, em primeiro lugar, com tendências políticas liberais e radicais como o anarquismo e o socialismo e em seguida, com a Maçonaria e correntes espiritualistas.[265]

A aliança desses pensamentos ao longo do XIX com a maçonaria é o que coloca essa instituição no jogo do qual já participavam essas ideias. Além da maçonaria, a ideologia anticlerical se alinhava aos novos movimentos religiosos surgidos naquela época: as correntes

---

[263]CARVALHO NETTO, Carlos Alberto de. *Entre a mesa e a cruz*: discursos sobre espiritismo no Maranhão no limiar do século XX. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. p. 88.
[264] CARVALHO NETTO, 2017, p. 88.
[265] SILVA, Eliane da Moura da. apud PINHEIRO, 2003, p. 51.

espiritualistas, entre elas o espiritismo, que foram, segundo a Igreja e seus defensores, algumas das armas da maçonaria para combater a Igreja.

> A ação maçônica persiste, continua com toda a intensidade. Tudo o que não é a Igreja Católica, lhe serve de veículo de corrupção; o protestantismo, o americanismo, o modernismo, o socialismo, o niilismo, o espiritismo são seus instrumentos, são aliados seus. Toda a rebelião contra Deus, e contra o bem, serve à Maçonaria.[266]

Assim, percebemos que os movimentos espiritualistas do século XIX são vistos, aos olhos da Igreja e de seus defensores, como instrumentos da maçonaria para a destruição desta, entre os quais está o espiritismo.

Os espíritas, por sua vez, vão se utilizar do grande guarda-chuva de ideias maçônicas e anticlericais para inserir-se nos embates de ideias do período. Para exemplificar, lançamos mão novamente de Carvalho Netto que, ao analisar o periódico *Espírita Riso D'alma*[267] do ano de 1911, mostra-nos que: "Somente de artigos exclusivamente voltados a criticar o catolicismo podemos contar dezesseis, distribuídos entre todas as seis edições analisadas, dando uma média de dois a três artigos com teor anticlerical por edição".[268] Dessa forma, ao lado dos anticlericais, os espíritas colocam-se nos embates religiosos contra os católicos.

No Ceará, a ligação entre maçons, defensores de ideais anticlericais e modernas, e o espiritismo, fica clara, como mostra o sociólogo e professor de História Marcos José Diniz Silva em artigo sobre o espiritismo no Ceará. Ele apresenta uma confluência entre os nomes dos integrantes das diretorias do Centro Espírita Cearense e dos maçons conhecidos da cidade, que frequentavam a Loja Liberdade e a Loja Igualdade, em Fortaleza, sendo seus salões cedidos diversas vezes para as reuniões espíritas.

> Na sede da Loja Liberdade deram-se reuniões diversas do Centro Espírita Cearense. Já o salão da Loja Igualdade, fora importante local de difusão espírita através das conferências de Vianna de Carvalho, nesses anos iniciais. Todavia, se por um lado, esse apoio confirmava a conveniência das afinidades entre maçonaria e espiritismo no escopo de uma nova configuração espiritualista, por outro lado, servia de reforço ao argumento católico do complô maçônico com as forças satânicas para a 'negação cada vez mais geral do cristianismo'.[269]

Dessa maneira, entendemos que os espíritas se aproximaram dos maçons por meio de seus discursos modernos, assim como pela divergência com a Igreja Católica. Não que esses

---

[266]CORRUPÇÃO e restauração. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 155, p. 1, 5 jun. 1910.
[267] RISO D'ALMA: órgão de propaganda espírita. São Luís, 1911.
[268] CARVALHO NETTO, 2017, p. 87.
[269]SILVA, Marcos José Diniz. Do espiritococus à fábrica de loucos: o espiritismo sob a retórica da aniquilação na imprensa católica cearense. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Rio Grande, v. 7, n. 13, p. 95-117, jul. 2015. p. 105.

ideais se aproximassem em si, afinal nem todo espírita era maçom e nem todo maçom era espírita, contudo, havia ali um grupo de convergência social entre eles, principalmente os letrados. A seguir, apresentamos o debate entre a instituição católica e os defensores do ideal espírita, focando nas críticas sofridas pelos espíritas por parte dos defensores do catolicismo.

3.3.1 Acusações católicas ao espiritismo

A inserção do espiritismo no século XIX, em um contexto de expansão da cientificidade, representava ameaça à Igreja Católica. Não se tratava de outra ciência que aprofundava seus estudos e quebrava as barreiras do plano terrestre, mas de estudos que quebravam as barreiras do espírito e lidava com o mundo para além do plano material, com questões de fé, antes áreas apenas visitadas pela Igreja Católica. O espiritismo questionava os dogmas, como o da infalibilidade papal, a visão de Jesus Cristo como homem-deus, a ressurreição, os sacramentos, batismo, eucaristia, crisma, casamento e extrema-unção, além de outros dogmas.

Os questionamentos não eram em âmbito científico, como tantas outras ciências já o faziam, e sim os inquirindo no lugar de religião que se pretendia ciência.[270] Era uma forma de indagar diferente, pois se apoiava nos avanços científicos, nas descobertas e no desenvolvimento de um raciocínio lógico, como nos é dito na matéria de capa do jornal *A Cruz*: "[...] e por mais que se esforcem os concílios, a teoria dos dogmas vai sendo repelida pelas consciências que buscam a liberdade natural de raciocinar".[271] Tendo posto tais argumentos, passaremos à análise das fontes documentais.

Do Maranhão nos chegam apontamentos que versam sobre a curiosidade e estranheza causadas por notícias do espiritismo vindas dos salões europeus e que invadem as discussões e debates católicos de todo o mundo. Inicialmente, são rejeitados pela Igreja Católica por afrontar seus dogmas, como nos mostra uma notícia de 1875, em o *Diário do Maranhão* do dia 29 de junho: "O Sr. Bispo de Antioquia e Madelin acaba de publicar uma extensa Pastoral contra o espiritismo",[272] fato não surpreendente, mas que nos indica a condenação desse

[270]O caráter científico do espiritismo muitas vezes aparecia apenas nos discursos de validação, não existem pesquisas científicas feitas à época e atualmente que comprovassem tais ideias, portanto, a pretensão científica do espiritismo era antes de tudo um discurso de validação baseado nos discursos de autoridades de alguns médicos, cientistas e pensadores como Willian Crookes, Gabriel Delanne entre outros.
[271]DE RELANCE. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.
[272]NOTICIÁRIO. *Diário do maranhão.* São Luís, ano 6, n. 570, p. 2, 29 jun. 1875.

pensamento pouco tempo após a sua formulação oficial[273] em locais distantes da sua região de origem.

Outra notícia que nos chega, dessa vez através do *Jornal de Caxias*, é a de que, no ano de 1896, o pontífice estaria estudando o espiritismo. Essa notícia é escrita da seguinte forma: "Diz-se no jornal que o Pontífice está estudando intimamente o espiritismo com um médium de imediata confiança".[274] Nesse contexto, as teorias e pensamentos espíritas já estavam propagadas pelo globo.

É de se notar que o papa, a autoridade máxima da fé católica, esteja analisando e "pesquisando", inquirindo, sobre uma forma de pensar diferente da sua. De todo modo, a análise e estudo não abalam a fé nas dogmáticas católicas, pelo contrário, o estudo e entendimento do que "enfrenta" a Igreja Católica é necessário para a formulação da defesa e também para a condenação do "inimigo", como demonstramos logo acima. Isso se explica pelos exemplos advindos do início do século XX do Bispo do Maranhão D. Francisco de Paula e Silva, que escreve um livro intitulado de *O espiritismo* com um subtítulo de "um maravilhoso que não é divino".

Carvalho Netto vai resumir seus objetivos em "explicar os fenômenos mediúnicos sob a óptica da teologia católica, reforçando o porquê da proibição da Igreja acerca das práticas espíritas".[275] tendo dois direcionamentos, para católicos e para espíritas. "Para os católicos, era uma fonte de explicações sobre uma questão que se fazia presente naqueles dias. Para os espíritas, a intenção era despertar a dúvida, fazer refletir e, quem sabe, ganhar almas".[276]

Dessa forma, D. Francisco atuava em duas frentes, a primeira se valia do reforço das ideias católicas para os fiéis da igreja, munindo-os de argumentos contra os espíritas, e para os espíritas os embatia de forma "respeitosa" colocando em xeque seus entendimentos e cooptando-os à reflexão, uma verdadeira disputa pelo mercado religioso.

Posteriormente a essa notícia, chega-nos outra, na virada do século e ainda no mesmo pontificado, intitulada a Opinião do Papa Leão XIII sobre o espiritismo,[277] e versa sobre a publicação de um livro de temática espírita do médico Dr. Lupponi, sobre dois papas: Pio IX e Leão XIII. A obra foi condenada por diversos membros da igreja e supostamente pelo antigo papa Pio IX. Em entrevista, o autor do livro, Dr. Lupponi se defendeu:

---

[273] Apenas 18 anos antes era publicado *O livro dos espíritos*.
[274]DIVERSAS notícias. *Jornal de Caxias.* Caxias, ano 1, n. 38, p. 2, 18 jun. 1896.
[275] CARVALHO NETTO, 2017, p. 114.
[276] CARVALHO NETTO, 2017, p. 114.
[277]OPINIÃO do papa Leão XIII... *Jornal de Caxias*. Caxias, ano 12, n. 571, p. 2, 12 jan. 1907.

> Entrevistado este, por Dom Eduardo Chechi, redator do *Giornale d'Itália*, desmentiu redondamente que o papa não tivesse aprovado sua publicação sobre o espiritismo. – não é possível – disse professor Lapponi; que o Santo padre pudesse de qualquer modo censurar a minha obra. 'Já conhecia o livro em sua primeira edição, e o tinha aprovado. E até mesmo mereci louvores da parte do distinto pontífice Leão XIII, que apesar de sua intransigência em várias questões de modernismo declarou várias vezes que a ciência católica não deve ser contrária ao estudo do espiritismo e suas manifestações'.[278]

Assim, podemos entender que, tanto o pontífice Pio IX, quanto Leão XIII entendiam a necessidade do estudo daqueles conhecimentos que os rodeava. O autor continuou sua defesa:

> '*La Civita Católica'* a quem aprouve fazer-me alvo de seus atrasos, diz ter eu afirmado que os fenômenos do espiritismo são manifestações das almas dos defuntos. Eu, porém, nunca afirmei tal coisa. Eu disse que os vivos podem, mediante o espiritismo pôr-se em comunicação com os seres inteligentes do além, seres habitantes de outros espaços, de outros mundos. Nunca falei de defuntos... Por outro lado – continuou o médico do Papa – dentro de pouco tempo publicarei a terceira edição da minha obra, para a qual estou recolhendo novos dados da maior importância. Explicarei assim melhor as minhas ideias a '*La Civita Católica*' e a todos os que, ignorantes e supersticiosos, só querem ver no espiritismo manifestações do diabo e seus satélites.[279]

Assim, encerra-se a reportagem de modo a nos fazer refletir que nas altas cúpulas da fé católica nada é rejeitado como uma mentira, ou deturpação da fé, mas que todo conhecimento pode ser válido em certa medida. Foi o que nos deixou transparecer a fala do médico papal e autor de livro sobre o espiritismo, contudo, não se pode tomar tais falas como oficiais, já que os entendimentos da igreja se davam em direção contrária, principalmente por dois motivos.

O primeiro é a série de condenações aos modernismos expressos na forma das bulas e encíclicas papais, a exemplo da encíclica *Quanta Cura*, que vem acompanhada de uma lista de erros, conhecida como *Syllabus Errorum*, ratificando quais são os erros cometidos até o momento e atualizando os pensamentos católicos para os tempos modernos:

> SÍLABA
> [LISTA] DOS PRINCIPAIS ERROS DA NOSSA IDADE, QUE ESTÃO INDICADOS NAS ALOCUÇÕES CONSISTORES, NAS ENCÍCLICAS E NAS OUTRAS CARTAS APOSTÓLICAS DA SS. SENHOR NOSSO PAPA PIUS IX
> I - Panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto [...]
> II - Racionalismo moderado[...]
> IV - Socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas, sociedades clericais-liberais[...].[280]

---

[278] OPINIÃO do papa Leão XIII... *Jornal de Caxias*. Caxias, ano 12, n. 571, p. 2, 12 jan. 1907.
[279] OPINIÃO do papa Leão XIII... *Jornal de Caxias*. Caxias, ano 12, n. 571, p. 2, 12 jan. 1907.
[280] LA SANTA SEDE. *Encyclic quanto cuidado*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html> Acesso em: 20 jul. 2022

Apresentando assim diversas correntes de pensamento, ideias e ideologias que surgiram durante o século XIX e que mudavam o mundo naquele momento, o segundo motivo e mais direto de condenação oficial ao espiritismo foi a colocação das obras de Allan Kardec e outros autores espíritas no índice de livros proibidos pela Igreja Católica.

Voltando às críticas e embates entre espíritas e católicos, temos notícia de *O Apóstolo* no ano de 1907, que evidencia um resumo da conferência feita no estado de São Paulo, na cidade de Campinas, sobre o espiritismo. Como forma de suscitar a discussão dos fatos, o articulista do jornal, Sr. Vicente Mellilo, inicia seu texto contando os fatores que são comuns às duas doutrinas: "A existência dos espíritos é pois, aceito pela Igreja, que estabeleceu a divisão de tais espíritos".[281] E passa a perguntar-se: "Por que proíbe a prática do espiritismo que se jacta de estabelecer relações com as almas humanas?".[282] E então responde à sua própria pergunta com a declaração a seguir: "Conta então episódios diversos das *mesas girantes*, em que se verifica que os espíritos invocados se manifestam sempre contra a religião e não contra as religiões",[283] o que dá a entender que as manifestações dos espíritos estejam se referindo à religião católica e não a todas ou qualquer outra religião. O articulista mais uma vez dirige a pergunta ao leitor: "Quem, nesse caso, age para enganar os incautos?",[284] e de pronto responde:

> É o demônio, o espírito do mal, pois não se compreende que as almas dos que foram chamados a cumprir um destino além estejam à disposição de qualquer *médium*, muita vez indigno. E a propósito, relembra a apologia do diabo feita por satanistas em diversas literaturas, de Soulié a Carducci. (grifo do autor)[285]

O articulista concluiu seu pensamento e o resumo do congresso da seguinte maneira: "Se os espíritos voltassem com a facilidade que a seita lhes atribui, seria inútil a existência das academias, das escolas e até do sistema processual moderno.",[286] pois que a consulta aos espíritos substituiria a necessidade de aprender e desenvolver conhecimento, em como os processos legais movidos pela justiça poderiam se respaldar em consultas aos espíritos. Dessa forma, nada mais seria preciso fazer além de comunicações espirituais para descobrir verdades ou resolver seus problemas, negando assim a ideia de evolução das sociedades.

---

[281] OPINIÃO do papa Leão XIII... *Jornal de Caxias*. Caxias, ano 12, n. 571, p. 2, 12 jan. 1907.
[282] O ESPIRITISMO. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 9, p. 2, 14 jul. 1907.
[283] O ESPIRITISMO. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 9, p. 2, 14 jul. 1907.
[284] O ESPIRITISMO. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 9, p. 2, 14 jul. 1907.
[285] O ESPIRITISMO. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 9, p. 2, 14 jul. 1907.
[286] OPINIÃO do papa Leão XIII... *Jornal de Caxias*. Caxias, ano 12, n. 571, p. 2, 12 jan. 1907.

Houve também críticas quanto à autodenominação da ideologia espírita como cristã, ou seja, sectária do ideal e propagador das ideias de Jesus Cristo. A dúvida parte principalmente da Igreja Católica:

> O espiritismo se diz cristão, e sua moral – uma moral cristã. É este o passaporte com que se apresenta às consciências timoratas. [...] Ora, o espiritismo, que se esconde atrás do nome de cristão, nada mais é que a destruição da Igreja Católica e o aniquilamento da fé em Jesus Cristo.[287]

A principal crítica que faz o catolicismo à autodenominação de cristão por parte do espiritismo é quanto ao seu caráter espiritualista, ou seja, que tem contato com o mundo espiritual, sendo que tal contado é proibido pela Igreja desde Moisés.

Também era bastante questionado pela Igreja e seus defensores o ideal espírita de se reestabelecer o cristianismo primitivo, sem ministros ou mediadores:

> É a consumação do Cristianismo 'espiritado'; restituído a sua pureza; despojado de todas as escórias, igrejas, dogmas, ritos. Nada de ministros. Consciência, inteiramente desafogada. O espiritismo só reconhece um mediador, o seu médium. Um cristianismo purificado. Mas nem por isso deixa de ser uma 'religião' cristã e de ter uma moral 'cristã'.[288]

E pergunta-se quem pode defender a moral e propagar a fé cristã, tal qual Jesus a revelou, da seguinte forma:

> Mas, de que religião cristã? Do verdadeiro cristianismo, isto é, da religião católica? Jamais; a 'fé nem cousa nenhuma' (!!!). Do protestantismo? Também não, essa tem culto, tem ministro, tem dogmas. Do maçonismo? Menos ainda, porque a seita é a negação de toda a religião, e mais da religião revelada, e Cristo revelou a sua.
> Resta... o espiritismo que se diz cristão.
> Causa espanto, considera um notável escritor, que se dê o nome de cristianismo a uma seita que se propôs antes de mais nada, a destruir a religião do Nosso Senhor Jesus Cristo.[289]

Podemos entender que a principal crítica à aceitação do espiritismo como uma fé cristã parte da necessidade da instituição católica de manter dentro de seus poderes a conceituação de cristão e cristianismo, entendendo que Cristo tenha revelado e legado esse conceito a tal instituição.

Assim, o espiritismo julga-se o restaurador do cristianismo primitivo, pretendendo não ter dogmas, ministro ou organização ministerial. Assim, seria uma afronta à instituição católica e a sua ideologia a aceitação da denominação cristã, tal qual foi anos antes a aceitação do protestantismo enquanto religião e principalmente da liberdade de interpretação bíblica.

---

[287]CHRISTÃO?. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 44, p. 4, 22 mar. 1908.
[288]CHRISTÃO?. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 44, p. 4, 22 mar. 1908.
[289]CHRISTÃO?. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 44, p. 4, 22 mar. 1908.

Outro ponto a ser tratado nesse item é quanto às defesas espíritas das acusações religiosas que ela recebera. A defesa espírita contra essas falas de acusação parte de diversas origens, principalmente de seus órgãos de propagação e propaganda. Em nosso corpo documental, o principal e único desse tipo é o jornal *A Cruz*, de Amarante,[290] Órgão do Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade da mesma cidade.

Havia, principalmente, a tentativa do debate de ideias através da exposição de fatos e a lógica deles, como podemos identificar no seguinte trecho de um defensor do espiritismo:

> Para provar ao esforçado paladino adversário do espiritismo sua realidade, nós lhe pedimos vênia para que nos responda primeiro às seguintes perguntas. Credes na existência da nossa alma? Credes em sua sobrevivência depois da morte?[291]

Assim, continua a exposição de seus questionamentos o arauto do espiritismo:

> Se nos responderdes pela afirmativa, como nos parece, resta saber agora se pode o espírito comunicar-se com o homem, isto é, se pode permutar entre si os pensamentos.
> Parece-nos que não há razão alguma justificável para que o neguemos.
> Que é o homem mais do que um espírito preso dentro de um corpo? Por que motivo desprendido esse espírito do invólucro material pela morte, não se poderá comunicar com o espírito que ainda está ligado ao corpo por decretos de Deus?
> Admitimos a sobrevivência da alma não será racional admitimos a sobrevivência das afeições?[292]

Segue o defensor do espiritismo levantando questionamentos visando provocar a reflexão do seu interlocutor e do leitor alheio à discussão, que lê a reportagem e entende o que se passa naquela situação:

> Achando-se as almas em toda a parte, não é natural pensar que a de um ente que nos amou na vida, se chegue para nós, que deseje se comunicar conosco, e que para isso empregue os meios que tem a sua disposição?
> Durante a vida não efetuara ele sobre a matéria do seu corpo? Não era ele que dirigia o movimento? Porque é que depois da morte de conformidade com esse espírito ligado a seu corpo, não buscaria esse corpo vivo para manifestar o seu pensamento como o mudo pode servir-se do homem que fala para se fazer entender?[293]

O defensor do espiritismo convoca seu adversário a provar de forma satisfatória todos os questionamentos levantados por ele:

> Convidamos ao incrédulo articulista que nos prove por meio de raciocínios lógicos que tudo quanto temos exposto não pode existir: e visto que querem apreciar os fatos espíritas por meios das leis materiais, busquem nesse

[290] Identificamos a existência do jornal *O Consolador*, em Parnaíba, órgão do Grupo Espírita daquela cidade, contudo não tivemos acesso a nenhum exemplar daquele jornal.
[291]ESPIRITISMO. *A Imprensa.* Teresina, ano 18, n. 779, p. 3, 6 jun. 1883.
[292] ESPIRITISMO. *A Imprensa.* Teresina, ano 18, n. 779, p. 3, 6 jun. 1883.
[293] ESPIRITISMO. *A Imprensa.* Teresina, ano 18, n. 779, p. 3, 6 jun. 1883.

> terreno alguma demonstração matemática, física, química, mecânica e psicológica o provem matematicamente partindo sempre da existência e sobrevivência d'alma.[294]

Assim, convoca os que duvidam dos fatos espíritas que eles provem de forma material não ser possível ou verdade qualquer um dos questionamentos e perguntas feitas pelo espiritismo e, mais ainda, convoca para que se provem não ser possível as explicações espíritas para as perguntas propostas.

Desse modo, o espiritismo e seus defensores preservaram-se de entrar no jogo de acusações que seus atacantes tanto queriam inflamar, ao mesmo tempo em que expuseram suas ideias e convicções.

A acusação mais corriqueira contra a doutrina espírita era a de que o espiritismo seria "coisa do demônio", "do diabo", principalmente ditas e repetidas pelos acusadores mais ligados à religião. Outra acusação era a de que o espiritismo levaria seus adeptos à loucura. Assim, por diversos motivos e de diversas formas o espiritismo e seus correligionários defendiam-se dessas acusações da seguinte forma:

> Afirma-se que o espiritismo é obra de Satanás e que o único benefício que faz, ou é levar as almas ao inferno ou produzir-lhes a loucura! Não atinge-lhes, porém, essa pecha dos seus contrários, e a sua literatura, os seus jornais e revistas e as constantes comunicações recebidas do espaço dizem bem alto que ele não só se destina a conduzir os espíritos à perfeição superior, impondo-lhes para tal fim o exercício das virtudes evangélicas, como deixa bem claro que por mais variados que se revelem os seus fenômenos, falta-lhes a inteligência, que é motor principal da criação universal e que, por mais que se esforcem os concílios, a teoria dos dogmas vai sendo repelida pelas consciências que buscam a liberdade natural de raciocinar.[295]

O articulista discorre sobre a denominação que recebeu o espiritismo de "coisa do satanás" sem observar as intenções e ideais daquela doutrina, sendo ela diretamente condenada sem antes se fazerem refletir o que de bom poderia trazer para o homem. Ademais, se realmente a doutrina espírita fosse coisa do satanás, não levaria o homem à tentativa do melhoramento pessoal e das práticas evangélicas.

Ele aproveita para provocar os seus acusadores, afirmando que a teoria dos dogmas, as ideias imutáveis da doutrina católica, não se sustentaria por muito tempo, pois as consciências evoluiriam em busca da verdade e da liberdade de raciocinar, corroborando com os ideais científicos da época, de que toda verdade do mundo só seria verdade se pudesse ser provada e comprovada pelo método científico.

---

[294] ESPIRITISMO. *A Imprensa.* Teresina, ano 18, n. 779, p. 3, 6 jun. 1883.
[295] DE RELANCE. *A Cruz.* Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.

O espiritismo se dizia herdeiro do pensamento moderno e aquele que uniria ciência e religião. Então, ao longo dos anos, todos aqueles que "se cansavam" dos dogmas católicos e pretendiam a liberdade de pensar iriam ver no espiritismo a saída para seus problemas, assim pretendia o articulista.

Dessa forma, a matéria defende o espiritismo e seus ideais, expondo incongruências históricas da doutrina católica:

> Jesus Cristo foi pobre e essa qualidade não o envergonhava aos olhos do mundo nem tirava-lhe o merecimento perante Deus; pelo contrário, recomendava que não se juntasse tesouro sobre a terra. Entretanto o Vaticano encerra o maior tesouro do mundo, todos os templos são luxuosamente ornamentados, enquanto a incredulidade é grande e milhares de infelizes perecem à fome e de frio!
> Jesus nunca usou púrpura, como faz aquele que diz ser seu vigário na terra, nem jamais pretendeu o poder temporal, e se, segundo ele, a árvore se conhece pelos frutos, certamente do papado à sua doutrina é enorme a distância.[296]

Fazendo referência à riqueza acumulada pela Igreja e pelo papado, o articulista espírita levanta a questão da necessidade do acúmulo de riqueza pela Igreja, já que Jesus tinha dito para que não se juntassem tesouros na terra e sim no céu, fazendo referência clara à passagem bíblica. O autor faz também referência a outra passagem bíblica, isto é, sobre a necessidade de possuir o poder temporal, ou seja, poder político, social ou material, ligando-a a outro conceito cristão: "dai a César o que é de César".

E, dessa forma, o autor vai legando acusações ao corpo ministerial que compõe a doutrina católica:

> Quando ele despachou os seus apóstolos a pregarem disse-lhes: 'não possuais ouro, nem prata, nem tragais dinheiro nas vossas cintas: nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão, porque digno é o trabalhador do seu alimento' (Mateus X, 9 e 10, e Marcos VI, 8 e 9); e destas suas palavras compreende-se que o ministro da religião deve ser sempre pobre e celebrar sem remuneração todos os atos dela.[297]

Refere-se assim, mais uma vez, às riquezas acumuladas pela Igreja e seu corpo ministerial, relembrando a passagem bíblica em que Jesus conclama os apóstolos a não juntarem bens materiais e fazerem o trabalho de pregação da doutrina de Jesus de forma humilde e sem remuneração.

E, por fim, o autor faz lembrar os primeiros anos da doutrina cristã, o chamado cristianismo primitivo, em que os cristãos e seus pregadores eram pessoas humildes e que, para professarem sua fé, tinham de se esconder e fugir daqueles que os condenavam:

---

[296] DE RELANCE. *A Cruz.* Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.
[297] DE RELANCE. *A Cruz.* Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.

> [...] O verdadeiro reinado de Jesus Cristo, Deus dos pequenos e miseráveis, foi então. Serviam-se em altar tão pobre como eram os servos. Mas se os *calces eram de pau, os ministros eram de ouro*, como diz S. Bonifácio; e nunca tantas virtudes evangélicas se viram como nessas idades, em que, para bem dizerem ao Deus da luz e da vida, era-lhes preciso esconderem-se nas trevas e na morte".[298] (grifos do autor)

Uma das maiores pretensões da doutrina espírita era a de reavivar os ideais do cristianismo primitivo, as formas e a humildade de culto dos primeiros cristãos:

> Assim entendiam e praticavam os primeiros cristãos, e devido a isso eram perseguidos pelos imperadores romanos, pagando com a vida a sinceridade e o zelo com que seguiam a doutrina do Nazareno. Mais tarde a igreja aliou-se a esses imperadores e desvirtuado foi o cristianismo! Passado havia, com efeito, o reinado de Jesus; mas sendo a sua doutrina destinada a levar as almas as bem-aventuranças, necessária era a intervenção de Deus, enviando à terra a terceira *Revelação*, ou seja, o espiritismo; porque Deus não seria justo se consentisse o comércio dos atos religiosos indispensáveis à salvação, nem conseguiria por tal meio, segundo João, X, 16., reunir em um só rebanho as ovelhas dos diferentes apriscos, tendo um só pastor. (grifo do autor)[299]

O articulista culpa a aproximação da Igreja com os imperadores romanos pela desvirtuação da doutrina de Cristo, pois tal união possibilitou a junção dos poderes temporais com os poderes religiosos. A Igreja ganhou a liberdade de culto, como também a estrutura do império romano para poder se expandir e os imperadores ganharam a sobrevivência do império por diversos séculos à frente.

O autor afirma também que, com essa aproximação, o reinado e as ideias de Cristo são desvirtuadas de forma a acabar com o reinado de Jesus sobre a Terra, necessitando, assim, de uma "terceira revelação", que nada mais é do que o próprio espiritismo, que veio dar luz à novas ideias e ao mundo espiritual, antes escondido ou apenas explanado através de parábolas.

E finaliza seu pensamento ao declarar que o "cristianismo desvirtuado" faz referência à Igreja Católica, "que obteve domínio pela fogueira e pela tortura", e essa "ceda lugar ao espiritismo" que pretende pregar o cristianismo aos moldes do Cristo sendo, dessa forma, o espiritismo o herdeiro da doutrina do Cristo.

Dessa forma, pode-se entender que o espiritismo aspira ao lugar de libertador das consciências humanas através da doutrina de Jesus, aplicado de forma simples e prática, em que o conhecimento científico e filosófico serviria para embasar a necessidade incessante do trabalho no bem e na caridade para com o próximo.

---

[298] DE RELANCE. *A Cruz.* Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.
[299] DE RELANCE. *A Cruz.* Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.

Entendidos os embates vividos e enfrentados no processo de entrada e consolidação do espiritismo em terras brasileiras, com alguns destaques aos embates nacionais e sob os exemplos de atitudes espíritas/católicas/médicas em terras locais, podemos concluir que, ao longo do tempo e frente aos desafios enfrentados na consolidação do espiritismo, a escolha pelo viés religioso se fez necessário. Tal escolha foi a opção tomada pelo movimento durante o século XX, em específico na primeira metade desse século, em que pudemos notar as consequências dessa decisão.

Contudo, na linha que conduz esse trabalho, temos que aprofundar as discussões, não apenas nas temáticas que nortearam o debate espírita nacional, mas também na forma como esse espiritismo adentra e permeia o território piauiense, assim como pode-se notar na citação a seguir de um jornal piauiense no fim dos anos de 1870: o "espiritismo está muito em voga pela Parnaíba, onde vai produzindo lamentáveis loucuras".[300]

Ao analisar a citação, podemos entender, à primeira vista, que o espiritismo, apesar de novo, já havia chegado e conquistado, ou pelo menos, já era de conhecimento público em Parnaíba, cidade portuária ao norte do Estado, e que isso já repercutia na mídia não especializada em assuntos religiosos.

É, pois, intenção do próximo capítulo explanar sobre a chegada do espiritismo no Piauí e em sua microrregião, bem como analisar o seu desenvolvimento e consolidação, a integração do Piauí a um contexto nacional e a consolidação do espiritismo no Brasil, apoiando-nos no exemplo piauiense.

[300]NOTICIÁRIO defesa prévia. *A Época*. Teresina, ano 2, n. 42, p. 4, 18 jan. 1879.

4 “A LOUCURA ESPÍRITA” CHEGOU NO PIAUÍ: DOS COMEÇOS À FEDERALIZAÇÃO.

> Espiritismo está muito em voga pela Parnaíba, onde vai produzindo lamentáveis loucuras.[301]

Distante dos grandes centros propagadores do espiritismo, já pelo fim da década de 1870, essa ideologia encontrava terreno fértil na cidade de Parnaíba, então província do Piauí. Apenas 20 anos após a sua apresentação na França por Allan Kardec e o lançamento de *O livro dos espíritos* em 1857, esse conhecimento adentra à província e a cidade de Parnaíba, demonstrando assim um duplo movimento. Primeiro sua rápida inserção social e cultural no Brasil, e em segundo, a proximidade dessa cidade com as modas e conhecimentos europeus.

O objetivo deste capítulo é, pois, traçar os caminhos do espiritismo no Piauí, sua inserção, seu desenvolvimento e sua consolidação. Nesta etapa, iremos percorrer um caminho temporal extenso, perpassando por períodos já trabalhados nos capítulos anteriores, bem como por temáticas já trabalhadas, mas agora com foco no espiritismo no Piauí e o diálogo deste com o Brasil.

Para tanto, não nos prenderemos às fronteiras político-territoriais impostas, seja pelo Império, seja pela República, pois nosso entendimento é que a vida humana, social e intelectual não se restringe às fronteiras determinadas por estes entes externos, e sim que as populações têm liberdades e necessidades, estando ao fim e ao cabo integradas dentro do seu próprio sistema de sociabilidades que é único e peculiar a este local.

No primeiro tópico deste capítulo trabalharemos a inserção de religiões, como os protestantismos, no intuito de demonstrar que o espiritismo não era o único agente religioso buscando se estabelecer na região. Em seguida, focaremos na chegada do espiritismo a terras piauienses, de modo a dialogarmos não só com o espiritismo no estado, mas também com as regiões do Maranhão e do Ceará. Dessa forma, poderemos estabelecer interligações entre essas populações e as trocas desses lugares.

No segundo tópico, daremos continuidade ao diálogo com o espiritismo piauiense, explicitando como ele irá se integrar ao debate regional e nacional, mostrando a consolidação dos centros espíritas no estado e, de forma comparativa, trabalharemos com esse movimento

[301]NOTICIÁRIO defesa prévia. *A Época*. Teresina, ano 2, n. 42, p. 4, 18 jan. 1879.

em outros estados, mostrando as diferenças regionais no processo de consolidação espírita no Brasil.

O terceiro tópico vai ser marcado pelas estratégias de inserção social e consolidação dos ideais espíritas no Piauí e no Brasil, mostrando como a filantropia, a caridade, as questões ligadas às curas e a divulgação em jornais e discursos espíritas vão auxiliar nessa consolidação social da ideia espírita.

E por último, no quarto tópico, focaremos no processo federativo em si, na formatação do espiritismo enquanto uma unidade em torno da FEB e como esse movimento federativo adentra ao Piauí, apresentando ao leitor o pacto federativo nacional e as estratégias de unificação.

4.1 Os caminhos se cruzam: a chegada do espiritismo na região do Piauí

Abordamos neste item dois temas que se interligam, o primeiro é o fim da primazia religiosa que o catolicismo perde dentro do Brasil, em especial pelo fim do Império, abrindo assim a possibilidade da entrada de outras matrizes religiosas no país de forma mais incisiva, desse modo, em um segundo tópico deste item abordaremos a inserção do protestantismo no território piauiense e por último em um terceiro subtópico daremos ênfase maior aos primeiros passos do espiritismo no Piauí.

4.1.1 O Piauí integrando-se ao diálogo religioso nacional: contextos nacionais e locais

Para dar início a esse tópico e às explicações que se seguem é preciso explanar a situação religiosa brasileira da passagem da colônia para o Império e deste para a República. Dessa forma, faz-se necessário apreendermos sobre o padroado, sistema religioso que impera em Portugal e no Brasil.

O padroado nasce como estrutura social e religiosa no Brasil, herdada dos colonizadores portugueses, sendo essa herança uma base importante para o país pós-independência. Gabriel Abílio de Lima Oliveira descreve o fato: “uma das principais características preservadas pela Monarquia constitucional que se desenhava no Brasil foi o

regime do padroado régio, que conferia competências eclesiásticas aos monarcas".[302] Essa prerrogativa garantia aos reis portugueses poderes de decisão aos assuntos eclesiásticos.

Dessa forma, os reis portugueses tinham amplos poderes estabelecidos no sistema do padroado. Institucionalizado no contexto da Contrarreforma Católica na Europa, século XVI, o padroado é definido por Oliveira como:

> Acordos firmados entre os Estados ibéricos e a Santa Sé, no momento de ofensiva intelectual e política desta diante dos ares contestatórios trazidos pela Reforma Protestante. Pressupunha, deste modo, certa aquiescência da Igreja no sentido da execução de competências eclesiásticas por parte do monarca, com destaque para a nomeação dos bispos e para a cobrança do dízimo. Ao mesmo tempo, o acordo em questão garantia o compromisso de expansão da fé católica nas terras recém conquistadas.[303]

Assim, os reis portugueses seguiram pelos séculos seguintes, tendo o Brasil como um dos principais locais de ação do padroado português, principalmente no que diz respeito a "ampliação da fé católica" em que a ação jesuítica se deu mais clara e profundamente. Chegado o momento da independência brasileira, as estruturas do padroado estão postas e organizadas também na colônia. Dessa forma, D. Pedro I manteve essas organizações que flertavam com o absolutismo europeu, a exemplo do poder moderador, mesmo em tempos e períodos liberais, sendo o padroado também implementado no Brasil independente.

A organização de aliança entre Estado e Igreja se mantém por todo o Império, vindo a ser abalada nos anos finais deste por diversas atitudes de ambos os lados:

> Durante o Oitocentos no Brasil, as rusgas entre o Estado imperial e a cúria romana ficaram mais conhecidas na questão religiosa de 1873. A perseguição aos maçons por parte dos bispos D. Vital de Oliveira e D. Macedo Costa resultou em um impasse com a sede do poder papal, quando da ofensiva ultramontana de Pio IX contra as liberdades alicerçadas nas causas da Revolução Francesa.[304]

Dessa maneira, foram marcados os últimos anos do sistema de aliança entre Igreja e Estado. Por desentendimentos e mudanças de atitudes, o padroado brasileiro finda-se com a passagem do Império para a República e a completa abolição dessa união, pelo menos em meios institucionais.

A Igreja agora trabalhava em fortalecer suas bases religiosas e de culto, na tentativa de preservar a fé católica no país, agora sem o apoio do Estado Imperial. Este, por sua vez, garantia-lhes privilégios entrando no mercado de fé no país, o qual era um balcão de negócios

---

[302]OLIVEIRA, Gabriel Abílio de Lima. Padroado régio e Regalismo nos primórdios do Estado Nacional brasileiro (1820-1824). *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 76-96, jan./abr. 2017. p. 77.
[303] OLIVEIRA, 2017, p. 80.
[304] OLIVEIRA, 2017, p. 78.

que, juntamente com a República, ganhava novo complexo de agentes, uma vez que a permissão de cultos públicos de todas as crenças, garantidas pela Constituição republicana, possibilitou a ampliação da propagação de novas religiões antes sufocadas pela preferência católica.

A garantia de liberdade religiosa não era de fato novidade no Brasil, já que a Constituição de 1824 garantia liberdade de culto, desde que privada:

> A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.[305]

Dessa forma, de maneira privada, a liberdade religiosa existia, bem como a garantia de não perseguição religiosa: "Ninguém pode ser perseguido por motivo de eeligião, uma vez que respeite a do Estado".[306] Assim, as duas garantias eram condicionadas ao respeito da religião oficial, seja na forma discursiva, seja na forma "arquitetônica" e propagandística.

Esse fato acaba não sendo levado ao pé da letra, principalmente nos anos finais do Império em que há um processo de quebra tanto da hegemonia católica no Brasil, com a inserção de outras religiões, quanto com os desentendimentos entre Igreja e Estado, expressos anteriormente.

Após a proclamação da República, a Constituição de 1891 irá garantir a essa liberdade de culto, no seu artigo 72, parágrafo 3º, que: "Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum".[307] Isso proporcionava o fim da hegemonia legal do catolicismo, e juntamente com outras medidas – como a criação do casamento civil e a transformação dos cemitérios em espaços públicos – o fim da união entre Estado e Religião.

Diante disso, pode-se entender que o Estado brasileiro agora abria espaço para a propagação de outras religiões, como os protestantismos – batistas e presbiterianos – por exemplo, bem como o espiritismo. Este entra no debate como possível ciência e passa para o campo das religiões de maneira mais marginalizada, assim como as religiões de matrizes afro-

---

[305]BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil, 25 de março de 1824*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

[306] BRASIL, 1824.

[307]BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891*. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

brasileira, cuja inserção social foi profundamente marcada pelo sincretismo e pela perseguição estatal.

Mesmo de forma resumida, expomos inicialmente o quadro social, político e legal que estava em torno da questão religiosa no Brasil, entre o império e a república e como isso se encaixa nos debates que travaremos a diante ao especificarmos a inserção social de protestantes e espíritas ao território brasileiro e piauiense.

4.1.2 Protestantes

Desde pouco tempo após o início da colonização dos territórios que viriam a formar o Brasil, houveram tentativas de inserção protestantes. Primeiramente, isso ocorreu com os franceses huguenotes na formação da França Antártica, hoje Rio de Janeiro, seguido do período de dominação holandesa no Nordeste do Brasil, em que Nassau e a Igreja Reformada da Holanda deram início a uma missão de evangelização no território. Para tanto, enviaram missionários e cônegos para o território ocupado, garantindo o que foi a primeira forma de liberdade religiosa em território sul-americano através da liberdade de culto à católicos e judeus.

Após esses períodos de tentativa de dominação territorial e cultural, o protestantismo seguiu aparecendo no território sob a forma de pequenas missões, principalmente aos indígenas, na tentativa de evangelização e conversão, contudo, de pouco sucesso. O protestantismo no Brasil só terá sucesso a partir de 1819/1824, como resultado do processo de migrações de territórios da Europa central e setentrional, de países como "Alemanha, a Suíça, a Holanda, a Polônia, a Escandinávia, a Áustria e ainda outros".[308]

Higino Cunha, memorialista e historiador piauiense, refletindo sobre esse processo, justificará o sucesso do protestantismo brasileiro pelo fato de ter vindo apenas com os imigrantes, pois, sendo o Brasil um país em que a quase totalidade dos habitantes eram católicos, estes mantinham sua religião de infância. Dessa forma, com a vinda de imigrantes de origem protestante, estes, segundo Cunha, "conservavam as suas crenças de infância".[309]

Dessa maneira, entende-se que, até aquele momento analisado, início do século XX, "as seitas protestantes não lograram culto entre os brasileiros descendentes de católicos

[308]RIPOLI, Fernando. Apontamentos sobre a implantação do protestantismo no Brasil: história, cultura e tradição. *Revista Eletrônica Correlatio*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 205-225, dez. 2018. p. 217-218.
[309] CUNHA, Higino. *História das religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. p. 95.

romanos".[310] Dessa forma, "a Igreja evangélica que maior propaganda fez, conta alguns milhares de crentes no Brasil".[311] Para exemplificar a afirmativa, o memorialista mostra a situação do protestantismo no Piauí nesse período.

Nos anos finais do Império, conta-nos Cunha, teria chegado ao Piauí o Dr. George W. Butler, "norte-americano, vindo de Pernambuco. Dizia-se médico e pastor presbiteriano".[312] Fez algumas pregações em casas de simpatizantes da sociedade piauiense e em pouco tempo teria partido para o Maranhão, seu destino final. A passagem de Butler foi marcada, segundo Cunha, por "desapontamento do vigário do Amparo" que nas horas marcadas de pregação do pastor, "mandava repicar os sinos, chamando as ovelhas ao recinto". Além disso, Cunha descreve que o mesmo vigário mandou telegrama ao bispo do Maranhão, "comunicando que o missionário norte-americano tinha saído fugido e escorraçado pelo povo teresinense",[313] fato esse desmentido por Cunha, já que o viajante na verdade foi bem recebido pela sociedade piauiense.

O fato acima exposto mostra que existiam fios soltos no relacionamento entre as partes, isto é, entre a Igreja Católica e a presença de um missionário protestante. Ademais, Cunha detém suas análises sobre o protestantismo no Piauí para poucos anos à frente, ao mencionar a presença de um missionário que faz residência em Teresina:

> Nos primeiros anos da república, outros protestantes andaram por aqui, vendendo bíblias, mas não se demoraram, nem despertaram grande atenção. Um deles, Francisco Philadelpho de Souza Pontes, brasileiro, filiado na religião presbiteriana, vindo de Pernambuco, aqui fixou residência, fundou uma igreja e permaneceram alguns anos.[314]

Sofrendo, a princípio, alguns insultos por parte do que o memorialista chamou de "católicos fanáticos", no seu direito de culto público, "a polícia interveio e garantiu-lhe o exercício de culto".[315] Assim, se houve a necessidade de uso da força policial para que o direito ao culto livre fosse garantido, é porque existiu resistência. Não seria então resistência estatal, já que o aparelho policial foi usado para garantir os direitos daquele indivíduo. Portanto, podemos entender que foi resistência popular católica, como caraterizado pelo memorialista.

No contexto protestante piauiense, Cunha ainda garante que nos primeiros anos do século XX, outros missionários sentaram praça em Teresina:

---

[310] CUNHA, 2015, p. 95.
[311] CUNHA, 2015, p. 95.
[312] CUNHA, 2015, p. 105.
[313] CUNHA, 2015, p. 105.
[314] CUNHA, 2015, p. 143.
[315] CUNHA, 2015, p. 143.

> Em 1905 e 1908, visitou-nos o missionário norte americano William M. Tompson, que pregou diversas vezes na casa, onde morava Souza Pontes, levando o espírito dos crentes e fazendo prosélitos. Há poucos anos, estacionou nesta capital, exercendo o seu ministério, o missionário, também norte-americano Dr. J. B. Terry, que daqui seguiu para o sul do Estado.[316]

Duas correntes protestantes agiram sobre território piauiense, os presbiterianos e os batistas. A primeira corrente, segundo Cunha, "possui uma congregação ou igreja nesta capital, com 47 professos, a qual é visitada mensalmente pelo pastor residente em Caxias, da mesma denominação – Otávio de Valois Castro"; já a segunda "possui, além de antiga missão no sul do estado, duas igrejas em Jerumenha, uma em Floriano, Amarante e Belém, e outra em Teresina, que conta 65 membros e tem como pregador o Evangelista Teofílo Dantas".[317]

A corrente Batista teria tido origem e entrada no Sul do Piauí, segundo transcreve Cunha de comunicação de Dr. Júlio Lustosa, com a ação e aval de Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá na data de 1891, por meio de relacionamentos seu e de sua família com o missionário batista Z. Taylor, da Bahia "foram os primeiros piauienses que se puseram à frente do movimento protestante".[318] Nesse processo, no Sul do estado, é fundada uma primeira escola batista, pelo Coronel Benjamin Nogueira. A instituição tinha como professora "a norte-americana miss Julieta", posteriormente substituída por Sancha Santos, e por outras professoras, sendo, no fim, dirigida a escola por Augusto Fernandes, ministro evangélico que assumiu a igreja, tornando-se seu primeiro pastor e diretor.

Júlio Lustosa ainda nos relata a chegada de missionários presbiterianos em Teresina, bem como missionários batistas em Amarante e Floriano. Além disso, especifica a missão de Augusto Fernandes na Cidade de Corrente, "chegando esta comissão ao Corrente, foi este o ponto escolhido por causa de seu clima ameno, da sua posição geográfica (próximo dos Estados da Bahia, Goiás e Maranhão) e principalmente da influência já ali predominante da religião batista".[319] Esse relato está de acordo com as decisões tomadas pela Igreja Católica para a região, como, por exemplo, o estabelecimento de uma prelazia, assunto este tratado por cunha, mas já especificado por Soares e Castelo Branco em artigo sobre os embates religiosos no Piauí:

> A prelazia é uma estrutura eclesiástica erigida formalmente que atende às necessidades especiais de um território ou de um grupo de fiéis, com alguma finalidade específica. Em suma, D. Otaviano conseguiu tal licença papal para criar no sul do estado, em Bom Jesus, uma igreja que incentivasse a reaproximação dos fiéis frente ao avanço protestante na região, pois as

[316] CUNHA, 2015, p. 143.
[317] CUNHA, 2015, p. 143.
[318] CUNHA, 2015, p. 145.
[319] CUNHA, 2015, p. 147.

> dificuldades de comunicação com essa parte do estado, a deixava distante das ordenações que emanavam do bispado instalado em Teresina. A instalação de uma prelazia iria impulsionar a presença católica na região.[320]

Dessa forma, empreendia-se as primeiras inserções do protestantismo no Piauí. Entretanto, ainda ficaram de fora diversos relatos memorialísticos de Cunha, bem como alguns embates empreendidos entre católicos e protestantes na impressa escrita do período. O intuito deste pequeno resumo, vale ressaltar, é apenas inserir e contextualizar temporalmente a entrada do protestantismo em terras piauienses, podendo então dizer que houve um relativo sucesso no empreendimento e marcando a partir daí seu espaço no mercado religioso piauiense.

A seguir, explanaremos a entrada dos espíritas no território piauiense, como forma de complementar nosso quadro sobre a inserção de religiões não católicas no Piauí.

4.1.3 Espíritas

Surgido em meados de 1850, na esteira das mesas girantes na Europa e dos eventos de Hydesville nos Estados Unidos, o espiritismo, como já trabalhado, aparece através da *Revue Spirite* e do *Livro dos espíritos* de Allan Kardec, pseudônimo de Hipplyte Denizard Rivail, professor e pesquisador Francês que se deteve a examinar e desenvolver um sistema de análises de mensagens supostamente vindas dos mortos.

Todas essas informações resumidas acima foram tratadas ao longo do primeiro capítulo deste escrito, mas são necessárias para lembrarmos que, antes mesmo do espiritismo como conjunto de conhecimento estabelecido por Allan Kardec e pesquisado por nós, chegou no Piauí e na região analisada o seu antecessor, o próprio movimento das mesas girantes. A moda parisiense aporta no Ceará ainda nos anos de 1850, como nos mostra Zeus Wantuil em livro clássico sobre *As mesas girantes e o espiritismo*, transcrito das páginas de *O Cearense* de 26 de Julho de 1853:

> Não é só na Alemanha, França, Pernambuco, etc., que se fazem experiências elétrico-magnéticas das tais mesas dançantes. — O Sr. José Smith de Vasconcellos fez, no domingo, uma experiência em sua casa, na presença de muitas pessoas, com uma mesa redonda, que depois de alguns minutos rodou

[320]SOARES, Rônery Danilo Monte.; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Combatendo novas e velhas heresias: os embates religiosos em jornais e relatos de memória no Piauí entre os anos 1880 e 1920. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita.; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). *Páginas impressas*: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020. p. 291-318. p. 311.

> pelo meio da sala, até que os experimentadores romperam a cadeia!! Neste momento presenciamos várias experiências desta. 'Digam lá os sábios da Escritura/ Que segredos são estes da Natura'.[321]

Do mesmo modo, Carvalho Netto nos traz um periódico católico de 1854, no Maranhão, denominado *O Cristianismo,* que trouxe notícias sobre as mesas dançantes e falantes:

> O senhor bispo d'Orleans dirigiu ao clero da sua diocese a seguinte carta, relativa as mesas dançantes:
> 'Orleans.
> Sr. cura – Não ignorais o quanto se tem tornado frequentes desde algum tempo a esta parte, as experiências chamadas mesas dançantes e falantes, e a que ponto as imaginações se têm perturbado.
> Depois de ter maduramente deliberado com os membros do meu conselho, julgo do meu dever proibir a todos os eclesiásticos da minha diocese o tomar parte, debaixo de todo e qualquer, pretexto, em semelhante prática.
> Se é um jogo, compreendeis bem que um jogo d'esta natureza não se pode conciliar com a gravidade de vosso caráter, e se no fundo de tudo isso há alguma coisa que seja necessário qualificar com outro nome os motivos de vos absterdes são ainda mais consideráveis.
> Os confessores desviaram expressamente d'estas temerárias e perigosas curiosidades as pessoas cuja leveza a elas possa arrastar.
> Dignai-vos aceitar, sr. cura, a minha nova dedicação e afeto. Felix, bispo de Orleans'.[322]

As duas citações mostram-nos que as notícias sobre o moderno espiritualismo e as mesas girantes já permeavam a região antes mesmo do espiritismo. No caso cearense isso acontecia de forma mais incisiva, pois a moda de Paris já tinha chegado, de fato, as terras de Iracema.

No Piauí, as primeiras notícias não trazem as mesas girantes, mas sim a ideia do espiritismo no fim da década de 1870, com a citação que abre este capítulo: "O espiritismo está muito em voga pela Parnaíba".[323] Não temos notícias das mesas girantes em território piauiense, contudo, assim como no maranhão, podemos crer que as notícias, principalmente vindas de fora e reproduzidas pela impressa local, noticiaram os fatos.

Contudo, se não contou com as mesas girantes em seus princípios, o espiritismo piauiense experimentou tentativas espíritas legítimas em seus primórdios, como nos mostra Cunha:

> Nos últimos decênios do século XIX, tentaram-se algumas sessões espíritas em Teresina, para evocação dos mortos e para escritura automática outra se

---

[321] WANTUIL, Zeus. *As mesas girantes e o espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. p. 135.
[322] O CRISTIANISMO. São Luís, 1854; p. 8. apud CARVALHO NETTO, Carlos Alberto de. *Entre a mesa e a cruz*: discursos sobre espiritismo no maranhão no limiar do século XX. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.
[323] NOTICIÁRIO defesa prévia. *A Época*. Teresina, ano 2, n. 42, p. 4, 18 jan. 1879.

> tem repetido de vez em quando. Mas parece que, até hoje, não tem tido resultado algum satisfatório, talvez por falta de pessoal competente – operadores e médiuns.[324]

Cunha ainda nos traz a informação sobre os primeiros lugares em que o espiritismo piauiense logrou sucesso: "De 1896 a 1900, o espiritismo teve grande voga em Amarante e fez alguns adeptos em Piracuruca e Livramento",[325] formando associações organizadas, chamadas por Cunha de "igreja permanente". Sobre a consolidação dos centros, no entanto, discorreremos mais detalhadamente à diante. Dando continuidade à sua análise, Cunha faz um salto temporal para a criação, em Parnaíba, do centro Espírita Perseverança no Bem. Contudo, queremos jogar luz à divergência entre as fontes já citadas.

O periódico *A Época*, de 1879, reproduzido acima, mostra-nos que o espiritismo já estava presente na cidade porto, enquanto Cunha traz à luz a cidade de Parnaíba apenas no início de 1920. Esse lapso temporal pode ser resolvido com as fontes vindas do Maranhão e do Ceará sobre o processo de estabelecimento do espiritismo na região, pois em São Luís, nesse período a que estamos nos referindo, últimas décadas do século XIX, foram criados os primeiros agrupamentos espíritas. Inclusive, com a formação de jornais: "Algumas associações de espíritas se autodenominavam '*clubs'*, como o Club Espírita Redenção, responsável pela publicação do periódico *A Luz* no Maranhão em 1886",[326] ou ainda no Ceará, com a formação do Grupo Espírita Fé e Caridade em 1897.[327]

Esses três eventos se relacionam com o processo de propagação e estabelecimento do espiritismo e nos mostram que, apesar de não aparecer em fontes diretas ou na memória de Higino Cunha, Parnaíba podia ser sim um centro receptor do espiritismo no Piauí. A prova disso é que Luiza Amélia de Queiroz, reconhecida poetiza parnaibana, falecida em 1898, dá nome ao gabinete de leitura do Centro Espírita Perseverança no Bem, como nos mostra Cunha: "O centro mantém: [...] um gabinete de leitura – D. Luíza Amélia, sob direção do irmão Antônio O. Melo".[328]

A poetiza parnaibana teria, nesse período, se convertido ao espiritismo? A que se dá a homenagem do grupo espírita parnaibano a ela? Em nossas pesquisas, não pudemos confirmar

---

[324] CUNHA, 2015, p. 152.
[325] CUNHA, 2015, p. 152.
[326] CARVALHO NETTO, 2017, p. 34.
[327] SILVA, Marcos José Diniz. *Moderno espiritualismo e espaço público republicano*: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. p. 108.
[328] CUNHA, 2015, p. 153.

a conversão, uma vez que os pesquisadores da poetiza não fizeram tal conexão. Por conta disso, é preciso levantar essa questão para um posterior escrito.

Contudo, o exemplo demonstra que o espiritismo estava, como disse o articulista em 1879, em voga pela Parnaíba, mas não só por lá. Os anos finais do século XIX são marcados mesmo pelo estabelecimento e organização dos centros espíritas. Nesse contexto, enquanto organizações sociais, impulsionados pelo ideal de liberdade religiosa e a abertura do mercado religioso brasileiro, os espíritas iniciam um processo de organização.

Esse processo, que tem início nos grandes centros urbanos da república, isto é, no Rio de Janeiro e em São Paulo, começa a se espraiar pelas periferias do país, de maneira desordenada e livre, sendo guiada pela circulação principalmente de material, seja de oposição, seja de promoção, além da literatura Espírita, que ganha os centros urbanos mais periféricos, como mostra o *Diário do Maranhão* no ano de 1875:

> espiritismo experimental – E outro livro que também recebemos com o título – *O livro dos médiuns ou o guia dos médiuns ou evocadores*, contendo o ensino especial dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicar com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se encontram na prática do espiritismo em continuação ao livro dos espíritos, Allan Kardec, traduzido na 12ª edição – Rio de Janeiro – B.I Garnier.[329]

Ou no Ceará, no mesmo ano:

> Livros Novos – O Sr. B. L. Garnier remeteu-nos duas obras recentemente editadas em sua casa: *Senhora*, perfil de mulher publicado por G. M e *O livro dos médiuns* por Allan Kardec. [...]
> *O livro dos médiuns* que é a continuação do *Livro dos espíritos* Pr Allan Kardec, é a parte experimental da doutrina espírita e contém o ensino especial dos espíritos sobre a teoria todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicar da mediunidade, as dificuldades que se encontra na prática do espiritismo etc.[330]

A chegada dos livros espíritas, traduzidos e editados em terras brasileiras, é contemporâneo às fontes apresentadas. André Vitor da Cunha, ao analisar o cenário da imprensa espírita mostra que:

> Nas décadas de 1870 e 1880, observou-se uma grande efervescência na recepção dos livros espíritas, com a fermentação na cena carioca de várias comunidades de leitores. Diversas instituições foram fundadas no período na Capital do Império, mas a marca geral era a diversidade sem unidade.[331]

[329]NOTICIÁRIO. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 6, n. 598, p. 4, 3 ago. 1875.
[330]LIVROS novos. *O Cearense*. Fortaleza, ano 29, n. 61, p. 3, 5 ago. 1875.
[331]CUNHA, 2015, p. 31.

Bem como analisado por Teresinha Queiroz, em *Literatos e a República*, que nesse período, década de 1880, o Piauí se integrava de forma regional, aparecendo os primeiros elementos modernizadores, como o telégrafo e a navegação à vapor.[332]

Os livros espíritas que chegavam ao Brasil eram editados por Bittencourt Sampaio, um dos pioneiros do espiritismo, que se utilizou da sua profissão para o cargo na Editora Garnier, maior editora do Brasil no momento, para publicar quatro das cinco obras principais do pensamento espírita kardequeano.[333]

A chegada desses livros e propagandas livrescas à região analisada mostra-nos que a circularidade cultural, as leituras e informações sobre o espiritismo precederam, na região analisada, a formação do que viriam a ser as associações espíritas, gerando algum conhecimento prévio e curiosidade, apesar de também gerar antagonismos e embates, como vimos anteriormente. Sobre essas estratégias de divulgação por meio da literatura e dos livros, falaremos adiante em item específico.

Portanto, entendemos que a inserção social do espiritismo no Piauí e região se deu aos poucos. Iremos, ao longo dos próximos itens, analisar mais a fundo essa consolidação que faz parte de um contexto maior do ponto de vista nacional, sempre resguardando as suas peculiaridades locais. Mostraremos no item a seguir a formação dos centros espíritas e os primeiros nomes a despontar nesse processo.

4.2 O Piauí integrando o todo: a consolidação dos centros espíritas entre 1900 e 1940

Quando pensamos na historiografia espírita nacional bastante densa no eixo Rio-São Paulo, focamos bastante nos embates entre espíritas e católicos, entre espíritas e médicos e nos desdobramentos e ações do código penal sobre essas manifestações. Entretanto, para além desses que podem ser dentro da escala temática grandes assuntos, deixa-se de lado que os debates espíritas se espraiaram pelo Brasil. Deixa-se de lado também que, para além das querelas maiores, as ideias espíritas conseguiram ganhar forma e força nas periferias, nos estados mais ao norte e ao sul do Brasil.

---

[332]QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República:* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 21

[333] Foram elas na respectiva ordem: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O céu e o inferno* e *O Evangelho segundo o espiritismo*. É interessante notar que a ordem de publicação no Brasil não representou estritamente a sequência de lançamentos pelo autor na França. Lá, *O Evangelho segundo o espiritismo* foi à terceira obra a vir à luz, assinada por Allan Kardec. Cf.: CUNHA, 2015, p. 32.

Essa consolidação do que viria a ser o movimento espírita adentra aos interiores, aos centros urbanos pequenos e médios, mas sem tanta oposição, pelo menos não dos meios policiais e estatais. Ainda que enfrentasse oposição religiosa, esses grupos vão formando-se aos poucos no espaçar dos anos, por motivos que carecem de investigação maior.

Contudo, voltando-nos à historiografia nacional, em que diversos autores, como Damazio, Arribas, Stoll, Mary del Priore, Marcos Moreira Marques e Fábio Luiz da Silva preocupam-se com períodos anteriores ao início do século XX, ou posteriores aos anos de 1940, a literatura já mais consolidada e inteirada dos grandes temas transforma este período de quarenta anos (1900-1940) como uma consequência dos debates que antecederam a entrada do século, como é o caso de Damazio, Arribas, Priore e Marques, ao analisar os movimentos de inserção do espiritismo, o contexto que permitiu tal inserção, os primeiros passos do seu processo divulgador, características que auxiliaram o espiritismo nesse momento, biografias de grandes espíritas do período, entre outros temas correlatos.

Já os escritos posteriores a esse período atuam como contexto para os momentos seguintes, como é o caso de Stoll e Silva, ao analisar as figuras de Chico Xavier, Luiz Gasparetto e suas produções e o impacto destas no espiritismo. Alguns outros autores não citados acima ainda trabalharam de maneira mais fechada nos grandes temas como Angélica Aparecida de Almeida, que trabalhou com a psiquiatria e o espiritismo no Brasil. Todos esses trabalhos, em alguma instância, contribuíram para a formação deste escrito.

Os trabalhos que existem sobre esse processo são, em sua grande maioria, de caráter local e acabam por restringir-se aos núcleos de pesquisa também locais ou regionais. Portanto, sente-se a falta de trabalhos de relevo nacional que integrem as informações e diferentes formas que o espiritismo permeou nos mais distintos centros periféricos do país.

Sob essa intenção, por meio de pesquisas em repositórios de universidades pelo Brasil, pude apreender sobre parte deste processo. Não se pretende aqui falar sobre todos os estados periféricos do e no movimento espírita, contudo, a título de exemplo e comparação, flertamos com essas diferenças para entender o processo de consolidação dos centros espíritas no Piauí. Sendo este o nosso interesse principal, examinaremos a seguir as notícias e formas de solidificação do pensamento espírita no estado e na região que o permeia.

Para isso, vamos trabalhar primeiro o contexto dos anos iniciais do século XX e integrar os processos modernizadores que invadiam as cidades brasileiras e como isso auxiliou nessa propagação das ideias espíritas e outras ideologias modernas.

4.2.1 A *belle époque* invade o Piauí

Os anos iniciais do século XX foram marcados pela entrada de diversas modernidades. Teresinha Queiroz já nos mostrou que o telégrafo e a navegação à vapor chegava ao Piauí no fim dos anos de 1880. Desse modo, sobre os telégrafos a autora nos conta que:

> Tiveram início em 1884, quando a 13 de dezembro foi inaugurada linha para o norte e em seguida os rapais de Piripiri e Campo Maior. Em 1889, Gustavo Dodt estava encarregado da abertura da linha Teresina – Parnaíba. Em 1902, o Piauí tinha quatro ramais telegráficos: o primeiro ia de Teresina a Campo Maior, Piripiri e São Pedro da Ibiapaba; o segundo ligava Teresina a União, José de Freitas, Barras, Piracuruca, Parnaíba e Luiz Correia; o terceiro ia de Teresina a Oeiras, passando por Monsenhor Gil, Amarante, Regeneração e Floriano; outro ramal ia para o Maranhão e outros estados. Em 1908, a cidade estava ligada aos Distritos do Maranhão e do Ceará, a quase todas as localidades entre Tutóia e Floriano, e as linhas continuavam a ser estendidas para o Sul do estado.[334]

Para completar a integração do estado, Queiroz ainda nos apresenta a navegação à vapor no ano de 1913:

> A companhia de Navegação a Vapor do Rio Parnaíba tinha então três linhas: a primeira era a de Parnaíba, com escalas em Teresina, União, Miguel Alves, Porto, Repartição, Luzilândia, Barra do Longá e Amarante; a segunda era a de Floriano, Barão de Grajaú e Floriano; a terceira era a linha de Tutóia. Além de vapores, barcas de ferro e lanchas pertencentes a particulares, ainda funcionavam a Empresa Salineira e Navegação Fluvial, a Empresa Industrial Salineira de Parnaíba, e a Empresa Fluvial do Alto Parnaíba, cuja sede era em Teresina. A última estava sendo subvencionada para fazer a navegação de Floriano a Santa Filomena, passando por Uruçuí.[335]

Junto da integração modernizadora pelo qual o estado passava nos anos iniciais do século XX, estes anos foram marcados pelo crescimento da presença do comércio, principalmente por conta das exportações de cera de carnaúba, a maniçoba e outros produtos extrativistas exportados pela cidade de Parnaíba que: "Em 1913, já estavam instaladas a Alfândega e demais repartições próprias de porto marítimo e a cidade possuía casas comerciais importantes, tanto de importação como de exportação".[336] Dessa forma, de crescimento demográfico acentuado, a cidade foi se tornando o maior empório comercial do estado. Enquanto isso, Teresina é descrita como "tendo mais ou menos 500 casas de palha, a iluminação era a lampião de querosene, inexistia qualquer sistema de esgoto e o cavalo era o único meio de condução".[337] Destacar esse contraste será importante mais a diante.

---

[334]QUEIROZ, 2011, p. 21.
[335]QUEIROZ, 2011, p. 22.
[336]QUEIROZ, 2011, p. 23.
[337]QUEIROZ, 2011, p. 23

A população Piauiense crescia a passos largos, segundo Raimundo Nonato Monteiro de Santana. Em tabela sobre a evolução histórica da economia piauiense, no ano de 1900, eram 334.292 mil habitantes no Piauí, enquanto que, no ano de 1940, período final determinado por esta análise, o Piauí tinha ganhado quase meio milhão de habitantes, com um total de 817.601. Se formos trabalhar um período anterior, por exemplo, em 1871, Odilon Nunes nos traz a informação de que, nesse ano, entre população livre e escravos, o Piauí possuía menos de 100 mil habitantes.

Entre 1871 e 1900, um período de 30 anos, o Piauí cresceu em população cerca de 130 mil habitantes. Já de 1900 a 1940, um período um pouco maior que 40 anos, houve um crescimento de pelo menos 450 mil habitantes, demonstrando uma aceleração populacional. População essa pequena, mas em franco crescimento no período descrito.

Dessa maneira, o estado ia crescendo, com aumentos populacionais, processos modernizadores, nos transportes, nas comunicações e em diversos lugares sociais da vida pública.

> O progresso, materializado em inúmeras inovações utilitárias – que, embora não fossem apropriadas pela grande maioria da população não deixavam de indicar os novos rumos e promessas da Civilização e de gestar novas formas de pensar e de sentir – não foi absorvido de forma passiva e pacífica.[338]

O início do século marca a modernização das modas e das culturas, a chegada do cinematógrafo em 1907, os filmes estrangeiros, os bailes, que resistiram à mudança de século e continuaram a fazer sucesso, entre outras coisas, como as sociabilidades na capital e em cidades do Piauí, que se diversificaram ainda para o carnaval e os clubes de música.[339] Em resumo, o mundo ia mudando e o Piauí acompanhava tais mudanças. Nesse contexto, pelo estado do Piauí e sua região vão se estabelecendo os centros espíritas por nós analisados.

4.2.2 Os centros espíritas : primeiros momentos

Posteriormente aos primeiros momentos: notícias, livros e ideias espíritas, temos a formatação dos primeiros centros ou grupos espíritas do Piauí. Utilizamos o conceito de centro ou grupo espírita neste escrito, como na atualidade, sem levar em conta o possível anacronismo, ou seja, os nomes de “centro” ou “grupo” espírita foram sempre usados desde os primeiros momentos da chegada do espiritismo ao Brasil, como é o caso do Grupo Familiar

[338] QUEIROZ, 2011, p. 35.
[339] QUEIROZ, 2011, p. 35-65.

do espiritismo,[340] grupo Confúcio,[341] assim como também foram utilizados nomes como sociedade de estudos espíritas, congregação espírita, entre outros. Contudo, os primeiros se tornaram mais comuns e difundidos.

Ao nos referirmos à "grupos" ou "centros" espíritas temos também que recorrer à Kardec para analisar a forma como ele entendia que deviam ser os estudos e as sociedades espíritas:

> As reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.[342]

Ou seja, era preferível que houvessem pequenos grupos de estudos que trocassem experiências entre si. Por isso, os nomes de grupo ou centro pareciam ao português boas alternativas.

Dessa forma, damos continuidade à apresentação do que se tem registro como o primeiro centro espírita piauiense, o Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade, de Amarante. Cunha já nos mostrou que nos últimos anos do século XIX Amarante tinha formado um grupo de adeptos do espiritismo. Acreditamos, assim, que estejamos nos referindo ao mesmo grupo.

> De 1896 a 1900, o espiritismo teve grande voga em Amarante e fez alguns adeptos em Piracuruca e Livramento. Naquela primeira cidade, teve alguns fanáticos, organizou-lhes em igrejas permanente e transformou algumas cabeças.[343]

O grupo espírita de Amarante possuía ainda um jornal de propaganda doutrinária, o jornal *A Cruz*, de publicação mensal, de cujos exemplares pudemos ter acesso a quatro números distintos, todos do ano de 1906. Clóvis Ramos assim resume e localiza o escrito amarantino:

> 183 *A CRUZ* – Amarante, Piauí. Órgão do Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade. (O grupo fora fundado em 1902, nos moldes da Casa dos Espíritas, de Paris, França, pelo Dr. Ribeiro Gonçalves, ilustre médico de Amarante, que de lá chegara como ardoroso adepto do espiritismo. *A Cruz* funcionava em oficinas próprias, tudo por iniciativa daquele pioneiro. Em 1906 era editado sob a direção de Sátiro de Castro Menezes).[344]

---

[340] Primeiro grupo espírita do Brasil.
[341] Primeiro grupo organizado na capital do Império.
[342] KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*: espiritismo experimental. Brasília: FEB, 2013b. p. 360.
[343] CUNHA, 2015, p. 154.
[344] RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil:* 1869-1978. Juiz de Fora: Instituto Maria, 1979. p. 53.

Sobre o jornal, sua estrutura e artigos, atentar-nos-emos mais à frente, pois, o que nos chama a atenção no momento é o personagem espírita principal conhecido por nós em Amarante, isto é, o redator chefe do jornal, Sátiro de Castro Moreira.[345] Segundo o jornal *Amarante*, Sátiro era major do exército, além de comerciante e advogado. "Sátiro de Castro Moreira, advogado provisionado, aceita chamados para qualquer comarca do interior deste estado. Defende gratuitamente o direito dos pobres desvalidos, que se vejam perseguidos pelos agentes do poder público".[346] A advocacia gratuita não era algo muito incomum, contudo, também não era a regra. Ela trazia a Sátiro algum prestígio social, podendo ser também considerado um ato caritativo.

Prestígio esse também notado pela fala de João de Castro Lima, redator do jornal *Amarante* ao citar a participação de Sátiro em ato público em homenagem à libertação dos escravos que, no ano de 1908, completava 20 anos:

> O major Sátiro de Castro ali tornou a falar em nome do povo. Saudando o município de Amarante e os seus habitantes. Continuou o trajeto até a casa de residência do exmo. Sr. Dr. Eduardo Olímpio Ferreira, digno Juiz de Direito da comarca, o qual foi saudado pelo major Sátiro de Castro, respondendo ele em breve, mas eloquente e entusiástico discurso, em que manifestou quanto lhe era grato ver o povo amarantino, especialmente a mocidade que era a constelação luminosa do futuro, comemorar a gloriosa data '13 de maio' que relembrava a extinção da escravidão no Brasil.[347]

A passeata tinha partido da casa de Sátiro e feito percurso pela cidade, passando pelas casas de inúmeros cidadãos ilustres, entre as quais a casa do vigário, a já citada casa do juiz de direito, além do porto em que estava aportado um vapor. Em cada parada pedia-se falas em homenagens ao fim da escravidão e em favor da causa abolicionista, sendo encerrada novamente no seu ponto inicial, a residência de Sátiro de Castro,[348] mostrando grande prestígio público que tinha o major do Exército.

Além de Sátiro, a cidade de Amarante contava com a presença de outro espírita declarado. Deste personagem temos notícia em seus momentos finais de vida, o tenente-coronel Teodoro da Silva Ribeiro, militar e comerciante amarantino. O interesse da análise de Teodoro foca-se nas notícias que antecedem sua morte, bem como de artigo em sua memória,

---

[345] O nome de Satyro aparece com duas grafias distintas nas fontes consultadas, ora escrito com a letra "Y", ora escrito com a letra "I". Quando nos referirmos à fonte, faremos a transcrição literal de como foi escrito naquela fonte, quando nos referirmos a ele diretamente no texto adotaremos a grafia com "I".
[346] ADVOGADO. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 1, p. 2, 15 abr. 1908.
[347] PASSEATA. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 4, p. 1, 31 maio 1908.
[348] PASSEATA. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 4, p. 1, 31 maio 1908.

uma espécie de necrológico em homenagem ao seu desencarne. Na sessão de Noticiário do jornal *A Cruz* podemos apreender o discorrer da história:

> De Floriano, à procura de recursos da medicina, seguiu a 23 deste mês o nosso prezado confrade tenente-coronel Teodoro da Silva Ribeiro. Temos sabido que ali tem experimentado melhora e que em breve estará restabelecido.[349]

Ademais, logo em seguida a essa notícia, ficamos sabendo do regresso do seu filho à cidade de Amarante: "De Floriano regressou a esta cidade o nosso bom amigo Teodoro Ribeiro Júnior, que havia ido ali em companhia de seu extremoso pai o nosso confrade tenente coronel Teodoro Ribeiro".[350]

Informações concomitantes identificam a viagem de ida do confrade, coronel Teodoro Ribeiro, para Floriano durante o mês de março e no mesmo mês o regresso para Amarante de seu filho que o acompanhava. Pelo escrito podemos notar que o redator do jornal já recebera informações sobre a possível melhora do paciente. Contudo, por meio do referido editorial do número seguinte, que é dedicado ao tenente-coronel Teodoro da Silva Ribeiro, podemos atestar o seu falecimento.

> A estada do homem sobre a terra assinala uma das múltiplas fases da vida eterna, em cada uma das quais o espírito, sob o invólucro carnal, se propõe atingir superiores degraus da escala do infinito; e quando ele morre para este planeta, renasce para a eternidade, aí encontrando o produto do seu trabalho.[351]

E continua versando sobre a vida do tenente-coronel, desde o seu nascimento, seu desenvolvimento intelectual, comercial e moral. E também sobre seu sempre frágil estado de saúde: "Mais tarde sentiu-se doente, e nem 1867 seguiu para a Europa, passando três anos em Lisboa, Porto e Paris, e quando d'ali voltou, residiu ainda por algum tempo em Caxias donde veio para esta cidade no ano de 1878".[352] Mais adiante, observamos que nosso personagem volta a adoecer:

> Em 1895 o Ten. Cel. Teodoro da Silva Ribeiro deixou de comerciar, devido seu estado de saúde, e passou a viver do rendimento de seu capital, que proporcionava-lhe com abastança os meios de subsistência.[353]

Os problemas de saúde são justificáveis, considerando a idade do nosso personagem, por volta dos 59 anos, idade avançada para fins do século XIX. O articulista segue então nos contando a aproximação do coronel com o espiritismo:

---

[349]NOTICIÁRIO. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 42, p. 3, 31 mar. 1906.
[350]NOTICIÁRIO. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 42, p. 3, 31 mar. 1906.
[351]A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.
[352]A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.
[353]A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.

> Filho de pais católicos, ele educou-se no catolicismo: porém, no ano de 1902, quando por mercê de Deus, o espiritismo conquistou alguns crentes nesta cidade, tornou-se espírita fervoroso e abnegado e daí até o momento em que o seu corpo exalou o último suspiro manteve-se fiel às suas convicções.[354]

É nos contado que, mesmo antes de tornar-se espírita, Teodoro já era um homem de moral elevada, dado à prática da caridade:

> Se quando era católico já praticava a caridade, virtude sublime que abre as portas da felicidade à alma, depois que aderiu ao espiritismo quadruplicou esse sentimento de fraternidade: a todos acolhia com amor, especialmente os que necessitavam do pão do corpo e do espírito, aliviando-lhes as dores e desterrando pelo exemplo e pelo conselho os obstáculos antepostos ao sossego de espírito.[355]

O articulista pretende passar, assim, a noção de que o nosso personagem era pessoa de boa índole e de intenções nobres, mesmo antes de se tornar espírita, assim como também era apegado ao desenvolvimento intelectual:

> Ali não só revelou alto tino comercial, capitalizando sempre o produto de seu trabalho honesto e honrado como também cuidou da cultura do espírito, já estudando a língua vernácula e a francesa, aritmética, geografia e história, e já praticando a caridade.[356]

O escritor finaliza falando do seu processo de desencarne, que se deu no estado do Piauí, na cidade de Floriano e lamenta pela sua perda, sentida em toda a cidade e pelo grupo espírita.

> A sua desencarnação deu-se no dia 4 deste mês na cidade de Floriano, deste estado, para onde tinha seguido à procura de recursos médicos. E com ela abriu-se no Grupo Espírita ‘Fé, Esperança e Caridade’, do qual fora um dos fundadores, um vácuo impreenchíve.[357]

Portanto, Teodoro foi outro dos convertidos ao espiritismo em Amarante, tendo tido contato com este conhecimento e ajudando a fundar o grupo espírita da cidade. Como comerciante, letrado, ocupante de uma patente militar de alto prestígio, tendo tido condições de ir à Europa em busca de tratamento, entendemos que ele também possuía abastado número de posses e consequente prestígio social.

Reforçamos essa análise, tanto para Teodoro quanto sobre Sátiro, demonstrando que, nesse momento, a prática e propagação do espiritismo estava ligada às elites letradas, de

---

[354] A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.
[355] A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.
[356] A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.
[357] A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.

classe média e/ou abastadas. Essa tendência é confirmada por todo o estado e país, como propõe Damazio, que nos diz:

> A doutrina sistematizada por Kardec era de difícil compreensão pelas massas incultas [...] De fato, desde a publicação de o Livro dos Espíritos em 1857, a doutrina revelada tornara-se conhecida de alguns brasileiros familiarizados com a língua francesa e por grupos de franceses radicados no Rio de Janeiro [...]. Era fundamental que as revelações dos espíritos fossem vertidas para o idioma corrente para que um número maior de pessoas pudesse ter acesso a elas.[358]

E ainda complementa sobre o número de pessoas que assistiam as reuniões de estudos na sede da federação no início do século XX:

> As reuniões na sede da federação eram frequentadas por um número reduzido de pessoas – Canuto Abreu estima em trinta ouvintes, no máximo, as conferências públicas – e as edições quinzenais do Reformador se restringiam a duzentos exemplares [...].[359]

O que é complementado por Bernardo Lewgoy:

> O espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa, mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da 'ciência' e da 'literatura'.[360]

Demonstra-se, dessa forma, que eram poucos os adeptos do espiritismo, o qual tanto valorizava o estudo, quanto se diferenciava pela formação letrada de seus adeptos. Estes, por sua vez, possuíam ou adquiriam papel social relevantes em seus meios, como foi o caso de muitos espíritas daquele momento, entre eles, Angeli Torterolli, Antônio Luiz Sayão, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Silva Neto, Castro Lopes, Pinheiro Guedes, Dias Lopes, Bezerra de Menezes, entre outros.

Durante o discorrer da mensagem necrológica preparada pelo jornal ao seu morto homenageado, é notória a forma da escrita e os termos utilizados pelo editor, como "invólucro carnal", "desencarne", "pátria dos espíritos", entre outros termos desenvolvidos e utilizados pelo linguajar espírita, pois, como qualquer ciência, filosofia ou religião, essa cunhou seus

---

[358] DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo:* advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 101.
[359] DAMAZIO, 1994, p. 129.
[360]LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras*: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. 360 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 15.

termos segundo suas ideias, ideais e crenças, ou como se referiu seu fundador: “Para que se designem novas coisas são precisos termos novos”.[361]

Dessa forma, a religião fundamenta-se também na criação de uma linguagem própria, utilizando-se, dessa maneira, de um modo operante de agir e de se expressar notório nesse escrito e em muitos outros.

A estranheza da mensagem póstuma que, em vez de lamentar a perda, exalta a vida, foi tanta que no mesmo número em que foi publicado o necrológico de Theodoro, o editor do jornal já responde àqueles que o “acusaram de dar os parabéns”, pela desencarnação do morto.

> Alguns espíritos galhofeiros, dentre alguns que estão encarnados e residem nesta cidade andaram propalando que demos parabéns ao nosso presado confrade coronel Diocleciano da Silva Ribeiro e ao nosso digno amigo Theodoro Ribeiro Junior pela desencarnação do nosso querido confrade tenente coronel Theodoro da Silva Ribeiro.[362]

O jornal responde àqueles que atacavam o espiritismo na cidade, provavelmente católicos, pelo que podemos apreender da continuidade da resposta:

> Já conhecemos muito bem quanto são capazes esses galheiros, que, entretanto, se dizem homens de *bem*, e a eles não devemos a mínima satisfação acerca de nossas crenças religiosas, visto que não queremos encarcerar a nossa liberdade de pensamento nos dogmas de sua religião.[363]

Assim, podemos notar que a mensagem local causou repercussão na visão que os não espíritas tinham da morte e de como o espiritismo dela se referia. Voltando-nos ao grupo espírita podemos nos aproveitar das fontes apresentadas para delimitar com certa precisão a fundação daquele movimento.

Lembrando-nos das citações de Cunha, as reuniões começaram por volta de 1896 e segundo o *A Cruz*, órgão jornalístico do movimento daquela cidade, Teodoro teria sido um dos fundadores da associação quando no momento de sua conversão, no ano de 1902. Podemos também adicionar a essa reflexão a notícia que vem do jornal *Amarante*, quando no momento de seu surgimento:

> Diversos jornais têm aparecido nesta cidade, prometendo trabalhar em prol dos interesses gerais da sociedade e desenvolvimento deste município e ambicionando vida longa. Todos excetuada *A Cruz*, órgão de propaganda espírita, que já está no sexto ano de existência, pouco tem durado[...][364]

---

[361] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*: filosofia espiritualista/recebidos e coordenados por Allan Kardec. Brasília: FEB, 2013a. p. 13.
[362]A QUEM ASSENTAR... *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 2, 30 abr. 1906.
[363] A QUEM ASSENTAR... *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 2, 30 abr. 1906.
[364]APRESENTAÇÃO. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 1, p. 1, 15 abr. 1908.

Sendo a notícia do *Amarante* de 1908, portanto, podemos concluir que o ano de surgimento do grupo espírita foi 1902, que também é o ano de surgimento do jornal espírita. A diferença de anos entre os primeiros adeptos até o surgimento do grupo espírita em 1902 mostra, de certa forma, que o movimento foi ganhando força e adeptos em Amarante, a ponto da informação circular em diversos meios e estados da federação, como nos chega essa notícia do mesmo ano:

> CIDADE ESPÍRITA
> Diz o Taquargense:
> Segundo lemos em um jornal de Minas Gerais, a cidade de Amarante, empório do comercio no Sul do Piauí, acha-se assentada por uma verdadeira epidemia de espiritismo. Grande número de famílias entregaram-se às práticas da seita. Tomadas de invencível obsessão. Registram-se vários casos de loucura, destacando-se do deputado estadual Altino Ribeiro. O curiosíssimo fenômeno de epidemia espiritual que apresenta Amarante, tem provocado larga discussão na impressa local. Tendo o dr. Higino Cunha reclamado urgente providencias do governo.[365]

A circularidade da informação surpreende, pois, primeiro a notícia chega à Minas Gerais e posteriormente volta-se para Caixas, praça urbana mais próxima à Amarante. Essa circularidade é marcada pelo consumo de informações que esses grupos proporcionavam, alimentando uma rede de jornais espíritas no Brasil que nesse momento tornava-se extensa:

> No período que compreende o lançamento do primeiro jornal espírita *Eco D'Além Túmulo*, em 1869, até o fim do século XIX, foram lançados 38 periódicos ligados ao movimento espírita em todo o Brasil, na primeira década do século seguinte; 33 novos surgiram no cenário nacional; na década de 1911 a 1920, surgiram mais 23; enquanto entre os anos de 1921 a 1930, novos 38 periódicos vieram ao mundo; entre 1931 e 1940, surgiram mais 84 novos periódicos; na década seguinte até o 1950, mais 50 novos títulos passaram a existir e, finalmente, entre 1951 e 1960, vieram à luz 62 novos periódicos espíritas.[366]

Somando-se os periódicos espíritas lançados antes e até o momento do recorte temporal deste tópico, temos um total de 135 jornais espíritas que estiveram em circulação no Brasil. A grande maioria, segundo Amorim e os historiadores da imprensa, tinham vida curta e dependiam da vontade de seus idealizadores para vir à luz. Contudo, a profusão desses jornais demonstra papel central na circularidade, no interesse e no consumo dessa informação.

O quadro descrito para o Piauí assemelha-se em temporalidade com a formação dos primeiros grupos espíritas do Ceará:

> Em 1897, funda-se, em Fortaleza, o Grupo Espírita Fé e Caridade, destacando-se a atuação de Demétrio de Castro Menezes e Luiz de França de

[365]CIDADE ESPÍRITA. *Jornal de Caxias.* Caxias, ano 7, n. 352, p. 3, 11 out. 1902.
[366]AMORIM, Pedro Paulo. Os periódicos espíritas do final do século XIX à década de 1960. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, ano 10, n. 28, p. 7-24, maio/set. 2017. p. 21-22.

> Almeida e Sá. Ao iniciar-se o novo século, surgiram em Maranguape, mais dois grupos: o Grupo Espírita Verdade e Luz (1901), sob a direção de Arthúnio Vieira e sua esposa, a escritora, abolicionista e precursora do movimento feminista no Ceará, Emília de Freitas; que editaram o jornal espírita *Luz e Fé*. Em 1902, nascia, também em Maranguape, o Grupo Espírita Caridade e Luz, que manteve o jornal *Doutrina de Jesus* e a Escola Cristã.[367]

Bem como no Maranhão pudemos apreender a fundação do Club Espírita Redenção, que publicava em 1886 o periódico *A Luz*, que podemos considerar como os pioneiros do espiritismo maranhense.

Todos os grupos aqui descritos tinham como características marcantes os poucos professos, que, em geral, eram letrados e que mantinham órgãos de propaganda espírita e surgiram no mesmo período, demonstrando uma irradiação do processo de difusão do espiritismo. Este, apesar de acompanhar temporalmente as repercussões que partem inicialmente da corte – posterior capital federal – não fica claro se um é consequência do outro ou decorrência da circularidade cultural que as ideias espíritas que partem da França ecoam mais tardiamente nas periferias.

O Centro Espírita Fé e Caridade aparece ainda em 1928 em carta, em anexo, enviada ao Centro Espírita Perseverança no Bem de Parnaíba, nosso segundo centro analisado. Essa é a última vez que o grupo de Amarante é visível em nossas fontes.

A seguir, lidaremos com o centro espírita Perseverança no bem, fundado em Parnaíba, praça urbana do norte piauiense e que apresentará características distintas dos pioneiros conhecidos até aqui.

4.2.3 Os centros espíritas: momento da consolidação

Nesta etapa lidaremos, em especial, com o período que vai de 1910 a 1930, momento esse que, no Piauí, será marcado pela formação do Centro Espírita Perseverança no Bem. Esse centro, o mais longevo em atuação até a atualidade no estado, vai demonstrar características distintas dos primeiros apresentados. Dele, foram analisadas as atas de funcionamento e sessões que vão desde 1918 a 1960,[368] bem como o estatuto da instituição. Podemos analisar

[367] SILVA, 2009, p. 108.

[368] O livro de atas do Centro Espírita Perseverança no Bem me foi dado em cópia digital pelo presidente do Instituto de Cultura Espírita do Piauí – ICEPI, o amigo Raul Ventura. No início de minhas buscas por fontes, entrei em contato com Raul para que me indicasse algum arquivo, livro, folheto ou jornal que pudesse me auxiliar na realização do trabalho. Como entusiasta da pesquisa

ainda o crescimento do centro, seus membros e informações sobre o dia a dia da instituição, sendo ele representante de um segundo momento do movimento espírita no Piauí e no Brasil.

Esse segundo momento, que entendemos como um momento de consolidação do movimento espírita no Brasil, ficará marcado pelo início do processo de consolidação dos centros espíritas, assim como da ideia religiosa, sobrepondo-se à antiga dicotomia ciência/religião existente até o início do século, problemática essa superada, entre outros motivos, pelas perseguições médicas e policiais, como também pela tentativa de diferenciação com as religiões de matriz africana.

Em Parnaíba, a representação espírita se dará na formação e consolidação do Centro Espírita Perseverança no Bem,[369] que tem como data de fundação, segundo seu Estatuto, o dia 16 de julho de 1918.[370] Seguiremos analisando sua ata de reuniões:

> Aos três dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e dezoito, às sete horas da noite, nesta cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, teve lugar a primeira sessão evocatória para desenvolvimento de médiuns, conforme ficou resolvido pela Diretoria deste centro em sessão do dia 1º de dezembro.[371]

Logo em seguida temos a seguinte sentença: "Ata da vigésima quarta sessão evocatória do Centro Espírita Perseverança no Bem",[372] e também "Ata da quinta sessão doutrinária do Centro Espírita Perseverança no Bem".[373] Atividades como desenvolvimento mediúnico e sessões evocatórias não são abertas ao público em geral por serem de caráter mais profundo e que apenas os membros professos, segundo os estatutos da doutrina, poderiam participar. O termo "professos" aqui colocado é descrito nos documentos do centro espírita como membros associados àquela entidade, segundo seus estatutos: "Art. 8 – Sócios

---

histórica, Raul já a muito agremiava para si e para o instituto materiais históricos que pudessem auxiliar a pesquisadores da História do espiritismo. Raul me conseguiu as atas relativas à 1918 e 1919 ainda para a realização do trabalho de monografia. Anos mais tarde, por meio do grupo de trabalho Mundos do Trabalho, que possui um site com diversos materiais e fontes históricas, consegui adquirir as atas relativas aos anos de 1920 à 1960, assim como outras fontes do CEPB.

[369] Os memorialistas espíritas nos falam que havia ainda um outro grupo de estudos espíritas em Parnaíba anterior à formação do CEPB. Contudo, nossas fontes não nos confirmaram essa informação, mas registramos a nota como forma de entender que a falta de fontes ou a não preservação delas é marca recorrente na formação do movimento espírita no Piauí.

[370]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 4.

[371]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 3 dez. 1918, p. 3.

[372]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 6 dez. 1918. p .5.

[373]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 dez. 1918. p. 6.

professos serão aqueles que tenham suficiente conhecimento da doutrina espírita. E observem os seus preceitos, quer na vida pública, quer no particular".[374]

As atividades abertas ao público são as "sessões doutrinárias para o público em geral" que tiver interesse em conhecer, como podemos ver na seguinte sentença: "Compareceram como visitantes Joaquim de Lucena Ramos e Antônio Fernandes Rodrigues Sobrinho".[375] Segundo os estatutos, essas sessões tinham por "objeto o estudo teórico da doutrina".[376]

As atas também relacionam os presentes àquela primeira sessão de desenvolvimento mediúnico: "Compareceram os consócios Benedito Simão de Santana, Miguel Moreira, Sancho Escórcio, José Aldeno, Marcelo de Mello e Francisco Aires".[377][378]

Dessa forma, notamos apenas um seleto grupo que inicia tais trabalhos. Contudo, à frente percebemos o crescimento desse número de participantes, como mostra a seguinte ata datada de 4 de julho de 1919, seis meses posteriores à primeira reunião daquela equipe de estudos do grupo espírita:

> Aos quatro dias do mês de julho de mil novecentos e dezenove, das sete às nove horas da noite, nesta cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, reuniram-se na sede social Alarico J. da Cunha. B. Simão, Augusto Pessoa, Dr. AntônioNeves, Manoel Basto, Manoel Mousinho, Oscar Vaz, José Brenha, Ricardo Leitman, Antônio O. Mello,[379] Dr. Aberival Veras, José Dutra, Francisco dos Santos, Francisco J. Vaz, Antonio J.Rodrigues Sobrinho, Francisco Aires, Godofredo Miranda,[380] Dr. Gonçalo de Castro Cavalcante[381]

---

[374]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 4.

[375]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 dez. 1918. p. 6.

[376]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 6.

[377] Francisco Aires: operário e poeta. Viveu mais de meio século na terra parnaibana. Participou intensamente da vida intelectual da comunidade como poeta e jornalista. Colaborou como redator nos jornais *O Artista* e *O Norte*. Patrono de uma Cadeira da Academia Parnaibana de Letras. Cf.: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.

[378]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 3 dez. 1918. p. 3.

[379] Antônio O. Mello (Esperantina-PI, 1894 – Parnaíba-PI, 1968): poeta e jornalista. Trabalhou muitos anos na empresa Singer – Sewing Machine. Residiu em Recife (PE) e, de lá, passou para o Rio de Janeiro, onde fixou residência e domicílio com ânimo definitivo. Escreveu uma coletânea de poesias sob o título *Poemas em sonetos e outros versos* (1967), no qual traz à evidência lugares e ocorrência do seu estado natal. Deixou ainda gravado em discos, diversas poesias. É patrono de uma cadeira da Academia Parnaibana de Letras. Venerável da Maçonaria Fraternidade Parnaibana. Viveu mais de trinta anos em Parnaíba onde teve uma marcante passagem como poeta e jornalista. Colaborou nessa cidade no *Jornal do Comércio* e no *Almanaque da Parnaíba*. Militou, também, na imprensa pernambucana, escrevendo para o *Jornal do Comércio*. Poeta cintilante, com predominante espírito amoroso e telúrico. Os seus versos são imaginosos e de muita emotividade. Cf.: GONÇALVES, 2003.

[380] Godofredo Miranda: nascido em Buriti dos Lopes-PI, no dia 4 de agosto de 1895 e falecido em Parnaíba-PI, no ano de 1957. Filho de Euclides Godofredo da Silva Miranda, que foi intendente de

> e Joaquim de Lucena Ramos. Presidindo a sessão o confrade Alarico J. da Cunha.[382]

A relação de nomes acima mencionados eram a dos confrades,[383] que participaram, naquela noite, dos trabalhos não abertos ao público. Nota-se uma diferença substancial de nomes na quinquagésima primeira reunião de desenvolvimento mediúnico do centro espírita em relação a primeira. Com uma diferença temporal de seis meses, os nomes saltaram em números de cinco para dezoito participantes, denotando, dessa forma, um sucesso na agremiação de componentes internos, já que a mesma reunião não aceita a presença de visitantes.

Os membros sócios eram escolhidos através de indicações dos membros, como mostra a sessão descrita na ata: "O confrade Benedito Simão propôs igualmente para sócio, o senhor Joaquim de Lucena Ramos, solteiro, também residente em Parnaíba, nascido a 27 de setembro de 1885 neste estado, o qual exerce a profissão de alfaiate",[384] como demonstram os estatutos:

> Art. 7º - Para ser admitido sócio é preciso:
> a) Ser proposto por um sócio professo.
> b) Ter vida honesta e bom procedimento.[385]

O confrade Lucena, até o momento, aparecia apenas como visitante nas sessões públicas de interesse doutrinário, mas com sua ascensão a sócio do centro espírita, ele começa a fazer parte do mesmo. Essa ascensão é explicada por Lucena ter passado de membro inscrito à membro professo, como explica seu estatuto: "Art. 5º – Terão os sócios as seguintes categorias: a) Inscritos; b) Professos; c) Correspondentes".[386]

Parnaíba entre 1897 e 1900. Formado em medicina pela Faculdade da Bahia, foi médico Fundador da Santa Casa de Misericórdia da cidade e do Ginásio Parnaibano. Cf.: GONÇALVES, 2003.

[381]Gonçalo de Castro Cavalcante: nascido em 1882 e falecido em 1949 na cidade de Teresina. Magistrado, professor e jornalista. Bacharel em direito pela tradicional Faculdade de Recife (1907). Promotor Público no interior do Piauí. Juiz de Direito de Altos, Uruçuí e Parnaíba. Primoroso jornalista. Colaborou com os Jornais *A Pátria* e *A Notícia*. Membro do Tribunal de Contas do Estado (1909). Um dos Fundadores da Faculdade de Direito do Estado. Ex-professor de Matemática e Física do antigo Liceu Piauiense. Falava Fluentemente o italiano, o inglês, o francês, o espanhol e o alemão. Conhecia profundamente a física e a música clássica. Grande orador. Cf.: GONÇALVES, 2003.

[382]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 4 jul. 1919. p. 48.

[383]Termo bastante usado no meio espírita até os dias atuais para se designar a algum companheiro que partilha da ideologia espírita.

[384]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 20 dez. 1918. p. 11.

[385]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 4.

[386]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 4.

Quando uma pessoa se tornava membro, inscrito e professo do centro espírita, devia seguir uma série de regras, deveres, bem como tinham alguns direitos. Abaixo listamos algumas das regras com o intuito de ampliarmos nossos conhecimentos sobre o centro e a sua estrutura:

> DOS DIREITOS E DEVERES DOS SÓCIOS
> Art. 11 – têm os sócios os seguintes deveres indeclináveis:
> a) Cumprir e fazer cumprir fielmente estes Estatutos.
> b) Acatar as resoluções da Diretoria.
> c) Evitar e fazer evitar todo motivo de discórdia, desconfiança, ou prevenção entre os sócios.
> d) Comparecer assiduamente às reuniões do Centro.
> e) Colocar a causa espírita acima de subalternos interesses pessoais e de todas as manifestações de orgulho e vaidade.
> f) Procurar desenvolver o mais possível entre os sócios, os sentimentos de fraternidade, benevolência, concórdia e confiança.
> g) Desempenhar com dedicação e zelo os cargos para que forem eleitos ou designados.
> h) Prestar à associação todo o apoio moral e material que lhes for possível.
> i) Usar em todas as ocasiões e com todos os sócios uma linguagem de delicada e afável, ainda que defendendo-se de acusações nunca ultrapassando os limites da conveniência e urbanidade.
> j) Guardar nas sessões o maior silencio e recolhimento. [387]

Além das obrigações acima listadas, os sócios tinham a obrigação de auxiliar financeiramente o centro, sendo proibido aos membros sócios: "Conversar e discutir em voz alta, sobre quaisquer assuntos durante as sessões evocatórias", bem como "fumar no recinto das sessões", "delatar os seus consócios", "murmurar contra o procedimento particular de quem quer que seja" ou "promover insubordinação contra as resoluções da diretoria".[388]

O grupo espírita contava ainda com um veículo de comunicação, o jornal *O Consolador*, escrito que propagava as palavras do espiritismo pela cidade de Parnaíba. A informação vem através do jornal *O Artista*, que era o órgão de propaganda da sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba.

> *O Consolador* – Com vero prazer acusamos a recepção do n' 10 d' *O Consolador* que se publica nesta cidade, como órgão do Centro Espírita 'Perseverança no Bem'.
> É sempre com carinho que acolhemos, cá em casa, este apreciado confrade, sobre a orientação de penas brilhantes do nosso meio, que em suas colunas propagam as ideias da doutrina espírita.[389]

Clóvis Ramos, historiador da impressa espírita descreve o jornal *O Consolador*:

---

[387]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 5.
[388]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 5.
[389]A VIDA dos colegas O Consolador. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 3, p. 3, 5 out. 1919.

> 158 *O CONSOLADOR* – Parnaíba, Piauí. Órgão do Centro Espírita Perseverança no Bem. Mensal. Diretor: Alarico da Cunha; Gerente R. Chagas. Redatores: além de Alarico, Eduardo Lagnani e B. Simões.

A formação desse órgão de imprensa já estava prevista nos estatutos de fundação da instituição: "Fundar e manter um jornal de propaganda, que será órgão oficial do centro".[390] Em nossas pesquisas, não tivemos acesso a nenhum número do jornal, entretanto, através do diálogo com as atas e com outros jornais, pudemos perceber a atuação do jornal espírita na troca de informações naquela região.

No ano de 1919 também é relatado, através da ata de reuniões do Centro Espírita Perseverança no Bem, eleições para a mesa diretora:

> [...] tendo sido reeleito o senhor Alarico J. da Cunha para presidente, para vice-presidente, Dr. Antônio d' Almeida Neves; Secretário, José Francisco Dutra; Tesoureiro: Eduardo Legnani, também reeleito e Bibliotecário e arquivista, Dr. Francisco de Moraes Correia.[391][392]

As eleições ocorriam anualmente e pode-se constatar que, no ano seguinte, em 1920, o presidente da casa foi reeleito pelo terceiro ano consecutivo por comprovação de *O Artista*: "Este centro elegeu sua nova Diretoria, domingo 11 do corrente a qual ficou assim constituída – Presidente e Doutrinador: Alarico J. da Cunha (reeleito)".[393]

A existência de um estatuto organizado, atas que visam apreender os acontecimentos da instituição, bem como um jornal para divulgação dos ideais, regramentos, direitos e deveres, eleições regulares, todas essas medidas compreendem um esforço de se institucionalizar. Num primeiro momento, seguindo um composto de orientações vindas ainda do livro dos médiuns, Kardec publica nesse escrito o Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas[394] para servir de guia às sociedades espíritas que estivessem se formando, "conquanto este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de Sociedades aos que as queiram fundar".[395]

---

[390]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 3.

[391] Francisco de Moraes Correia: político e comerciante, Francisco Moares Correia nasceu no ano de 1875, vindo a falecer no ano de 1950. Bacharel em direito, exerceu o cargo de deputado estadual entre 1900 e 1904. Em 1915 foi eleito deputado federal, mas não tomou posse por motivos políticos. Na administração pública do estado foi chefe de polícia (1908 a 1912), quando elaborou *Regulamento da Segurança Pública do Estado* e uma *Coletânea das Leis e Decretos do Piauí* (1889-1902). Como jornalista fundou *O Monitor*. Cf.: GONÇALVES, 2003.

[392]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 6 jul. 1919. p. 49.

[393]CENTRO Espírita Perseverança no Bem. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 5, p. 3, 15 out. 1920.

[394] KARDEC, 2013b, p. 371.

[395] KARDEC, 2013b, p. 371.

Assim, o CEPB segue ainda uma ordenação que advém diretamente das ideias espíritas francesas, sem sentir os impactos de possíveis mudanças interpretativas causadas pela FEB, mudanças que poderão ainda vir no futuro deste escrito.

Alguns nomes de participantes espíritas do CEPB se destacam em nossos escritos. O primeiro deles é o de Alarico da Cunha, espírita de primeira hora da cidade de Parnaíba. Alarico tem sua história marcada pelas crenças espíritas, teofísicas e espiritualistas, tendo sido reeleito algumas vezes para a presidência da entidade espírita, como escrevendo textos em defesa do espiritismo e colaborando para a propagação da doutrina.

Lima Rebelo, também poeta e escritor, é quem recebe Alarico na Academia Piauiense de Letras. Na ocasião, seu discurso fez um retrocesso aos trinta anos de amizade entre eles, exaltando a poesia e a prosa de Alarico, além de fazer referências aos inúmeros trabalhos deste com o folclore, que, segundo ele, é a expressão máxima da alma do povo:

> O Folclore o atrai, como a lembrança da Pátria distante atrai o peregrino desterrado. Cada uma das cenas da sua juventude sertaneja lhe ressurge nos problemas dos seus estudos prediletos: o que há de espontâneo no povo, o que lhe exsurge da alma em cantos, como no canto dos passarinhos; em gestos, como no meneio hierático das garças; em sentimentos e expressões, como os que impulsionam todos os seres sensíveis e animados de fibras e de nervos. Alarico ama a sua gente. E por amá-la e conhecê-la, ele a estuda para servir mais e amar melhor.[396]

Segundo o *Dicionário enciclopédico de piauienses ilustrados*, Alarico José da Cunha nasceu em São José das Cajazeiras, hoje cidade de Timon, Maranhão, no dia 31 de dezembro de 1883. Lima Rebelo diz que suas origens são de uma família sertaneja, de um Brasil ainda rural, e que Alarico "não tendes o temor humano do civilizado",[397] do polido e do que caracterizaríamos hoje como politicamente correto e aceito. Por isso, Lima Rebelo diz que ele se confessa, "bruxo, ocultista e clarividente",[398] de forma simples, sem receio de ser rejeitado por assim se definir e declara seu amor pelos estudos metapsíquicos e filosóficos.

Foi sociólogo e poeta, jornalista e contador de estórias. Tomou por residência a cidade da Parnaíba por mais de sessenta anos, onde desenvolveu atividades intelectuais, como a colaboração em diversos jornais, como *O Farol*, *O Artista* e o *Almanaque da Parnaíba*. Escrevia para a *Revista da Academia Piauiense de Letras* e na mesma Parnaíba auxilia na redação do jornal *O Reformador* do Centro Espírita Perseverança no Bem.

---

[396] REBELO, José Pires de Lima. Saudação a Alarico da Cunha. In: FILHO, A. Tito. *Lima Rebelo*: o Homem e a substância. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 89.
[397] REBELO, 1985, p. 99.
[398] REBELO, 1985, p. 99.

Presidiu por algum tempo a Associação Piauiense de Imprensa. Poliglota, falava fluentemente o inglês, francês e alemão. Foi vice-cônsul de Portugal, membro da Academia Piauiense de Letras, fundador da Academia Maranhense de Letras e também foi escolhido patrono de uma cadeira na Academia Parnaibana de Letras, vindo a falecer no ano de 1965, na cidade do Rio de Janeiro.[399]

Alarico foi um intelectual e um personagem importante para a propagação do espiritismo. Em comentário à sua pessoa, a *Revista da Academia Piauiense de Letras* tem a seguinte opinião:

> Empolgado pelos estudos metapsíquicos aprofundou-se neles apaixonadamente. A sua poesia reflete os conhecimentos especializados e transcendentais por que foi atraído. Paralelamente, dedicou-se ao estudo de nosso folclore, de que possui importantes trabalhos inéditos colididos e organizados para publicação. Sob essas faces, é primoroso narrador, em interessante e atraente prosa, em que expõe preciosos episódios, lendas e poesias do sertanejo piauiense.[400]

Além de Alarico, outros personagens destacam-se por compartilhar o espiritismo em Parnaíba. Nomes como de Godofredo Miranda, médico e fundador da Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba e Dr. Gonçalo de Castro Cavalcante, promotor e juiz no Piauí, entre outros nomes que podem ser vistos em anexo, os quais também faziam parte da associação espírita parnaibana. Isso mostra que, assim como nos momentos iniciais do espiritismo no estado, a doutrina espírita mantinha um caráter extremamente ligado às elites letradas e instruídas, além de ser um movimento tipicamente urbano, ligado principalmente aos centros desenvolvidos ou com intensas trocas comerciais.

Contando até esse momento com duas instituições espíritas fundadas no estado, em Amarante e em Parnaíba, ao fim da década de 1920 surge o Centro Espírita Piauiense, em Teresina, sobre o qual discorreremos mais a diante, formando ao todo três núcleos e centros em atuação no estado.

De forma comparativa, podemos analisar esse mesmo período na região ao entorno do território piauiense. No Maranhão, nesse mesmo período por nós analisados, pudemos, através de jornais espíritas, mapear os grupos ou centros espíritas em funcionamento entre 1900 e 1930, sendo eles os Centro Espírita Allan Kardec, que publicava o jornal *Riso D'Alma*, bem como a União Espírita Maranhense, que publicava o jornal *Pegureiro da Fé*. O grupo foi a primeira tentativa de unificação do movimento espírita do Maranhão. As pesquisas de Carvalho Netto ainda nos mostram a possível existência do Alma e Coração. Fica

[399]GONÇALVES, 2003, p. 141.
[400]GONÇALVES, 2003, p. 141.

comprovada, nesse mesmo período, a fundação dos centros Propagandistas da Luz e Emmanuel.[401] Alguns anos mais tarde, outros grupos seriam fundados na capital São Luís e em cidades do entorno.

No Ceará, esse período é marcado pelo rápido desenvolvimento dos centros espíritas, sendo fundado nove centros diferentes, sendo três deles fora da capital e outros seis em Fortaleza. Os centros fundados fora da capital foram o Grupo Espírita Verdade e luz em 1901, Grupo Espírita Caridade e Luz em 1902, ambos abertos na cidade de Maranguape, e o Centro Espírita Dr. Dias da Cruz, fundado na cidade de Iguatu no ano de 1923. Os grupos abertos na capital foram: Centro Espírita Cearense em 1910, Centro Espírita Ismael Caridade e Luz em 1926, Grupo Espírita Vianna de Carvalho em 1926, Sociedade Espírita Fé, Esperança e Caridade em 1927, Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres em 1928, e o Grupo Espírita de Caridade Urubatan de Deus em 1928.[402]

O crescimento quantitativo do número de grupos nos três territórios mostra a profusão que o espiritismo ia tomando nos centros urbanos, assim como a diferença numérica entre Maranhão e Ceará se comparados com o Piauí, isto é, muito menor. Isso mostra que o território piauiense resistia aos contatos maiores com outras práticas religiosas.

Essa dificuldade piauiense com a propagação do espiritismo pode ser explicada, primeiramente, pela falta de sítios urbanos, mesmo que de pequeno porte, no Piauí, sendo os principais centros urbanos as cidades de Parnaíba, na foz do rio de mesmo nome; Teresina, capital do Estado; Picos, no interior; e Oeiras, antiga capital, também localizada no interior.

Além da experiência urbana piauiense ser marcada pela pouca concentração populacional, essa mesma população era muito pouco letrada, outra marca daqueles que professavam o espiritismo, como nos mostra Queiroz:

> O incremento da instrução, tanto na capital quanto no interior, foi uma preocupação manifestada pelo poder público. A despeito desse interesse, o crescimento do número de escolas e do número de alunos matriculados sequer acompanhou o crescimento da população escolarizável. Dessa forma, o Piauí continuou, como fora no império, um dos estados em que o número de analfabetos guardava maior proporção relativamente à população total.[403]

A realidade acima apresentada representa a dificuldade da inserção não só do espiritismo, como também de qualquer ideia ou manifestação cultural que exigisse melhor condição intelectual para existir. Queiroz demonstra que as razões para o quadro piauiense

---

[401] CARVALHO NETTO, 2017, p. 42-46.
[402] SILVA, 2009, p. 330. O autor organiza, nos anexos de sua tese, uma lista com os nomes das instituições espíritas, data de fundação e cidade localizada.
[403] QUEIROZ, 2011, p. 74.

eram variadas: “Professores semianalfabetos; concursos em geral fraudulentos; ordenados miseráveis e frequentemente atrasados; inexistência de prédios escolares e de verba suficiente para aluguel de salas de aula”.[404] A autora ainda cita, como fatores que atrapalhavam o desenvolvimento da educação no Piauí, as disputas políticas e a falta de materiais básicos de estudo, como papel, quadro e giz.

A situação piauiense começa a modificar-se, pelo menos com relação ao ensino das primeiras letras, entre os anos de 1910 e 1930:

> As mudanças mais significativas nesse quadro estão ligadas, de um lado, à incorporação das normalistas pela rede oficial de ensino, tanto na Capital como no interior, em substituição aos professores leigos; e de outro, ao apoio mais efetivo à educação pela alteração das condições materiais, em particular a construção de prédios destinados às escolas públicas, a partir dos governos de João Luís Ferreira (1920-1924) e de Matias Olímpio (1924-1928).[405]

Dessa forma, entendemos que a condição educacional brasileira, em especial do Piauí, dificultou o possível processo de conversão ou difusão das ideias mais letradas do espiritismo, levando os espíritas a pensarem e praticarem outros tipos de inserção social. Já que o processo de convencimento pela palavra havia “falhado”, eles buscaram outros tipos de inserção social para legitimar suas práticas, bem como propagandear sua doutrina e ensinamentos, o que poderemos ver no item seguinte.

4.3 Formas de inserção social dos espíritas

Dentro do processo de legitimação do campo religioso, de maneira geral, era preciso que suas práticas e ações se inserissem nas sociedades em que buscavam essa entrada. Dessa forma, nada mais comum que a organização de estratégias para apreender esses objetivos. E assim os espíritas procederam, desde os tempos de Kardec até os dias de hoje. Veremos neste item algumas dessas estratégias como forma de entender os espíritas e suas práticas.

A primeira estratégia a ser analisada neste tópico é a prática da filantropia, pregada sob o nome de caridade. Dentro da lógica espírita, a filantropia foi fundamental para se quebrar as barreiras entre as elites letradas, praticantes da doutrina e as classes menos cultas, populares, diminuindo o estranhamento destes com aqueles.

No segundo momento deste tópico, falaremos da segunda estratégia, isto é, aprofundaremos em um tipo específico de prática espírita brasileira que, de maneira distinta,

[404] QUEIROZ, 2011, p. 74.
[405] QUEIROZ, 2011, p. 75.

foi tratado no capítulo anterior sobre os embates médicos. Neste subtópico, porém, destacaremos a prática em si e não os embates, uma vez que os receituários mediúnicos e curas espirituais aprofundaram de maneira importantíssima essa relação anteriormente descrita, possibilitando a consolidação do espiritismo no itinerário psicológico brasileiro.

A terceira estratégia e também o terceiro tópico se refere à propaganda espírita desenvolvida por todo o período pelos seus praticantes, de relevância extrema para compreender a propagação da mentalidade espírita, das ideias e dos debates espiritistas na sociedade.

4.3.1 "Fora da caridade não há salvação":[406] a filantropia espírita

Desde o lançamento de *O livro dos espíritos* por Kardec, o mesmo já contrapunha o famoso dogma católico: "fora da igreja não há salvação", com a máxima: "fora da caridade não há salvação", dando à caridade lugar especial na literatura e no ordenamento espírita. Ele dedica a esse tema um capítulo, tanto em *O livro dos espíritos*, quanto em *O Evangelho segundo o espiritismo*, como forma de apresentar a caridade como algo essencial à prática espírita.

> 886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?
> 'Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas'.
> O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.[407]

Isso também ocorre em *O Evangelho segundo o espiritismo* em seu capítulo quinze, Fora da caridade não há salvação, em que Kardec explana passagens do novo testamento com textos de espíritos e comentários próprios à moral espírita:

> Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinos, Ele aponta essas duas virtudes como as que conduzem à eterna felicidade: 'Bem-aventurados', disse, 'os pobres de espírito', isto é, 'os humildes, porque deles é o Reino dos Céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quereríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas,

[406] KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo:* com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Brasília: FEB, 2013c. p. 207.
[407] KARDEC, 2013a, p. 393.

> se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros'. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, Ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.[408]

Colocando a caridade como elemento central da moral espírita, ela podia se dá no campo da consciência dos pensamentos, bem como descreveu no Evangelho, ou seja, na humildade, na empatia, como também no auxílio ao próximo, ajuda material e moral aos que necessitassem de cuidados, atenção, alimento ou perdão.

Neste trabalho, entendemos tal caridade pelo ponto de vista prático, isto é, as atitudes tomadas pelos espíritas em prol do próximo. Essas ações eram tomadas como forma de praticar a doutrina por eles professada, mas que possuía uma função secundária, a de legitimar as práticas espíritas na sociedade.

A essas práticas vamos nos referir como filantropia, que, segundo o dicionário *online* de português, quer dizer: "Caridade: demonstração de generosidade; tendência para ajudar os mais necessitados; falta de interesse".[409] Destarte, entendemos que a filantropia espírita tinha função interna e externa na práxis religiosa.

> Assim, a caridade espírita, emerge como um meio de elevação moral para os indivíduos que a praticam, proporcionando também os meios para o avanço daqueles que dela se beneficiam. Entendimento que adquire um tom salvacionista, na medida em que é através dela que o indivíduo poderá progredir alcançando estágios mais elevados de espiritualidade como 'espírito puro' e, assim, mais próximo de Deus.[410]

Os atos filantrópicos por nós caracterizados aqui, neste texto, não são exclusividade dos espíritas, sendo há muito praticados pelos católicos, protestantes e judeus em suas áreas de influência. Como exemplos, damos a fundação e difusão das Santas Casas de Misericórdia, instituição de orientação católica que se inseriu em diversas cidades no Brasil e no mundo. Em nosso contexto de trabalho, podemos destacar a fundação da Santa Casa de Misericórdia em Teresina, no ano de 1861, e a de Parnaíba em 1896.

Essas Casas tinham função de acolher, auxiliar e tratar os doentes e pobres que lá adentravam em busca de tratamento para as mais distintas enfermidades, como o

---

[408] KARDEC, 2013c, p. 208-209.
[409]DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Filantropia*. Disponível em: https://www.dicio.com.br/filantropia/. Acesso em: 8 de ago. 2022.
[410]SCHERER, Bruno Cortês. *A Federação Espírita do Rio Grande do Sul e a organização do movimento espírita rio-grandense (1934-1959)*. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. p. 44.

impaludismo, sífilis, varíola, amarelão, entre outras comuns ao período em análise. Nesse contexto, os espíritas irão se inserir de duas maneiras, a primeira é a prática da caridade filantrópica através de ações caritativas, e a segunda, as curas mediúnicas que serão tratadas a diante.

Sobre as práticas de filantropia caritativa, como dito, defendidas como partes da práxis doutrinária, será confirmada no ordenamento estatutário do CEPB em Parnaíba:

> Do Centro, seus fins e programa
> Art. 2° - Tem por fim o estudo da doutrina espírita, sob seu Tríplice aspecto científico, filosófico e moral.
> Art. 3º - E seu programa:
> 1 – Exercer a caridade, moral e materialmente por todos os meios ao seu alcance. [...]
> 6 – Instalar, quando as circunstâncias o permitirem, uma escola primária para educação de crianças pobres.[411]

Da citação acima apreende-se que uma das prioridades do centro espírita era a prática da caridade, das maneiras como pregadas pelo espiritismo, moral e material, bem como o desejo, expresso também em seus estatutos de colaborar com o ensino de crianças pobres, o que se realizou através da "Escola 3 de outubro, dirigida pela professora d. Senhorinha Avelino, com o número máximo de 25 alunos de ambos os sexos".[412]

Para além do programa de finalidades do centro, uma das formas de reunião espírita expressa pelos estatutos era as reuniões comemorativas, que tinham por finalidade a "homenagem aos grandes Espíritos consagrados ou venerados pelas suas doutrinas e ensinamentos".[413] Essas sessões se davam em dias e datas determinadas, assim especificadas:

> As comemorativas, nos dias da Quinta-feira Santa e Natal de Jesus Cristo. Assumação e Natividade a Virgem Mãe, Natalício e Desencarnação de Kardec (3 de outubro e 31 de março), Comemoração dos Mortos (2 de novembro), e outras datas designadas pela Diretoria.[414]

A explanação sobre o caráter dessas reuniões ocorre, já que nossas fontes mostram que as festas como o Natal eram datas bastante utilizadas para a prática da filantropia espírita:

> Realizou-se a 25 de dezembro findo, na sede do Centro Espírita 'Perseverança no Bem' o Natal das criancinhas pobres, sendo distribuídos às mesmas, 110 vestidos, número das crianças inscritas. Todas tiveram um farto

---

[411]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 3.
[412] CUNHA, 2015, p. 153.
[413]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 6.
[414]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918. p. 6.

> jantar, servido pelos espíritas. Também foram servidos ao jantar mais de 150 crianças não inscritos e diversos velhos, cegos e aleijados.[415]

A ação de filantropia apresentada pelo jornal *O Artista* demonstra a recorrente preocupação dos espíritas com a infância, em busca de atender às necessidades básicas do corpo: alimento e vestuário, bem como de instrução, como demonstra a fundação de uma escola para crianças pobres.

Destaca-se, nesse campo, a atuação feminina, ainda na organização por parte dos espíritas, de um grupo de trabalho para acompanhar os desdobramentos da epidemia de gripe espanhola que assolava a cidade de Parnaíba no fim da década de 1910:

> O irmão Dr. Antônio d'Almeida Neves prometeu ir falar com a nossa Exma. Confreira dona Alice Veras esposa do Senhor Merval Veras, no tocante a avaliação motica da comissão beneficente de senhoras, do qual assumia ela a direção.[416]

A atuação do centro no combate à epidemia de gripe foi descrita nas atas do CEPB:

> [...] e propôs a instituição de uma Cruz Beneficente de uma comissão de membros do centro, que se incumbissem de examinar quais as pessoas doentes que necessitam remédios e auxílios e darem ao médico designado pelo governo estadual para tratar dos influenzados os necessários avisos.
> [...] Ficou resolvido dar-se notícia desse fato no órgão oficial do Centro – *O Consolador* – para que todos soubessem de nossas intenções e muito puderem de alguma sorte, nos coajudar.[417]

O centro espírita mobilizou-se para ajudar no que pudesse e a quem estivesse precisando de auxílio no caso da epidemia que assolou o mundo no início do século XX. A gripe espanhola, como ficou conhecida, por fazer um número exorbitante de vítimas naquele país, foi uma das maiores epidemias que assolou o mundo no século, matando entre vinte a quarenta milhões de pessoas, número não alcançado pelos mortos da Primeira Guerra Mundial, que chegaram perto dos nove milhões de mortos.

A preocupação dos membros do grupo era ainda mais justificada pela voracidade com que a doença agia, bem como pela localização geográfica que possui a cidade de Parnaíba. Como cidade porto, servia como porta de entrada do Atlântico para o continente. Assim, a cidade vivia do comércio e dos lucros que as trocas comerciais geravam. Caso ela fosse considerada uma zona de epidemia da doença, diversos negócios e fontes de renda estariam

---

[415]FESTAS dos espíritas. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 4, p. 2, 1 jan. 1920.
[416]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 4 dez. 1918. p. 4-5.
[417]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 4 dez. 1918. p. 4.

prejudicados, como descreve Pedro Nava, historiador que presenciou os acontecimentos no Rio de Janeiro em 1918:

> [...] aterrava a velocidade do contágio e o número de pessoas que estavam sendo acometidas. Nenhuma de nossas calamidades chegara aos pés da moléstia reinante: o terrível não era o número de casualidades – mas não haver quem fabricasse caixões, quem os levasse ao cemitério, quem abrisse covas e enterrasse os mortos. O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes, a impossibilidade de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva.[418]

A prática organizacional em prol da filantropia espírita não se deu apenas no CEPB, mas em todo o contexto nacional do espiritismo. Por ser uma questão moral, a prática da caridade aos que dela necessitassem foi uma constante na trajetória espírita brasileira. Ainda em Parnaíba, o Perseverança no Bem mantinha:

> Uma escola – 3 de outubro, dirigida pela professora d. Senhorinha Avelino, com o número máximo de 25 alunos de ambos os sexos. Um dispensário homeopático – Doutor Clemente – a cargo do irmão Chagas Melo; Uma assistência aos necessitados – Bezerra de Meneses – Sendo encarregado a irmã Justina Guimarães; Uma biblioteca – Amália Salles, a cargo do irmão Joaquim Mangueira; Um gabinete de leitura – D. Luíza Amélia, sob direção do irmão Antônio O. Melo.[419]

Demonstra-se, dessa maneira, que a importância tanto da assistência material quanto da assistência moral e intelectual eram prioridades do Centro. Damazio explicita que o Serviço de Assistência aos Necessitados na FEB funciona desde sua fundação. Webber, autora que trata do espiritismo no Rio Grande do Sul, mostra também que a ação dos centros espíritas naquele estado mantinha núcleos de trabalhos assistencialistas:

> Casa do Dispensário Homeopático José Rodrigues de Bittencourt para a venda e distribuição gratuita de medicamentos (1909), a Caixa de Assistência aos Necessitados para atendimento a doentes e idosos com roupas, alimentos, calçados, remédios e ataúdes para indigentes (1910), Abrigo Noturno Dias da Cruz (atual Albergue Noturno), que recebe moradores de rua, doentes e necessitados (1931), dentre outros serviços de assistência à infância, com uma creche, fabricação de enxovais para recém-nascidos (1952), uma escola doméstica para educação de meninas para o lar (1950), realizam uma cruzada de amparo à criança desde 1937 e um serviço de evangelização da infância desde 1948.[420]

---

[418] TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Medo e morte*: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Medicina Social, 1993.
[419] CUNHA, 2015, p. 153.
[420]WEBER, Beatriz Teixeira. *espiritismo e saúde*: concepções a partir das práticas numa sociedade kardecista. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v. 5, n. 15, p. 19-46, jan. 2013. p. 36.

Voltando-nos à atuação feminina no âmbito da filantropia, a doutrina espírita em seus escritos não distingue a atuação entre os sexos e nem as capacidades de cada um, entendendo que:

> Sexos nos Espíritos
> 200. Têm sexos os Espíritos?
> ‘Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos’.
> 201. Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?
> ‘Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres’.
> 202. Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?
> ‘Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar’.
> Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.[421]

Assim, dentro da lógica espírita, a atuação feminina e masculina não existe diferenciações, pois ambos são espíritos que, podendo habitar as duas formas de corpo, têm as mesmas capacidades, segundo o adiantamento de cada um. Dessa forma, a configuração da prática filantrópica por parte das mulheres que se nota no meio espírita ocorre muito mais por questões sociais ligadas à cultura local e ao papel feminino nesta cultura, do que por ordenações doutrinárias.

Notamos essa participação principalmente no núcleo de ação aos acometidos da gripe espanhola, liderado por Alice Veras, bem como da escola 3 de outubro, órgão do centro espírita, que era comandada pela senhorinha Avelino, nos serviços de assistência a infância, práticas essas típicas das mulheres e que ganhavam espaço dentro dos meios espíritas.

As mulheres, desde o início, foram importantes instrumentos de difusão e propagação da doutrina espírita, como, por exemplo, os eventos de Hydesville ainda nos idos de 1840. Dessa maneira, as médiuns auxiliaram Kardec nas pesquisas espíritas, imprimindo importância a elas, além de igualdade de condições e de características dentro de sua visão.

Se dentro da cosmologia espírita as mulheres tiveram tanta importância e detêm lugar de igualdade para com os homens, a que se dá o apagamento de seus nomes, as poucas citações ou as poucas referências a grandes mulheres do espiritismo? São perguntas que não nos cabem responder. Contudo, as respostas sobre a historiografia feminista nos cabem bem, a fim de descrever esse apagamento histórico.

---

[421] KARDEC, 2013a, p. 135-136.

Concluímos essa etapa entendendo que a filantropia espírita teve importante participação feminina mesmo que abafada pelas fontes históricas e que as ações filantrópicas do espiritismo continuam e possuem outras inserções sociais. A mais comum e difundida delas foi, sem dúvidas, os receituários mediúnicos através das receitas homeopáticas em prol de ideias curativas, que veremos a seguir.

4.3.2 Receituário mediúnico e curas

A experiência espírita piauiense demonstra que uma das principais práticas comuns aos espíritas do Brasil ocorreu de maneira bastante intensa nas terras parnaibanas. O receituário mediúnico foi um instrumento da prática espírita que permitiu gradual aproximação da cosmologia espírita com a cultura local e desta com o espiritismo. O exemplo piauiense é a presença do médico espiritual Dr. Clemente. “Em seguida procedeu-se a uma ligeira sessão evocatória a fim de ouvir-se o Dr. Clemente a respeito dos vários doentes que pediam receitas. O espírito do médico comparecera à reunião e deu as receitas solicitadas”.[422]

Como já apresentado no capítulo anterior, as curas mediúnicas foram práticas recorrentes do espiritismo brasileiro. Naquele momento do escrito, analisamos os embates, as proximidades, divergências e convergências com os saberes médicos. Nesta etapa, analisaremos o impacto que essa prática tinha na relação do espiritismo com as populações e quais eram as ideias e fatores que levavam aos atendimentos mediúnicos, usando como exemplo novamente o CEPB e outros.

Entretanto, é preciso, primeiramente, entender a noção de doença e cura para os espíritas, pois assim entenderemos as relações que se estabelecem posteriormente. Para isso, recorremos a Camurça, estudioso da ciência das religiões que analisa primeiramente a concepção de doença para o espiritismo:

> Segundo a doutrina espírita, grosso modo, podemos situar as causas das doenças em dois eixos: 1) A doença ligada ao processo de desenvolvimento espiritual do indivíduo, expressando-se como resultado de situações vividas em ‘existências ou encarnações anteriores’; 2) A doença como produto de interferência de espíritos inferiores que dominam corpos e mentes de indivíduos vulneráveis a esta influência. Dá-se a este fenômeno, o nome de o*bsessão*.[423]

[422]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 jun. 1919. p. 40-41.
[423]CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o carma e a cura: tensão constitutiva do espiritismo no Brasil. *PLURA: Revista de Estudos de Religião*. v. 7, n. 1, 2016, p. 230-251, 2016. p. 231.

A primeira liga-se às questões cármicas que o espírito traz de outras vidas, e a segunda parte da ação externa de espíritos obsessores. Considerando que essa noção é complementada pela ideia de cura, partimos para o ideal de cura para o espiritismo.

Esse ideal de cura é contemplado pela solução ao que pode ser considerado doença. Se a primeira causa é ligada a questões cármicas, apenas a reencarnação pode dar fim a provação do carma. Dessa forma: "A vida *encarnada* expressa a situação concreta de prova pela qual a Lei impeliu o Espírito a cumprir: constrangimentos os mais diversos, dentre os quais as *doenças* de toda sorte, com as quais o indivíduo terá que conviver e fazer dela seu aprendizado".[424] Já no segundo caso, a cura se daria através da *elevação espiritual*, pois através desse processo a influência dos maus espíritos seria diminuída e até mesmo impedida, na medida em que se cumpram as leis naturais.

Dessa forma, Camurça entende que:

> O alívio e recuperação da doença devem visar primordialmente à esfera espiritual subjacente a patologia visível. Sobre a doença espiritual deve ser ministrada instrução doutrinária visando à cura moral interior, condição de possibilidade para a cura física: reforma íntima, prática do Evangelho, meditação, uso da prece e fluidoterapia dos *passes* e da *água fluidificada* são recursos de terapia espiritual, através do qual o indivíduo visa harmonizar seu padrão vibratório – e do seu perispírito – com as vibrações e fluídos mais elevados de planos espirituais superiores.[425]

Portanto, os espíritas entendem que as doenças advêm dos espíritos das pessoas e a partir deles devem ser curados. Assim, entendemos que a dicotomia cura/doença, para o espiritismo, parte de um princípio único, a do melhoramento moral dos seres. Dessa forma, adentraremos a questão dos receituários mediúnicos como maneira de integrar a cura do espírito com a cura do corpo, já que, nessa relação, o "profissional" a ser consultado é também um espírito.

Relembremos então a prática dos receituários mediúnicos feita por médiuns, através do resumo de Guiumbelli:

> O 'médium receitista' era, então, o indivíduo que, inspirado pelo 'espírito' de um médico já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento baseado em medicamentos. Os 'médiuns receitistas', pelo menos no período anterior a 1890, raramente atuavam a partir de grupos, mas sim individualmente (mesmo quando pertenciam a algum dos grupos espíritas), dando consultas e receitas, na maioria das vezes, em sua própria residência.[426]

---

[424] CAMURÇA, 2016, p. 232.
[425] CAMURÇA, 2016, p. 232.
[426] GIUMBELLI, Emerson. espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur César (Org.). *Orixás e espíritos:* o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 287.

Damazio reforça a ideia de que não existia organização desses médiuns receitistas até a criação pela FEB do Serviço de Assistência aos Necessitados. Esses médiuns acabam sendo entendidos como curandeiros, ou seja, pessoas não habilitadas legalmente para as práticas de cura. Contudo, no Rio de Janeiro do século XIX, a presença desses indivíduos era algo comum no dia a dia, como mostram estudos de Gabriela dos Reis Sampaio Sobre Marius, o curandeiro de Niterói[427] ou Juca Rosa, outro curandeiro da corte brasileira que foi preso por "feitiçaria".[428]

Esses curandeiros eram dos mais variados tipos, "os que receitavam mesinhas e banhos de ervas, as rezadeiras, os que faziam trabalhos para afastar o mal e abrir os caminhos",[429] havendo também aqueles por nós analisados, os médiuns receitistas, que entravam nesse disputado campo de trabalho.

As receitas aviadas por esses médiuns eram, em geral, ligadas às práticas homeopáticas já descritas e explanadas anteriormente. A homeopatia encontrou intensa ligação com o espiritismo no século XIX, por beberem das mesmas fontes mesmeristas sobre o ideal de cura e doença. Assim, a prática dos médiuns receitistas unia-se a aplicação da medicina homeopática nos gabinetes de consultas mediúnicas da Assistência aos Necessitados da FEB no alvorecer do século XX.

Esses não cobravam por suas consultas e seus atendidos recebiam gratuitamente os remédios homeopáticos prescritos. Mas a que se deve o sucesso dessa prática e qual o impacto dela no desenvolvimento do espiritismo? Essas são questões que tentaremos responder a partir de agora.

A Assistência aos Necessitados era item central na práxis espírita e ela ganha mais força na segunda gestão de Dr. Bezerra de Menezes à frente da FEB, alcançando, após esse período, cifras consideráveis e com crescimento exponencial. Em 1902, foram feitas 20.549 receitas, número que dobra no ano seguinte, com 48.309 receitas prescritas pelos médiuns receitistas. Nesse ano, foi inaugurada o aviamento das receitas prescritas com a quantidade de 74.569 aviamentos, o que quer dizer que além das consultas, aqueles que não tinham condições também recebiam o medicamento prescrito.[430]

---

[427]SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura*: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas: Editora da UNICAMP/Cecult/IFCH, 2001.
[428]SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*: capítulos de história social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
[429] DAMAZIO, 1994, p. 93.
[430] DAMAZIO, 1994, p. 129.

No ano seguinte, em 1904, o número volta a subir e superar os cem mil atendimentos, ficando com 110.301 receitas e quantidade equivalente de aviamentos, isto é, 101.645. Dessa forma, os dados agremiados por Damázio acabam no ano de 1910 com 240.652 receitas prescritas e quase o dobro disso, 395.437 receitas aviadas, demonstrando o crescimento quantitativo da prática. Assim, Damázio esclarece:

> Provavelmente, grande parte não era espírita; eram pobres, os desassistidos, os que tradicionalmente apelavam para os curandeiros na falta de assistência pública de saúde e que, agora, se voltavam para a homeopatia, a água fluidificada e os passes magnéticos dos receitistas.[431]

Concordamos em parte com a autora, pois havia sim carência de órgãos e investimento público na área de saúde, e que grande parte destas atividades eram feitas em especial pelas Santas Casas de Misericórdias. Contudo, também entendemos que existiam elementos de crenças religioso/culturais herdados, tanto das populações de origem africana, quanto dos europeus na formação do arcabouço místico cultural brasileiro.

Uma prova disso eram as constantes perseguições e tentativas de afirmação da identidade médica e de suas práticas nos campos legais e policiais, como já trabalhado anteriormente. O certo era que o campo da cura estava em disputa, ou seja, curandeiros, receitistas, médicos, todos buscavam se legitimar como senhores do saber curativo.

Voltando-nos ao cenário piauiense, o médico espiritual evocado pelos confrades da sociedade espírita era o Dr. Clemente, como comprova a seguinte passagem da ata de reuniões do centro:

> Comunicou-se por intermédio de Alarico Cunha o espírito do Dr. Clemente que deu receitas para os seguintes doentes: 1. Onofre Fernandes; 2 – Balbina Oliveira; 3 – José Cesário Máximo Barreto; 4 – Justino Costa; e 5 – B. Simão.[432]

Esse médico era nominado no dispensário homeopático mantido pelo centro, que tinha como encarregado Chagas Melo. Sobre esse espírita em específico não encontramos mais registros ou maiores informações.

Nas fontes e bibliografias pesquisadas sobre o Ceará, Maranhão e outros estados, não conseguimos mapear a prática do receituário mediúnico. No entanto, essa incapacidade se deu muito mais pela falta de pesquisas em fontes primárias, como as atas e estatutos por nós trabalhados na Parnaíba, do que necessariamente a não existência delas.

---

[431] DAMAZIO, 1994, p. 129.

[432] CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 20 jun. 1919. p. 47.

Entendemos que a prática do receituário mediúnico se difundiu pelo Brasil e foi uma das formas de difusão do espiritismo pelo território, como afirma Damázio ao dizer que a mediunidade receitista aproximou as elites letradas das camadas pobres da população.

Dando seguimento às nossas investigações sobre os processos de difusão e inserção social espírita, vamos analisar agora os jornais, debates e discursos empreendidos pelos espíritas do Piauí e do Brasil para a propagação do espiritismo.

4.3.3 Divulgação dos discursos espíritas

A primeira vez que o moderno espiritualismo, ou sua versão mais conhecida no Brasil, o espiritismo, estampou as capas dos jornais, foi ainda no distante ano de 1840, virada para 1841, quando o caso das Irmãs Fox fora noticiado pelos jornais dos Estados Unidos da América. Era o início de um relacionamento que até os dias de hoje existe entre a impressa e o espiritismo.

O caso das irmãs Fox, dos médiuns de teatro com fenômenos que se atribuíam aos espíritos e o fenômeno das mesas girantes que ganharam a América do Norte e os países da Europa se dão muito pela repercussão dos meios de comunicação. Em especial pela força que os jornais escritos tinham nesses lugares, esses periódicos tinham a intenção de informar, entreter, defender e atacar ideias, bem como eram vistos como formas de comunicação rápidas e democráticas, já que cresciam os números de pessoas leitoras com o avanço da educação e do letramento.

O primeiro jornal verdadeiramente espírita é criado pelo próprio Kardec: a *Revue Spirite* em 1858, que tinha como subtítulo Jornal de Estudos Psicológicos, para dar repercussão ao debate das ideias espíritas publicadas no ano anterior em *O livro dos espíritos*. Muitos dos artigos, textos e entendimentos espíritas apareceram primeiro nas páginas desse escrito antes de irem para os livros que viriam a formar a "codificação espírita". A revista teria Kardec como seu editor até o ano de seu falecimento, em 1869, sendo posteriormente editada por Pierre-Gaetan Leymarie e seus sucessores.

A revista e seu título têm peso para o espiritismo até os dias atuais. Contudo, por diversos motivos, entre eles as guerras mundiais, disputas judiciais de direitos autorais, entre outros fatores, a revista foi perdendo espaço no debate de ideias espíritas. No entanto, no início dos anos 2000, através do Conselho Internacional de Espírita, foi reestabelecida sua edição trimestral, tal qual pensada no passado por Kardec. O fato de reavivar novamente o

escrito originalmente publicado e editado por Kardec demonstra a importância que a impressa tem para o espiritismo, pois foi através dela que esse conhecimento ganhou força na sociedade em que surgiu.

A leitura e a imprensa têm papel importante para o espiritismo devido a sua origem estar intimamente ligada às classes letradas e à cultura científica, que foi e é muito usada para justificar esse saber. Além disso, como demonstrado através dos estudos de Kardec, boa parte das comunicações com os espíritos era feita por meio escrito. No entender de Aubrée e Laplatine:

> Na época do surgimento do espiritismo na França, ler o *Livro dos Espíritos* era uma tomada de decisão política, como foi a leitura da Bíblia durante a Reforma Protestante, simbolizando o acesso ao conhecimento, assim como um ato de libertação quanto ao conservadorismo católico e, do mesmo modo, um ato de insubordinação aos valores burgueses da sociedade, refletindo uma identidade laica e republicana.[433]

Tal importância pode ser comprovada pelo apanhado bibliográfico publicado no Brasil por um só médium espírita, Chico Xavier, que teria em vida publicado mais de quatrocentos livros de autoria espiritual. Stoll ressalta que nos dias atuais, em pesquisa pelo *site* de compras *Submarino*, as compras de livros espíritas correspondem a mais da metade dos pedidos de obras de cunho religioso. Se compararmos por público leitor, o leitor espírita compra 15% mais que os adeptos leitores de outros seguimentos confessionais.[434] Essa vinda ao presente se fez necessário para reforçar a importância da escrita e da cultura letrada para o espiritismo.

Esse argumento, que já vem sendo apresentado ao longo do nosso escrito, é reforçado pelo número de jornais espíritas publicados em terras brasileiras, que num conjunto de pouco mais de 100 anos, entre 1969 e 1978, segundo Clóvis Ramos, foram registrados 640 periódicos distintos, em boa parte dos estados da federação.[435]

O primeiro deles, *Ecos do Além Túmulo*, criado na Bahia por Telles de Menezes, foi o número inaugural de um processo de difusão de material espírita pela via da escrita. Ramos elenca uma lista do que teriam sido os primeiros treze jornais espíritas do Brasil. O primeiro, já mencionado, fundado em junho de 1869; o segundo jornal, *O Espírita*, fundado em Natal, Rio Grande do Norte, em 1874 por Manuel Gomes; o terceiro foi fundado pela *Revista Espírita*, da Sociedade de Estudos Espiríticos – Grupo Confúcio, do Rio de Janeiro, com início em janeiro de 1875, dirigido por Dr. Antônio da Silva Neto; o quarto foi a *Revista da*

---

[433] AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 196.
[434] STOLL, Sandra Jacqueline. Dos mortos e sua volta: biografia e família na literatura espírita. *Revista Debates do NER*. Porto Alegre, ano 10, n. 15, p. 151-174, 2009. p. 155-156.
[435] RAMOS, 1979.

Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade, de 1881, também no Rio de Janeiro e gerenciada pelo prof. Afonso Angeli Torterolli; a quinta revista é a primeira de terras paulistas, de Areias, jornal *União e Crença*, Órgão do Grupo Espírita Fraternidade Areense, em março de 1881; em Recife, temos o sexto jornal, *A Cruz*, fundado pelo Dr. Júlio Cesar Leal em julho de 1881; o sétimo editorial espírita brasileiro seria *O espiritismo*, fundado no Rio de Janeiro em outubro de 1881, seguido posteriormente de *O Reformador*, idealizado por Augusto Elias da Silva em janeiro de 1883 no Rio de Janeiro, o mais antigo em circulação até os dias de hoje.

Todos os seguintes jornais foram editados ainda no século XIX e início do século XX, de Campos, Rio de Janeiro em abril de 1885; *A Luz*, de São Luís do Maranhão, em julho de 1886; a *Nova Era*, do Rio de Janeiro, em janeiro de 1890, sob direção de Nelson Faria e Antônio Francisco Pereira; *Verdade e Luz*, de São Paulo, em maio de 1890 e, por último, *A Regeneração*, do Rio Grande do Sul, também no ano de 1890.[436]

Esse histórico demonstra que, num conjunto de pouco mais de duas décadas, o espiritismo estava presente em diversos locais do país fundando jornais, divulgando e defendo suas ideias, bem como também divergindo sobre elas, como é o caso dos embates intestinos entre científicos e religiosos, representados aqui na fundação da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade* e em parte de *O Reformador* que abrigaram, respectivamente, científicos e religiosos.

Sobre *O Reformador*, ele merece destaque porque por anos apresentou-se como porta voz do espiritismo no Brasil, entidade fundada por Augusto Elias da Silva, e que alguns anos depois seria incorporado como órgão oficial da FEB. O jornal foi fundado inicialmente para dar resposta aos artigos de *O Apóstolo:*

> No início dos anos oitenta do século passado, a luta da Igreja Católica contra o espiritismo se expressou através dos púlpitos, dos jornais – principalmente, *O Apóstolo* – e da distribuição de duas pastorais do bispo do Rio de Janeiro ao episcopado brasileiro, em 1881 e 1882, que anatematizavam os adeptos da nova doutrina e sua prática.[437]

Lançado em 21 de janeiro de 1883, sob o subtítulo de "órgão evolucionista" e de publicação bimestral, defendeu temas "científicos" e "religiosos", além de comentar, à luz do entendimento espírita, temas do dia a dia do Brasil, tais como a passagem da monarquia para a república, o fim da escravidão, questões sobre liberdade religiosa, em geral bandeiras politicamente liberais.

---

[436] RAMOS, 1979, p. 5.
[437] DAMAZIO, 1994, p. 111.

Foi através dele que foi defendida a "criação de um centro formado por representantes de todos os grupos, visando a união de esforços para enfrentar a luta que se travava, violenta e desigual".[438] Esse centro daria origem à FEB e *O Reformador* se tornaria, a partir de então, publicação oficial da instituição.

André Seal da Cunha entende que o projeto de Elias em torno de *O Reformador* abriu espaço aos espíritas para utilizar a imprensa como mecanismo de divulgação. Se, de forma imediata, os debates contra os católicos serviram de catalizadores para a fundação do jornal, os motivos que levaram a continuidade do escrito estavam envoltos de mais profundidade ao marcar o periódico como ponto de convergência interna dos adeptos do espiritismo no Rio de Janeiro.

Após os embates que provocaram o surgimento de *O Reformador*, o periódico será usado como porta-voz da tentativa da Federação Espírita em dissolver os problemas internos entre "religiosos" e "científicos", que resultaram na formação da UEPB – União Espírita de Propaganda do Brasil, ligada aos cientistas e a Angelo Torterolli.

O discurso de Bezerra de Menezes, presidente da FEB, em primeiro mandato, será, em primeiro momento, de tom conciliatório. Num segundo momento, no entanto, será um tom mais agressivo, devido ao processo de consolidação da facção dos religiosos à frente da FEB. Assim, todo o debate ocorreu pelas páginas de o Reformador, denotando a importância que o escrito desenvolve no seio do espiritismo brasileiro.[439]

Bezerra de Menezes, então presidente da Federação espírita em segundo mandato, vai se utilizar de *O Reformador* como órgão propagandístico, não só da doutrina espírita, mas de todo um complexo de escritos que vai envolver a conformação de um dos gêneros de literatura que mais vai vender livros no século seguinte, os livros psicografados. Esses escritos, em especial livros e compêndios literários, surgem com o próprio aparecimento do espiritismo, mas ganham força no Brasil, como maneira de propagação da ideia espírita, em especial pelas mãos de três personagens espíritas e pelas páginas de *O Reformador*.

André Seal da Cunha mostra que os primeiros autores inseridos nessa lógica de publicações espíritas são Bittencourt Sampaio, que também era editor da Garnier e foi responsável pelas primeiras edições de obras espíritas de Kardec no Brasil, bem como autor de livros e comentador das obras de Kardec e Roustang. Sampaio era aquele que conhecia as engrenagens da editoria de livros. Outro grande espírita do projeto de Menezes seria Antonio Luiz Sayão. Cunha explana os motivos que o fizeram ser figura importante:

---

[438] DAMAZIO, 1994, p. 112.
[439] CUNHA, 2015, p. 54.

> Durante mais de uma década, desempenhou a função de coordenação dos estudos roustainguistas, contribuindo para a formação de quadros no grupo religioso, atraindo lideranças que tiveram peso significativo nos rumos tomados pela Doutrina Espiritista no Brasil. Não obstante, peso ainda maior neste sentido pode ter desempenhado sua produção intelectual.[440]

Além dos dois autores já apresentados, Cunha cita Frederico Junior, médium psicográfico responsável pela "fabricação" de muitos livros e pelo início de um processo de divisão entre autor espiritual e autor real. Seal entende que esse processo ia desencadear nas apostas que anos mais tarde a FEB faria, em um jovem médium do interior de Minas Gerais, Francisco Xavier.

Não cabendo neste escrito um aprofundamento sobre os projetos de desenvolvimento literário pensado e erigido pela FEB desde o fim do século XIX e por todo o século XX, certo é que *O Reformador* foi o elemento principal e meio propagandístico consolidado entre os espíritas das mais diferentes facções por onde passavam os comentários de livros, lançamentos, debates e repercussões, e desse periódico passava-se sob um processo de replicação aos demais.

Contudo, *O Reformador* não foi o único, apesar de bastante importante. Cabe aqui também ressaltar o papel de um personagem e seu desempenho frente à impressa espírita antes de adentrar aos jornais espíritas piauienses. A figura de Cairbar Schutel, que merece destaque pela profusão e disseminação de meios de comunicação escrito criados por ele.

Nascido em 22 de setembro de 1868 no Rio de Janeiro, órfão de pai e mãe. Desde os nove anos, Cairbar foi criado pelo seu avô, Antero Schutel, na capital do império, mudando-se para a província de São Paulo aos 17 anos, onde, por diversas cidades do interior, desenvolveu a profissão de prático em farmácia. Vindo a fundar na cidade de Matões a Farmácia Schutel, Caibar transformou-se em prefeito nessa localidade e tinha grande apreço social.[441]

Após sua conversão ao espiritismo no ano de 1905, Cairbar fundou o Centro Espírita Amantes da Pobreza, bem como *O Clarim*, sobre o qual descreve Ramos "*O Clarim* – Matão, São Paulo. Fundado em 15.8.1905, por Caibar Schutel. Formato 28 x 38 cm. 4 páginas".[442] Ramos é o primeiro a declarar a importância de Schutel para o espiritismo brasileiro e paulista:

---

[440] CUNHA, 2015, p. 55-56.
[441]CURY, Aziz. *Cairbar Schutel e a mediunidade missionária*: testemunhos que revelam seu exemplo de amor e bravura. São Paulo: Elevação, 2010.
[442] RAMOS, 1979, p. 44.

> Pioneiro em muita coisa no espiritismo, Caibar Schutel realizou muito, desde o Centro Espírita 'Amigos da Pobreza', o primeiro daquela região paulista, deixando-nos uma obra imorredoura. Por vezes redigia *O Clarim* sozinho, e nos seus escritos há conceitos dignos de um grande escritor.[443]

Aziz Cury, em livro memorialístico sobre a vida e obra de Cairbar, ao conversar com pessoas próximas a ele décadas depois de sua morte, assim apresenta o Jornal *O Clarim*:

> O *Clarim* ficou conhecido como o órgão de impressa espírita. Com o tempo, foi se expandindo, alcançando o Estado de São Paulo, indo, depois, para outros Estados do Brasil. Além do Brasil, Schutel enviava-o para os espíritas da América Latina e da Europa.[444]

O processo de difusão do jornal se deu muitas vezes por vontade e esforço do seu editor. No entanto, houveram retornos e profusão das ideias propagadas e publicadas pelo jornal. Cairbar destaca-se pelo processo de troca internacional dos diálogos espíritas com o lançamento, por Schutel, da *Revista Internacional de espiritismo*. Em resposta à pergunta do memorialista, sua antiga secretária explica os motivos para a criação da revista:

> O que levou o sr. Schutel, no ano de 1925, a lançar a *Revista Internacional de espiritismo*, é que ele tinha em mãos um vasto material da Doutrina Espírita de outros países. Eram revistas que ele recebia da França, Bélgica, Itália, Alemanha, Inglaterra e de vários outros países.[445]

A revista ganhou aprovação de replicação e difusão dos mais importantes meios de comunicação espíritas internacionais, como da *Revue Spirit* de Paris, liderada à época por Gabriel Dellane.[446]

Cairbar passa então de um difusor local do espiritismo a um replicador e propagador de caráter internacional do espiritismo. Uma representação não só de seu papel para o espiritismo brasileiro, mas também dos olhares que o espiritismo mundial tinha do Brasil, de replicador local a difusor internacional, demonstrando que até o fim da década de 1930 o reconhecimento do espiritismo já havia acontecido.

Localmente temos dois exemplares já antes apresentados, o *A Cruz* de Amarante e *O Consolador* de Parnaíba. O primeiro lançado em 1902 e o segundo em 1918, respectivamente, para fazerem a propaganda do Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade e do Grupo Espírita Perseverança no Bem.

Os dois jornais que atuaram em momentos distintos tinham como função básica a difusão de informações sobre a doutrina espírita e os movimentos feitos pelos articulistas do

---

[443] RAMOS, 1979, p. 44.
[444] CURY, 2010, p. 29.
[445] CURY, 2010, p. 77.
[446] CURY, 2010, p. 88.

espiritismo de maneira local, nacional e global, pois repercutiam conteúdos jornalísticos de outros meios de comunicação espírita, bem como produziam material original, assim como cumpriam função social de noticiar os acontecimentos de suas cidades.

Os jornais em geral eram mantidos pelos seus grupos propagadores, mas também contavam com verbas que vinham da venda de avulsos e de assinantes. Pudemos ainda notar, pela análise de *A Cruz*, que o mesmo abria espaço para divulgação de propagandas e informes pagos como forma de manter a circulação do periódico.[447]

Agora nos deteremos na análise primária de *A Cruz*, pois dele temos quatro números, todos do ano de 1906, datados entre 15 de março e 31 de maio, compondo, entre nossas fontes jornalísticas, as mais diretas.

O jornal *A Cruz* era composto de uma primeira matéria, mais longa e detalhada, que discorria principalmente sobre temas pertinentes à doutrina espírita e debates de ideias espíritas, que podia ter sido escrita tanto pelos próprios articulistas, como também por outros órgãos de divulgação espírita do país.

Como mostra a primeira matéria de 15 de março de 1906: Como falam os sábios,[448] traduzida de *Los Albores de la Verdad* e que versa sobre as comprovações científicas do espiritismo ainda não terem sido alcançadas pelas ciências. No número seguinte, temos a matéria de capa O Casamento,[449] que versa sobre a legitimidade do casamento civil e do casamento religioso católico, e sobre qual o papel dos espíritas nesse contexto que foi publicado originalmente em *A Doutrina*, de Curitiba.

O número seguinte nos traz o já comentado necrológico do tenente coronel Theodoro da Silva Ribeiro.[450] Já o último número que temos registro traz a matéria de capa intitulada De relance, em que versa sobre os embates entre espíritas e católicos sobre a questão do espiritismo ser "coisa do satanás" em que o articulista apresenta seus argumentos.[451]

Dos quatro editoriais apresentados, os dois primeiros configuram reprodução de material de outros jornais, bem como debates de âmbito internacional e nacional, que estavam nas determinações do dia para os espíritas, como a sua legitimidade como ciência e o papel do espírita frente a uma nova configuração religiosa e civil brasileira. O terceiro editorial apresenta um contexto local, uma mensagem exaltando a vida de alguém que localmente foi

[447]CLÍNICA odontológica. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 41, p. 4, 15 mar. 1906.
[448]COMO falam os sábios. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 41, p. 1, 15 mar. 1906.
[449]O CASAMENTO. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 42, p. 1, 31 mar. 1906.
[450]TENENTE coronel Da Silva Ribeiro. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.
[451] DE RELANCE. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.

importante para a Doutrina e a localidade. O necrológico de Teodoro demonstra que o jornal está inserido em seu contexto.

O quarto editorial, por sua vez, reproduz debate nacional quanto a validação do espiritismo frente às religiões. Se no primeiro número analisado tentava se pensar o espiritismo como algo a ser pesquisado e descoberto pelas ciências, o editorial de dois números a frente defendia a posição do espiritismo como doutrina cristã e moral, mostrando assim a dualidade que o espiritismo tinha naquele momento, se ciência, se religião.

A segunda matéria dos números analisados faz referências nacionais do espiritismo brasileiro. Artigos sobre a federação espírita brasileira, a continuidade da obra de Kardec no Brasil, assim como notícias de médiuns notáveis enviados por outros jornais vão construindo o imaginário espírita através das páginas do *A Cruz*, seguidos quase sempre de mensagens doutrinárias de cunho moral e educativo sobre os valores do espiritismo.

A última página de cada edição analisada foi sempre reservada aos noticiários locais, partidas e chegadas de pessoas da região ou na região de Amarante, notícias de cunho informativo sobre os vapores que atracavam na cidade, bem como pudemos perceber uma ou outra publicidade. Demonstrando assim que, além de cumprir função doutrinária de divulgação do espiritismo, o *A Cruz* contava também com a função noticiosa dos fatos, eventos e acontecimentos da região.

Seguindo as análises dos jornais, podemos entrever, através de diversos meios, a existência do jornal *O Consolador*, mantido pelo CEPB, em Parnaíba. Do jornal não obtivemos números nem exemplares, apenas indícios de sua existência e ação. Fundado em 1918, junto com o grupo espírita da cidade, *O Consolador* foi apresentado como órgão de divulgação doutrinária.

Em análise de o *Almanaque da Parnaíba*, revista em formato de almanaque anual que circulou a partir do ano de 1924 naquela cidade, podemos notar que *O Consolador* possuiu duas fases:

> *O CONSOLADOR* – (1º fase) Órgão do Centro Espírita 'Perseverança no Bem'. Diretor – A. Cunha. Gerente – R. Chagas. Redatores – Alarico Cunha. Eduardo Leguani e B. Simão. 'Fora da caridade não há salvação'. Distribuição gratuita. N. 6 de 21 de março de 1919.[452]

E em segunda fase:

> *O CONSOLADOR* – (2º fase) Órgão do Centro Espírita 'Perseverança no Bem'. Diretor – A. Cunha. Gerente – L. Ramos. Redatores – B. C. M. de Melo. R. Petit e A. O. de Mello. Publicação mensal. 18 de julho de 1923.[453]

[452] A IMPRESA em Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, ano 5. n. 7, p. 49, 1929.
[453] A IMPRESA em Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, ano 5. n. 7, p. 49-51, 1929.

Podemos notar que em seu primeiro momento de existência, *O Consolador* tinha distribuição gratuita e possuiu ao todo seis números, sendo editado, de seu lançamento em 1918 até o ano seguinte, 1919. Notamos também diferenças entre o corpo editorial do periódico, mas mantendo os principais líderes do movimento espírita da cidade a frente.

Em sua segunda fase, ele se torna uma publicação mensal e feita até o ano de 1923. Como o artigo do *Almanaque* foi escrito no ano de 1928, podemos entender que houve também outra interrupção no lançamento do jornal, demonstrando como era difícil a manutenção jornalística do material.

No ínterim de tempo entre uma fase e outra de *O Consolador*, pudemos notar a publicação de mais um jornal espírita em Parnaíba, o periódico *O Perdão*:

> *O PERDÃO* – Órgão de propaganda espírita. Diretor – B. C. M. de Mello. Gerente – Augusto L. Pessoa. Thesoureiro – Joaquim L. Ramos. Redatores – dr. Castro Cavalcante,[454] Nadir Sobral, Salles Reis, Francisco Ayres, Th. Gatunda. José Dutra e Oscar Vaz. 'Fora da caridade não há salvação'. Circulará a 3 de cada mês. Distribuição gratuita. N. 5 de 14 de julho de 1921.[455]

Sobre *O Perdão*, quase nada se tem notícia além da sua aparição na lista de jornais parnaibanos editados até 1928. Contudo, podemos notar que alguns dos espíritas conhecidos e sócios do CEPB também compuseram esse jornal, tais quais José Dutra e Joaquim Ramos. Notamos também que a distribuição do jornal era gratuita, mantendo a lógica de propagação e propaganda doutrinária.

Voltando-nos a *O Consolador*, encontramos uma relação de diálogos entre os outros jornais da cidade:

> *O Consolador* – Com vero prazer acusamos a recepção do n' 10 d' *O Consolador* que se publica nesta cidade, como órgão do Centro Espírita 'Perseverança no Bem'.
> É sempre com carinho que acolhemos, cá em casa, este apreciado confrade, sobre a orientação de penas brilhantes do nosso meio, que em suas colunas propagam as ideias da doutrina espírita.[456]

---

[454] Castro Cavalcante: nascido em 1882 e falecido em 1949 na cidade de Teresina. Magistrado, professor e jornalista. Bacharel em direito pela tradicional Faculdade de Recife (1907). Promotor público no interior do Piauí. Juiz de Direito de Altos, Uruçuí e Parnaíba. Primoroso jornalista. Colaborou com os jornais *A Pátria* e *A Notícia*. Membro do Tribunal de Contas do Estado (1909). Um dos Fundadores da Faculdade de Direito do Estado. Ex-professor de Matemática e Física do antigo Liceu Piauiense. Falava Fluentemente o italiano, o inglês, o francês, o espanhol e o alemão. Conhecia profundamente a física e a música clássica. Grande orador. Cf.: GONÇALVES, 2003.

[455] A IMPRESA em Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, ano 5. n. 7, p. 49, 1929.

[456] A VIDA dos colegas O Consolador. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 3, p. 3, 5 out. 1919.

O jornal *O Artista* apresenta-se como órgão da associação de artistas mecânicos e liberais e por ele temos a repercussão de algumas notícias de *O Consolador*. Além da difusão de notícias e recebimentos de números, *O Artista* também repercutia notícias internas do CEPB em *O Consolador*:

> [...] tendo sido reeleito o senhor Alarico J. da Cunha para presidente, para vice-presidente, Dr. Antônio d' Almeida Neves; Secretário, José Francisco Dutra; Tesoureiro: Eduardo Legnani, também reeleito e Bibliotecário e arquivista, Dr. Francisco de Moraes Correia.[457]

E de suas atividades para o público externo:

> Realizou-se a 25 de dezembro findo, na sede do Centro Espírita 'Perseverança no Bem' o Natal das criancinhas pobres, sendo distribuídos às mesmas, 110 vestidos, número das crianças inscritas. Todas tiveram um farto jantar, servido pelos espíritas. Também foram servidos ao jantar mais de 150 crianças não inscritos e diversos velhos, cegos e aleijados.[458]

Imagina-se que *O Consolador* seguia a estrutura que era comum aos jornais, com um editorial inicial, no caso dos jornais espíritas, sempre com temas relacionados à doutrina ou ao comportamento dos espíritas, bem como notícias nacionais e internacionais do espiritismo e sessões noticiosas sobre a vida e o dia a dia daquela localidade. Esses aspectos estavam presentes na maioria dos jornais espíritas da época estudados por nós.

Assim, encontramos ao todo três diferentes periódicos espíritas no Piauí, número distante da realidade maranhense, que contava com sete periódicos diferentes até o fim dos anos 1930, entre eles: *A Luz* de 1886, o *Peregrineiro da Fé* de 1913, *Riso D'alma* de 1911. Pulando-se mais de uma década temos os jornais *O Semeador* de 1933, *O Pharol* de 1931 e o jornal *Evolução* de 1937.[459]

Já no Ceará, por mais profícuo que tivesse sido o movimento espírita naquele momento, encontramos poucos jornais. São eles: *Luz e Fé* de 1902, a *Doutrina de Jesus* do mesmo ano, bem como *O Lábaro* de 1911, jornal do Centro Espírita Cearense. Distanciamo-nos no tempo e encontramos o jornal *Voz do Alto* em 1948.[460]

Entendemos que não houveram pesquisas suficientes de nossa parte para determinar a existência de mais jornais. Contudo, Silva entende que boa parte da repercussão e dos embates espíritas se deram nas páginas de jornais liberais, anticlericais, maçônicos e é através

---

[457]CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 6 jul. 1919. p. 49.
[458] FESTAS dos espíritas. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 4, p. 2, 1 jan. 1920.
[459] CARVALHO NETTO, 2017.
[460] SILVA, 2009.

desses jornais que os espíritas irão acusar e defender-se, justificando assim até mesmo a ausência desses periódicos, fato esse não confirmado, apenas especulado.

Ademais, notamos que a impressa espírita teve papel importantíssimo para seu processo de divulgação, assim como de coesão interna. Os espíritas, desde a época de Kardec, viram nesse meio de comunicação um instrumento para aceitação e propagação de suas ideias.

Essa estratégia propagandística continua a ser usada até os dias de hoje, mudando-se os meios e as formas, como, por exemplo, a profusão de livros espíritas dos tempos de Chico Xavier ao investimento em filmes e séries de cunho espírita. Os dirigentes do espiritismo nacional buscam em última instância colocar no imaginário coletivo brasileiro os ideais espíritas e em uma instância interna, validar constantemente o seu próprio direito de fazer o ordenamento espírita no Brasil.

E sobre isso que no passado foi necessário arregimentar a união dos espíritas do Brasil, pensada desde a fundação da FEB e realizada não só com o pacto Áureo, mas também com *A caravana da fraternidade,*[461] elementos esses que analisaremos no último tópico deste escrito.

4.4 O processo federativo nacional e a chegada deste ao Nordeste e ao Piauí (1940-1950)

O dia 1º de janeiro de 1950 foi marcado para o espiritismo pela instalação do CFN - Conselho Federativo Nacional, órgão previsto em um acordo que ficou conhecido como "pacto áureo", realizado no ano anterior e que tinha função maior de organizar o espiritismo no Brasil, formado por representantes de todas as federativas estaduais:

> Neste momento, o órgão contava com representantes do Rio Grande do Norte, Paraíba, Espírito Santo, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, cujo conselheiro eleito foi o tenente-coronel Severino Antônio Cunha.[462]

Ao ler a citação de Bruno Cortês, o primeiro pensamento que vem à mente é que faltavam a representação de diversos estados neste conselho e de que havia ainda a necessidade de mais "união" ao pacto áureo. É sob essa perspectiva que buscamos costurar mais a história que nos parece incompleta.

---

[461] MACHADO, Leopoldo. *A caravana da Fraternidade.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
[462] SCHERER, 2015, p. 135.

Aonde estavam os espíritas dos estados não representados e por que haviam poucos estados do nordeste e do norte nessa representação? Não pretendemos responder a todos, mas sim ao que nos cabe, isto é, o Piauí, e através dele poder conhecer um pouco de como foi que ocorreu, quais as questões e problemáticas envolvidas e se de fato o conselho federativo nacional estaria completo.

Para isso, precisamos retomar alguns temas de forma cronológica e pragmática que desencadeariam ao fim e ao cabo no pacto áureo. Iremos analisar isso no primeiro ponto proposto neste tópico, o pacto federativo nacional. Além disso, no segundo momento deste tópico, fecharemos o debate com a integração dos estados que faltavam ao CFN naquela data de 1950, com a análise mais minuciosa do exemplo Piauiense.

4.4.1 Pacto Federativo Nacional

Os anos anteriores à fundação da FEB foram marcados por lutas entre duas facções de espíritas, como já explanado de forma rápida no capítulo primeiro. Os místicos ou religiosos estabeleceram um embate com os científicos. O primeiro grupo era mais ligado aos aspectos morais e religiosos da doutrina e os segundo mais ligado aos caracteres científicos e experimentais do espiritismo. Dessa forma, Arribas nos apresenta o grupo dos "científicos":

> Muitos Espíritas defendiam a posição de que se deveria estudar apenas *O livro dos espíritos*, sendo o espiritismo encarado apenas como ciência. Os estudiosos dos demais livros de Allan Kardec eram chamados de *kardecistas*. Assim o grupo dos *científicos*, também chamado de espiritismo científico, que abrangia, subgrupos, tendo destaque os *psiquistas* e os *ocultistas*, estava exclusivamente preocupado com o que chamava de experiência fenomenológica.[463]

Focados nos "fenômenos" espíritas, como aparições, materializações, sonambulismo e hipnotismo, esse grupo se diferenciava em muito de seu antagonista, os místicos ou religiosos:

> O grupo dos *místicos* ou *religiosos* era o mais numeroso, abrangendo os subgrupos que estavam mais preocupados com o lado religioso do espiritismo, atendo-se à moral cristã. Dentre os subgrupos, destacavam-se os *rustainguistas*, os *ismaelinos*, os *kardecistas*, os *teosofistas e* os *swedenborguistas*.[464]

[463]ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal o que é espiritismo?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010. p. 95.
[464]ARRIBAS, 2010, p. 96.

Havia ainda um terceiro grupo que não se identificava-se nem com um lado e nem com outro da disputa, era o *espiritismo puro*, encontrando-se no centro das duas definições, não tendo forças simbólicas, segundo Arribas, para disputar a prioridade do pensamento espírita.[465]

A dubiedade, ou neste caso, a multiplicidade do pensamento espírita que levava a essas diferenças internas, as quais não foram superadas em seus primeiros anos, tiveram como consequência uma série de dissensões internas, progredindo na fundação de diversos grupos que foram se formando e se dividindo, cada um a seu modo e ideia do que era o espiritismo e, dessa forma, conquistando novos adeptos.

A escolha aqui, por tratar da questão da fundação da Federação Espírita Brasileira aos olhos de duas autoras, Arribas e Damazio, se dá pelos seus recortes temáticos de trabalho semelhantes e em épocas diferentes de escrita. Contudo, com o mesmo escopo de fontes e perguntas distintas. Dessa forma, escolhemos as duas para dialogarmos bibliograficamente sobre o tema em questão.

Nos anos de 1880 tinha-se os dois grupos definidos e seus líderes, Angeli Torterolli, líder dos científicos e que dirigia a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade e Bittencourt Sampaio, místico, que fundou e liderou a Sociedade Espírita Fraternidade. Esses dois líderes defendiam suas ideias de maneira aguerrida. Torterolli e seu grupo apostavam nas reuniões de fenômenos espíritas, desprezando "a filosofia e principalmente o seu aspecto religioso".[466]

Bittencourt Sampaio, por sua vez, aposta na tradução e publicação de obras espíritas no Brasil. Além dos livros de Kardec, trouxe à baila também os livros de Roustang, pensador espiritualista que influenciou a formação do espiritismo brasileiro e servia também de modelo para os religiosos.

A primeira tentativa de união desses grupos foi feita por parte dos *científicos* que, em setembro de 1881, promoveram o I Congresso Espírita Brasileiro, que teria por finalidade reunir os grupos espíritas da capital e do país, se possível, culminando na criação do Centro da União Espírita do Brasil, uma primeira entidade de união do movimento espírita brasileiro sob presidência de Angeli Torterolli, líder dos *científicos*.[467]

Contudo, como nos mostra Arribas, podemos concluir que essa tentativa não teve êxito:

---

[465] ARRIBAS, 2010, p. 96.
[466] ARRIBAS, 2010, p. 96.
[467] ARRIBAS, 2010, p. 103-104.

> O *Centro da União Espírita do Brasil* não passou de mera tentativa, devido à própria insipiência do movimento espírita e aos conflitos que, àquela época, dividiam os vários agrupamentos, a instituição acabou se desorganizando. Como o Centro da União estava sob direção do *científico* Angeli Torterolli, é bem possível que os *religiosos*, também denominados *místicos*, tenham boicotado o projeto, já que as divergências entre esses dois polos foram as maiores responsáveis pelo clima de desunião entre os espíritas.[468]

A tentativa que teve êxito foi então a formulada por Augusto Elias da Silva, fundador do jornal *O Reformador*: "à época um simples jornal, começou a pensar na fundação de um outro unificador. Foi então que no dia 27 de dezembro do mesmo ano, realizou uma reunião com doze companheiros que o ajudavam no jornal".[469] Esse grupo pensado por Elias da Silva não seria "nem *mística* nem *científica*", por conseguinte:

> No dia 1º de janeiro de 1884 os seus integrantes fundavam a Federação Espírita Brasileira (FEB) cujo primeiro presidente foi o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros. Com a intenção deliberada de provar a neutralidade da nova sociedade, já que na realidade a maior parte do grupo era *religiosa*, foram convidados a se cadastrarem como sócios fundadores Angeli Torterolli e Joaquim Távora, ambos explicitamente *científicos.*[470]

Segundo lista publicada por Damazio, apenas Torterolli assina e se torna sócio fundador da FEB, não constando o nome de Joaquim Távora naquele documento. Dessa forma, Arribas entende que a partir deste momento é que o movimento espírita:

> Começaria a se unificar, a se definir e se legitimar com o surgimento de uma associação que se pretendesse 'reguladora e unificadora das ideias espíritas'; uma entidade que se propusesse a 'representar os diversos grupos e a ser o instrumento de divulgação do espiritismo' [...] muito embora houvesse existido anteriormente uma tentativa de unificação com a criação do Centro da União Espírita do Brasil, fracassada talvez pela falta de espaço para o teor de discussões por eles propostas.[471]

Assim, Arribas compreende que a iniciativa de Elias se mostrou mais fundamentada e firme que a anterior e, por isso, prosperou. Arribas também entende que as estratégias utilizadas foram suficientemente eficazes nessa unificação. A primeira estratégia era, portanto, trazer à língua portuguesa os textos e livros publicados em francês, "nesse contexto, os núcleos espíritas através de seus agentes delineavam seus rumos, principalmente pela utilização da *impressa espírita*".[472] E *O Reformador*, publicado por Elias da Silva, passa após a fundação da FEB a servir como órgão oficial daquela instituição.

---

[468] ARRIBAS, 2010, p. 105.
[469] ARRIBAS, 2010, p. 108.
[470] ARRIBAS, 2010, p. 108.
[471] ARRIBAS, 2010, p. 108-109.
[472] ARRIBAS, 2010, p. 109.

Por meio dele que diversos artigos que tinham como temática a unificação vieram à tona, delimitando um espaço de mediação e um lugar oficial de debates internos. Entretanto, a revista não servia apenas para o público interno debater, era também instrumento de unificação, ao convergir nele a defesa dos ataques pelo qual o espiritismo passava por parte de elementos externos.

> *O Reformador* também surgia com o intuito de defender o espiritismo dos ataques discriminatórios feitos através de duas pastorais católicas, distribuídas pelo bispo do Rio de Janeiro ao episcopado Brasileiro. A Primeira foi a *Pastoral* da Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, redigida por Dom Pedro Maria de Lacerda, datada de 15 de julho de 1881, na qual o prelado qualificava os espíritas de 'possessos, dementes e alucinados'.[473]

Outras revistas e jornais tiveram parte no processo de lutas e defesas do espiritismo, frente principalmente aos ataques católicos. Porém, *O Reformador* assume lugar central por apresentar-se como Órgão oficial da entidade e essa lhe garantir "respaldo institucional" para falar em nome do ou dos "espiritismos" que ela representava.

Esse processo de lutas internas ficaria em segundo plano, segundo Giumbelli, pois, quando no início dos anos de 1890, o Código Penal entrou em vigor, introduziu no debate espírita um inimigo em comum, o Estado ou os grupos que ele queria resguardar, isto é, os médicos. Assim, independente da vertente de espiritismo que se segue àquele momento, todos estariam sujeitos aos efeitos dos artigos 156, 157 e 158 daquele código.

O Código, suas origens, seus artigos e seus efeitos já foram tratados neste escrito. Assim, delimitaremos aqui a falar principalmente sobre seus efeitos no processo de legitimação e unificação espírita e como a Federação Espírita se apropria desse acontecimento para legitimar suas ações.

Para isso, é importante ressaltar a função que cumpre Bezerra de Menezes neste processo. Foi médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1856, profissão que atuou por 30 anos; importante político do império; presidente da Câmara municipal e deputado geral até 1885, quando encerrou sua carreira política; abolicionista convicto, empenha-se pela modernização do país; converte-se ao espiritismo em 1875, quando Joaquim Carlos Travassos lhe oferece o exemplar de *O livro dos espíritos* e ao presenciar as curas de João Gonçalves do Nascimento.[474]

Em 1886, declara-se espírita em sessão pública solene, tendo atuado anteriormente sob o pseudônimo de Max, na defesa do espiritismo, em jornais de grande circulação do Rio de

[473] ARRIBAS, 2010, p. 113.
[474] DAMAZIO, 1994, p. 117-118.

Janeiro. A sua conversão tem grande significado, pois Bezerra adota o espiritismo com uma proposta de unificar as contendas internas, bem como já havia feito grande defesa do mesmo de forma anônima.

É então convidado a presidir a FEB em março de 1889, quando convoca um congresso espírita no qual comparecem três quartos, segundo Damazio, dos grupos do Rio de Janeiro. Nesse encontro, a "assembleia concluiu pelo estabelecimento de um regime federativo como lei orgânica do espiritismo no Brasil".[475]

Bezerra pode ser considerado um dos elementos organizadores do espiritismo à brasileira. Místico convicto, leitor de Roustang e defensor de um espiritismo ligado à matriz católica brasileira, Menezes une elementos liberais de seu pensamento político, como a causa abolicionista e a modernização estrutural brasileira, com elementos cristãos históricos com o evolucionismo científico e espírita para justificar a unificação dos espíritas e ao mesmo tempo defender o espiritismo de seus embates. Pedimos desculpas pela citação a seguir, mas ela serve de base para entendermos as bases da argumentação de Bezerra:

> Bezerra de Menezes não mediu esforços na procura de fundamentos para a sua interpretação. Foi buscar em diversas fontes sua sustentação, uma base sólida tanto para a história do espiritismo quanto para as crenças nas várias existências. Desde os *Vedas*, livro sagrado dos hindus, e o *Bhagavad Gitá*, percorrendo pelo budismo, bramanismo, mazdrismo, druidismo; desde as histórias dos egípcios, narrada por Heródoto, até às dos gregos e romanos, passando por Pitágoras, Virgílio, Plotino, Porfírio, Jâmblio e Platão; desde a teologia hebraica, de Zohar a Simão-Bem-Jachai, transitando pela filosofia Cabalística, até o Antigo Testamento, citando *Isaías*, *Jeremias*, e a *Gênese*; Bezerra chega finalmente ao Novo Testamento e aos Evangelhos, enfatizando, sobretudo, passagens que insinuam a existência da pluralidade das vidas. Dentre elas estão as que dizem que João Batista foi Elias e a de Nicodemos, doutor da lei entre os israelitas, quando indaga a Jesus a respeito do significado da expressão 'nascer de novo'.[476]

A citação mostra que Bezerra, ao buscar na história da humanidade e das religiões humanas uma interligação constante das ideias espíritas entre os passados, as sociedades e a atualidade da sua escrita, Menezes constrói um passado e um arcabouço histórico para sua ideia doutrinária, ligando-as às religiões e não às ciências.

Portanto, Arribas entende que em um país de tradição católica cristã, a única forma de espiritismo que poderia predominar seria o *espiritismo religioso cristão* e que as propagandas espíritas deveriam focar justamente no aspecto religioso e cristão do pensamento espírita. Dessa forma, Bezerra, em sua série de artigos nomeada de Estudos filosóficos, aqui citados na

[475] ARRIBAS, 2010, p. 119.
[476] ARRIBAS, 2010, p. 147.

forma de pensamento teológico, foi o que baseou o caminho percorrido pela FEB em seus primeiros anos de existência e coloca Bezerra como formulador dessa proposta.

Ao formular uma proposta cristã ao espiritismo febiano, Bezerra atua nos lados das contendas espíritas, respondendo e reformulando as bases católicas em artigos do *Reformador*. Ao também atuar como mediador entre os incrédulos e à conversão ao espiritismo e mediando os embates entre religiosos e científicos, coloca entre eles os elementos da razão espírita para apaziguar a situação.

Ao fim daquele mesmo ano de 1889, Bezerra deixa a presidência da FEB. Damazio relata que as divergências entre religiosos e científicos eram ainda muito grandes, e sem apoio, Bezerra sai de seu mandato federativo. No ano seguinte, em outubro de 1890, entra em vigor o Código Penal.

Este, nos anos iniciais, fechou por alguns dias a FEB e alguns outros centros, gerando uma união dos espíritas em uma comissão frente ao congresso, em 1893, para retirar do Código o termo espiritismo. Damazio entende que foram anos difíceis para o espiritismo. Elias da silva em 1891 enfatizou a "necessidade de união de todos os espíritas em torno dessa instituição (FEB) de incontestável prestígio pela qualidade de seus membros e pelas diretrizes traçadas".[477] A autora relata que houve uma trégua nas disputas internas, principalmente na Gestão de Dias da Cruz, que assume na saída de Bezerra e sai da presidência em 1895.

Nesse meio tempo, apesar da neutralidade doutrinária de Dias da Cruz, Torterolli e os membros científicos assumem o comando da FEB e de seus grupos associados. Por terem aspirações científicas, sua forma de ver e praticar o espiritismo foi "resguardada" dos efeitos do código penal. Entretanto, o principal serviço da FEB, a assistência social, continuava ativa e poderia ser alvo do código penal de 1890. Por manter essa contradição em funcionamento, Dias Cruz pede afastamento, sendo Bezerra reconduzido ao Cargo de Presidente da FEB, mesmo com bastante resistência por parte dos científicos.

Essa gestão será marcada pela primeira reforma nos estatutos da Federação, que sanciona oficialmente a "leitura de *Os quatro evangelhos* de Roustaing", optando "pelo espiritismo cristão em sua forma mais polêmica". Entretanto, manteve-se a tolerância aos diferentes grupos e suas práticas divergentes, excetuando-se o "baixo espiritismo" "que considerava nada ter em comum com a doutrina dos espíritos, apesar de incluir práticas de possessão, de efeitos físicos e de cura". Ademais, foram postos em prática uma Escola de

[477] DAMAZIO, 1994, p. 122.

Médiuns, pedido antigo de científicos e espíritas puros, havendo também uma maior interação entre a FEB, o *Reformador* e os Serviços de assistência.[478]

Com isso, apesar de restarem ainda algumas rusgas entre científicos e religiosos, estava delineado o início do processo de superação dos embates internos pelos esforços de Bezerra, bem como pela imposição maior de um "inimigo em comum" aos dois grupos. Entende-se que, apesar de suas divergências a ameaça geral às crenças espíritas, pressionou por uma união maior.

Bezerra morreu em 1900 e seu trabalho foi seguido por Leopoldo Cirne, Maia Lacerda, herdeiro espiritual da figura de Menezes, e outros presidentes da Federação que irão propor reformas nos estatutos, principalmente na formação de médiuns e na propagação do espiritismo através da literatura espírita. Essa última culminaria na década de 1930 e o surgimento de Chico Xavier como grande expoente do espiritismo brasileiro.

Se para Arribas, Bezerra estabelece um arcabouço histórico e um caminho teológico para o espiritismo brasileiro à lá FEB, para Fábio Luiz da Silva, Chico Xavier, através de sua literatura mediúnica e em especial através de dois livros: *A caminho da Luz* e *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho,* estabelece uma teogonia e cosmologia para o espiritismo.

Silva estabelece em seu livro *espiritismo*: história e poder (1938-1949)[479] que os livros por ele trabalhados serviram de plataforma para a federação estabelecer para si e para o Brasil uma origem divina, uma missão advinda dos espíritos e, dessa forma, buscam legitimar o seu pensamento frente aos espíritas ainda dispersos, mas que se espraiavam principalmente pelo interior do país.

Ele assim determina como deve ser entendido a escrita do livro e sua leitura crítica:

> Assim, *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho* pode ser lido como um eixo que passa por todos os campos sociais nos quais os espíritas atuam, um discurso capaz de legitimar o espiritismo e a FEB diante dos diversos agentes sociais, fazendo com que esta fosse reconhecida como porta-voz único do movimento espírita. Movimento cristão, que valorizava a pátria brasileira e que em defesa da religiosidade espírita, não deixou de se utilizar da simbologia católica.[480]

Se o primeiro livro garantia ao Brasil, à FEB e ao espiritismo brasileiro uma missão de origem divina, *A caminho da luz,* segundo Silva, irá tratar da história da Terra e da humanidade, desde a *gênese planetária* até o aparecimento do socialismo. Nesse livro, o autor trata das influências divinas e principalmente do Cristo, na formação da Terra, desde o

---

[478] DAMAZIO, 1994, p. 127.
[479] SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo*: história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.
[480] SILVA, 2005, p. 65.

passado mais distante das nebulosas, perpassando pelos povos que aqui surgiram e aqui vieram habitar, até o surgimento do socialismo.

A intenção histórica do livro fica clara ao compor, dentro da sinfonia teogônica e cosmogônica espírita, uma origem para o globo, como havia feito alguns anos antes para o Brasil.

> O livro *A caminho da luz* não teve a mesma repercussão de *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho,* mas foi escrito dentro do mesmo propósito. Contar a história como uma marcha ascensional em direção ao estabelecimento do reino de Deus na Terra. Ambos os livros revelam a lógica do pensamento dos espíritas em relação à história e à visão de mundo. É dessa lógica que os espíritas retirarão argumentos para lutarem pela sua legitimação social e mais particularmente pela FEB, para afirmar-se como representante legítima do espiritismo no Brasil.[481]

A intenção dos livros analisados por Silva foi a de formular, através da literatura espírita mediúnica, método esse validado pelos adeptos da crença como legítimo, uma origem para sua doutrina, ou seja, dar a ela elementos cosmogônicos, teológicos próprios e ao mesmo tempo reconhecíveis do arcabouço cultural brasileiro. Essa batalha é feita internamente ao processo de legitimação contínuo da FEB, pois externamente a luta se dava de outras maneiras.

Para entender isso, Silva recorre a Pierre Bourdieu ao entender que o autor propõe que "a busca das regras do jogo simbólico é realizada no interior de diversos campos sociais",[482] e que dessa forma, é necessário que o espiritismo seja notado como agente social capaz de fazer frente a outros. Para isso, o mesmo recorre aos embates com saberes médicos.

Esses novos embates, diferente dos antigos, tratados ulteriormente, se dão de forma mais sutil, pois, se no primeiro a medicina não estava estabelecida como ciência da cura legítima e o espiritismo ainda não compreendia seu espaço no campo simbólico, nesta etapa, as duas partes já estão estabelecidas.

Dessa forma, quando o espiritismo confronta os saberes médicos, este se sabe saber religioso, portanto, de certa forma inatingível, já o outro se estabelece como saber curativo dominante do corpo, e em última instância com o estabelecimento da psiquiatria, ciência curativa da mente. Restava ao espiritismo a cura da alma, "a cura do corpo foi deixada para os médicos, o espiritismo passou a dedicar-se à cura da alma".[483]

Superados os embates com os saberes médicos, restava ao espiritismo superar os problemas enfrentados com as entidades estatais. Essa resolução veio de dois modos, primeiro

---

[481]SILVA, 2005, p. 78.
[482]SILVA, 2005, p. 94.
[483] SILVA, 2005, p. 104.

com a substituição do Código Penal de 1890 pelo Código de 1942, em vigor até os dias atuais. O novo suprimia a citação direta ao espiritismo, portanto, deixava de condenar como no passado, na letra da lei, o espiritismo.

O termo "espiritismo" escrito naquele código, como já trabalhado, era um conglomerado de conceitos e práticas mediúnicas que receberam a alcunha de espiritismo e assim foram tachados de crime. Ao retirar esse termo do rol de ações passíveis de penalidade, retiravam do espiritismo a sua ameaça mais direta. Silva destaca que o Código de 1942 mantinha artigos condenando o curandeirismo e, nesse sentido, a FEB buscou construir um discurso de distância entre o espiritismo e o curandeirismo.[484]

Estavam sanados os embates externos enfrentados pelos espíritas. A opção pela cura da alma afastou os combatentes médicos e a opção religiosa-cristã e não científica afastou os combatentes estatais. Portanto, era preciso sanar as últimas diferenças internas, o segundo problema enfrentado pelos espíritas. Silva traz justamente a pergunta que precisa ser respondida, "quem fala em nome do espiritismo", isto é, A FEB, de fato, tinha legitimidade para falar em nome do espiritismo?

No ano de 1943, a FEB ainda utilizava *O Reformador*, como em sua origem, como meio pelo qual os embates internos iriam acontecer. Isso resguardou o espiritismo dos questionamentos externos à sua crença e pensamento durante décadas. Contudo, não resguardava os próprios espíritas dos embates intestinos. A aparente superação das divergências internas ainda causava perdas internas à FEB e dessa forma minavam sua legitimidade.

Os debates e a constante revalidação das ideias religiosas adotadas pela FEB no passado se davam nas páginas do *Reformador*. Os embates principais ainda à época eram quanto à natureza da encarnação de Jesus, se encarnado materialmente ou se apenas revertido de corpo fluídico, quanto a aceitação ou não do livro de Roustaing como obra espírita legítima do espiritismo brasileiro.

Para isso, uma série de artigos afirmando que Kardec concordava com Roustaing são acionados na tentativa de desarticular os adversários, bem como acionam-se elementos desqualificadores, formulando, assim, discursos em torno de argumentos e temas caros aos lados da disputa.[485]

Contudo, a favor da FEB temos os discursos de *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho* que, segundo Silva, são apropriados como um mito de origem e que, apesar dos

[484] SILVA, 2005, p. 107.
[485] SILVA, 2005, p. 127-133.

diversos percalços, suas origens e sua missão são divinas. Dessa forma, a FEB engendra, através de sua estratégia editorial, um largo e amplo sistema de convencimento:

> A consolidação da produção editorial da FEB foi estratégia concreta na luta pela unificação do movimento espírita. Diante de tudo o que já expusemos, é evidente que a FEB somente entendia como verdadeira uma unificação que se desse sob suas orientações.[486]

Assim, a estratégia foi ampliar o escopo de entidades espíritas a receber seus materiais. Em 1945, surgem as "sociedades coligadas" à Federação Espírita Brasileira, as quais seriam grupos ou instituições que receberiam orientação e material doutrinário da FEB, desde que suas atividades não almejassem lucros, ou seja, em que não houvesse a cobrança financeira. Essas entidades poderiam ser exclusivamente Kardecistas, as conhecidas pelo nome de Umbandistas e aquelas que aceitassem Kardec, Roustaing e outros autores. Ao fazer isso, a FEB reconhecia que o pensamento espírita era amplo e diverso, e colocava-se como líder nesse processo.[487]

Naquele mesmo ano, a Liga Espírita do Brasil (LEB), principal entidade que também requeria o título de representante do espiritismo brasileiro, resolveu "buscar aproximações com a FEB" e para isso buscou a formulação de um congresso de caráter nacional, colocando a FEB como entidade responsável por sua organização, mas a mesma recusou. Silva entende que:

> A Federação Espírita Brasileira, entendendo ser ela a legítima representante do espiritismo, sempre viu com desconfiança a ideia da realização de Congressos Espíritas, pois, em princípio, estes poderiam colocar sua autoridade em dúvida. Dessa forma, não acreditava que decisões tomadas através do voto, como seria comum em eventos do tipo, tivessem qualquer autoridade, uma vez que, como expusemos anteriormente, acreditava receber orientação diretamente dos espíritos superiores que dirigiam os destinos da humanidade.[488]

O congresso a ser realizado em novembro de 1948 ocorreu sem a participação da FEB, que se utilizou de argumento histórico da sua entidade para justificar a falta de participação. Também critica a realização do 1º congresso de mocidades do Brasil, bem como o congresso da CEPA, Confederação Espírita Panamericana, realizado no Rio de Janeiro e é nesse congresso que acontece o chamado "Pacto Áureo". Na prática, o acordo cria a existência de um Conselho Federativo Nacional (CFN), que deveria cumprir com as missões acordadas em o *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho*, como guia e modelo do espiritismo

[486]SILVA, 2005, p. 134.
[487]SILVA, 2005, p. 134
[488]SILVA, 2005, p. 136.

brasileiro, dessa forma, o documento deixava claro que todos ali aceitariam a orientação da FEB.

> A estratégia da FEB, de utilizar-se do livro espírita, para amealhar capital simbólico, dera resultado. Na prática, todos subordinavam-se à Federação, pois o CFN era um órgão da FEB, que entre outras coisas, tinha o direito de escolher, de uma lista tríplice, os representantes de cada estado no CFN.[489]

O pacto estava firmado, mas a pergunta inicial que nos guiou até aqui ainda não foi respondida, isto é, aonde estavam os estados não representados e em qual pé estava o desenrolar do espiritismo naquelas paragens. Assim, devemos voltar ao olhar local para analisar o espiritismo no Piauí durante esse período e sua adesão posterior ao pacto áureo, além da fundação da Federação piauiense.

Para isso, a estratégia utilizada pela FEB para disseminar o processo federativo foi a formação de uma comitiva de grandes nomes da federação, que iriam percorrer os estados não representados no pacto áureo em prol de tentar cooptar seus integrantes ao movimento federativo, formando, nessas localidades, entidades federativas estaduais. A essa estratégia deu-se o nome de Caravana da Fraternidade.

4.4.2 *A caravana da fraternidade* e a fundação das Federações Regionais na esteira do Pacto Áureo

Para adentrarmos ao conceito e desenrolar da Caravana é preciso primeiro dar lugar ao cenário piauiense. Voltemos então às fontes primárias e análise dos memorialistas espíritas sobre o espiritismo no Piauí, focando nossa análise no período que compreende os anos de 1930 a 1950. Esse período inicial se justifica pela criação do Centro Espírita Piauiense, bem como o final, com a fundação da Federação Espírita Piauiense.

Em nossas pesquisas a cidade de Teresina, mesmo sendo a capital, não aparecia como grande centro propagador ou difusor do espiritismo. Esse papel coube muito mais a Parnaíba e a Amarante desde os primórdios da difusão espírita no estado, por razões já analisadas nesse escrito. Dessa forma, a presença do espiritismo na cidade de Teresina nunca foi notada em nossas fontes com uma maior ênfase.

As fontes existentes sobre o espiritismo na cidade de Teresina partiam muito mais dos embates empreendidos pelos católicos contra a doutrina espírita,[490] e, em alguns casos, de

---

[489]SILVA, 2005, p. 141.
[490]O ESPIRITISMO em julgamento. *O Apóstolo.* Teresina, ano 1, n. 28, p. 3, 24 nov. 1907.

articulistas que defendiam o espiritismo enquanto sistema de crença e conhecimento válido para o momento.[491] Diante disso, podemos entender o que chamamos de *momentos iniciais* e *momentos de consolidação*, em que analisamos a existência de dois centros no estado. A capital não fez coro com o interior, não possuindo registros de centros ou movimento organizado da doutrina espírita.

Memorialistas espíritas dizem que, no início do século XX, Antônio Martins de Oliveira seria o único declaradamente espírita da capital, reunindo-se "um pequeno grupo em sua própria residência, à rua Paissandu, do qual faziam parte os médiuns Julia Pires, Estevão e Colet"[492] e que algum tempo depois, outro grupo, este liderado pela professora Firmina Sobreira, teria dado continuidade às reuniões espíritas na capital e formado um grupo espírita chamado Centro Espírita Amor e Caridade.[493]

> Em 1927, por iniciativa da professora Firmina Sobreira, Francisco de Paula e Silva, Maria Brito e outros, era fundado o Centro Espírita Amor e Caridade, funcionando com alguma regularidade, porém sem o devido desenvolvimento, pois não dispunha de personalidade jurídica.[494]

A falta da organização formal dava a esse grupo um aspecto experimental, não oficial, mesmo que poucos anos depois já contasse com razoável número de adeptos. O grupo irá se oficializar de fato em 1931, quando muda de nome para Centro Espírita Piauiense:

> Em 1931, na residência do confrade Raul Dantas da Cunha, à rua Barroso nº 14, reuniram-se as seguintes pessoas: Firmina Sobreira, Maria Brito, Maria de Lourdes Ribeiro, Olga Batista, Nair Batista, Esmeralda Batista, Francisco de Paula e Silva,Elias Torres de Oliveira, Pedro de Moraes Britto Conde, Raimundo Nonato Ney da Silva, Júlio Dias Ribeiro, Raul Dantas da Cunha, João Batista, Gerinaldo Batista de França e Joaquim Câmara da Cunha. Os principais objetivos eram: reorganizar, dar nova denominação e diretrizes ao Centro Espírita Amor e Caridade. Expostos os motivos da reunião por Firmina Sobreira, foi aclamada a primeira diretoria da nova instituição, agora chamada de Centro Espírita Piauiense, nome este sugerido por Pedro Conde.[495]

Estava fundado o Centro Espírita Piauiense, que posteriormente dará origem à Federação Espírita Piauiense (FEPI). A mudança de denominação de CE Amor e Caridade para CE Piauiense pode ter vindo acompanhado das ideias de unificação ou tentativas de

---

[491]ESPIRITISMO. *A imprensa*. Teresina, ano 18, n. 779, p. 3, 6 jun. 1883.
[492]RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 13, nov. 2010.
[493]RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 13, nov. 2010.
[494]RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 13, nov. 2010.
[495]RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 13-14, nov. 2010.

união do movimento espírita estadual, mas não é possível afirmar, pois não há mais fontes disponíveis para tirarmos conclusões.

Entretanto, a denominação adotada pelo grupo remete às tentativas de unificação do movimento, como os exemplos do Maranhão e suas tentativas unificadoras no início do século XX dos seguintes centros: Federação Espírita Maranhense, a União Espírita Maranhense e a União Espiritualista Maranhense,[496] ou ainda no Ceará, a Fundação do Centro Espírita Cearense.[497] Essa terminologia referindo-se ao gentílico estadual "maranhense" "cearense" e outros, dentro do escopo histórico de instituições espíritas àquele momento eram de locais que possuíam a proposta de unir o movimento, ou pelo menos lhe servir de guia.

Portanto, apesar de não ter centralidade no processo de difusão do espiritismo, mas levando-se em consideração sua presença na capital do estado, o momento histórico em que é criada – em que os embates espíritas estavam sendo travados e superados – bem como a propaganda febiana que se espalhava pelo interior do país, podemos entender que a criação desse centro tem ou devia possuir intenções unificadoras dentro do movimento espírita local, sobrepondo, de alguma forma, o espiritismo parnaibano.

Interessante notar pela escrita do memorialista, que a intenção inicial não era a unificação ou a representação estadual, entretanto, Pedro Conde, um dos presentes, propõe a mudança de nome de Amor e Caridade para CE Piauiense, o que pode ser entendido, conforme exposto acima, como uma tentativa unificadora.

O centro espírita perpassa por uma série de endereços em seus primeiros dezoito anos de existência, entre salas de aluguel em prédios particulares do centro da cidade às residências de seus membros, até que, por decreto municipal em 1945, assinado pelo prefeito Dr. Lindolfo do Rêgo Monteiro, é cedido o terreno da atual sede da FEPI, para o CE Piauiense. Os memorialistas entendem que houve uma intervenção de Leônidas de Castro Melo, então interventor federal no estado.[498]

O poder público cede o terreno à referida entidade pelo prazo de um ano com a finalidade de "ser construído um prédio para ser nele instalada a Escola 13 de Maio".[499] A construção da escola garantiria a dupla possibilidade de ter suprido alguma necessidade das

[496] CARVALHO NETTO, 2017, p. 35.
[497] SILVA, 2005.
[498]RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 14, nov. 2010.
[499]RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 14, nov. 2010.

populações do entorno no que tange à educação, bem como garantia à instituição sede própria e trabalho caritativo-filantrópico.

Os acordos e parcerias com entes públicos ficam ainda mais claros ao buscar nos documentos da Controladoria Geral da República, os quais mostram que, pelo menos durante os anos de 1939 e por toda a década de 1940, o CE Piauiense recebeu quantias de 4 a 6 mil cruzeiros anuais. Esse fato se repete ao vermos outras entidades espíritas de outros estados também recebendo benefícios semelhantes. Essa quantidade monetária é pequena se comparada a recebida por colégios e entidades católicas de assistência.

Não é intenção do trabalho, porém, questionar ou comparar o recebimento de valores, apenas de demonstrar que a doação do terreno e o envio de recursos financeiros são formas de auxílio que os entes públicos deram ao desenvolvimento e manutenção do CE Piauiense.

Se, em seu início, as intenções unificadoras não eram claras, com o passar dos anos essa intenção fica mais nítida. Em notícias de seus eventos, percebemos a presença de membros da FEB excursionando pelo norte do país para ciclos de palestras:

> Centro Espírita Piauiense
> Convite
> Pelo horário de ontem chegou a esta capital procedente do Rio de Janeiro, o nosso distinto confrade Francisco de Sales Torres que, excursionando pelo Norte do país, onde fez conferências em diversas capitais, aqui pretende demorar-se alguns dias.
> Membro da Federação Espírita Brasileira, em cujo seio desfruta da maior estima e consideração, o nosso ilustre hospede, que é também orador fluente e imaginoso, se propõe a fazer entre nós uma série de palestras sobre pontos doutrinários e de textos do Evangelho à luz da Terceira Revelação.
> A Diretoria do Centro, por este meio, tem o prazer de convidar a família espírita e pessoas interessadas para assistirem a sua primeira palestra, a qual terá lugar amanhã, às 20 horas, na sede social, a rua Felix Pacheco, 1211.[500]

A estratégia de excursões será mais tarde implementada no processo de unificação ao pacto áureo. A Gazeta, jornal diário que circulava na capital, no ano seguinte, em 1944, ainda repercutiria reportagem de *O Reformador*, sobre a FEB e seu papel no movimento espírita brasileiro. A reportagem tinha o caráter de uma retrospectiva histórica da FEB, podendo servir como a apresentação dessa entidade à sociedade piauiense.[501]

Assim, podemos notar que ao longo da década de 1940 houve um movimento de apresentação da FEB ao público piauiense, por parte dos membros da mesma, bem como por parte dos espíritas do estado, em especial teresinenses. Fato é que podemos ver um duplo movimento, isto é, se por um lado a FEB tem interesse em difundir sua liderança no

[500]CENTRO Espírita Piauiense. *Gazeta*. Teresina, ano 32, n. 1396, p. 4, 6 jul. 1943.
[501]FEDERAÇÃO Espírita Brasileira. *Gazeta*. Teresina, ano 32, n. 1497, p. 4, 14 maio 1944.

movimento espírita brasileiro, por outro, os espíritas do Piauí, que possuem um movimento pequeno, ao receberem a figura de um representante federativo bem como ao difundir a imagem da FEB no estado, sentem-se integrantes de um todo nacional.

Esse movimento de propaganda febiano resultaria nacionalmente na assinatura do pacto áureo, documento que oficializa o espiritismo sob as diretrizes da FEB no Brasil. Em movimento seguinte, era preciso seguir com o processo de fundação de entidades federativas ligadas a FEB naqueles estados não representados na reunião do pacto áureo.

A este último denomina-se, dentro do meio espírita de Caravana da Fraternidade, um processo de excursão de líderes da FEB a estados que ainda não tinham aderido ao pacto áureo, principalmente do nordeste ao norte. A principal fonte que temos sobre esse período foi um compilado de textos e escritos feitos naquele momento por Leopoldo Machado, líder federativo mineiro que participa da excursão. O livro funciona como um diário de viagens, além de reunir mensagens psicografadas, notas de jornal repercutindo a passagem dos caravaneiros e foi posteriormente editado pela própria Federação Espírita.

Guardadas as devidas ressalvas à fonte disponível, pois reside nela e em sua publicação a tentativa de perpetuar uma memória favorável à FEB, vamos subvertê-la e usá-la de guia para entender e estudar o período apresentado, pois podemos ver nela as repercussões do movimento, as impressões pessoais e os fatos ocorridos naquele momento.

Também cabe explicar que não utilizaremos jornais e outros documentos para a análise do período, por conta de falhas no processo de guarda e preservação da documentação. Como exemplo, podemos citar as atas do CEPB de Parnaíba, que temos disponíveis de 1918 a 1960, o qual contém algumas falhas, entre elas o período de 1948 a 1951, a caravana passa pelo Piauí entre novembro e dezembro de 1950. O mesmo acontece com o Jornal *O Dominical*, jornal católico do período estudado, mas que também possui falhas na guarda e divulgação dos seus arquivos especialmente no período entre maio de 1950 voltando a ter números a partir de 1951. Com isso, temos alguns prejuízos quanto a análise dos fatos, pois justamente neste período que houve a fundação da Federação Espírita Piauiense.

Sobre o Jornal *O Dominical*, cabe ressaltar que durante a década de 1940 e a seguinte, 1950, houve uma intensa propaganda católica contra o espiritismo. *O Dominical* sempre repercutia matérias de outros órgãos católicos, em especial as assinadas por Frei Bonaventura

Kloppenburg, principal nome na luta ante espiritista da Igreja Católica até meados da década de 1960.[502]

Voltando-nos ao livro *A caravana da fraternidade*, que tem autoria de Leopoldo Machado, podemos notar que menos de um ano após a assinatura do acordo de criação do concelho federativo nacional sob as ordenações da FEB, os signatários partem em movimento pelo Norte do país, iniciando uma série de viagens que começam na Bahia e irão finalizar em Manaus.

> No 2º semestre de 1950, foi planejada uma longa viagem aos estados do Norte e do Nordeste do país. Este movimento de aproximação, conhecido como Caravana da fraternidade, foi organizado por alguns signatários do 'Pacto Áureo'. Inclusive, alguns destes garantiram apoio financeiro para o empreendimento.
> Os caravaneiros Artur Lins de Vasconcelos (PR), Carlos Jordão da Silva (SP), Francisco Spinelli (RS), Ary Casadio (SP) e Leopoldo Machado (BA) saíram do Rio de Janeiro no dia 31 de outubro de 1950, com destino a Salvador. Na sequência, passaram estado por estado até o Amazonas, visitando todas as capitais do Nordeste e do Norte, exceção feita aos então quatro territórios, e mais Parnaíba (PI) [...].[503]

A caravana tinha alguns objetivos, entre eles, buscar uma "maior aproximação dos espiritistas", tendo em vista o "ideal de unificação social da doutrina", fazer circular propaganda cultural sobre o espiritismo no "mundo profano", um "maior estímulo às obras de assistência social inspiradas pela doutrina", além de levar ambientação doutrinária aos lares, uma vez que "os caravaneiros sempre preferiram hospedagens nos lares de irmãos.[504]

Seguiram viagem e a cada nova paragem agiam de modo a proceder sempre da mesma maneira:

> a) Conferências sobre os princípios do espiritismo para o grande público, que atraíram verdadeiras multidões a elas, tarefa da responsabilidade de Leopoldo Machado; b) Reuniões tipo mesa-redonda para ajustamento de pontos de vista conflitantes, nas quais o ideal da unificação sempre saiu vitorioso; c) Visitas de estímulo às instituições espíritas de assistência social; d) Eventos sociais organizados pelos anfitriões.[505]

---

[502] Sobre Bonaventura Kloppenburg, ver: RIBEIRO, Michelle Cartolano de Castro. O espiritismo na visão de frei Boaventura. 2., 2009, Maringá. In: *Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades*. v. 1, n. 3. Maringá: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 21 jul. 2021.; ANDRADE, Solange Ramos. Frei Boaventura Kloppenburg e a história da Igreja Católica no Brasil: aspectos de uma biografia. *História Unisinos*. São Leopoldo, p. 139-148, jan./abr. 2012.
[503] MACHADO, 2010, p. 11.
[504] MACHADO, 2010, p. 12.
[505] MACHADO, 2010, p. 12.

Assim, os caravaneiros que chegaram vindos de Fortaleza para o Piauí foram primeiro a Parnaíba, onde foram recebidos por "Alarico da Cunha, Benedito Freire, Raimundo Belém e José Mourão"[506] e após breve período de descanso:

> Às 10 horas, para a loja Maçônica, onde funciona também o C.E Perseverança no Bem, de que é presidente o Alarico da Cunha, [...]. Preside a reunião o Alarico, que lê uma substanciosa página literodoutrinária. O Francisco Spinelle profere a prece inicial. A palestra que proferimos, ajustada ao materialismo ateu, como o pior inimigo. Salão repleto.[507]

Seguida da visita ao Educandário Padre Damião, local de amparo a filhos de leprosos, em Parnaíba, dirigido por D. Iracema Pires de Castro e também pela visita ao grupo "Vida e progresso", o segundo grupo espírita da cidade, em que foram recebidas mensagens psicografadas, entre elas de Humberto de Campos[508], recém alçado à autor espiritual de Chico Xavier, personagem da literatura brasileira e que tem em Parnaíba suas memórias de infância, sempre retratadas em seus textos.

Após reuniões entre os líderes espíritas locais e os representantes da FEB, os parnaibanos redigem documento lhes autorizando a falar em nome do movimento espírita parnaibano na capital do estado, Teresina, a próxima no roteiro de viagem dos caravaneiros:

> Os membros da Caravana levam plena outorga para representar as entidades que subscrevem esta mensagem, no movimento em que se levar a efeito nesta capital e que significa uma integração, mais direta e mais organizada nas tarefas da Confraternização, para as quais o Cristo convida a todos por misericórdia. E que Ele o Mestre muito amado, a todos ilumine e abençoe no caminho das obras construtivas, em sua Divina Seara. Muita paz.[509]

Seguidas das assinaturas de Francisco d'Abreu e Alarico Cunha, ambos presidentes dos centros espíritas da cidade, a passagem da caravana por Parnaíba não se faz sem propósito, como é afirmado aos visitantes. O espiritismo se fez presente em Parnaíba desde os tempos do Império, local onde o espiritismo piauiense se consolida e possivelmente tinha maiores trocas intelectuais com Fortaleza e São Luís. Portanto, ganhar a representação parnaibana era importante para garantir a fundação da Federação Espírita Piauiense.

Parnaíba é a única cidade que não era capital por onde passou e permaneceu alguns dias a caravana, proferindo palestras e visitando obras sociais. Assim, entendemos que, mesmo não sendo capital, o movimento do espiritismo em Parnaíba era até mesmo mais importante que o da capital. Ao ratificar que os membros da FEB tinham seu aval para a aliança federativa, restava aos caravaneiros seguir viagem para Teresina.

---

[506] MACHADO, 2010, p. 114.
[507] MACHADO, 2010, p. 116.
[508] MACHADO, 2010, p. 118.
[509] MACHADO, 2010, p. 223.

Em Teresina a comitiva é recebida por João Rodrigues Vieira, Odorico Rosa e Pedro de Morais Brito Conde. Como era cedo da manhã, logo seguiram para o Centro Espírita Piauiense:

> Nossa primeira visita, à sede do C. E. Piauiense. Amplo e novo, com bom salão de estudo e conferência contiguo à escola Treze de maio, em dois turnos, com cem alunos, e a Escola Supletiva Guillon Ribeiro, para adultos, com 45 alunos.[510]

Naquela noite, a caravana segue seu protocolo de trabalho, com palestras sobre temas do espiritismo e em seguida é feita uma mesa redonda, em que "saiu a Federação Espírita Piauiense, transformada do próprio Centro, apoiada pelo movimento espírita de Parnaíba".[511] A partir de então o Piauí poderia entender-se integrado ao movimento espírita nacional.

À época, além do CEP, Teresina contava com a Escola Bezerra de Menezes, no Matadouro, que funcionava em dois turnos com 340 alunos, bem como funcionava como centro espírita. Além disso, contava com o Centro Espírita Irmão Adriano no bairro Piçarra, local em que funcionava o Instituto Antônio Flores, com 70 alunos.

É importante notar a proximidade do espiritismo brasileiro com o fomento da educação. A formação de escolas de instruções primárias e ensino de adultos parece ser também uma estratégia de inserção social dos espíritas a ser pesquisada e analisada.

Formada a Federação Espírita Piauiense e por aqui permanecendo ainda dois dias os membros da FEB, puderam, através de pregações em Rádio da Cidade, expor os pensamentos da doutrina para amplo público ouvinte, o que gerou repercussões em jornais, além de réplicas e tréplicas por meios radiofônicos.

> É que um ilustre colega, católico – prof. Claudio Ferreira – Anunciou iria refutar, pelo rádio, nossa conferência. E o fez, efetivamente, como professor educado, culto e crente, reconhecendo no seu colega alguns valimentos, certos méritos. A seguir a P.R. Q. 3 anunciava que o prof. Leopoldo Machado não viajara. E refutaria, por sua vez a refutação de seu colega, na sede do C. E. Piauiense.[512]

E assim foi feito. Um amplo salão, lotado, e a refutação espírita deu-se por meio de palestra na recém-fundada federação. A oportunidade do embate, há muito vista como uma forma de propaganda espírita, é acionada mais uma vez, utilizando-se do rádio e convocando a se fazer presente na entidade fundada e que está sendo difundida por eles.

Em Teresina também cabe destacar a atuação de Nicanor Barreto, conhecido católico da cidade, líder conservador e que se manifestava através de *O Dominical*. Como já dito os

---

[510] MACHADO, 2010, p. 121.
[511] MACHADO, 2010, p. 122.
[512] MACHADO, 2010, p. 127.

textos de Barreto não nos chegaram, mas pudemos entrever suas palavras através da resposta dada a ele no jornal do *Piauí Espírita*, pois as palavras de Nicanor parecem ter ido longe, já que muitos meses depois Leopoldo Machado envia texto a ser publicado no jornal, intitulado Mais Nicanorbarretismo insubsistente:

> Derrubou-nos o coração que, depois de sete meses, para, não para, reagiu. Consequências da nossa excursão ao Norte, na caravana da fraternidade? É possível, com tantos nicanorbarretismo pela frente...
> O de 4 de fevereiro, inserto *O Dominical*, é, mesmo de arromba!
> Salientam-se, na longa moxinifada do padre-sem-batina, pontos que valem a pena comentados e respondidos.[513]

Machado elenca alguns pontos da argumentação de Barreto, entre eles questões conceituais, a afirmativa de que espiritismo não é religião, até questões gramaticais. Pelo tom das ofensas, "padre-sem-batina" e "moxinifada", entendemos que Leopoldo queria diminuir seu adversário, não apenas pelas ideias, mas pela inteligência. Ao explicar o espiritismo ele não apenas responde, mas ensina e instrumentaliza esses argumentos como conversão, não de Barreto, mas do leitor.

Nesse embate, apesar de Leopoldo garantir que o espiritismo não é religião, o mesmo aciona os elementos de liberdade garantidos pela constituição para referendar sua possibilidade de falar e pregar suas ideias:

> Não lhe agradecemos, tampouco sua urbanidade forçada.
> Nem pode agradecer um homem que saiu pelo Norte afora, pregando, para quem quisesse ouvir, sem atacar crença alguma, os fundamentos de sua crença religiosa, dentro das garantias que nossa constituição permite.
> Não fôssemos o espírita que somos, e diríamos que asco nos causara a figura que não vimos, de quem não ouvimos falar, que se aproveitou de nossa ausência de Teresina para atacar-nos como o fez nicanorbarrentemente.[514]

Assim, Leopoldo marca sua ida ao Piauí, junto de outros caravaneiros. Entre embates e trabalho "missionário", a Caravana cumpre sua missão, assim no Piauí como em diversos estados, concretizando os momentos finais da unificação espírita brasileira. O Piauí segue seu caminho e, da mesma forma que no início, o processo de difusão e expansão do espiritismo segue lento, mas constante.

A isso podemos dar diversas explicações, como a dificuldade do espiritismo de adentrar aos meios rurais, predominantes no estado por muito tempo, sendo uma crença predominantemente urbana, bem como as raízes católicas profundamente interiorizadas na sociedade piauiense.

---

[513] MACHADO, 2010, p. 312
[514] MACHADO, 2010, p. 314.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou construir um guia de leitura e interpretação sobre diversos temas ligados ao espiritismo, esclarecendo algumas questões. Em um primeiro momento, buscou-se reconstruir o processo de criação, desenvolvimento e divulgação do espiritismo, e como esse conhecimento chega ao Brasil, isto é, seus primeiros momentos.

Em um segundo momento, buscou-se compreender os embates enfrentados pelo espiritismo em um contexto nacional, os embates entre espíritas e médicos e entre espíritas e religiosos. Dentro desses embates pôde-se notar os caminhos tomados pelo espiritismo em seu processo de autodefinição, se ciência, se religião. Dentro desse dilema foram muito importantes as atuações de diversos personagens, tais como Telles de Menezes, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Torterolli, entre outros, de entidades como a FEB e os centros espíritas do ciclo do império, posterior Distrito Federal.

Ademais, foram importantes as atitudes tomadas por grupos rivais, como os médicos e os psiquiatras, ambos grupos também em construção e em busca de legitimação no início do século XX, que disputavam os espaços e as formas de cura com os espíritas. A religião católica também se via ameaçada com a chegada do espiritismo no Brasil, à medida que também via sua hegemonia legal lhe escorrer pelas mãos durante a passagem da monarquia para a república.

Já em último momento fomos aos poucos aproximando nossos olhares para o Piauí e às regiões vizinhas, quando pudemos entender todo o processo de chegada do espiritismo e até mesmo de seu antecessor. Além disso, demos enfoque às mesas girantes no Ceará, Maranhão e Piauí, bem com traçamos comparativos com esses estados ao longo de toda primeira metade do século XX.

Esse método comparativo nos possibilitou engendrar alguns conceitos, como o de *momentos iniciais* e *momentos de consolidação*, quando por meio de fontes locais e regionais notamos o crescimento da doutrina espírita nos pequenos e médios centros urbanos do país, auxiliando a costura do processo de divulgação e consolidação dos ideais espíritas pelo Brasil.

Ideais esses que, por meio dos embates travados nesse período que se consolidaram no que Herculano Pires, estudioso do espiritismo doutrinário chamará de espiritismo igrejeiro. em nossas pesquisas pudemos constatar a construção e vitória do espiritismo cristão, ou religioso, que na visão dos historiadores foi a vitória da versão/visão religiosa dentro dos embates internos do espiritismo.

Nesse processo também visualizamos a construção e consolidação da FEB como grande articuladora do espiritismo no Brasil e que terá sua consolidação em 1949 com a assinatura de um acordo nacional de federalização ao seu redor. Na oportunidade, pudemos questionar e responder sobre a participação do espiritismo piauiense nesse processo e entender o que foi e como se deu a caravana da fraternidade e como ela se encaixava dentro do *locus* de atitudes e estratégias da FEB para se manter no centro das questões espíritas brasileiras.

Dessa forma, entendemos que este trabalho conseguiu costurar um pouco sobre a trama do desenvolvimento e consolidação do espiritismo no Brasil e em especial no Piauí, nosso objeto de análise neste escrito. Ademais, por meio dele pudemos observar as ações e atitudes de diversos personagens nessa construção. Entendemos que a construção do espiritismo se dá não apenas no campo macro, das grandes lutas nos maiores centros urbanos do país, mas também se dá na consolidação silenciosa que essa ideia vai tendo nos médios e pequenos centros urbanos do Brasil.

Muito ainda precisa ser pesquisado, em macro e micro escalas. Os jornais foram grandes instrumentos de pesquisa e como conhecimento estritamente letrado o espiritismo se utilizou em muito desse meio para divulgar suas ideias e por meio dele também embateu suas questões, internas e externas, consolidando-se como religião letrada à brasileira.

Portanto, a presente pesquisa coloca-se como leitura consolidada das fontes sobre espiritismo no Brasil e em especial no Piauí, entendendo que essa pesquisa é de muitas maneiras pioneira nos estudos de religião no estado. Ficaram ainda muitas lacunas a serem preenchidas e/ou que no futuro poderão ser reinterpretadas por diversos historiadores que pelo tema se interessarem, pois a história nunca cessa de mudar.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. *Uma fábrica de loucos*: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). Campinas: [S. n.], 2007.

AMORIM, Pedro Paulo. Os periódicos espíritas do final do século XIX à década de 1960. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, ano 10, n. 28, p. 7-24, maio/set. 2017.

ANDRADE, Solange Ramos. Frei Boaventura Kloppenburg e a história da Igreja Católica no Brasil: aspectos de uma biografia. *História Unisinos*. São Leopoldo, p. 139-148, jan./abr. 2012.

ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal o que é espiritismo?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil, 25 de março de 1824*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

BRASIL. *Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o carma e a cura: tensão constitutiva do espiritismo no Brasil. *PLURA: Revista de Estudos de Religião*. v. 7, n. 1, 2016, p. 230-251, 2016.

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de. *História episcopal do Piauí.* Teresina: Edição da Academia Piauiense de Letras, 1980.

CARVALHO NETTO, Carlos Alberto de. *Entre a mesa e a cruz*: discursos sobre espiritismo no Maranhão no limiar do século XX. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

CHAVES, Joaquim Raimundo Pereira. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

COELHO, Abílio Costa. *Allan Kardec*: o pai do espiritismo. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1982.

COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier*: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no médium mais famoso do Brasil (1931-1938). 2015. 301 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CUNHA, Higino. *História das religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

CURY, Aziz. *Cairbar Schutel e a mediunidade missionária*: testemunhos que revelam seu exemplo de amor e bravura. São Paulo: Elevação, 2010.

DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo:* advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução*: Mesmer e o Iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado:* a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DICIONÁRIO AURÉLIO. *Crime*. Disponível em: http://dicionariodoaurelio.com/crime. Acesso em: 12 out. 2021.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Crime.* Disponível em: https://www.dicio.com.br/crime/. Acesso em: 10 out. 2021.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Filantropia*. Disponível em: https://www.dicio.com.br/filantropia/. Acesso em: 8 de ago. 2022.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Panteísmo.* Disponível em: <https://www.dicio.com.br/panteismo/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritualismo.* Brasília: FEB, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, jul. 2003.

GIUMBELLI, Emerson. espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur César (Org.). *Orixás e Espíritos:* o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 283-304.

GOMES, Adriana. O espiritismo no Código Penal de 1890: as discussões de sua criminalização nos periódicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 9-27, 2 sem. 2013.

GOMES, Adriana. *Um crime indígena ante as normas e o ordenamento jurídico brasileiro*: a criminalização do espiritismo e o saber jurídico na Nova Escola Penal de Francisco José Viveiros de Castro (1880-1900). 2017. 300 f. Tese (Doutorado em História Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. *Era das Revoluções*: 1789-1848. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*: 1875-1914. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

HOLLOWAY, Richard. *Uma breve história da religião.* Porto Alegre: L&PM, 2019.

INCONTRI, Dora. *Pedagogia espírita*: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2006.

INSITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS. Disponível em: <http://www.iabnacional.org.br>. Acesso em: 3 set. 2014.

KARDEC, Allan. *Viagens espíritas em 1862 e outras viagens de Kardec*. Brasília: FEB, 2006.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*: filosofia espiritualista/recebidos e coordenados por Allan Kardec. Brasília: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*: espiritismo experimental. Brasília: FEB, 2013b.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo:* com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Brasília: FEB, 2013c.

KARDEC, Allan. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. 61. ed. Brasília: FEB, 2013d.

KARDEC, Allan. *A Gênese:* os milagres se as predições segundo o espiritismo. Brasília: FEB, 2013e.

KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. 56. ed. Brasília: FEB, 2013f.

KARDEC, Allan. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. 15. ed. São Paulo: LAKE, 2017.

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Brasília: FEB, 2019.

LA SANTA SEDE. *Encyclic quanto cuidado*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html> Acesso em: 20 jul. 2022

LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras*: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. 360 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LINHARES, Ronaldo Antônio.; TRINDADE, Diamantino Fernandes.; COSTA, Wagner Veneziani. *Iniciação à umbanda*. São Paulo: Madras, 2017.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO, Leopoldo. *A caravana da Fraternidade.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

MACHADO, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.

MARQUES, Marcos Moreira. *A cura do corpo, da cidade e da alma*: medicina, política e espiritismo em Adolfo Bezerra de Menezes. Salvador: Saga, 2019.

MENESES, Lívia Suelen Sousa Moraes.; CARDOSO, Elizangela Barbosa. Revista da Associação Piauiense de Medicina e a atuação médica nas décadas de 1930 e 1940. In:

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita.; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). *Páginas impressas*: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020. p. 401-432.

OLIVEIRA, Gabriel Abílio de Lima. Padroado régio e Regalismo nos primórdios do Estado Nacional brasileiro (1820-1824). *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 76-96, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. "Livres", porém, perseguidos: o cotidiano das relações entre espíritas e a polícia na cidade do Rio de Janeiro (1930-1950). 2010. 126 f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PEREIRA NETO, André Faria. *Palavras, intenções e gestos*: os interesses profissionais da elite médica: Congresso nacional dos práticos (1922). Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002.

PINHEIRO, Áurea da Paz. *O desmoronar das utopias*: Abdias Neves (1876-1928), anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX. 2003. 241 f. Tese (Doutorado) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Maçonaria e Sociedade. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História, Literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República:* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil:* 1869-1978. Juiz de Fora: Instituto Maria, 1979.

REBELO, José Pires de Lima. Saudação a Alarico da Cunha. In: FILHO, A. Tito. *Lima Rebelo*: o Homem e a substância. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

RIBEIRO, Michelle Cartolano de Castro. O espiritismo na visão de frei Boaventura. 2., 2009, Maringá. In: *Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades*. v. 1, n. 3. Maringá: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 21 jul. 2021.

RIPOLI, Fernando. Apontamentos sobre a implantação do protestantismo no Brasil: história, cultura e tradição. *Revista Eletrônica Correlatio*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 205-225, dez. 2018.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Padroado e Regalismo no Brasil Independente. In: JORNADAS INTERESCUELAS, 14., 2013, Medonza. *Anais da XIV Jornadas Interescuelas*. Universidad Nacional de Cuyo, Mendonza, 2013. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-010/266.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura*: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas: Editora da UNICAMP/Cecult/IFCH, 2001.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*: capítulos de história social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SCHERER, Bruno Cortês. *A Federação Espírita do Rio Grande do Sul e a organização do movimento espírita rio-grandense (1934-1959)*. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo*: história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Marcos José Diniz. *Moderno espiritualismo e espaço público republicano*: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, Marcos José Diniz. Do espiritococus à fábrica de loucos: o espiritismo sob a retórica da aniquilação na imprensa católica cearense. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Rio Grande, v. 7, n. 13, p. 95-117, jul. 2015.

SOARES, Rônery Danilo Monte.; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Combatendo novas e velhas heresias: os embates religiosos em jornais e relatos de memória no Piauí entre os anos 1880 e 1920. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita.; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). *Páginas impressas*: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020. p. 291-318.

SOUTO MAIOR, Marcelo. *Kardec*: a biografia. Rio de janeiro: Record, 2013.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira.* São Paulo: Editora Orion, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. Dos mortos e sua volta: biografia e família na literatura espírita. *Revista Debates do NER*. Porto Alegre, ano 10, n. 15, p. 151-174, 2009

TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Medo e morte*: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Medicina Social, 1993.

WANTUIL, Zeus. *As mesas girantes e o espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

WEBER, Beatriz Teixeira. *espiritismo e saúde*: concepções a partir das práticas numa sociedade kardecista. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v. 5, n. 15, p. 19-46, jan. 2013.

WEISBERG, Bárbara. *Falando com os mortos*: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX:* a reforma de D. Antônio de Melo: 1851-1861. São Paulo: Ática, 1987.

PERIÓDICOS

A CRUZ. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.

ADVOGADO. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 1, p. 2, 15 abr. 1908.

A IMPRESA em Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, ano 5. n. 7, p. 49-51, 1929.

APRESENTAÇÃO. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 1, p. 1, 15 abr. 1908.

A QUEM ASSENTAR... *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 2, 30 abr. 1906.

A VIDA dos colegas O Consolador. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 3, p. 3, 5 out. 1919.

CENTRO Espírita Perseverança no Bem. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 5, p. 3, 15 out. 1920.

CENTRO Espírita Piauiense. *Gazeta*. Teresina, ano 32, n. 1396, p. 4, 6 jul. 1943.

CHRISTÃO?. *O Apóstolo.* Teresina, ano 1, n. 44, p. 4, 22 mar. 1908.

CIDADE ESPÍRITA. *Jornal de Caxias.* Caxias, ano 7, n. 352, p. 3, 11 out. 1902.

CLÍNICA odontológica. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 41, p. 4, 15 mar. 1906.

COMO falam os sábios. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 41, p. 1, 15 mar. 1906.

CORRUPÇÃO e restauração. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 155, p. 1, 5 jun. 1910.

DE RELANCE. *A Cruz.* Amarante, ano 4, n. 44, p. 1, 31 maio 1906.

DIVERSAS notícias. *Jornal de Caxias.* Caxias, ano 1, n. 38, p. 2, 18 jun. 1896.

ESPIRITISMO. *A Imprensa.* Teresina, ano 18, n. 779, p. 3, 6 jun. 1883.

FEDERAÇÃO Espírita Brasileira. *Gazeta*. Teresina, ano 32, n. 1497, p. 4, 14 maio 1944.

FESTAS dos espíritas. *O Artista*. Parnaíba, ano 1, n. 4, p. 2, 1 jan. 1920.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, ano 4, 1861. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2012a.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, ano 12, 1869. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2012b.

LIVROS novos. *O Cearense*. Fortaleza, ano 29, n. 61, p. 3, 5 ago. 1875.

NOTICIÁRIO. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 42, p. 3, 31 mar. 1906.

NOTICIÁRIO. *Diário do maranhão.* São Luís, ano 6, n. 570, p. 2, 29 jun. 1875.

NOTICIÁRIO. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 6, n. 598, p. 4, 3 ago. 1875.

NOTICIÁRIO defesa prévia. *A Época*. Teresina, ano 2, n. 42, p. 4, 18 jan. 1879.

O CASAMENTO. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 42, p. 1, 31 mar. 1906.

O ESPIRITISMO. *O Apóstolo*. Teresina, ano 1, n. 9, p. 2, 14 jul. 1907.

O ESPIRITISMO em julgamento. *O Apóstolo.* Teresina, ano 1, n. 28, p. 3, 24 nov. 1907.

OPINIÃO do papa Leão XIII... *Jornal de Caxias*. Caxias, ano 12, n. 571, p. 2, 12 jan. 1907.

PASSEATA. *Amarante*. Amarante, ano 1, n. 4, p. 1, 31 maio 1908.

RICARDO, Silvio. Primórdios do espiritismo no Piauí. *Nova Aurora.* Teresina, ano 1, n. 1, p. 13, nov. 2010.

RIO DA PRATA. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 5, n. 309, p. 2, 14 ago. 1874.

RISO D'ALMA: órgão de propaganda espírita. São Luís, 1911.

TENENTE coronel Da Silva Ribeiro. *A Cruz*. Amarante, ano 4, n. 43, p. 1, 30 abr. 1906.

DOCUMENTOS DO CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Estatuto do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 1 set. 1918.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 3 dez. 1918.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 4 dez. 1918.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 6 dez. 1918.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 dez. 1918.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 20 dez. 1918.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 8 jun. 1919.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 20 jun. 1919.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 4 jul. 1919.

CENTRO ESPÍRITA PERSEVERANÇA NO BEM. *Livro de Actas do Centro Espírita Perseverança no Bem*. Parnaíba, 6 jul. 1919.